The New York Times Bestseller



4 LOURAS

Candace Bushnell

Autora de Sex and the City



4 LOURAS

Candace Bushnell

AZ

Para Anne,

melhor amiga e melhor loura.

COM JEITINHO

I

Janey Wilcox passou todos os verões dos últimos dez anos nos Hamptons e nunca, sequer uma vez, alugou uma casa ou pagou coisa alguma, a não ser uma eventual passagem no Jitney, o ônibus que parte da porta da Bloomingdale's e é usado por quem não consegue chegar lá de Ferrari ou de jatinho. No início dos anos 90, Janey era uma modelo boa o suficiente para tornar-se uma espécie de pequena celebridade, e a pequena celebridade conseguiu-lhe um papel ("símbolo sexual do homem pensante") num desses filminhos de ação. Nunca mais atuou, mas sua pequena celebridade se estabeleceu e ela calculou bem rápido que isso podia lhe trazer coisas, e durante muito tempo, contanto que mantivesse seus padrões.

Assim, todo ano, por volta de maio, Janey começava a escolher uma casa para o verão. Ou melhor, escolher um homem com uma casa para o verão. Janey não tinha dinheiro algum, mas havia descoberto que isso era irrelevante, desde que contasse com amigos ricos e pudesse chegar aos homens ricos. O segredo para conquistar homens ricos, que tantas mulheres jamais chegam a descobrir, se resumia a saber que pegá-los era fácil, contanto que você não tivesse a ilusão de se casar com eles. Não havia nenhum homem rico em Nova York que recusasse boquetes regulares e companhia divertida sem nenhum tipo de compromisso. Não que você fosse querer casar com um desses caras, em todo caso. Todo sujeito rico com quem ela estivera havia se revelado esquisito — tarado ou pervertido -, de modo que, quando se aproximava o Dia do Trabalho, Janey em geral ficava bastante aliviada por poder encerrar o relacionamento.

Em troca, Janey conseguia uma ótima casa e, geralmente, o carro do homem para dirigir por ali. Os que ela mais curtia eram os carros esporte, mas, se fossem esportivos demais, como uma Ferrari ou um Porsche, não seria tão simples. O homem em geral tinha uma fixação no carro e não deixava ninguém dirigi-lo, especialmente uma mulher.

O sujeito com quem ficara no último verão, Peter, era assim. Peter tinha cabelos louros dourados, que usava num corte tipo cadete, e era um famoso advogado do ramo de espetáculos, mas tinha um corpo que podia competir com qualquer modelo de roupas íntimas masculinas. Conheceram-se num encontro armado por amigos, embora na verdade já tivessem se encontrado em uma dúzia de festas ao longo dos anos. Ele lhe pediu que fosse encontrá-lo em sua casa da Cidade, no West Village, porque estava ocupado demais durante o dia para se decidir por um restaurante. Depois que ela tocou a campainha, ele a deixou esperando na rua por quinze minutos. Janey não se importou porque a amiga que havia articulado o encontro, uma socialite que freqüentara a faculdade com Peter, vivia enfatizando que fabulosa casa antiga ele

tinha em Lily Pond Lane, no East Hampton. Depois do jantar, voltaram à casa do Village, ostensivamente a pretexto de que ele precisava levar seu cachorro, Gumdrop, para passear, e, quando estavam na cozinha, Janey avistou uma fotografia dele, em seu traje de banho na praia, pregada na porta da geladeira. Peter tinha músculos abdominais como o lado de baixo de uma tartaruga. Decidiu fazer sexo com ele naquela noite.

Era a quarta-feira anterior ao Memorial Day e, na manhã seguinte, enquanto preparava um cappuccino com estardalhaço, Peter perguntou-lhe se queria ir para sua casa no fim de semana. Ela sabia que ele ia convidá-la, muito embora o sexo tivesse sido o pior que ela fizera em anos (houve uns beijos desajeitados, depois ele se sentou na beira da cama, masturbando-se até ficar duro o suficiente para pôr a camisinha e em seguida enfiar nela), mas Janey sentiu-se grata por ele tê-la chamado tão depressa.

— Você é uma garota esperta, sabia? — comentou Peter, servindo o cappuccino em duas xícaras esmaltadas. Estava vestindo short de pugilista, branco, abotoado na frente.

— Eu sei — respondeu ela.

— Não, estou falando sério — retrucou ele. — Por fazer sexo comigo ontem à noite.

— Melhor resolver essas coisas logo.

— As mulheres não compreendem que caras como eu não têm tempo para ficar atrás delas. — Terminou seu cappuccino e lavou cuidadosamente a xícara. — É uma chateação fodida — continuou. — Você devia fazer um favor a todas as suas amigas e dizer a elas para pararem com esses jogos idiotas de menininha. Se uma garota não dá no segundo ou terceiro encontro, sabe o que eu faço?

— Não — respondeu Janey.

— Nunca mais telefono. Foda-se — disse Peter, apontando o dedo para ela.

— Não. Isso é exatamente o que você não faz. Fodê-la — devolveu Janey.

Ele riu. Veio até ela e apertou um de seus seios.

— Se tudo sair bem neste fim de semana, talvez a gente passe o verão inteiro juntos. Entende o que estou dizendo? — perguntou. Ainda estava apertando o seio dela.

— Ai — respondeu Janey.

— Silicone, hein? — indagou ele. — Gosto disso. Deviam obrigar todas as mulheres a fazer. Todas as mulheres deviam ter uma aparência como a sua. Eu

telefono.

Mesmo assim, quando ele ainda não havia ligado por volta do meio-dia de sexta-feira, ela começou a ter dúvidas. Talvez ele fosse um absoluto saco de merda mentiroso. Isso, no entanto, era improvável — conheciam muita gente em comum. Mas o quanto se podia conhecer realmente bem uma pessoa em Nova York? Telefonou para Lynelle, a socialite que tinha armado o encontro.

— Ah, estou tão contente porque vocês se deram bem — exclamou Lynelle,

— Mas ele não telefonou. Já é meio-dia e meia — Janey retrucou.

— Ele vai ligar. Ele é só um pouco... estranho.

— Estranho?

— É ótimo sujeito. Sempre fazemos piada dizendo que, se eu não fosse casada com Richard, a gente se casaria. Ele me chama de sua não-futura-ex-mulher. Não é o máximo?

— O máximo — concordou Janey.

— Não se preocupe. Você faz bem o tipo dele — Lynelle tranqüilizou-a. — É só que o Peter tem o jeito dele de fazer as coisas.

À uma e meia, Janey telefonou para o escritório de Peter. Ele estava numa reunião. Ligou mais duas vezes e, às duas e meia, a secretária dele disse que Peter já tinha saído para o fim de semana. Ela telefonou para a casa no Village várias vezes. A secretária eletrônica atendia sempre. Finalmente, ele ligou às três e meia.

— Ansiosinha? — perguntou — Você telefonou onze vezes. Segundo o meu identificador de chamadas.

Viajaram para os Hamptons no novo Porsche Turbo dele. Gumdrop, um *bichon frisé* com laços azuis no topete, teve de sentar no colo dela, e ficava tentando lamber seu rosto. Durante o percurso inteiro, Peter a toda hora armava a mão no formato de um revólver e fingia atirar nos outros motoristas. Chamava todo mundo de "polonês fodido". Janey tentou fingir que achava isso engraçado.

Em Southampton, pararam para encher o tanque no posto Hess. Isso era bom sinal. Janey sempre gostara desse posto de gasolina, com os frentistas em seus civilizados uniformes brancos e verdes — de fato, fazia com que a gente se sentisse finalmente fora da cidade. Havia uma fila de automóveis. Peter saiu do carro e foi ao banheiro, deixando o motor ligado. Após alguns minutos, as pessoas atrás começaram a buzinar. Ela passou para o banco do motorista, quando Peter vinha saindo correndo do banheiro, abanando os braços e berrando:

— Sua polaca fodida, não toque no meu carro!

— Ahn? — disse ela, olhando à sua volta com ar confuso.

Ele abriu a porta do carro com um puxão.

— Ninguém além de mim dirige a porra do meu carro. Entendeu isso? Ninguém além de mim toca na porra do meu carro. Essa porra desse carro é meu!

Janey deslizou graciosamente para fora do carro. Estava usando jeans apertados e sandálias de salto fino que a deixavam uns três centímetros mais alta do que ele, e seus cabelos compridos, louros, quase brancos, caíam bem lisos sobre uma camisa masculina abotoada de alto a baixo. Os cabelos eram um de seus bens mais preciosos: o tipo de cabelo que fazia as pessoas olharem duas vezes. Ergueu os óculos escuros, consciente de que todo mundo em tomo deles estava olhando, reconhecendo-a como Janey Wilcox, a modelo, e provavelmente começando a reconhecer Peter também.

— Escute aqui, cara — disse, com o rosto em cima do dele. — Pare com isso. A menos que queira ver este pequeno incidente nos jornais segunda-feira de manhã.

— Ei, onde é que você está indo?

— Onde você acha?

— Desculpe por aquilo — Peter pediu depois que ela voltou para o carro. Acariciou a perna dela. — Eu tenho um gênio ruim, beleza. Sou chegado a explodir. Não consigo evitar. Você deveria saber disso. Provavelmente é porque minha mãe me batia quando eu era garoto.

— Não se preocupe com isso — Janey respondeu. Ajeitou os óculos escuros.

Peter saiu do posto de gasolina com o motor roncando.

— Você é tão tesuda, gata. Muito tesuda. Tinha que ter visto todos aqueles caras olhando para você.

— Os homens sempre olham para mim — retrucou Janey.

— Este vai ser um verão fantástico — Peter comentou.

A casa de Peter era tudo o que Lynelle havia prometido. Uma casa de fazenda adaptada em três acres de gramados bem-cuidados; no interior, era a obra perfeita de um decorador. Assim que chegaram, Peter se pendurou no celular e começou a berrar com seu jardineiro alguma coisa sobre as macieiras. Janey o ignorou. Tirou a roupa e caminhou nua até a piscina. Sabia que ele a estava observando através do vidro das portas corrediças. Quando saiu da água, ele botou a cabeça para fora.

— Ei, gata, o aquecimento está ligado na piscina? Se não estiver, eu chamo o cara e dou uns berros com ele.

— Está ligado — respondeu. — Acho que deveríamos decidir a que festas

queremos ir neste fim de semana. — Ela pegou seu próprio celular e, ainda nua, acomodou-se numa cadeira acolchoada do deque para começar a discar.

Em meados de maio do verão em que ia completar 31 anos (seu aniversário era em 1º de junho, e ela sempre dizia a todo mundo que era um "bebê do verão"), Janey foi à boate Moomba três vezes numa só semana. A primeira noite foi uma festa para o artista rap Papel Higiênico. Ela se postou no meio da sala com o quadril descoberto, deixando os fotógrafos tirarem suas fotos, e depois alguém a escoltou até uma mesa no canto. Joel Webb, o colecionador de arte, estava lá. Janey achou que ele era bonitinho, embora todo mundo dissesse que ele fizera plástica no nariz, implantes nas maçãs do rosto e lipoaspiração, além de usar calços nos sapatos, porque tinha apenas um metro e sessenta. Mas esse não era o problema. Era a casa dele. Nos últimos três anos, ele estava construindo uma grande casa em East Hampton; nesse meio tempo, vinha alugando o que Janey considerava uma choça — uma cabana de três quartos toda desmantelada.

— Preciso de uma namorada. Me arranje uma daquelas suas gloriosas, hein? — pediu ele.

— Como anda a sua casa? — Janey rebateu.

— Os empreiteiros prometeram que estaria concluída para o Quatro de Julho. Pára com isso — disse ele. — Sei que você pode se lembrar de alguém que combine comigo.

— Achei que você tinha uma namorada — retrucou Janey.

— Só por falta de coisa melhor. Terminamos o namoro durante o ano, mas quando chega o verão fico tão solitário que a pego de volta.

Duas noites depois, Janey apareceu na Moomba com Alan Mundy, que todo mundo estava chamando de "O comediante mais quente de Hollywood". Conhecera Alan anos atrás, quando estava fazendo aquele filme em Hollywood — naquela época, ele não era ninguém e tinha um papel mínimo na história, representando um ajudante de garçom, apaixonado. Os dois ficaram meio amigos e mantiveram um certo contato, falando-se por telefone cerca de uma vez por ano. Janey agora dizia a todo mundo que ele era um grande amigo seu. Seu *booker* na agência de modelos contou-lhe que Alan estava vindo incógnito para Nova York, e assim Janie ligou para o divulgador dele e o comediante telefonou de volta para ela imediatamente. Tinha acabado de terminar com sua namorada e estava provavelmente sozinho.

— Janey, Janey — disse. — Quero ir a todos os lugares da moda. Quero estraçalhar a cidade.

— Contanto que a gente não precise remontá-la quando você tiver acabado.

— Meu Deus, como senti sua falta, Janey — respondeu ele.

Ele foi buscá-la numa limusine Rolls Royce. Seus cabelos tinham sido tingidos de ruivo para seu último papel no cinema, e estavam com uma polegada de raízes pretas.

— O que anda fazendo agora, garota? — perguntou ele.

— Ainda atua?

— Eu tenho atuado todos os dias de minha vida — Janey respondeu.

Dentro do clube, Alan tomou três martínis de enfiada. Janey sentou-se bem perto dele, cochichou em seu ouvido e deu muitas risadinhas. Não tinha nenhum verdadeiro interesse em Alan, que era na verdade o tipo do cara bobalhão que podia trabalhar num lava a jato, exatamente o que ele fazia entre um trabalho e outro antes de se tornar famoso. Mas ninguém mais precisava saber disso. Ser vista com Alan elevava imensamente o seu status, em especial se desse a impressão de que os dois tinham potencial para se transformarem num caso.

Alan estava bêbado, enfiando as espadinhas plásticas de seus martínis nos cabelos crespos.

— O que você quer, Janey? O que você quer da vida?

— Quero passar um belo verão.

Ela se levantou para ir ao banheiro. Passou por Redmon Richardly, o escritor sulista metido a bad-boy.

— Janey, Janey — chamou ele. — Estou tãão feliz por vê-la.

— É mesmo? — retrucou Janey. — Você nunca ficou feliz por me ver antes.

— Eu sempre fico feliz por vê-la. Você é uma de minhas boas amigas.

Havia um outro homem na mesa. Cabelos castanhos curtos. Bronzeado. Esguio. Bonito demais. Bem do jeito que Janey gostava.

— Está vendo? Eu sempre disse que Janey era uma modelo esperta — Redmon comentou com o homem. O homem sorriu.

— Esperta e modelo. O que poderia ser melhor?

— Burra e modelo. Do jeito que a maioria dos homens gosta — Janey rebateu. Devolveu o sorriso, consciente da brancura de seus dentes.

— Zack Manners, Janey Wilcox — Redmon apresentou. — Zack acaba de chegar da Inglaterra. Está procurando casa nos Hamptons. Talvez você possa ajudá-lo a encontrar alguma.

— Só se for para eu ficar nela — respondeu Janey.

— Proposta interessante — Zack avaliou.

Janey subiu as escadas para o banheiro. Seu coração estava disparado. Zack Manners era o grande produtor fonográfico inglês. Entrou na fila para o banheiro. Redmon Richardly apareceu atrás dela.

— Eu quero ele — Janey declarou.

— Quem? Zack? — Ele riu. — Você e um milhão de outras mulheres pelo mundo todo.

— Não me interessa — Janey insistiu. — Eu quero ele. E ele está procurando uma casa nos Hamptons.

— Bem ... você ... não ... pode ... tê-lo — Redmon afirmou.

— Por que não? — Janey bateu o pé.

Redmon passou os braços à volta dela, com se fosse beijá-la. Ele conseguia fazer coisas como essa e se safar bem.

— Venha para casa comigo esta noite.

— Porquê?

— Porque seria divertido.

— Não estou interessada em divertimento.

— Deixa aí aquele babaca com quem você está e vem pra casa comigo. Por falar nisso, o que é que você está fazendo com um idiota desses? Não estou nem aí pra ele ser famoso. É um babaca do mesmo jeito.

— É, bem, estar com um babaca como esse deixa homens como você mais interessados em mim.

— Ah, pára com isso.

— Eu quero passar um belo verão — disse Janey. — Com Zack.

Janey e Alan foram embora meia hora mais tarde, depois que Alan acidentalmente derramou dois martínis. Na saída, passaram pela mesa de Redmon. Janey deslizou a mão com ar casual para o bolso traseiro dos jeans de Alan. Em seguida, olhou por cima do ombro para Zack.

— Me liga depois — Redmon chamou em voz alta.

II

Janey Wilcox ouviu falar a respeito de Harold Vane, o bilionário, no banheiro de uma boate. Isso tinha sido há dois anos e, muito embora Harold houvesse se revelado um pentelho de um homenzinho, com sua cabeça redonda e lustrosa e seus sapatos sempre mais lustrosos ainda (fazia com que os criados polissem seus docksiders até que ficassem com um brilho ofuscante), ele fora um de seus melhores verões.

— Tenho de encontrar um homem para o verão — Janey se queixava com sua amiga Allison quando uma voz de um dos compartimentos exclamou:

— Harold Vane!

Harold tinha uma mansão de estuque na Gin Lane, em Southampton. Havia um longo gramado verde em frente à casa, e outro mais curto nos fundos, na descida que fazia uma orla até as dunas e a praia. Havia sempre um almoço com vinho e dois pratos tanto no sábado quanto no domingo, um cozinheiro e um homem chamado Skaaden que misturava coquetéis e servia discretamente a comida em bandejas de prata. Só se podia entrar no terreno por um portão de ferro batido com as letras "H" de um lado e "V", do outro.

Harold tinha um segurança que se vestia como jardineiro, mas portava uma arma.

— Não se preocupa com a possibilidade de que um desses caras descubra do que é que você está a fim? — Allison perguntou.

Isso foi no início do verão Harold, quando Janey convidou Allison (que tinha uma parte numa casa minúscula em Bridgehampton) para passar o dia.

— O que quer dizer? — perguntou Janey, pensando no jardineiro.

— Usá-los. Por causa de suas casas de veraneio.

— Sou uma feminista — respondeu Janey. — Trata-se apenas de redistribuição de riqueza. — Estavam recostadas em espreguiçadeiras junto à piscina e Skaaden ficava lhes trazendo copos de chá gelado.

— Onde está Harold, aliás? — Allison quis saber. Tinha olhos cinzentos, salientes. Por mais que se maquiasse, nunca seria bonita, Janey pensou. Estava esperando que Allison fizesse a pergunta. Allison era uma espécie de melhor amiga profissional para os ricos e famosos; assim que saísse, provavelmente iria ligar para todo mundo e contar que tinha almoçado na casa de Harold Vane, e que eles agora eram bons amigos. Na verdade, Janey achava que, depois que Harold e ela rompessem, no final do verão, Allison fosse continuar a procurar a amizade dele. Ia

convidá-lo para drinques e, quando o visse nas festas, poria a mão em seu braço e cochicharia piadinhas em seu ouvido para fazê-lo rir.

— Harold está no banheiro — respondeu Janey. Tinha uma voz suave de menina e, apesar do rosto e do corpo impressionantes, sabia que a voz era sua verdadeira arma secreta: ela lhe permitia dizer qualquer coisa que quisesse impunemente. — Ele passa uma hora na privada toda noite antes de sair e, nos fins de semana, uma hora pela manhã e outra no final da tarde. Isso na verdade corta o dia. No último fim de semana nós basicamente perdemos a festa de lançamento de um livro porque ele não saía da privada.

— O que é que ele faz lá dentro?

Janey deu de ombros.

— Sei lá. Caga. Lê. Embora eu não saiba como é que uma pessoa pode levar uma hora para cagar. Vivo dizendo a ele que isso não é bom para seus intestinos.

— Talvez seja o único momento em que ele consegue se afastar de tudo.

— Ah, não — retrucou Janey. — Ele tem telefone e *e-mail* lá dentro. — Olhou para Allison. — Esqueça o que eu disse, tá legal? — De repente imaginou Allison circulando pelos jantares, contando às pessoas que Harold Vane passava uma hora na privada, enquanto conversava no telefone e mandava e-mails, e isso fez com que se sentisse culpada. Afinal, Harold nunca tinha feito ou dito a ela qualquer coisa nem remotamente desagradável, e Janey estava na verdade um pouquinho apaixonada por ele.

Era isso o que havia de surpreendente em Harold. A princípio, ela não conseguia se obrigar a fazer sexo com ele — mas depois que finalmente fizeram, no segundo sábado depois do Memorial Day, ela ficou imaginando por que tinha esperado tanto tempo. Harold era dominador na cama. Dizia a ela o que queria que fizesse e como se posicionar (mais tarde, no alto verão, raspou todos os pêlos púbicos de Janey e mandou que ela tomasse banho de sol nua), e tinha um pênis enorme.

Seu "indescritível" era, na verdade, tão grande que durante todo aquele verão, quando outras mulheres vinham até ela para lhe perguntar se era verdade que estava realmente saindo com Harold (isso parecia acontecer na maioria das vezes nos toaletes femininos dos vários restaurantes da moda que freqüentavam nos Hamptons), Janey segurava o batom e contava em tom confidencial que o pau dele era tão enorme que, na primeira vez em que o viu, disse a Harold que não havia hipótese de ele pôr aquela coisa dentro dela. Em seguida, voltava a passar o batom, com a boca bem aberta. Podia não ser lá de muito bom tom falar sobre o pinto de Harold, mas por outro lado Janey achava que estava lhe fazendo um favor — quando ela terminasse o caso, ficaria mais fácil para ele conseguir outras mulheres.

Não que ele parecesse ter qualquer dificuldade. Harold era como se fosse o Papai Noel de todo mundo. Antigas namoradas estavam sempre telefonando, oferecendo-se para apresentá-lo a suas amigas, e Harold estava sempre distribuindo conselhos e mandando presentinhos para essas mulheres a fim de ajudá-las a atravessar suas crises — telefones celulares e computadores, e até pagava a creche particular para o filho de uma mulher que tivera a criança fora do leito conjugal. No primeiro fim de semana de Janey nos Hamptons, ele a havia puxado pela mão até sua garagem.

— Quero que tenha sua liberdade neste verão — disse.

— Posso perceber que você é o tipo de garota que aprecia sua liberdade.

— Tem razão — respondeu Janey.

— Senão a uma hora dessas você já estaria casada — comentou ele. Abriu a porta lateral da garagem e desceram três degraus. Ele estava atrás dela e, quando chegaram ao piso, puxou-a num gesto brusco, colou os lábios nos dela e enfiou a língua em sua boca. Isso pegou Janey de surpresa e ela tinha uma vaga lembrança de lançar os braços para o alto, como um inseto vivo sendo empalado por um alfinete. Mas o beijo não foi ruim.

— Só uma coisinha para botar seu motor para funcionar — explicou ele. Em seguida afastou-a de lado e acendeu a luz. — Escolha o carro que quiser para dirigir neste verão — mandou. Havia um Range Rover e dois Mercedes, um deles um coupé 550 e o outro, um conversível SL. — Só há uma regra. Não pode mudar de idéia no meio do verão. Não quero ver você chegando para mim e dizendo "Quero dirigir o Rover" quando já tiver escolhido o Mercedes.

— E se eu não gostar de nenhum deles? — Janey quis saber. — E se eu quiser uma Maserati?

— Não quero mimá-la demais — respondeu Harold. — Você vai acabar me odiando porque nenhum outro cara jamais a tratará tão bem.

— Isso provavelmente é verdade — concordou ela, tocando— o afetuosamente no nariz com o dedo indicador.

— Por que não se casa com ele? — Allison passara o verão inteiro sibilando.

— Ah, eu não conseguiria— respondia Janey. — Eu só poderia me casar com um homem se estivesse totalmente apaixonada por ele.

— Eu poderia me apaixonar por ele em dois segundos — retrucou Allison.

— É, você provavelmente poderia, sim — disse Janey, sem se dar ao trabalho de acrescentar que Allison estava muito longe de ser suficientemente atraente para

despertar o interesse de um homem como Harold.

Harold levava Janey um tantinho a sério.

— Seja esperta — aconselhava. — Faça alguma coisa da sua vida. Deixe-me ajudá-la.

Janey disse que sempre quisera fazer algo importante, como ser jornalista ou escrever um romance. Assim, num domingo, Harold convidou uma redatora-chefe para o *brunch.* Harold sempre servia cappuccino em xícaras exageradas e Janey lembrava-se da redatora, que estava usando um blazer azul e branco com estampa de redemoinhos, equilibrando a xícara imensa sobre a coxa enquanto se achavam sentados lá fora.

— Janey quer ser escritora — disse Harold.

— Oh, céus — exclamou a redatora. Ergueu a xícara até os lábios. — Por que será que moças lindas sempre querem fazer alguma outra coisa?

— Ora, vamos, Maeve — Harold trovejou. — Você também era bonita. Antes de ficar inteligente.

— E antes de você ficar rico — Maeve rebateu. — O que quer fazer, querida?

— Eu quero o seu emprego — respondeu Janey naquela voz suave que não transmitia ofensa alguma.

Quando Janey e Harold terminaram no final de setembro, ela na verdade chegou a chorar na rua depois do fim. O rompimento teve lugar no apartamento dele na Park Avenue — os dois combinaram de se encontrar lá para tomarem um drinque antes de sair para jantar. Harold estava na biblioteca. Bebericava um uísque, fitando seu precioso Renoir.

— Olá, mocinha maluca — saudou. Pegou a mão dela e conduziu-a para um sofá de seda vermelha. — Surgiu um problema. Não vou poder ficar com você para jantar esta noite.

— Entendo — disse Janey. Tinha uma suspeita do que viria a seguir.

— Foi maravilhoso passar esse tempo com você durante o verão — continuou. — Mas...

— Acabou — Janey concluiu.

— Não é você — explicou Harold. — Sou eu. Não quero me casar, e você tem o direito de saber que existe outra mulher com quem eu gostaria de começar a me encontrar.

— Por favor — pediu Janey. Levantou-se. — Eu ia mesmo terminar com você

esta noite. Não é engraçado?

O tempo estava fresco, e ela chegara usando um casaco leve de seda azul. Quando Harold a acompanhou até a porta, Janey viu Skaaden postado no corredor com seu casaco pendurado no braço. Harold não apenas tinha planejado o rompimento como também havia discutido o assunto antecipadamente com Skaaden. Enquanto Skaaden a ajudava a vestir seu casaco, ela imaginou o que Harold teria dito a ele:

— A moça chegará para os drinques, mas sairá logo depois. Pode ser que se mostre perturbada, portanto certifique-se de estar com o casaco dela pronto — e Janey sorriu.

— Adeus, Harold — despediu-se. Aceitou a mão dele, mas permitiu que a beijasse no rosto.

Conseguiu chegar até a esquina e então se debruçou sobre uma lata de lixo e começou a chorar. Teve um diálogo consigo mesma.

— Ora, ora — disse uma voz. — Isso já aconteceu um milhão de vezes antes. Você já devia estar acostumada.

— Mas ainda dói — respondeu a outra voz.

— Só um pouco. Harold era baixo, feio e você nunca se casaria mesmo com ele. Além disso, passava uma hora por dia na privada.

— Eu o amava.

— Que nada. Só está chateada porque ele ia levá-la para jantar no Bouley e você queria o *foie gras.*

Um táxi parou em frente ao edifício de Harold e uma loura magricela saltou. Estava agarrada a uma bolsa de couro barata.

— Minha substituta — Janey pensou. A luz amarela do táxi se acendeu. Janey estendeu a mão e o chamou.

Duas semanas depois, Harold fez chegar por mensageiro um envelope a seu apartamento. Dentro havia um bilhete que dizia: "Se algum dia precisar de alguma coisa, por favor telefone", preso a um vale-presente de cinco mil dólares da Gucci.

No verão seguinte, quando Janey estava com Peter, esbarrou em Harold numa grande festa em East Hampton, realizada numa propriedade de frente para a praia. O verão estava só na metade, mas ela havia desenvolvido um extraordinário e alarmante ódio por Peter. Na praia, ou ele falava em seu celular com os clientes ou

criticava os corpos de outras mulheres. Sua implicância preferida era com mulheres de mais de quarenta que tinham filhos.

— Olhe só pra ela — berrava. — Olhe aquela barriga. Não serve para nada. Por que não vai embora da praia?

— Ai, Peter — reclamava ela.

— Ai, Peter, o quê? Faz parte da natureza do homem ser atraído por belas jovens. É instintivo. Um homem quer dormir com o máximo possível de jovens bonitas. Tem tudo a ver com a reprodução.

Dirigindo nas estradas vicinais em seu Porsche, ele dizia:

— Sou um pouco maluco, Janey — como se tivesse orgulho disso. — Acha que eu devia ir a um psicanalista?

— Acho que seria totalmente inútil — Janey respondia e ria, tomando aquilo como um elogio. Quando chegavam à festa, ele estava com a mão em sua perna. Então os dois caminhavam, os braços enlaçados um no outro, subindo o gramado ou a trilha de cascalho de alguém, rindo e sorrindo sobre seus ombros para os outros convidados. Todo o pessoal de RP os conhecia, assim eles não precisavam dar seus nomes nas festas, e os fotógrafos tiravam suas fotos. O verão era verde e cálido e nesses momentos, de qualquer jeito, dava a sensação de ser perfeito.

Na segunda-feira, depois que Janey e Peter se encontraram com Harold, ele telefonou.

— Estou preocupado com você, Janey — disse. — Você é uma boa moça. Não devia estar com um sujeito como Peter.

— Por que não?

— Ele é nojento.

— Ah, Harold. Você acha que todos os outros caras são nojentos.

— Estou falando sério, Janey — Harold insistiu. — Quero lhe dar uns conselhos. Talvez não seja minha função, mas vou dar assim mesmo. Pare de andar por aí e se case. Você não é o tipo de moça que vá fazer alguma coisa de sua vida, portanto case-se com um homem que ame e tenha filhos dele.

— Mas eu vou fazer alguma coisa, Harold.

— O quê?

— Não sei.

— Aceite meu conselho, Janey. Um cara boa-pinta. Não sei. Eu armaria para você ficar com meu arquiteto. Ele tem 33 anos e quer se casar.

— Não, obrigada — Janey retribuiu e riu suavemente.

O relacionamento com Peter ia de mal a pior. Era em parte pelo sexo. Peter não queria ser tocado e mau conseguia ser levado a tocá-la. Eles faziam sexo uma vez a cada três semanas.

— Você não acha que talvez seja gay? — Janey perguntou. Tinha cultivado o hábito de atormentá-lo. — Vou descobrir um carinha jovem e tesudo para fazer sexo. Homens acima dos quarenta não conseguem mesmo ter um desempenho legal, sabe como é. — Em seguida, se atracavam numa discussão aos berros na casa dele. Um dia de manhã, Janey queimou uma torrada; ele entrou intempestivamente na cozinha, pescou a torrada queimada da lata de lixo, raspou-a e tentou fazer com que ela a comesse. Em vez disso, Janey deu-a a Gumdrop, que prontamente vomitou. Janey tinha fantasias de matar Peter e imaginava se ela, por mero acidente, jogasse o carregador de bateria do seu celular na piscina, ele não seria eletrocutado. Faziam as pazes porque sempre tinham festas para ir e, afinal, o verão acabava passando.

Moomba de novo. Janey estava sentada sozinha, bebericando um martíni no bar. O barman era jovem. Puxou conversa.

— Lembro de você naquele filme. Fico constrangido com isso, mas eu costumava me masturbar com a sua imagem.

— Ótimo — retrucou Janey. — Então, suponho que não preciso lhe dar uma gorjeta.

— Esse é por minha conta — disse ele, com um gesto de cabeça em direção ao martíni. Inclinou-se sobre o balcão do bar. — O que está fazendo agora?

— Esperando um amigo — respondeu ela, virando-se de costas.

Estava ansiando para que Zack Manners aparecesse. Havia descoberto que tinha esta aptidão misteriosa. Se desejava alguma coisa com muita intensidade, ela acontecia. Em vez disso, Redmon Richardly,o romancista, entrou. Acenou para ela com a cabeça e em seguida circulou pela boate para ver quem mais estava lá. Depois se aproximou.

— Onde está Zack? — perguntou ela.

— Como é que eu vou saber?

— Estava com esperança de que ele aparecesse.

— Esqueça essa história de Zack — Redmon recomendou.

— Eu sou o melhor que você vai conseguir esta noite.

— Eu quero Zack.

— Zack é um esquisitão — Redmon comentou. Pediu um uísque.

— Você também é.

— Não, estou falando de esquisito mesmo — Redmon explicou. — Passei um bocado de tempo com ele em Londres. Conheço garotas que dormiram com ele. Você não vai querer se envolver nessa merda. É aquela merda sexual européia tarada. É uma coisa grossa. Não é americana. E então, como estava previsto, Zack apareceu de fato.

— Zack! — exclamou Redmon. — Estávamos acabando de falar de você.

Zack estava com outras pessoas.

— Venha para nossa mesa — chamou.

Depois que o grupo de Zack se sentou, Janey foi até a mesa e ajeitou uma cadeira ao lado dele.

— Você de novo — disse ele. — Você parece uma daquelas garotas que está em toda parte. É uma socialite?

Janey apenas sorriu e bebericou seu drinque. Sabia que não precisava dizer nada. Em algum momento, sua aparência começaria a ter efeito sobre ele. Voltou-se para o homem do outro lado de sua cadeira. Era um inglês, ansioso para conversar.

— Você também vai para os Hamptons neste verão? — perguntou ela.

— Não, mas estou fascinado. Não temos nada parecido na Inglaterra. Parece maravilhoso. Todas aquelas estrelas do cinema engarrafadas no trânsito.

— Eu vou todos os verões — Janey comentou. — É maravilhoso.

— Vai estar lá neste verão?

— Ah, sim. Estou na expectativa de passar um verão sensacional este ano.

Zack se inclinou.

— Como é esse negócio de você e um "verão sensacional"? — perguntou. — Você é deficiente mental de algum modo que eu deva saber?

— Provavelmente — respondeu Janey. Pousou seu drinque. — Preciso ir — disse. — Liga pra mim.

— Eu não ligo pra garotas. Entro em contato — retrucou Zack.

— Então ficarei ansiosa pelo seu "contato" — Janey rebateu.

Dois dias depois, Zack fez chegar por mensageiro um envelope a seu

apartamento. Escrita no cartão gravado achava-se esta breve missiva: *Janey, gostaria* de *sair para um drinque? Por favor, ligue para minha secretária, que lhe dará a hora* e o *lugar. Considerações, Zack.*

III

A cada cinco minutos durante a viagem no Jitney até os Hamptons no fim de semana do Memorial Day, Janey tinha vontade de se levantar e gritar: "Sou Janey Wilcox, a modelo, e estou indo passar o fim de semana com Zack Manners, o bilionário inglês produtor de discos. Portanto, fodam-se. Todos vocês", só para se sentir melhor. Estava sentada na frente do ônibus, usando um boné de beisebol e óculos escuros, com os cabelos repuxados num rabo-de-cavalo, tentando ler O *céu está caindo.* Mas um pensamento impertinente ficava em seu cérebro, como a ponta de um lápis sendo cutucada na cabeça de um idiota: Zack Manners não se encontrava exatamente ali. Não estava, como Janey gostava de dizer, completamente "dentro". Seu convite havia sido vago — deixara instruções com sua secretária para informar a Janey que eles deviam se encontrar "lá pelas seis" para drinques no The Palm, em East Hampton, na noite de sexta-feira. Janey não tinha certeza de que o convite se estenderia para o fim de semana, e a incerteza a deixava mais excitada quanto a Zack do que jamais estivera por qualquer outro homem em muito tempo. Na noite anterior, tinha ido ao Moomba, e sempre que um dos vários homens na boate vinha à sua mesa a fim de prestar os respeitos apaixonados, ela respondia, atrevida:

— Ah, sim, eu sou maravilhosa. Finalmente encontrei um homem por quem posso me apaixonar loucamente. Ele é brilhante, divertido e sensual. — E dizia isso de maneira a deixar subentendido que, enquanto Zack era tudo isso, esses outros homens decididamente não eram.

O mais impressionante foi que isso não pareceu desanimar nenhum dos homens. Eles se amontoaram em volta da mesa, pedindo bebidas e fumando cigarros. Janey desenvolvera recentemente uma teoria de que, quanto pior você trata os homens, mais eles a desejam. Peter, de três verões atrás, se aproximou, girando uma cadeira para sentar com os braços dobrados sobre o encosto.

— Você mudou, Janey. Parece tão confiante — comentou.

— Não sou a mesma de dois anos atrás, Peter — respondeu e sorriu com ar vicioso. — Eu jamais toleraria toda aquela sua merda hoje.

— Nunca fiz merda com você.

— A última foi no fim de semana do Dia do Trabalho. Voltando dos Hamptons debaixo de chuva. Lembra? Você me fez saltar logo depois do túnel do centro da cidade. Na rua Trinta e Cinco com Terceira Avenida. "Pegue um táxi", você mandou.

— Tinha acabado — Peter rebateu e deu um sorriso forçado. — E você sobreviveu ao caminho até Uptown. Por que eu deveria levar uma garota até a outra

ponta da cidade se não ia nem sequer ganhar uma trepada?

Janey esperava que Zack estivesse no bar do The Palm quando ela chegou às seis e quinze. Não estava. Quando ele continuou sem aparecer dez minutos depois, aceitou o oferecimento de dois rapazes que queriam lhe pagar um drinque. Pediu uma margarita. Às 18:45, deu-se uma ligeira comoção lá fora. Uma Ferrari verde 1954 250 GT Elena Body encostou na passagem circular de carros. Direção do lado direito. Zack desceu. Estava usando tênis velhos e caminhava com as mãos nos bolsos da frente de suas calças cáqui. Janey ficou toda animada, conversando com os dois homens. Zack apareceu por trás dela. Sussurrou em seu ouvido.

— Oi, você.

Ela teve um ligeiro sobressalto.

— Ah. Oi — disse. Olhou para o relógio. — Ia repreendê-lo por estar atrasado, mas o carro compensa a falha.

— O carro não tem preço — Zack respondeu. Deslizou para o tamborete do bar ao lado dela. Pegou sua mão. — Se quiser ficar comigo, Janey, nunca, jamais me repreenda. A não ser que eu lhe peça para fazer isso.

— Isso soa promissor.

— E é. Se você jogar as cartas certas. — Inclinou-se sobre ela. — Você tem um lado negro, Janey? Você parece ser uma garota que tem um lado negro.

Janey riu, e Zack fez o mesmo. Ela sacudiu os cabelos por cima dos ombros. Zack acendeu um cigarro. Sem filtro. À luz do dia, ele não era tão atraente quanto ela lembrava. Tinha os típicos dentes ruins ingleses, variando em cor de um amarelo doentio ao cinza claro. Seus dedos eram manchados de nicotina e as unhas estavam sujas. Mas tinha o carro. E seu dinheiro. E o verão inteiro, quem sabe mais tempo ainda, diante dela.

— Vamos fazer as coisas em um passo de cada vez, tudo bem? — propôs Janey.

— Imagino que isso signifique que você queira ver minha casa antes de decidir se quer ou não trepar comigo — Zack conjeturou.

— Pára com isso — Janey pediu. — Estou interessada em você. Todo mundo diz que você é fascinante.

— Todo mundo é trouxa— Zack retrucou. E continuou.

— Você vai adorar a casa. Ela é perfeita. — Levantou-se e puxou-a do tamborete. Passou o braço em volta dela, encaminhando-a para a porta. Era mais alto do que Janey, do tamanho perfeito, pensou ela. — Fiquei com a casa só por sua causa.

— É claro -Janey concordou. Acreditou nele, sem pensar nem por um minuto em como era fora do comum que um completo estranho alugasse uma casa nos Hamptons na esperança de que ela fosse ficar com ele. Fez um cumprimento de cabeça para o porteiro que segurava a porta do carro. Acomodou-se no banco da frente. O carro achava-se em perfeito estado. Tirou o boné de beisebol e sacudiu os cabelos. Riu. — É lindo — disse, sentindo-se generosa. Zack deu a partida no motor.

— Ah, é — respondeu ele, manobrando para sair. — Suponho que seja aqui que eu deveria dizer, "Não, você é que é linda, Janey". — Olhou para ela. — Sentindo-se como se estivesse num filme?

— Estou.

— Você é uma garota muito boba. Não sabe que é perigoso ser tão boba?

— Talvez eu não seja boba. — Talvez isto seja apenas um número de teatro.

— Talvez tudo seja apenas um número — Zack concordou.

— Mas aonde isso leva você?

Dobrou com o carro na Further Lane.

— Eu disse à corretora de aluguéis que queria uma casa na melhor rua da melhor cidade dos Hamptons. Espero que ela não tenha cometido nenhuma injustiça comigo, Janey. — Rosnou ligeiramente na palavra "injustiça" e Janey achou-o tão adorável como antes. Entraram numa comprida passagem de carros em cascalho. — Conheço a casa — comentou Janey. — É uma das minhas preferidas.

— Sério?

— Um amigo meu a alugou cinco anos atrás. E a casa perfeita de verão. Piscina, quadras de tênis...

— Você jogava tênis sem o short do uniforme?

— Ah, por favor, Zack.

— É como eu imagino você, toda de branco, sem o short...

A casa era afastada da estrada, tendo na frente um extenso gramado verde que estava sempre preparado para uma partida de croqué. Era uma clássica residência paroquial, em ripas de madeira, construída nos anos 20 para uma família rica com um bando de filhos e criados. Zack estacionou na frente.

— Venha, venha, minha amada, e veremos... — chamou ele, saltando do carro e pegando a mão dela. — Agora eu espero que você faça uma porção de travessuras.

— De que tipo?

Zack remexeu num saco de papel fazendo barulho.

— Provisões — exclamou, exibindo uma garrafa de vodca e uma embalagem plástica de água tônica.

Janey riu um tanto nervosa.

Zack foi até a cozinha e voltou com dois coquetéis.

— Tintim — disse, erguendo seu copo.

— Viva— respondeu Janey. — A um belo verão.

Zack veio por trás dela. Passou o braço em torno de sua cintura e apertou-a contra si.

— O que há por trás dessa bobagem de "um belo verão"?

Janey virou-se e escapou do abraço apertado.

— Nada — respondeu.

— Deve haver alguma coisa. Nunca ouvi falar de alguém tão obcecado com o verão. Eu passava meus verões trabalhando numa fábrica.

— Está se vendo que passava — Janey retrucou em tom suave.

Ele apontou o dedo para ela e sacudiu-o.

— Você tem de responder às minhas perguntas. Essa é uma das regras. Fico entediado com muita facilidade. Neste exato momento estou interessado. Em ouvir tudo sobre você. Sobre todos os homens que você teve antes de mim.

— O quê? — Janey perguntou.

— Isso vai ser divertido — comentou Zack. — Você gosta de coca?

— Coca-Cola?

— Cocaína — Zack explicou, com paciência debochada. — Você não é lá muito inteligente, é? Quando a vi pela primeira vez, não achei que fosse, mas depois pensei que talvez tivesse me enganado. — Sentou-se no divã em frente a uma mesinha de centro, ergueu os olhos para ela e sorriu. — Mas, também, não precisa realmente de inteligência nestas situações. Basta um certo espírito de aventura.

— Eu não transo cocaína — Janey disse com frieza.

— Que vergonha— criticou Zack, — Eu a tomei por uma parceira. — Bateu um pouco de cocaína sobre a mesinha de café, enrolou uma nota e cheirou o pó. Jogou a cabeça para trás, inalando profundamente, a nota ainda enfiada na narina. Janey o fitou e ele captou seu olhar. — Pára de bancar a boa mocinha americana, tá legal?

— Como sabe que eu não sou?

— Ah, sai dessa — Zack insistiu. Levantou-se. Caminhou até ela. Tocou seu cabelo. — Não a convidei até aqui para ser minha namorada — advertiu.

— Então por que me convidou?

— Eu não convidei. Você se convidou. Lembra?

— Vá se foder — rebateu Janey mansamente.

— Venha cá — chamou ele. — Sente-se. Minha querida, você é tão transparente quanto esta camisa que está usando. Todo mundo sabe qual é o seu jogo. Você está disponível. Para o verão. Desde que o sujeito seja bastante rico. Pelo menos eu quero saber por quê.

— Porque eu quero apenas passar um bom verão — Janey berrou. — Tem alguma coisa de errado nisso?

— Mas você não faz nada — disse Zack, Cheirou mais um pouco de cocaína.

— Eu não faço nada porque não quero. Não tenho de fazer.

— Você não se interessa por coisa alguma, não é, Janey?

— Não — ela admitiu. Deu de ombros. — Mesmo que o sexo seja ótimo, não significa grande coisa. Porque o cara não vai mesmo ficar por perto. Então, por que não derrotar os homens em seu próprio jogo? Usá-los. Sou uma feminista, Zack — explicou ela, o que, de certa forma, a fez se sentir melhor.

— Oh, falou a mulher moderna — exclamou Zack. — Quantos anos você tem?

— Vinte e oito — respondeu Janey, mentindo em tom natural. Vinha enganando a idade por motivos profissionais há tanto tempo que de fato acreditava naquilo.

— Você parece mais velha — disse ele, e riu. — Você usa os homens, mas você mesma é totalmente inútil. Pensa que suas opiniões são revolucionárias, mas não são. São apenas irritantes e imaturas.

— E as suas não são?

— Para falar a verdade, não — afirmou Zack, — Sou o que vocês ianques chamam de *self-made man.* Tudo o que tenho, consegui sozinho. — Acendeu um cigarro. — Mas ao longo do caminho, percebi uma coisa curiosa. Perdi minhas emoções. Minha capacidade de sentir. Isso vem do fato de ter de trepar com as pessoas o tempo todo para conseguir o que você pensa que quer. — Sorriu. Aqueles dentes!, pensou Janey. — Então, veja, você e eu somos bastante parecidos.

— Tenho minhas razões — disse Janey.

— Sem dúvida que tem. Mas elas provavelmente são muito mundanas — completou ele. Janey atravessou o sofá e o estapeou. Ele agarrou seu pulso. — Muito bom — avaliou.

— Você está captando a idéia.

— Não sou mundana — sibilou ela.

— Ah, é sim — rebateu Zack. Empurrou-a de volta contra o sofá. Ela não lutou muito. — Degradação — ele pronunciou junto ao rosto dela. Janey podia sentir o odor de seu hálito. — É tudo o que resta para gente como nós. Degradação. É a única maneira de sentirmos alguma coisa.

— Você é louco — concluiu Janey.

— Vamos subir! Rápido! — ordenou ele. Pegou a mão dela. Pulou os degraus de dois em dois. Puxou-a para dentro do quarto. — Esperei por isso a semana inteira. — Tirou a camisa e a calça. Por baixo, estava usando uma cueca surrada e manchada, puída nas aberturas para as pernas. Virou de costas e baixou a cueca. Sua bunda era pontilhada de espinhas. — Bate em mim, mamãe! — gritou.

— Não sou sua mãe — Janey disse.

— Bate em mim, mamãe! Por favor!

Janey não sabia o que fazer, então começou a berrar. Recuou em direção à janela. Estava aberta. Ela saiu de costas para a varanda. Depois correu para a beira e pulou para o telhado. Rolou desajeitada por ele e saltou para o chão.

— Uaaaau — gritou.

Por alguns minutos, ficou ali. Em seguida ouviu passos descendo a escada e a porta da frente se abriu com uma pancada. Zack, ainda nu e fumando um cigarro, caminhou na direção dela.

— Levante-se, sua vaca idiota. Você não está machucada.

— Vá se foder — retrucou Janey.

— Eu agradeceria se você deixasse este local o mais rapidamente possível— Zack mandou. Depois voltou para dentro da casa e cheirou mais cocaína.

Janey foi mancando em direção à casa. Passou por Zack. Ele não levantou os olhos. Ela foi até a cozinha e deu um telefonema.

— Por favor, por favor, esteja em casa — implorou e em seguida exclamou — Graças a Deus. — Começou a soluçar.

— Sou eu. Uma coisa terrível aconteceu. Eu estava com um cara inglês e ele enlouqueceu. Estou com medo. Sim. Sim — concluiu, fungando, e deu o endereço. Em

seguida, foi para a varanda a fim de esperar.

Vinte minutos depois um Range Rover subiu roncando a Further Lane. O motorista passou ao largo da entrada para carros e atravessou o gramado, espalhando peças do conjunto de croqué. O Rover parou em frente à casa e Harold desceu. Segurou a porta do carro aberta.

— Sua carona está aqui — disse, Zack saiu correndo da casa com uma toalha em torno da cintura. — Você fodeu mesmo com tudo — reclamou com Janey. — Você teve uma chance. Podíamos ter passado o verão inteiro juntos. Você o mandou pro espaço.

— Afaste-se dela — ordenou Harold.

Zack o ignorou, seguindo Janey enquanto ela mancava até o carro.

— Volte para os seus judeuzinhos. Onde você se sente segura.

Harold deu um passo à frente.

— Ei, ouça aqui, babaca. Pega leve. Isso aqui é a América. Você não pode falar desse jeito.

— Ah, não? — Zack riu. Deu uma tragada no cigarro.

— Vou falar o que eu bem quiser.

— Quando meus advogados acabarem com você, só vai sair dos tribunais daqui a anos — Harold disse com calma.

Entrou no carro e bateu a porta.

— É, é, claro que você vai acabar comigo — Zack berrou.

— Vocês ianques. Tiram a graça de tudo com seus malditos advogados. — Ajeitou a toalha em volta da Cintura e caminhou de volta à casa.

Harold atravessou o gramado em marcha a ré.

— Meu Deus, Janey — disse.

— Harold — Janey pediu. Pôs as mãos sobre os olhos. — Eu realmente não vou agüentar um sermão agora, tá legal?

— Não vou lhe passar um sermão, gatinha. Só queria ter certeza de que você está bem. Ele não...

— Não — respondeu ela.

— Quem é aquele crápula?

— Zack Manners — Janey explicou. — O produtor fonográfico inglês.

— Malditos britânicos — Harold comentou. — Por que não voltam para a Inglaterra, que é o lugar deles? Não se preocupe — tranqüilizou-a, dando-lhe tapinhas na mã vou providenciar para que seja persona non grata no East End. Ele não vai conseguir fazer sequer uma reserva aqui.

— Você é maravilhoso, Harold. De verdade — Janey agradeceu.

— Eu sei — respondeu ele.

— Eu só queria passar um verão legal — Janey disse uma hora depois, deitada num leito em um quarto particular do Southampton Hospital. — Como quando eu tinha dezesseis anos.

— Psiiu — sinalizou a enfermeira. — Todo mundo quer ter dezesseis anos de novo. Conte de trás para a frente a partir de cem e vá dormir.

Dezesseis. Aquele fora o verão no qual Janey havia passado de feia para bonita. Até então, tinha sido uma garota rechonchuda, de cara engraçada, numa família de beldades. Seu pai tinha 1,85m, o típico americano, o médico da cidade. Queria que Janey se tornasse enfermeira, para encontrar um marido decente. Sua mãe era francesa e perfeita. Janey era a filha do meio, o sanduíche entre um menino e uma menina que não tinham falhas. Enquanto o resto da família comia vitela com molho cremoso de cogumelos, a mãe de Janey servia metade de um pé de alface *iceberg*[1]. — Se você não perder peso, não vai encontrar um homem. Aí, vai ter de trabalhar. Não existe nada menos atraente do que uma mulher que trabalha — dizia.

— Eu quero ser veterinária — Janey retrucava.

Todo verão, passado no clube de campo, era uma agonia. A mãe de Janey, magra, bronzeada, num maiô Pucci, estava constantemente bebendo chá gelado e flertando com os salva-vidas e, mais tarde, com os amigos de seu filho, que a adoravam. Os irmãos de Janey, ambos na equipe de natação, eram campeões estaduais. Janey, que era barriguda e tinha coxas grossas, nunca foi capaz de se destacar. Aos quatorze anos, quando ficou menstruada, sua mãe disse:

— Janey, você precisa ter muito cuidado com os rapazes. Rapazes gostam de tirar vantagem de meninas que não são bonitas, porque sabem que a garota está, como se diz, desesperada. Por atenção.

E então Janey completou dezesseis anos. Cresceu seis centímetros. Quando entrou no clube naquele verão, ninguém a reconheceu. Deu para usar os biquínis Pucci da mãe. Roubava seu batom. Fumava cigarros atrás da sede do clube. Os rapazes viviam à sua volta. Sua mãe pegou-a beijando um garoto embaixo de uma mesa de piquenique. Bateu nela com um tapa no rosto. Foi quando Janey soube que havia

vencido.

— Vou lhe mostrar — Janey ameaçou. — Vou me dar melhor do que você.

— Você não pode se dar melhor do que eu — rebateu a mãe.

— Ah, posso, sim — afirmou Janey.

No sábado seguinte ao que Janey pulou do telhado de Zack, ela apareceu na Praia Media, em Sagaponic, com Redmon Richardly. Seu pé estava engessado e Redmon a ajudou, mancando, a atravessar a areia. Acomodou-a numa toalha de praia e foi nadar. Allison veio correndo até ela.

— É verdade? — perguntou sem fôlego.

— Qual parte? — quis saber Janey. Apoiava-se nos cotovelos a fim de exibir melhor o corpo magnífico. — Está falando sobre Redmon e eu estarmos juntos?

— Não. Sobre ontem à noite.

— Não diga nada a Redmon. Especialmente não mencione o nome de Zack — disse Janey.

Na noite anterior, Janey e Redmon tinham dado uma passada no clube Vinte e Sete a caminho dos Hamptons. Zack estava lá. Foi até Redmon.

— Mais um babaca nasce a cada minuto. Não é isso que vocês ianques dizem? — e Redmon lhe dera um soco. Desde então, Redmon havia contado a todo mundo que Zack estava apaixonado por Janey, mas ela o havia trocado por ele, e por isso Zack andava meio maluco.

Era uma percepção ligeiramente distorcida dos fatos que Janey não tinha intenção alguma de corrigir.

IV

No ano seguinte, Janey resolveu conseguir sua própria casa para o verão. Isso provavelmente acarretaria uma certa quantidade de privações. O tipo de casa na qual estava acostumada a ficar com certeza custava a seus ocupantes mais de cem mil dólares por temporada. Apesar disso, tinha uma forte intuição de que seria uma "apresentação" muito melhor para ela mostrar-se independente, mesmo que isso significasse passar sem uma piscina, um jardineiro, um cozinheiro, um carro e talvez até uma lavadora de pratos.

Mas até isso seria preferível ao que tivera de suportar no verão anterior com Redmon e Zack. Algo que Zack dissera continuou se repetindo em sua cabeça como uma aborrecida musiquinha pop: "Você está disponível. Para o verão. Desde que o cara seja rico."

Uma coisa era namorar caras ricos e outra era ver as pessoas considerando você uma prostituta. Um dia (talvez em breve) Janey teria de tornar um desses ricaços seu marido. Precisaria estar loucamente apaixonada por ele, mas mesmo assim a coisa não iria acontecer se esse homem rico ficasse sabendo que sua futura esposa tinha fama de prostituta. Janey havia aprendido que, embora a maioria dos homens ricos achasse que no fundo todas as mulheres eram prostitutas mesmo, na verdade não queria que você fosse uma delas.

E assim, por volta de fevereiro, quando era época de começar a pensar nas casas de verão, Janey começou a espalhar suas intenções.

— Estou procurando uma casa só para mim neste verão — dizia, lançando os cabelos compridos sobre os 'ombros, de pé, com o quadril projetado para a frente, aos vários ricaços com quem esbarrava em restaurantes e festas. — Decidi que está na hora de virar adulta. — Os homens ricos riam e faziam comentários sugestivos, como "Não fique adulta demais". Mas nenhum deles mordeu a isca. Janey tinha esperança de que alguém dissesse ter uma casa chique onde ela poderia ficar de graça, mas a única a oferecer algo foi Allison.

— Eu poderia dividir minha casa com você — exclamou Allison com ansiedade. Tinham acabado de chegar a um jantar para um estilista de moda europeu que estava tentando encenar um ressurgimento em Nova York.

— Essa não é a questão — disse Janey, adiantando-se a fim de permitir que fotógrafos tirassem suas fotos enquanto Allison se afastava para o lado'; por sorte, Allison já estava em cena há tempo suficiente para saber que sua presença numa foto muito provavelmente a tornaria impublicável.

— Eu só não sei que tipo de verão quero ter — Janey explicou. — Posso querer passar o verão inteiro lendo uns livros.

Allison fez um gesto completamente desnecessário de estar engasgando com seu coquetel.

— Livros? Você? Janey Wilcox?

— Eu de fato leio livros, Allison. Talvez você devesse tentar um dia desses.

Allison mudou sua linha de ação.

— Ah, entendi — disse, em tom magoado. — Por que não me contou que pretendia dividir uma casa com Aleeka Norton?

— Não vou dividir uma casa com Aleeka Norton — respondeu Janey. Aleeka Norton era uma bela modelo negra, a quem Janey considerava "amiga", embora só a visse umas duas ou três vezes por ano nos desfiles de moda. Aleeka, que era da idade de Janey, estava escrevendo um romance e, quando as pessoas perguntavam o que fazia, respondia sempre "Sou *escritora".* Era como se os outros fossem verdadeiramente burros por pensar que ela pudesse ser qualquer coisa a não ser isso, como, por exemplo, uma modelo. Essa abordagem parecia angariar para Aleeka muito mais respeito por parte dos homens. Joel Webb, o colecionador de arte, chegara a emprestar a Aleeka sua pequena casa de três quartos para o verão, para que ela pudesse ter um lugar tranqüilo para trabalhar. E ele nem mesmo queria fazer sexo com ela. Na realidade, a casa era basicamente uma choça, mas a única coisa que Janey havia aprendido depois do verão Redmon foi que, se você tem de ficar num barraco, é melhor que seja no seu próprio barraco.

— Allison? — Janey sibilou, movendo-se pela multidão.

— Você não percebeu? Alguma coisa acontece quando a gente entra nos trinta. As pessoas percebem a merda das nossas falhas. Especialmente os homens. É importante dar a impressão de que você está fazendo alguma coisa, mesmo que não esteja.

— Mas Redmon não foi assim — retrucou Allison.

Janey olhou para ela. Pobre Allison. Sentia uma paixão desmedida por Redmon, leu todos os seus livros e vivia fantasiando que, no fundo, Redmon era como os homens dos seus romances: sensível, incompreendido e em busca do amor de uma boa mulher.

— Redmon vive num mundo de sonho — comentou Janey.

— Ele foi bom com você. Bom de verdade — Allison defendeu.

Janey sorriu. Bebericou seu martíni.

— Ele foi um perdedor — concluiu.

O verão Redmon, que deveria ter sido o verão Zack, passado na impressionante casa de verão de Zack, pensou Janey com amargura, fora um dos piores verões em muitos anos.

— Bom, pelo menos Redmon foi melhor do que Zack. Isso você tem de confessar — insistiu Allison.

Janey deu outro gole em seu martíni. Manteve a expressão impassível. Zack! Todas as vezes que ouvia o nome dele tinha vontade de gritar. Mas era melhor Allison não saber disso.

— Zack Manners — disse Janey. Sorriu e acenou para alguém do outro lado da sala. — Não penso nele há meses.

A primeiríssima coisa que Zack tinha feito no último verão, depois que Janey o dispensara e ficara com Redmon, foi começar a sair com uma modelo russa, cujo nome ninguém conseguia lembrar, mas com quem Zack insistia em praticamente trepar todas as vezes que estavam em público. Janey havia se consolado com o fato de que todo mundo sabia que a "modelo" russa era na verdade uma prostituta. Mas foi aí que ela estragou tudo, quando trombou com Jack saindo do banheiro em uma boate. Estava um pouco bêbada e debochou:

— Vi que você está com uma puta.

Zack riu.

— É — retrucou. — Mas ela é honesta nisso. Admite o que é. Por que você não faz o mesmo? — Janey tinha dado um passo à frente e levantado a mão como se fosse esbofeteá-lo, mas vacilou e desequilibrou-se. Teve de se aprumar contra a parede. Zack riu de novo e acendeu um cigarro. — Por que não arranja uma vida própria, boneca? O verão descera ribanceira abaixo a partir daí.

Era tudo culpa de Zack. Ela e Redmon foram a uma festa de praia na estrada Flying Point e, quando desceram na areia, avistaram Zack Manners sentado nos degraus de madeira que conduziam à casa. Era a quinta vez que iam a uma festa e encontravam Zack.

— Chega — dissera Redmon no caminho de volta para casa. — Não vou mais a festa nenhuma. Estão todas cheias de babacas como Zack Manners. Os Hamptons — declarou em tom dramático — estão acabados. — Depois disso, jurou que não ia sair de casa, a não ser para ir ao supermercado, à praia e à casa dos amigos para jantar.

Isso poderia ter sido suportável, se não fosse pela própria casa de Redmon.

Até chamar aquilo de casa já era forçar um pouco. Apesar de ficar a apenas mil e poucos metros da praia, não havia como contornar o fato de que a "casa" não era nada mais que uma cabana imunda. Mas a coisa mais esquisita nela era o fato de Redmon nem desconfiar.

— Acho que esta casa é tão boa quanto qualquer outra em que já estive nos Hamptons — disse ele certa tarde, quando Allison deu uma passada para bater papo. — Com certeza é tão boa quanto a dos Westacott, não acha? — perguntou.

— É tãão charmosa — Allison concordou, efusiva. — E é tão difícil encontrar uma dessas casas antigas que não esteja completamente em ruínas.

Janey manifestou toda a sua perplexidade. A cabana não podia ter mais de cem metros quadrados (mais ou menos o tamanho dos quartos principais nas casas em que normalmente ficava) e o telhado dava a impressão de estar cedendo. Havia uma janela quebrada no quarto, que Redmon tinha tampado com uma página do jornal *The New York Times* — de agosto de 1995. Na quitinete havia utensílios e equipamentos enferrujados (na primeira vez em que abriu a geladeira, Janey deu um berro) e a mobília era parca e desconfortável — como o sofá, uma daquelas coisas de pernas achatadas em madeira que parecia ter sido comprado num bazar de garagem. O banheiro era tão minúsculo que não havia lugar para toalhas: quando voltavam da praia, tinham de estender as toalhas sobre os arbustos do lado de fora da casa para que secassem.

— Na verdade — tinha dito Janey -, achei que você podia conseguir algo melhor do que isso.

— Melhor? — Redmon retrucara. — Adoro esta casa. Eu a alugo há uns quinze anos. Essa casa é como se fosse meu lar. O que há de errado com essa casa? — quis saber.

— Você está louco? — perguntou Janey.

— Redmon é tão legal — comentou Allíson quando Redmon entrou de volta na casa. Estavam sentadas à beira da mesa de piquenique no quintal diminuto; a única outra concessão de Redmon à mobília de jardim eram duas cadeiras dobráveis, mofadas e esfiapadas.

— Por favor — pediu Janey. Pôs a mão sobre os olhos. — Redmon só fala de como os Hamptons estão cheios de babacas, que quer ter uma vida de verdade e estar com pessoas de verdade. Ele não entende que aqueles babacas *são* pessoas de verdade. Vivo dizendo que, se não gosta disso aqui, devia se mudar para Des Moines.

Esse era o problema de Redmon. Suas percepções a respeito da vida estavam completamente por fora. Certa noite, quando cozinhava uma massa (as

especialidades dele eram macarrão primavera e um peixe grelhado — tinha aprendido a cozinhar nos anos 80 e jamais progredira), Redmon lhe dissera:

— Sabe, Janey, eu sou um milionário.

Janey estava folheando uma revista de moda.

— Que ótimo — comentou.

— Droga — exclamou ele, despejando a massa num escorredor ao qual faltava uma das pernas, fazendo com que o macarrão se derramasse por toda a pia. — Acho isso bastante curioso. Quantos escritores você conhece que são milionários?

— Bem — respondeu ela -, na verdade, conheço um monte de pessoas que são bilionárias.

— É, mas todos são... *gente de negócios* — contrariou ele, insinuando que o pessoal empresarial era mais baixo do que baratas.

— E daí? — Janey insistiu.

— Quem se importa a mínima com quanto dinheiro a pessoa tem se ela não tem uma alma?

No dia seguinte, na praia, Redmon levantou mais uma vez o assunto de sua situação financeira.

— Acredito que em um ano, mais ou menos, eu terei dois milhões de dólares — começou. — Vou poder me aposentar. Com dois milhões, eu poderia comprar um apartamento de 750 mil dólares em Nova York.

Janey estava se lambuzando com protetor solar e, de repente, sem conseguir evitar, desdenhou.

— Você não consegue comprar um apartamento na cidade de Nova York com um *milhão* de dólares — afirmou.

— Do que é que você está falando? — ele quis saber, abrindo uma cerveja.

— Tudo bem, você consegue comprar um apartamento, mas seria tipo um dois-quartos bem pequeno. Talvez até sem porteiro.

— E daí? — perguntou Redmon, dando uma golada. — O que isso tem de ruim?

— Nada — retrucou Janey — se você não se importa de ser pobre.

Durante o resto da tarde, ele só respondeu sim ou não todas as vezes em que ela tentou iniciar uma conversa. Depois, quando estavam de volta à cabana, preparando *nachos,* ele bateu com a porta do forno.

— Eu não diria que ter dois milhões de dólares é ser pobre — disparou.

Eu diria, pensou Janey, mas não disse nada.

— Quero dizer, pelo amor de Deus, Janey — ele continuou. — Qual é o seu problema, afinal? Dois milhões não bastam para você?

— Ai, Redmon, não é isso — resmungou ela.

— Então o que é, porra? — perguntou ele, entregando a ela uma bandeja de *nachos.* — Quer dizer, não vejo você trazendo para casa nenhuma bela grana. O que você quer? Não se pode dizer que tenha um trabalho regular, nem marido e filhos para cuidar... Até Helen Westacott cuida de seus filhos, a despeito do que você possa pensar dela.

Janey estendeu um pequenino guardanapo de papel sobre o colo. Ele tinha razão. O que é que ela queria? Por que ele não era bom o bastante? Deu uma mordida num *nacho* e queimou a boca com o queijo. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ai, puxa vida, Janey — exclamou Redmon. — Eu não pretendia aborrecer você. Desculpe se gritei. Venha cá pediu.

— Deixa eu te dar um abraço.

— Estou bem — ela tranqüilizou-o, limpando as lágrimas.

Não queria que Redmon soubesse que estava chorando pela perspectiva de passar cada verão do resto de sua vida naquela choça.

— Ei — disse ele. — Tenho uma idéia. Por que não vamos até a casa dos Westacott para tomar um drinque? Tenho certeza de que estão acordados. São só dez horas.

— Como quiser — disse Janey.

E isso ainda era o início do verão.

Bill e Helen Westacott eram sem dúvida os melhores amigos de Redmon. Ele insistia em vê-los praticamente todos os fins de semana, o que resultava, no que dizia respeito a Janey, em algo que virava um grande defeito dele. Dera o melhor de si para evitar isso. Tinha, na verdade, se recusado a vê-los de novo depois da primeira vez em que jantaram juntos. Mas não adiantou. No fim de semana seguinte, Redmon simplesmente fora jantar sem ela, deixando-a na cabana, onde ela ficou a noite inteira espantando mosquitos e pensando se passar o verão na cidade seria realmente tão ruim assim. Mas quando voltou para a cidade na segunda-feira, seu apartamento não tinha ar-condicionado e as baratas haviam tomado conta da cozinha. Decidiu que era mais fácil ceder.

Bill Westacott era um famoso roteirista que havia escrito cinco filmes de sucesso nos últimos sete anos. Ao contrário de Redmon, era um autor rico de verdade, e ele e sua mulher, Helen, com os dois filhos, viviam numa "fazenda" de quinze acres ao largo da Route 27. Moravam nos Hamptons há cerca de cinco anos, fazendo parte de uma tendência em meio aos casais estáveis com filhos de se livrar da vida na cidade e mudar em tempo integral para o interior. Tinham cavalos e criados, bem como uma piscina e quadra de tênis, e poder se pendurar na casa deles nos fins de semana teria sido quase o bastante para salvar o verão. Havia um único problema: os próprios Westacott.

Bill Westacott era arrogante, rancoroso e imaturo, enquanto Helen Westacott era... bem, só havia uma palavra para Helen: louca.

Janey gostaria que Redmon a tivesse alertado para a insanidade de Helen antes de sua ida à casa deles para jantar pela primeira vez, mas ele não o fizera. Em vez disso, em seu típico estilo Redmon de não dar pistas, ele ficou martelando sobre o que entendia como os atributos impressionantes do casal: Helen era de "uma das melhores" famílias de Washington e seu pai tinha sido senador; a mãe de Bill fora atriz e agora estava casada com um famoso ator; Bill estudara em Harvard (ele próprio, lembrou a Janey, tinha ido para Yale, ele e Bill haviam se conhecido num bar após um famoso jogo de futebol Harvard contra Yale e tinham trocado agressões); Helen ganhara um prêmio literário por seu primeiro romance, que escreveu quando estava com 25 anos. Janey ia adorá-los. Formavam um dos casais mais legais do mundo.

Praticamente a primeira coisa que aconteceu quando pararam em frente à casa dos Westacott, no Dodge Charger alugado de Redmon, foi encontrar Bill Westacott de pé, na passagem para carros, recém-pavimentada com cascalho, fumando um charuto, com os braços dobrados sobre o peito. Redmon baixou o vidro de sua janela.

— Oi, Bi... — começou a dizer, mas, antes que pudesse concluir, Bill se arremessou sobre o carro e enfiou a cabeça pela janela. Era um homem grande, bonito, com a cabeça totalmente coberta por gloriosos cabelos louros e cacheados.

— Merda, cara. Que bom você estar aqui. Ou acho que é bom, não sei. Não consigo decidir se isso é bom ou ruim.

— Qual é o problema? — perguntou Redmon.

— A Górgona está num daqueles seus humores.

Janey saiu do carro. Estava usando um top de lycra bem justo, que havia custado cerca de quinhentos dólares e tinha um decote quase até o umbigo, sem sutiã, e calças Capri bem apertadas, cor-de-laranja,

— Olá — cumprimentou, estendendo a mão. — Eu sou Janey.

— Ah, merda, cara — Bill repetiu, girando a cabeça de um lado para o outro como se estivesse procurando um lugar para se esconder. — Isso não é nada bom.

— Oiêeee ... — insistiu Janey.

Bill recuou alguns passos.

— Eu sei quem você é, tá legal? — disparou. — Você é aquela mulher perigosa.

— O que há de errado comigo? — Janey quis saber.

— O que há de errado com ela? — Bill arremedou, voltando-se para Redmon. — Você me traz essa garota que se posta aqui perguntando o que há de errado com ela. Só para começar, o que há de errado com você é o fato de ser mulher, tá legal? O que significa que você é geneticamente louca, vazia e provavelmente vai estar me enrabando em cerca de trinta segundos com algum tipo de merda sobre a qual eu não tenho controle e nada posso fazer. Devo continuar?

— Você usa drogas? — perguntou Janey.

Redmon riu e passou o braço em volta dela.

— Essa é a maneira de Bill dizer que gosta de você. Ele morre de medo de mulheres bonitas.

— Bem, Bill — retrucou Janey, sem conseguir se conter -, você com certeza tem um jeito engraçado de demonstrar isso.

— Não se meta a esperta comigo — disse Bill, apontando o charuto para ela. — Sei do que você está a fim. Conheço todos os seus truques. Trabalho em Hollywood, lembra?

— Janey na verdade não é uma atriz — explicou Redmon, pegando a mão dela e acariciando-a.

Janey se encostou um pouco nele.

— Eu sou uma... *personalidade* — afirmou ela.

Entraram na casa.

— Eí, Helen — Bill se esgoelou. — Venha até aqui para conhecer a... *personalidade* de Redmon.

Helen Westacott era baixa, morena e magrinha, com delicadas feições simétricas — dava para perceber que provavelmente um dia tinha sido bonita.

— Oi — respondeu ela com desânimo, olhando para Janey. — Oi. — Foi até Redmon e o beijou. Deu-lhe uns tapinhas no peito. — Ah, Redmon — suspirou. —

Quando é que você vai encontrar uma boa moça e se casar? Nada contra *você* — continuou, dirigindo-se a Janey. — Eu nem sequer a conheço e meu marido vive dizendo que eu não devo falar coisas que não são boas sobre pessoas que eu não conheço, mas adivinha só... Eu faço isso mesmo assim. E você não parece uma boa moça. Você parece uma moça que roubaria o marido de uma das minhas amigas.

Fez-se silêncio. Janey olhou em volta da sala, que era realmente muito bonita com seus enormes sofás brancos e tapetes orientais, com portas envidraçadas que se abriam para um pátio, por trás do qual podia-se avistar um pasto de cavalos. Um verdadeiro pecado, Janey pensou. Por que eram sempre pessoas como essas que tinham esse tipo de linda casa de veraneio?

— Ora, vamos, Helen — Redmon pediu, como se estivesse lidando com uma criancinha confusa. — Janey é uma boa moça.

— Não, não é — Relen teimou.

— Ei, Hel — disse Bill, tirando uma baforada do charuto. — O que é que você tem a ver com quem Redmon está comendo?

A princípio, Janey imaginou que quase poderia se acostumar com Helen (não era culpa dela ser louca, Redmon explicara, e Bill teria se divorciado se não houvesse prometido à família dela que não o faria), mas não conseguia se entender com Bill.

Ele parecia sentir um profundo e inexplicável ódio por ela. Ou, de qualquer modo, por mulheres como ela. Todas as vezes em que Janey o via, ele invariavelmente se lançava numa diatribe qualquer a propósito de nada.

— Todas as do seu tipo pensam que sabem mais do que sabem — dizia — e censuram os homens, usam os peitos e a xoxota — havia algo na maneira como ele dizia "xoxota" que fazia Janey estremecer de excitação — para conseguir o que querem. Depois desprezam o homem por ter usado vocês.

— Desculpe — respondia Janey — mas nós já nos conhecemos?

— Provavelmente — retrucava ele. — Mas você não se lembraria, não é? — E Janey se afastava, bebericava um pouco de vinho tinto e olhava por cima do copo para Redmon, que lhe devolvia o olhar e piscava, achando tudo muito engraçado... afinal não estavam todos se divertindo demais?

E então aconteceu o inevitável.

Deve ter sido lá para o final de julho aquela primeira noite em que Bill a seguiu até o banheiro. Janey devia saber que ele iria segui-la, porque deixara a porta destrancada, fizera um pipi rápido e estava debruçada sobre a pia, passando batom, quando a maçaneta girou. Bill esgueirou-se para dentro e fechou a porta depressa atrás de si.

— Olá — saudou-o Janey em tom indiferente.

— Janey — disse ele. — Você está me deixando louco.

Janey girou a base do batom e sorriu.

— Meu Deus, Bill. Você é sempre dramático. Acho que anda escrevendo roteiros demais.

— Fodam-se os roteiros — retrucou ele, dando um passo em sua direção. — Sei que Redmon está apaixonado por você, merda, mas eu também estou.

— Pensei que você me odiasse — disse Janey.

— Odeio mesmo — repetiu ele. — Odeio porque me apaixonei por você no minuto em que a vi. E você está com Redmon. Que porra está fazendo com ele, afinal?

Os homens são tão desleais, pensou Janey.

Passou os dedos entre os cabelos.

— Céus, Janey — ele pediu. — Basta você me dizer o que quer. Eu podia lhe conseguir um papel num filme...

— Ah, Bill — retrucou Janey. — Não seja ridículo.

Ele veio na direção dela e passou o braço em volta de seu pescoço. Beijou-a e pôs a língua em sua boca. Ela devolveu o beijo e colocou a mão em seu pênis. Não era tão grande quanto esperava, mas serviria. Bill tentou enfiar a mão em sua calcinha, mas era justa demais.

— Pare com isso — ela mandou. — E se chegar alguém?

— E daí se chegar? — devolveu ele, erguendo as sobrancelhas.

— Saia daqui — ordenou ela, empurrando-o pela porta.

Retocou o batom e voltou à mesa.

— Tudo bem? — perguntou Redmon.

— Ah, sim — respondeu ela. — Está tudo bem.

Janey começou a trepar com Bill sempre que podiam. Treparam em uma das baias na cocheira. Nos banheiros de restaurantes. Até na cama de Redmon durante o dia, quando Redmon estava fazendo compras de mercearia no King Kullen. Quando Redmon voltava, sacudindo os sacos de plástico branco, ela e Bill estavam sentados na sala, fingindo que ele tinha acabado de chegar. Era terrível e ela sabia disso mas, droga, raciocinava. Não era justo. Por que ele tinha de ser casado? Era o tipo de cara com quem ela poderia se casar. Por que homens como Bill sempre acabavam sendo capturados por mulheres loucas como Helen? O mundo não fazia sentido. E aquela

casa. Ela poderia ser feliz numa casa como aquela por muito tempo.

— Redmon — perguntava em tom inocente, quando estavam comprando alface e morangos nas barracas de rua -, tem certeza de que Bill nunca vai se divorciar de Helen?

— Tenho certeza de que ele quer — Redmon respondia.

— Mas não pode.

— Por que não?

— Porque ela é louca. E você não pode se divorciar de uma louca. — Redmon pegava um pêssego e o espremia. — Meu Deus, Janey. Nunca ouviu falar de Zelda Fítzgerald? F. Scott Fitzgerald? — perguntou certa vez. — Bill e Helen são a mesma coisa. Eles têm de ficar juntos.

Redmon descobriu tudo, é claro. Provavelmente não teria descoberto, mas Bill contou a ele. Estavam no meio de agosto, num fim de semana. Redmon ficou olhando para ela, vigiando-a. Era o primeiro fim de semana que não iam à casa dos Westacott.

— O que há de errado? — perguntou Janey.

— Por que você não me conta? — rebateu ele.

— Não quer ir à casa dos Westacott?

— Você quer?

— Não faz diferença para mim — respondeu Janey. — Por que deveria fazer?

E mais tarde:

— Talvez os Westacott queiram vir até aqui? — sugeriu ela.

— Quer que eles venham?

— Poderia ser divertido — respondeu Janey — considerando que você está nesse tamanho mau humor.

— Não estou de mau humor — disse ele.

— Eu juraria que sim — afirmou ela.

— Além disso, acho que Helen não gostaria.

— Ela já veio aqui antes — retrucou Janey.

— Não é isso que estou querendo dizer.

— Vai cozinhar massa para o jantar? — perguntou ela.

Na manhã de domingo; entraram numa discussão sobre a bagunça na cozinha.

— Porra! — ele berrou.

Janey veio correndo do quarto.

— O que foi? — quis saber.

— Olha só essa bagunça! — gritou ele. Estava segurando um rolo de papel-toalha numa das mãos.

— E daí? — retrucou Janey.

— E daí que você nunca arruma nada.

— Redmon — Janey disse em tom sereno. — Você sabe quem eu sou. Eu não faço faxina.

— Está certo — berrou ele de novo. — Como posso ter sido tão burro? Você é uma mulher moderna. Não cozinha, não lava, não cuida de marido e filhos, e não trabalha. Só espera que um cara rico tome conta de você porque é uma ... uma ... *mulher!* E o mundo inteiro *deve isso a você* — concluiu, atirando uma esponja úmida sobre ela.

— Caramba, Redmon — Janey respondeu com toda calma. — Você está falando igualzinho a Bill Westacott.

— Ah, é? — debochou ele. — Bem, talvez haja uma *razão* para isso. Já que você anda *trepando com ele.*

— Não ando, não — retrucou Janey, ofendida.

— Foi o que ele me disse. Ele me contou.

— Ele só lhe contou porque está com ciúmes. Queria trepar comigo e eu não topei.

— Ah, meu Deus — insistiu Redmon. — Eu preciso mesmo disso? — Enfiou a cabeça entre os braços. — Sempre soube que nunca deveria ter me envolvido com uma garota que não consegue nem sequer ler um jornal.

— Eu sei ler um jornal — respondeu ela. — Mas optei por não fazer isso. São chatos, tá legal? Como você e todos os seus amigos.

Redmon não disse nada. Janey tamborilou as unhas no balcão.

— O que mais Bill contou?

— Disse que você é uma puta. — Ergueu a cabeça e olhou para Janey. — Que você não tem dinheiro... está apenas procurando um cara rico... você nunca fica firme com ninguém.

Janey não disse nada por um momento. E em seguida começou a gritar:

— Foda-se! Como se atreve! Você é mesmo descarado, despejar essa merda em cima de mim. Não está apaixonado por mim e nem eu por você. Então pare de se comportar como um bebê.

— Mas é esse o problema — explicou Bill. — Eu estava apaixonado por você.

Ele a levou até o ponto do ônibus em Bridgehampton. Não se falaram durante o trajeto. Janey saltou do carro com sua mala. Redmon foi embora. Ela olhou para o final da rua a fim de ver se o ônibus estava chegando. Não estava. Sentou-se num banco sob o sol luminoso. Um homem passou com seu cachorro e ela lhe perguntou se o ônibus estava chegando; ele respondeu que só dali a uma hora. Janey foi até o outro lado da rua, entrou na confeitaria Candy Kitchen e comprou uma casquinha de sorvete. Voltou ao banco. Tinha vontade de telefonar para Bill Westacott, mas achou que não seria uma boa idéia.

Provavelmente não deveria ter feito o que fez, mas era mesmo culpa dela? Isso era uma coisa que os homens simplesmente não pareciam entender. Tudo bem para eles andarem trepando por aí e fazerem isso em nome da biologia ("Tenho de espalhar minha semente"), mas quando uma mulher se comportava da mesma maneira, ficavam horrorizados. Será que não sabiam que a porta abre para os dois lados? Lá estava Redmon, que tinha algum dinheiro e um certo status, e tinha Bill, que era rico e bem-sucedido, com sua bela casa. O que Redmon achava que ia acontecer? Que ela ia desperdiçar tempo com ele? Por que deveria, quando sabia que podia conseguir coisa melhor? Isso era *biologia.* Na metade do caminho de volta à cidade, seu celular tocou. Era Redmon.

— Ouça — pediu ele. — Só queria que você soubesse. Helen veio aqui. Estava histérica. Bill contou a ela também. A coisa que você provavelmente não percebeu em Bill foi que ele é um grande bebezão. Não pode viver sem a Helen, ainda que ela seja louca. Ela o sustentou quando ele estava começando a escrever roteiros.

— E daí? — perguntou Janey.

— E daí que basicamente você esculhambou com a vida de três pessoas. Por motivo nenhum. Sem falar nos filhos deles. Bill teve de vir buscar Helen para levá-la ao hospital.

— Tenho certeza de que Bill já teve montes de casos — retrucou Janey. — Não é culpa minha se ele não consegue manter o pinto dentro das calças.

— Mas eu sou amigo deles — disse Redmon. — Fui eu quem a levou lá, e achava que você fosse minha amiga também. O que você pensava que ia acontecer, Janey? Achou que Bill fosse abandonar a mulher por sua causa?

— O que está tentando dizer exatamente, Redmon? Que eu não sou

suficientemente boa?

— É exatamente o que estou dizendo!

— Nesse caso, acho que não devemos continuar esta conversa — replicou Janey.

— Basta que pense nisso — disse ele. — Onde acha que vai terminar, Janey? O que pensa que vai acontecer a você se continuar estragando a vida das pessoas desse jeito?

— E quanto à minha vida, Redmon? Por que é que vocês, seus babacas, nunca pensam em como *eu* me sinto? — perguntou ela. Desligou o telefone.

Faltavam duas semanas para o fim do verão, mas Janey não foi aos Hamptons de novo. Ficou sentada em seu apartamento abafado pelo resto de agosto, tirando umas duas horas de refúgio por dia no frescor de sua academia de ginástica com ar-condicionado. Enquanto malhava na esteira, pensava sem parar:

— Vou mostrar a vocês. Vou mostrar a todos vocês.

No ano seguinte, teria sua própria casa para o verão.

V

— Janey! — chamou Joel Webb.

— Oi!— respondeu Janey. Acenou e adiantou-se na direção dele, forçando passagem entre a multidão. Seu martíni espirrou para fora do copo. Ela lambeu a borda.

— Não te vejo há anos — comentou Joel.

Estavam em mais uma festa de um site da internet, promovida em mais outra boate enfumaçada e superaquecida. Era fevereiro e mesmo assim todo mundo suava. Janey inclinou-se para deixar que Joel a beijasse no rosto.

— Uau — exclamou ele. — Quem é toda essa gente?

— Não faço a menor idéia — Janey rebateu e riu. — Parece que ninguém da velha turma sai mais.

— Mas você deveria ser capaz de encontrar um sujeito rico aqui — disse Joel. — Esses caras não são todos bilionários da internet?

— São uns chatos — Janey gritou por cima do barulho da multidão. — Além disso, vou conseguir uma casa só para mim neste verão.

— Bom, essa é uma de minhas últimas saídas na noite — explicou ele. — Vou ter um bebê. Ou melhor, minha namorada vai ter um bebê.

— Que bárbaro!

— Não, não é. Eu estava tentando terminar tudo com ela. Venho tentando terminar com ela há anos. E aí ela ficou grávida. Ainda assim, não vou me casar com ela. Eu disse: Vou viver com você, pagar as contas, mas a responsabilidade é sua.

— Isso é tão gentil— sublinhou Janey com ar sarcástico.

Ele não percebeu o sarcasmo.

— É, acho que sim. Ei — lembrou-se. — Por que não me contou que tinha uma irmã caçula deslumbrante?

— Do que você está falando?

— Da sua irmã. Patty. Você podia ter arranjado para ela sair comigo e me poupado de todo esse problema.

— Acho que ela já tem namorado — retrucou Janey.

Afastou-se dali. Patty! Em todo lugar onde ia, lá estavam Patty e seu namorado,

Digger. Janey sequer pensara em Patty durante anos. Mas Patty subitamente havia se materializado. Na verdade, estava morando em Nova York há cinco anos, mas Janey nunca dera atenção a ela e a via somente nos feriados em casa. Mesmo nessas ocasiões, era como se vivessem em cidades separadas.

Mas esse ano tinha sido diferente.

Janey jamais achou que Patty, a queridinha da família que acabara não se revelando uma grande beleza (tinha tendência a estar sempre uns oito quilos acima do peso), chegaria a valer alguma coisa, mas misteriosamente ela havia conseguido. Patty, cinco anos mais nova do que Janey, tinha se mudado para Nova York logo depois da faculdade e começara a trabalhar para a VHl como uma espécie de assistente. Onde, Janey tinha imaginado, ela iria estacionar.

Mas de repente Patty floresceu. Ela agora era produtora de um programa idiota de enorme sucesso na TV (a revista *New York* a incluíra numa reportagem sobre novos talentos em ascensão), havia emagrecido e tinha um namorado sério — um sujeito pálido e de ar doentio chamado Digger, a respeito do qual todo mundo estava convencido de que seria o próximo Mick Jagger.

E agora Patty e Digger estavam em toda parte — ou, pelo menos, em todos os lugares aos quais Janey tinha de ir. Ela entrava numa boate e uma RPzinha qualquer dizia ''Ah, Janey, sua irmã está aqui!" e em seguida a conduzia por uma escadinha estreita, puxava um cordão de veludo e lá estava sua irmã, com Digger, reclinada numa banqueta, fumando um cigarro e, muito provavelmente, usando óculos escuros ou a última moda do East Village, como uma calça feita com folha de alumínio. "Sua irmã é tãão legal!" — cochichava a relações-públicas.

— Oi — cumprimentava Patty, apagando o cigarro.

— Olá — respondia Janey. O "olá" sempre saía com um fio de hostilidade. Não que não gostasse de Patty, simplesmente ela e Patty nunca tinham nada a dizer uma para a outra. Ficavam sentadas ali, olhando uma para cada lado, e então Janey soltava um:

— Aí, como vai Mamãe?

— Mamãe é um pé na porra do saco — Patty respondia em tom ansioso, aliviada por ter alguma coisa sobre a qual conversar. — Ela ainda me telefona uma vez por semana e pergunta quando vou me casar.

— Comigo ela desistiu — Janey retrucava.

A verdade é que sua mãe raramente telefonava. Não se importava com ela o suficiente nem sequer para atazaná-la com conversas de casamento.

E agora aqui estava sua irmã caçula, Patty, o sucesso da cidade. Pela primeira

vez em sua vida, Janey se sentiu velha. Afinal, Patty tinha, de fato, 27 anos. Sua pele estava melhor, mas não era apenas seu exterior que parecia mais jovem. Patty tinha uma aura de frescor em torno de si. Seu mundo era novo, e ela mostrava entusiasmo a respeito de tudo.

— Adivinha só? — disse a Janey certa noite, quase derrubando seu drinque com a excitação. — Vou sair numa página dupla de moda na *Vogue!* E uma pessoa me convidou — a *mim* — para estrelar esse tal filme sobre o agito de Nova York. Não é bárbaro?

Janey não teve coragem de dizer a ela que era improvável que alguma dessas coisas fosse acontecer, mas se pegou involuntariamente contorcendo os lábios em sinal de desaprovação, como uma velhota. Mas se tudo era realmente uma fantasia, então por que Janey sentia que ela e Patty viviam em dois planetas diferentes? E todo mundo estava no planeta de Patty, não no seu?

Durante meses, Janey tentou evitar mencionar o nome de Patty, como se o fato de não falar sobre ela pudesse talvez fazê-la ir embora. Mas ela não foi. Janey despejou tudo em cima de Harold.

— Não consigo descobrir como isso... aconteceu — disse Janey, num tom de voz que era muito mais leve do que aquilo que de fato estava sentindo. — Não quero ser mesquinha, Harold — continuou, pretendendo ser apenas isso -, mas ninguém prestou nenhuma atenção em Patty depois que ela fez dezesseis anos. Era como se ela fosse mais uma adolescente chata.

— Talvez ela não quisesse competir com você — comentou Harold. Estavam num jantar de gala para a estréia do balé. O tema era Sonho de Uma Noite de Verão e o chão estava coalhado de brilhos e neve falsa.

— Ela não podia competir comigo — rebateu Janey.

Estendeu a mão e tocou ligeiramente o centro de mesa, um pinheiro em miniatura pintado com spray branco e pregado com flores cor-de-rosa. — Além disso — prosseguiu -, por que ela quereria?

— Acho que você está sofrendo do bom e velho ciúme de quintal — Harold concluiu. — Você sente que sua irmã está fazendo alguma coisa com a vida dela e você, não. Se você pelo menos fizesse *alguma coisa.*

— Mas eu fiz, Harold — disse Janey. — Eu fiz muita...

— Imóveis — interrompeu Harold. — Vire uma corretora de imóveis. Aí é que está o lance.

Janey revirou os olhos. Nos últimos seis meses, ela e Harold haviam se tornado grandes amigos, o que era ótimo, porque ele a levava a jantares black-tie, dava-lhe

dinheiro para pagar o aluguel e não pedia nada em troca. Infelizmente, depois que Janey lhe contou a respeito de Zack, Redmon e Bill, ele se determinara a ajudá-la a encontrar uma nova carreira. Isso até poderia ter sido tolerável, mas as idéias dele sobre o que Janey deveria fazer para ganhar a vida eram tão insuportavelmente prosaicas que ela mal agüentava discuti-las.

Duas semanas atrás ele estava convencido de que Janey deveria se tornar assessora técnica jurídica, profissão que não exige diploma ("Você tem uma boa cabeça, Janey, deveria usá-la) e, na semana anterior a essa, professora para crianças carentes ("Isso vai distrair sua mente dos seus problemas." "É, mas aí *eu* é que não vou ter o que comer").

Naquela semana, era a corretagem imobiliária.

— Podemos por favor falar sobre Patty? — perguntou Janey. — Sinto como se ela estivesse secretamente tentando ser eu.

— Patty não é o seu problema — respondeu Harold. — Você precisa encontrar alguma coisa compensadora para fazer. Patty vai se cuidar sozinha.

— Tenho certeza de que vai — Janey retrucou em tom brando. — Mas eu também não poderia ser uma corretora imobiliária. — Sorveu um pequeno gole de seu champanhe e olhou em volta da sala. Estavam sentados em uma das melhores mesas. Corretora imobiliária! Conhecia algumas garotas que tinham feito isso. Era patético. Uma coisa era ser Janey Wilcox, a modelo, e outra bem diferente ser Janey Wilcox, a corretora de imóveis.

— Por que não? É a profissão perfeita para você — Harold insistiu, levantando o garfo.— Quem não compraria uma casa de você? Poderia atuar nos Hamptons. Afinal, lá você conhece cada uma de todas as casas que vale a pena conhecer.

— Eu certamente já fiquei nelas ...

— Tudo o que teria a fazer seria se aplicar um pouco e... bem, eu pagaria o seu curso. O convite é meu.

A sala rodopiava em volta deles. Alguém parou e disse oi; fotos foram tiradas.

— Ah, Harold, como eu poderia ser uma verdadeira corretora de imóveis? — exclamou com impaciência, atirando o guardanapo. Estava usando os cabelos em cachos que afastava do rosto; seus seios transbordavam do bustiê marfim bordado de contas. Sua pele estava ofuscantemente branca, e ela achava que o efeito geral era o que acreditava ser o de uma "princesa de conto de fadas elisabetano" . Era com certeza uma das mulheres mais lindas do salão, se não a mais bela.

— Janey — continuou Harold, paciente. — Encare os fatos. Você mora num apartamento nojento, de um quarto, no East Side. Não tem nem porteiro. Está falida.

Não se interessa em namorar ninguém que seja remotamente sensível em relação a você...

— Com "sensível" você quer dizer "chato" — Janey rebateu.

— Quero dizer um sujeito comum, que fique em casa e assista ao futebol nos domingos. Um cara que a ame de fato.

— Mas eu jamais poderia amar um cara assim — afirmou Janey. — Você não entende.

— Algum dia já amou alguém, Janey? — perguntou.

— Para falar a verdade, amei.

— Quem? — Harold quis saber.

— Só um cara. Quando eu era mais jovem. Tinha 23 anos.

— Veja só -,comentou Harold. — Um cara. Foi você mesma quem disse.

Janey ficou remexendo na salada no prato e não falou mais nada. Soava ridículo chamar Charlie de "só um cara" porque ele era tudo menos isso, mas não fazia sentido explicar a história a Harold. Tinha conhecido Charlie numa sessão de fotos de moda quando ela estava com 23 e ele com 21 anos (posava como modelo só para se divertir, a fim de emputecer o pai), e haviam se apaixonado instantaneamente. Charlie era herdeiro de uma abastada família do ramo de petróleo de Denver; corria o boato de que tinha herdado sessenta milhões de dólares quando completou dezoito anos. Mas não era seu dinheiro que o tornava atraente. Houve aquela vez em que ele comprou um skate e deslizou nele pela Quinta Avenida abaixo vestido de smoking. O Dia dos Namorados em que a levou para passear num furgão de entrega de flores abarrotado de rosas. E o aniversário em que lhe deu de presente um cachorro pug chamado Popeye, a quem fantasiavam de bebê a fim de passá-lo clandestinamente pelas portarias dos prédios dos amigos. Ele a chamava de Willie (abreviação de Wilcox, dizia) e foi o único homem que algum dia a considerou engraçada.

Viveram juntos por um ano e meio e então ele comprou um rancho de cinco mil acres em Montana. Queria se casar, ir morar lá e criar gado. Queria ser um caubói. Janey achou que fosse mais uma piada. Disse-lhe que ele era o único rapaz de 23 anos no mundo que estava doido para se casar e ter filhos. Mas ele estava falando sério.

— Não posso me mudar para Montana e viver num rancho — ela berrou. Sua carreira estava começando a decolar. Acabara de conseguir o papel naquele filme. Convencera-se de que, se fosse para Montana, sua vida estaria acabada. Tudo o que tinha seria desperdiçado.

A princípio, ele costumava ligar para ela no set de filmagem.

— Acordei às quatro da manhã. Almocei às nove! — gritava, no auge da excitação. — Arrebanhamos quatrocentas cabeças de gado. — Mas quando Janey terminou de rodar o filme, o lançamento foi um sucesso e ela achou que se consagraria como atriz, para logo depois se dar conta de que tudo era uma fantasia e ele já se casara com a antiga namorada dos tempos de ginásio.

— Janey! Sorria! — chamou um fotógrafo. Janey aquiesceu, reclinando a cabeça no ombro de Harold. O amigo deu-lhe um tapinha na mão.

— Por que não se casa? — perguntou ela.

Harold sacudiu a cabeça.

— Você sabe que não vou me casar antes dos sessenta anos, pelo menos.

— Vai estar quase morto então.

— Meu pai só se casou com minha mãe quando fez sessenta. E ela estava com 25. Foram muito felizes juntos.

Janey assentiu. Já tinha ouvido essa história antes e o que Harold não dizia era que seu pai morrera aos setenta anos, e ele cresceu como um garotinho assustado, criado pela mãe e duas tias num estranhíssimo apartamento da Quinta Avenida: assim, desenvolveu um problema de retenção anal, passava uma hora por dia na latrina e ainda visitava a mãe idosa todo domingo. Era tudo tão idiota. Se pelo menos homens como Harold fizessem a sua parte e se comportassem de maneira sensata — isto é, casassem e tivessem filhos — as mulheres como Janey não teriam de se preocupar com o jeito que dariam para se sustentar e — argh — ganhar a vida. Será que Harold não se dava conta de que não existia verdadeiramente nenhuma profissão na qual ela pudesse ganhar tanto dinheiro quanto ele, fora a possibilidade de se tornar uma famosa estrela do cinema, não importava o quanto lhe custasse tentar?

— Neste momento, nós podíamos estar casados e ter filhos — Janey assinalou. — Já pensou nisso algum dia?

— Filhos! — Harold exclamou. — Eu mesmo ainda sou um filho. Mas pense no que eu disse, está bem?

Janey concordou com um gesto da cabeça.

— Não vou poder lhe emprestar dinheiro para sempre — disse ele mansamente.

— Não. É claro que não — reagiu Janey.

Ergueu o garfo e se concentrou na sua sinfonia de lagostas. As pessoas ricas são sempre assim, não é mesmo? Ajudam você uma ou duas vezes e depois, não importa quanto dinheiro tenham ou o quanto insignificante seja a quantia para elas, lhe dão uma cortada. Elas não querem ser *usadas.*

E então houve o incidente com Swish Daily.

Janey estava no ateliê do estilista, provando roupas para o desfile na passarela, quando de repente ele entrou, olhou para ela e berrou:

— Oh, minha querida! Esses quadris!

A provadora, uma mulher indefinível de seus cinqüenta anos, olhou para Janey e encolheu os ombros. Janey tentou rir, mas o fato era que tinha engordado cerca de quatro quilos no último ano e não conseguira perdê-los.

— Do que você está falando? — perguntou Janey, virando de lado para o espelho a fim de esconder seu desconforto, mas não adiantou. Swish deu uma corridinha em sua direção, ajoelhou-se e pôs cada uma das mãos nas suas coxas.

— Isto vai ser um pro-ble-ma — declarou.

Naquele momento, Aleeka Norton chegou ao ateliê. Atirou no chão uma bolsa Louis Vuitton e chamou do outro lado do salão:

— Ei, Swish, deixe-a em paz com seus quadris, tá? Ela é uma mulher, pelo amor de Deus. Esse é o problema de vocês, bichinhas. Não conhecem mulheres.

— Olá, querida — respondeu Swish. -Espero que você não venha engordando para cima de mim também.

— Ah, cala a boca, Swish — rebateu Aleeka. — Por que não experimenta comer uma xoxota um dia desses? Depois disso a gente conversa sobre quadris.

Swish deu uma risadinha e a prova de roupas continuou como se nada tivesse acontecido, mas Janey ficou assustada. Tinha sido rechonchuda quando criança e ouvira histórias sobre garotas que entravam nos trinta e de repente começavam a engordar, sem conseguir se livrar do peso, mesmo sem nunca terem tido filhos. Depois da prova, foi encontrar Swish em seu escritório, onde ele fingia analisar amostras de tecido.

— Eu não estou acabada, estou? — perguntou ela. Em geral, nunca era franca a esse ponto mas, por outro lado, geralmente não precisava ser.

— Oh, minha querida — Swish lamentou tristemente.

— É claro que você não está acabada. Mas seu tipo de silhueta... essa coisa anos 90, de peitos falsos...

— Eu poderia tirar os implantes — sugeriu Janey.

— Mas será que você pode tirar todo o resto? — perguntou Swish. Pousou as amostras de tecido e olhou para ela com franqueza. — Você sabe como é, Janey. Viu

essas novas garotas. Elas têm quadris do tamanho de palitos de coquetel. Acho que Gisele veste tamanho dois. E ela tem quase um metro e noventa.

— Entendi — disse Janey.

— Ah, escute, Janey. — Swish saiu de trás da escrivaninha e tomou as mãos dela nas suas. — Nós nos conhecemos há muito tempo. Você participou do meu primeiro desfile de moda. Lembra?

Janey assentiu. O desfile tinha sido realizado numa galeria de arte do SoHo.

— Foi tão legal — comentou ela. — E nós atrasamos. Deixamos a platéia esperando uma hora e meia. E eles adoraram.

— Ficaram malucos — acrescentou ele. — E o mais engraçado é que nenhum de nós sabia o que estava fazendo naquele momento. — Soltou as mãos dela e acendeu um cigarro, voltando-se para o janelão que dava para a rua Prince. Um ônibus tinha estacionado ali em frente e estava descarregando turistas.

— Sabe, tem algumas coisas daqueles tempos de que eu realmente sinto saudade — disse ele. — Podia-se esperar tudo. Era como um grande passeio, não era, Janey? — Apagou o cigarro. — Não sabíamos naquela época o quanto as pessoas podem ser detestáveis.

— Não — concordou Janey. — Não sabíamos.

— Sempre fico pensando se são os tempos que mudam ou apenas nós que vamos envelhecendo. Você sabe?

— Não.

Swish começou a mexer com as coisas sobre sua mesa. Janey deslocou o peso de um pé para o outro.

— Você não está acabada, Janey — afirmou ele. — Nenhum de nós jamais pode estar acabado, a não ser que se decida por isso. Mas aceite o meu conselho. Digo isso a todas as garotas. Vá para Londres.

— Londres? — estranhou Janey.

— Londres — Swish repetiu, meneando a cabeça. — E se case.

— Bem. Francamente ... — Janey ia dizendo.

Swish ergueu a mão.

— Mas não com qualquer um. Você se casa ... com um nobre inglês, alguém com um título. Sabe como é, um lorde, um duque, um marquês... Rupert e eu acabamos de ir lá em outubro e foi fantástico.

Janey assentiu com paciência.

— Lady... Janey — Swish pronunciou. — Você vai ter a mansão grandiosa, o título, cães de caça ... — O telefone tocou, mas Swish não atendeu. — Ah, minha querida, cães de caça são simplesmente fantásticos, não são? Você tem de fazer isso. Eu poderia preparar o mais fantástico enxoval para você. Poderia desenhar toda a minha coleção de outono em torno dele.O enxoval de Lady Janey. O que acha?

— Fantástico — respondeu Janey. — Mas não conheço ninguém na Inglaterra.

— Querida, você não precisa conhecer ninguém — explicou Swish. Riu, arrebatado por sua fantasia. — Uma moça linda como você? As garotas inglesas são um lixo. Não há competição. Você aparece em Londres e, em questão de minutos, estará em toda parte.

Janey sorriu com frieza, mas não disse nada. Por que será, pensou, que todo mundo presumia que, se você era bonita, as coisas simplesmente caíam no seu colo? Desde os dezesseis anos, lhe prometiam essa porra de grande prêmio por ser bonita e (mais tarde) por ter peitos, mas cadê? Onde estava essa vida fantástica que a beleza deveria lhe trazer?

E agora tinha de se mudar para outro país?

— Não acho que seja assim — disse.

— Você poderia ir neste verão. Ouvi dizer que a temporada de verão é bem animada em Londres. Ascot, aquela coisa toda. Vou lhe fazer um chapéu.

— Eu sempre vou para os Hamptons no verão — Janey retrucou.

— Os Hamptons? — exclamou Swish. — Você não continua ligada nessa, não é? Querida — declarou ele — os Hamptons já eram.

— Estou procurando uma casa só para mim este ano — Janey contou. Beijou-o no rosto e foi embora, entrando no elevador de carga. Já era o início de abril. Estava gorda. E ainda não tinha conseguido uma casa para o verão.

Quando saiu na rua, deu um murro na parede do edifício, num gesto de frustração. Sua unha se quebrou abaixo do sabugo e doeu. Enfiou o dedo na boca. Dois ou três turistas passaram por ela.

— Você é modelo? — um deles perguntou. Eram estrangeiros, talvez da Dinamarca.

— Sou — admitiu Janey.

— Importa-se se eu tirar sua fotografia?

— Não dou a mínima para o que você fizer — respondeu Janey.

Dois dias depois, conheceu Comstock Dibble.

Suas primeiras palavras para ela foram:

— Os outros costumavam rir de mim na escola. O que foi que fizeram com você?

— Roubaram minha bicicleta — disse Janey.

Ele estava fumando um charuto. Deu uma baforada e estendeu a mão, prendendo o charuto entre os dentes.

— Comstock Dibble — apresentou-se.

— O homem que vai salvar o cinema — Janey reconheceu.

— Ah. Então você leu essa porcaria, hein? — zombou ele.

— Quem não leu? — perguntou Janey. — Era a única coisa na capa do *Times Magazine* de domingo.

Estavam de pé no meio da sala VIP na boate Float, durante a *première* do novo filme de Comstock Dibble, *Watches.* A sala estava lotada, enfumaçada e barulhenta. Ele deslocou o charuto de um lado para o outro da boca.

— Gosto de você — disse. — Quero conhecê-la melhor. Você quer me conhecer?

Janey se inclinou na direção dele e pôs a mão em seu ombro.

— Quero — cochichou.

No dia seguinte, uma bicicleta nova em folha chegou ao apartamento dela.

Janey rasgou o envelope do cartão na maior alegria. Dizia:

Querida Janey:

Se alguém tentar roubar esta bicicleta, eles vão ter de se ver comigo.

Lembranças,

Comstock Dibble.

VI

Feriado do Memorial Day outra vez. A grama e as árvores começavam a assumir um verde profundo, fazendo Janey se lembrar de cada verão que havia passado nos Hamptons e, pensou com alegria, passaria de novo.A cabana que havia alugado era apenas uma garagem para charretes reformada, nos fundos de uma casa vitoriana na cidade de Bridgehampton, mas era dela. Tinha uma cozinha minúscula, uma sala com guarda-louças embutidos que continham aparelhos de jantar e objetos descombinados, e dois quartos no sótão mobiliados com fotografias antigas, acolchoados no chão e travesseiros de pena. Era charmosa. Uma pechincha, dissera o corretor de imóveis, acrescentando que o único motivo de ela estar disponível era que o casal que costumava alugá-la tinha decidido-se divorciar na semana anterior e não conseguira chegar a um acordo quanto a quem devia ficar com a casa.

— Sorte minha — disse Janey, quando seu telefone celular tocou.

— Ela é bárbara? — a voz masculina perguntou.

— É bárbara. — Janey deu uma risadinha. Caminhou em direção a um pequeno jardim emoldurado por uma sebe que abrigava mesas e cadeiras de vime branco, onde ela imaginava que iria receber para pequenos mas importantes jantares naquele verão... Convidaria Comstock, e Harold Vane... caramba, podia convidar até Redmon. Afinal, Redmon era um autor best seller, apesar do que se pudesse pensar quanto ao resto dele.

— Eu lhe disse que ia acontecer, não disse?

— Sim — Janey concordou, contente.

— Eu lhe disse que ia acontecer e o que aconteceu?

— Aconteceu — disse Janey.

— Quem pode tornar seus sonhos realidade?

— Ah, Comstock — respondeu Janey.

— Vejo você mais tarde — avisou ele. — Você vai estar em casa? Ou estará tentando escolher meu substituto?

— Nunca — asseverou Janey.

— Estou perdendo você — concluiu ele, e desligou.

Janey sorriu e fechou o celular com um estalo. Ele era minúsculo, roxo e novinho, o menor modelo disponível. Comstock o dera de presente duas semanas antes (estava pagando a conta de telefone, que ia direto para o escritório dele), junto com um *laptop*

Macintosh e um cheque de vinte mil dólares para ela alugar a casa.

A cabana custara, na verdade, somente quinze mil, mas Janey achou que devia guardar essa informação para si. Afinal, iria precisar dos cinco mil para despesas e aluguel de carros. E, além disso, Comstock não se importaria. Ele era o homem mais generoso com quem já tinha estado — não apenas financeiramente, como espiritual e emocionalmente também.

— Estou apaixonada — contou a Allison, que foi obrigada a jurar segredo quanto à identidade de seu pretendente. Se a imprensa ficasse sabendo do caso, estaria por toda a parte em torno deles em dois segundos. Provavelmente, não conseguiriam sequer andar pela rua.

— Ele não é um astro do cinema — comentou Allison.

— Não acha que está exagerando? Só um pouquinho?

E mais tarde:

— Ah, Janey. Como é que você *consegue* estar apaixonada por Comstock Dibble? Como pode fazer sexo com ele?

— Dessa vez é sério — disse Janey em tom de advertência.

— Eu posso até me casar com ele.

— Mas pense nos filhos de vocês — Allison apelou, impotente. — E se forem parecidos com ele?

— Não seja tão antiquada — Janey censurou.

Tinha de admitir, no entanto, que a princípio seus sentimentos por Comstock a haviam surpreendido tanto quanto a Allison. Jamais, nem em um milhão de anos, ela imaginou que iria se apaixonar por um homem como Comstock Dibble (ou, corrigindo, um homem com a aparência de Comstock Dibble). Mas quando pensava no assunto, a coisa fazia sentido. Naquela primeira noite em que saíram juntos, ele a levara de volta a seu apartamento na Mercedes com motorista e em seguida, com muita naturalidade, se convidara a subir para uma "saideira". Janey gostou do som da palavra fora de moda e gostou do modo como ele timidamente pegou sua mão no elevador. Comstock estava usando um sobretudo de tweed cinza, que ele tirou e segurou dobrado no braço enquanto entravam no apartamento dela.

— Devo deixar isso em algum lugar ou você vai me pedir para sair imediatamente? — perguntou.

— Por que eu quereria que fosse embora? -Janey quis saber. — Você acabou de chegar.

— Janey — disse ele. Pegou sua mão e puxou-a para o grande espelho emoldurado em dourado pendurado na sala minúscula. — Olhe para você — pediu. — E olhe para mim. Você é uma beldade, Janey, e eu sou um homem muito feio. Minha vida inteira tive de lidar com esta... esta criatura.

Ele tinha razão. Era feio. Mas, como tudo o mais em sua vida, sua feiúra tinha uma espécie de característica legendária que a tornava (segundo Janey, pelo menos) um distintivo de honra. Seu rosto e corpo eram picados de bexigas — resultado do tipo de acne incontrolável em que parece que a pele está tentando destruir o corpo — e os cabelos ruivos eram ralos e crespos. Seu único traço bonito era o nariz, pequeno, mas infelizmente ofuscado por uma grande falha entre os dentes da frente. Tinha o queixo retraído. Mas bastava passar dez minutos em sua companhia e a pessoa se esquecia da aparência dele. Coisa que ela vivia dizendo a Allison.

— Não acho, Janey — Allison insistia, sacudindo a cabeça. — Eu não poderia dormir com Comstock por mais tempo que passasse com ele. — Fez uma pausa. — Agora que você falou nisso, também não creio que fosse querer passar tempo algum com ele.

— Allison — repetia Janey com paciência. — Ele é um homem notável.Venceu na vida contra todas as probabilidades.

— Ah, sim, eu sei — disse Allison certa vez. — Li essa história no *New York Times* também. Não se esqueça da parte sobre ele ser cafetão e impostor, nem de que foi processado por assédio sexual e preso por posse de cocaína.

— Armaram para ele — afirmou Janey. — Os tiras o incriminaram sem motivo por causa daquele filme que ele fez sobre os meninos assassinos de policiais, com cerca de dez anos de idade.

— Foi um filme horrível — comentou Allison.

Janey não se importava. Até onde lhe dizia respeito (e até onde interessava a um monte de outras pessoas também), Cornstock era um gênio.As pessoas diziam que ele era o produtor mais importante do setor. Estrelas do cinema o veneravam. Colunistas de fofocas disputavam sua atenção nas festas. Homens poderosos de Hollywood tinham medo dele. Ele era rico e havia conquistado cada centavo por si mesmo.

Janey tinha se divertido naquela primeira noite e o puxara para junto dela no sofá.

— Ah, Comstock — disse. — Não se dá conta de que somos iguais? Minha vida inteira tive de lidar com esta criatura que tem uma certa aparência que leva as pessoas a pensarem que sou de um certo jeito. Durante toda a minha vida as pessoas me disseram que sou burra. — Virou a cabeça de modo que ele pudesse ver a beleza

de seu perfil. — Estou começando a pensar que elas têm razão. Que eu sou... burra. Quer dizer, se eu não fosse burra, acho que minha vida teria dado mais certo.

— Você não é burra, Janey — disse ele com bondade.

— Você não sabe de nada — retrucou ela.

— Você apenas não teve uma oportunidade — explicou ele. Sua mão serpenteou e entrelaçou-se com a dela de novo.

— Eu vou ajudá-la, Janey. Eu vivo ajudando as pessoas. Se você pudesse fazer alguma coisa, e agora estamos falando de uma lista de desejos, o que seria?

— Não sei — respondeu Janey devagar. — Acho que sempre tive vontade de escrever. Aleeka está escrevendo um romance...

— Por que quer escrever? — perguntou ele com cautela.

— Não sei — respondeu Janey. — Eu sinto como se ... tivesse tanto dentro de mim, tantas coisas que ninguém sabe... eu observo as pessoas o tempo todo, sabe? Elas não sabem que as estou observando, mas eu estou.

— Esqueça os romances — declarou ele. — Você deveria escrever um roteiro.

Depois disso, foi fácil cair na cama com ele.

Durante todo aquele primeiro mês do verão, Janey teve vontade de ligar para todo mundo que conhecia e anunciar:

— Oi, aqui é Janey Wilcox. Tenho minha própria casa para este verão e estou escrevendo um roteiro. — Na verdade, quando as pessoas lhe telefonavam durante o dia em seu chalezinho de Bridgehampton com a cerca de arame e as roseiras espalhadas, dizia com muita freqüência:

— Importa-se se eu lhe telefonar mais tarde? É que estou no meio de uma cena.

Comstock lhe dissera que ela tinha "visão". Afirmava que faria de seu filme um sucesso. Que ele podia promover o diabo a partir de qualquer coisa e que, porra, ele conseguiria forçar um Oscar se fosse preciso.

— Eu posso fazer qualquer coisa, Janey — reiterava. — É preciso que se lembre, sou de Jersey e meu pai era um encanador. — Estava deitado na cama dela, nu, fumando um charuto. Não era um homem grande (tinha, o que era bastante desconcertante, perninhas bem finas, mas contava com um peito robusto e uma voz profunda e marcante. Era o tipo de voz que Janey poderia ouvir para sempre). — Ser um produtor de cinema bem-sucedido é melhor do que ser presidente — ele disse, torcendo a ponta do charuto nos lábios. — Você tem mais impacto sobre a vida das

pessoas e, ora, ora, se diverte muitíssimo mais. — Piscou para ela com olhar matreiro.

— Seu levado!-Janey reclamou, atirando-se sobre ele.

Comstock agarrou-a e girou seu corpo, beijando-a no rosto.

— Quem é levado? — perguntou. — Quem é o levado aqui? — Seu charuto caiu no chão enquanto ele dava palmadas no traseiro de Janey.

Na maior parte das vezes, entretanto, os dois tinham discussões sérias sobre a vida, com "V" maiúsculo. Janey adorava aquelas noites em que ele aparecia na sua casa por volta da meia-noite, depois de ter estado em algum jantar de negócios. Durante a noite, em alguma festa idiota numa loja, Janey recebia uma mensagem dele.

— Gata, Gatinha. Aqui é o Lobo Mau, ligando para bufar e derrubar sua porta com meus sopros, ei, ei, sua porta dos fundos! Vejo você mais tarde? — E Janey se desculpava a fim de correr para casa e recebê-lo de lingerie. — Sou o cara mais sortudo do mundo ou o quê? — ele comentava.

— Você não entende nada a respeito de contos de fadas. — Janey riu achando graça. — Foram os três porquinhos que tiveram a porta derrubada a sopradas.

Quase sempre acabavam fazendo sexo, mas não antes de terem conversado por umas duas horas. Sentavam-se junto à sua mesinha de centro, cheiravam pequenas quantidades de cocaína e bebiam vodca pura. Não fazia o gênero de Janey cheirar cocaína, mas desde que conhecera Comstock sentia-se como se estivesse descobrindo partes de si mesma que não sabia existirem. Ele a estava abrindo. Para a vida. Para o sexo. Para a realidade de suas próprias possibilidades. Era estonteante.

Conversavam sobre os filmes dele.

— O que você achou daquele? — Comstock perguntava repetidas vezes. — Qual é a sua opinião?

— Eu gosto do jeito como você não se acha esperto demais ou bom demais para falar com qualquer um — Janey comentava.

Comstock lhe contava sobre seu sucesso — como o havia imaginado, lutado por ele e finalmente o conquistara — e como era importante fazer alguma coisa que tivesse significado, não apenas para si mas para os outros também.

— Você é a única pessoa que me compreende — disse Janey. — Que não me despreza pelo que pretendo fazer ou pelo que penso.

— É importante que as pessoas se sintam livres ainda que não o sejam — retrucou ele.

Então ele se inclinou e enfiou a mão por baixo de sua blusa, beliscando seus

mamilos até ela pensar que ia gritar de agonia.

Comstock a observava, sua respiração ficando cada vez mais pesada.

E então ele a pegava por trás, abria suas nádegas e a penetrava.

— Foder você, foder você, foder você — repetia ele.

Por sorte ele era pequeno e, assim, não machucava muito.

Até a irmã dela ficou impressionada.

— Por que não me disse que conhecia Comstock Dibble? — reclamou, com gritos estridentes ao telefone, certa manhã no início do verão.

— Por que não perguntou? — Janey rebateu. Caía uma chuva fina, escurecendo lentamente a terra nas jardineiras de flores do lado de fora de sua janela.

— Puxa, Janey. Ele é apenas o homem que eu mais quero conhecer no mundo.

Janey não conseguiu se impedir de gozar este momento mais um pouco. — Por quê? — perguntou.

— Seria porque sou uma produtora? Porque quero fazer filmes para ele?

Janey caminhou um pouco pelo apartamento pequeno, afofando as almofadas no sofá.

— Mas eu achava que você era uma produtora de *televisão* — respondeu ela. — Não é... quero dizer, pelo que eu entendo essas duas coisas não são animais completamente diferentes?

— Puta merda, Janey. Você sabe que quero ser produtora de cinema *só* desde que eu tinha oito anos! — Patty berrou.

Janey sorriu, visualizando Patty rangendo os dentes de frustração, do jeito que fazia quando as duas eram crianças e brigavam, o que acontecia a cada minuto em que se encontravam juntas num quarto.

— É mesmo? — desdenhou Janey. — Para falar a verdade, eu não sabia disso.

— Pelo amor de Deus, Janey. Eu venho sentando o rabo no trabalho há cinco anos. Preciso de um tempo. Tenho tentado conhecer Comstock Dibble faz sé-cu-los... Janey — implorou — se você dissesse a ele que sou sua *irmã...*

Janey entrou em seu banheiro minúsculo e se olhou no espelho.

— Não me importo de apresentar você mas, para falar a verdade, ele já está me ajudando.

— Ajudando você?

— Estou escrevendo um roteiro para ele.

Fez-se silêncio.

— Você não é a única inteligente da família — disse Janey em tom perverso.

— Acho que isso é... impressionante — Patty retrucou.

Estava falando com outra pessoa na sala. — Ei, Digger — chamou. -Janey está escrevendo um roteiro para Comstock Dibble.

Digger entrou na linha.

— Janey? — disse. — Isso é muito legal.

— Obrigada — respondeu Janey com ar afetado.

— Ei — propôs ele. — Por que não vem até nossa casa para jantar?

— Estou nos Hamptons — Janey respondeu com paciência.

— Nós também. Conseguimos uma casa aqui. Como é o nome desse lugar onde a gente tem a casa? — gritou para Patty.

— Sagaponack — Patty berrou de volta.

— Sagaponack — repetiu Digger, — Merda, quem é que agüenta com esses nomes índios?

Janey estremeceu. Sagaponack era simplesmente sua área favorita nos Hamptons. Como é que Patty tinha conseguido uma casa em Sagaponack?

— Venha nesse sábado — disse ele. — Vou estar com os caras da banda hospedados aqui. Ah, e, quer dizer, se você fizer mesmo esse negócio com o Comstock, deveria pensar em chamar Patty para produtora. E traga Comstock no sábado à noite também.

— Vou tentar — disse Janey. Deveria ter ficado furiosa, mas estava, na verdade, contente.

Janey escreveu 25 páginas, depois trinta, e 33. Escrevia de manhã e à tarde, por volta de uma hora, pulava na bicicleta e pedalava até a praia. Sabia que produzia uma bela imagem, correndo na bicicleta pelas ruas margeadas de árvores com os cabelos louros voando atrás dela e a cestinha presa na frente repleta de livros e loção bronzeadora. Certa tarde encontrou com Bill Westacott. Ele estava de pé no meio da praia, parecendo perturbado mas, de certa forma, este era seu estado normal. Janey tentou evitá-lo, mas ele a avistou mesmo assim.

— Janey! — chamou. Ela parou e se voltou. Meu Deus, ele *era* bonito. Estava usando um calção molhado, amarrado na altura da cintura; não havia dúvida de que mantinha o corpo em forma. Tinha se comportado de maneira idiota no verão anterior mas, por outro lado, era um roteirista. E bem-sucedido. Poderia ser útil em algum momento.

— Oi — respondeu Janey.

Ele se aproximou, parecendo acanhado.

— Eu deveria ter ligado para você. Depois do último verão. Mas não tinha o seu número e não queria pedi-lo a Redmond... telefonei para o número de informações, mas você não estava na lista...

— Como vai Redmond? — perguntou Janey.

— Mal fala comigo, mas tudo bem. Já passamos por situações como essas antes. Por causa de mulheres. — Chegou mais perto e Janey sentiu o calor entre eles.

— Como vai sua mulher? — perguntou ela, balançando os cabelos sobre os ombros. — Ela vai superar?

— Ela não superou ao longo da porra desses quinze anos. E desconfio de que não vá superar nunca no futuro. Eu podia ser a porra de um monge que mesmo assim ela não ia superar.

— Isso é péssimo — comentou Janey.

— Janey — chamou ele.

— Sim?

— Eu... eu não parei de pensar em você, sabia?

— Ah, Bill. — Janey riu. — Pois eu definitivamente parei de pensar em você. — Começou a se virar para ir embora, mas ele agarrou seu braço.

— Janey, não. Não faça isso, tá legal? Eu derramo meu coração e você só faz pisoteá-lo. O que é que há com vocês mulheres? Querem que a gente se apaixone por vocês e quando isso acontece vocês nos dão um bico nas fuças e não param de chutar.

— Bill — retrucou Janey com paciência. — Não estou lhe dando um bico nas fuças. Você é casado, lembra? E sua mulher é louca.

— Não me torture — resmungou ele. — Onde você está hospedada?

— Peguei uma casa só para mim. Em Bridgehampton.

— Preciso ver você. Em sua casa.

— Não seja ridículo — disse Janey, rindo e se afastando.

— Você não pode vir. Estou namorando.

— Quem?

— Uma pessoa famosa.

— Eu te odeio, Janey — disse Bill.

Ela finalmente concordou em encontrá-lo mais tarde, no bar de Bridgehampton. Quando Janey apareceu ele estava lá, esperando. Parecia ter acabado de sair do banho e vestia uma camisa gasta, de oxford amarelo, e calça cáqui. Droga, ele era bonito. Estava conversando com o barman.

Janey deslizou para o tamborete ao lado dele.

— Oiê — Bill beijou-a de leve na boca. Acendeu um cigarro e apresentou-a ao barman.

— Então. O que você faz?

— Sou escritora — respondeu ela.

— Pfff! Escritora — soltou Bill, engasgando com sua bebida.

— Sou mesmo — afirmou Janey, virando-se para ele com ar acusador. — Estou escrevendo um roteiro de cinema.

— Para quem?

Janey sorriu. Vinha esperando por esse momento.

— Ah, apenas para Comstock Dibble.

Bill pareceu aliviado.

— Comstock Dibble? Ele contrata qualquer um para escrever roteiros.

— Nada disso -Janey assegurou, em tom brincalhão.

— É verdade — afirmou ele. — Soube que uma vez contratou seu próprio porteiro. Infelizmente não funcionou. Nunca dá certo com amadores.

— Você está com ciúmes — resmungou Janey. Adorava o modo como Bill a fazia se sentir uma garotinha. — Provavelmente achou que eu era apenas uma modelo burra. Já escrevi 33 páginas!

— Ele está lhe pagando?

— O que é que você acha? — Janey rebateu.

— Aposto que ele também é seu amante — Bill comentou com ar sonso, cutucando-a entre as costelas.

— Ele não é meu amante.

— Não?

— Bem... — respondeu Janey. — Vamos colocar as coisas da seguinte forma. Se ele fosse meu amante, seria meu namorado.

— Não, ele não seria — assegurou Bill.

— Por que não? — quis saber Janey.

— Porque ele é casado — declarou Bill.

— Não é!

— É!

— Ele *não* é casado — Janey garantiu. — Eu saberia.

— Ei, Jake — Bill chamou o barman. — Comstock Dibble não é casado?

— Sei lá.

— Já o viu aqui com alguém?

— Só com aquela socialite... Como é o nome dela?... Aquela com cara de cavalo.

— Viu? — Janey exultou.

— Ele é casado — Bill insistiu. — Com a socialite de cara de cavalo. Ele a mantém numa cocheira e só a deixa sair em ocasiões especiais, quando ela precisa competir com outras socialites eqüinas. E o grande prêmio é... um milhão para as obras de caridade! Eia!

— Ah, Bill — lamentou ela.

Deixou que a acompanhasse até em casa e permitiu que a beijasse no alpendre. Esperava que Comstock não aparecesse com o carro naquele momento, e isso era improvável, já que ele só vinha aos Hamptons nos fins de semana.

— Vá embora — mandou, depois de algum tempo.

— Janey — pediu ele, lambuzando seu rosto com beijos. — Por que não posso ser seu amante de novo? Se você consegue dormir com Comstock Dibble, com toda certeza pode dormir comigo.

— Quem disse que estou dormindo com Comstock Dibble?

— Ele é tão feio.

— Para falar a verdade, ele é o homem mais sexy que eu jamais conheci em toda a minha vida, mas você não tem nenhuma necessidade de saber disso.

— Nunca vou entender vocês mulheres.

— Adeus, Bill — despediu-se Janey.

— Quero ver você outra vez — ele gemeu.

Ela cutucou-o no peito com o dedo indicador.

— Só se você me ajudar com meu roteiro.

— Sobre o que é?

Ela se virou de costas para entrar na casa.

— Sobre o que você acha que é? — perguntou por cima dos ombros.

— Não sei!

— Sobre mim!

Janey fechou a porta de tela e desabou no sofá. Deu uma gargalhada. Pegou o telefone e deixou uma mensagem sensual para Comstock.

Aquele ia ser o melhor verão de todos os tempos.

VII

No fim de semana do Quatro de Julho, Patty anunciou que ela e Digger iam se casar. Os jornais se fartaram com a notícia. Em Parsonage Lane, onde ficava a casa de Patty, Janey sentou-se na cozinha à moda antiga de Patty, olhando cuidadosamente os recortes e tentando não morrer de inveja. Patty e Digger haviam sido imediatamente proclamados "O Novíssimo Casal" do Milênio. Eles eram bonitos (aquilo na verdade melhorava bastante a parte de Digger, Janey pensou), criativos, bem-sucedidos e ricos. Eles não eram originários da "sociedade" convencional. E tinham menos de trinta anos.

— Veja isso — Janey disse, virando as páginas da seção de estilo do *New York Times,* que publicou uma reportagem de duas páginas (com fotos coloridas) sobre Patty e Digger, suas carreiras, seu estilo de vida, as pessoas com quem eles saíam e onde iam. — Dá até para pensar que eles nunca ouviram falar de ninguém que estivesse se casando antes.

— Que loucura, né? — disse Patty. — Ainda mais Digger sendo tão idiota. — Ela olhou carinhosamente para Digger pela janela. Ele estava medindo os passos em torno da piscina, usando óculos escuros e o que parecia ser um pano de prato enrolado na cintura. Como sempre, estava falando no celular e fumando cigarros sem filtro. Parecia, Janey pensou, que ele tinha herpes, embora ela jamais tivesse realmente visto uma ferida. Ele normalmente tinha restos de tabaco em seus dentes, de qualquer forma. — Quero dizer — continuou ela -, ele nem sabe nadar.

— Não? — disse Janey, pensando, que desperdício. De fato, ela não podia deixar de pensar que toda aquela casa era um desperdício em se tratando de Digger, que, ela descobrira, havia crescido numa pequena casa de fazenda em Des Moines, Iowa. A cada vez que ela pedalava até a casa quase desmaiava de inveja. Como Patty tinha conseguido fazer tudo direitinho enquanto ela ainda estava batalhando? A casa de Patty era uma das mais lindas em Sagaponack — uma grande casa de campo com um telhado de madeira que caía preguiçosamente, alas encantadoras, uma grande piscina de *gunnit*[{2}] e um enorme gramado verde que ia dar num jardim de flores do campo.

— Pois é — disse Patty. — Você sabe, o melhor amigo dele se afogou num poço quando ele era criança. O nome de seu primeiro disco é uma homenagem a ele. Você se lembra de *Dead Blue Best Friend?*[{3}]

— E aí? — disse Digger, entrando na cozinha. Ele se abaixou e enroscou seus braços magros em torno de Patty; depois enfiou a língua na orelha dela. — Eu tenho a melhor gata do mundo, não tenho? — ele perguntou a Janey e Patty riu e o empurrou. Ele apontou um longo e ossudo dedo indicador para ela. — Espere só até nossa noite

de núpcias, b-a-a-a-by — disse ele.

— Vocês ainda não transaram? -Janey perguntou com hipocrisia. Isso estimulou Digger a fazer um movimento sexual com seus quadris, o que era muito nojento, já que ele tinha uma dessas barrigas que parecem conter um melãozinho, tipo aquelas crianças famintas da África. Depois ele pegou uma cerveja na geladeira.

— Você não acha que é meio... esquisito... o fato de você e Digger terem origens tão diferentes? — perguntou Janey, depois que ele saiu.

— Não — disse Patty. — Além do mais, nós não temos. Ambos somos de classe média.

— Patty — Janey disse pacientemente — Digger é *White trash*[4], Quer dizer, só esse nome: *Digger.*

— Ele inventou — disse Patty.

— Por que alguém ia *inventar* um nome como Digger?

Patty levantou os olhos da lista que estava fazendo.

— Ele costumava cavucar[5] muito no lixo quando era criança. — Ela mastigou a ponta da caneta. — De qualquer forma, quem é que liga pra isso? Ele é um gênio e é a voz da nossa geração.

— Patty — perguntou Janey. — Alguma coisa ruim já aconteceu com você?

— Bem — respondeu ela -, teve aquela vez em que você foi ao concerto do Mick Jagger quando tinha dezesseis anos e não voltou para casa a noite toda e mamãe e papai me fizeram um interrogatório de três horas, mas além disso, não.

— Foi O que pensei. — disse Janey.

— Eu achava você tão bacana naquela época — disse Patty. — Eu queria ser exatamente como você.

Janey havia recomeçado a se encontrar com Bill Westacott. Ela prometera a si mesma que não o faria, mas fora uma promessa sem sentido. Imaginava como é que podia ficar com Bill quando estava apaixonada por Comstock e justificava aquilo dizendo a si mesma que os dois homens a agradavam de maneiras diferentes. Comstock acreditava que ela podia fazer qualquer coisa, enquanto Bill parecia surpreso com o fato de ela poder realmente fazer alguma coisa — o que era, por si só, uma espécie de triunfo. Comstock perguntaria a ela quantas páginas havia escrito e a encorajaria a escrever mais; com Bill, ela diria a ele quantas páginas havia escrito para provocá-lo. Ele havia sido tão arrogante quando o conhecera que ela adorava

colocá-lo para baixo e mostrar que realmente ele não era melhor (se não fosse pior) do que ela.

— Veja, Bill — disse ela. — Sou exatamente igual a você. Vou ganhar um milhão de dólares e comprar uma casa enorme.

— Malditas mulheres! — Bill disse furiosamente, sentado na cama dela com seu short de boxe, fumando um baseado e deitado de costas para mostrar seu abdômen tipo tanque-de-lavar-roupas. — Vocês todas pensam que são tão boas quanto os homens. Vocês acham que merecem tudo o que os homens têm, mas que devem receber isso sem trabalhar. Deus do céu, Janey. Você sabe há quanto tempo eu escrevo?

— Vinte anos?

— Exatamente isso, porra. Vinte anos de uma porra de um trabalho pesado. E depois de quinze anos eles talvez parem de te jogar para escanteio e comecem a te levar a sério.

— Você está dizendo que eu nem deveria tentar só porque não escrevo há quinze anos.

— Não. Não estou dizendo isso. Por que você não escuta, porra? Estou dizendo que, se você acha mesmo que vai fazer isso e acha que vai ser um sucesso, você está fora de si, porra.

— Você está com ciúmes — disse ela. — Você não pode suportar o fato de que eu poderia fazer isso e ser um sucesso. Porque aí onde é que isso te deixaria, Bill?

Eles ficavam se provocando assim quase todas as vezes em que se viam, mas um dia a discussão saiu do controle.

— Janey — disse Bill. — Por que porra você quer escrever um roteiro? É um trabalho impossível e, mesmo se você for bem-sucedida, vai acabar ganhando muito menos dinheiro do que pensa, porque tudo vai se dissipar em cinco anos.

— Não preciso escutar isso — respondeu Janey.

— Ah, não? Bem, você precisa sim. Porque você vem escutando um monte de besteiras de Comstock Dibble. Deus do céu, Janey. Esse cara só quer te comer. Você é uma garota esperta, ou pelo menos finge que é. Você sabe que os homens dizem qualquer coisa para dar uma metida.

— Ele não precisa fazer isso.

— Ah. Então você treparia com ele de qualquer maneira? Quem você está enganando, Janey? Nós dois sabemos quem você é. Ele pagou essa casa?

— Ele está apaixonado por mim.

Bill puxou fundo o baseado.

— Janey — disse ele, segurando a fumaça nos pulmões e depois soltando. — Comstock Dibble é um dos homens mais cruéis da indústria do cinema. Ele é incrivelmente encantador, até conseguir o que quer. Quando ele terminar com você, vai largá-la tão rápido que você não vai saber o que foi que a atingiu. Você vai olhar em volta e todas as portas estarão fechadas e trancadas atrás de você. Entendeu?

— Não acredito em você — disse Janey. — Estou cheia de ouvir esse tipo de merda das pessoas. Você só está com ciúmes porque ele é mais bem-sucedido do que você.

— Conheço atrizes que dormiram com ele. Atrizes bonitas. Você acha que você é a única que quer dormir com ele? Você acha que está fazendo um favor a ele só porque ele é feio? Vou te dar uma pista. Ele come o seu rabo? E só o seu rabo? Porque é isso o que ele faz. Assim não há risco de ninguém engravidar.

Janey ficou muda.

— Muito atencioso, né? — disse Bill. — Se há alguma coisa que uma velha mão-de-obra de Hollywood sabe é como evitar essas situações problemáticas que a gente chama de vida.

— Saia daqui — pediu Janey suavemente.

— Estou indo — falou se levantando e vestindo a camiseta. — Já disse minha fala.

— Sabia que não devia ter falado com você na praia naquele dia.

— É verdade. Provavelmente não devia mesmo.

— Você quer destruir os sonhos de todo mundo só porque o seu próprio foi destruído.

— Ah, Janey — ele disse tristemente. — De onde você tira esse tipo de bosta sentimental?

— Estou só tentando fazer algo da minha vida!

— Então faça. Mas pelo menos seja honesta. Candidate-se a um dia de trabalho honesto e pegue o seu bocado, como todo mundo. — Ele saiu e bateu a porta de tela atrás dele. Depois voltou. — Você está certa em uma coisa — ele gritou através da tela. — Nós somos parecidos. Ambos somos patéticos!

Eles não se falaram por uma semana, mas aí se esbarraram na praia novamente. Fingiram que nada acontecera, mas parecia que uma nuvem havia descido sobre o

verão. Todos os dias fazia mais de trinta graus. A pequena cabana estava sufocante e os quartos no sótão ficavam inabitáveis à noite, então Janey tinha passado a dormir direto no sofá. Ela tentava escrever de manhã, mas descobriu, depois de 38 páginas, que não conseguia ir adiante. Ela havia chegado à parte onde "a garota" (como Janey começara a pensar na personagem principal) está no set de filmagem no primeiro dia e o diretor entra em seu trailer e a culpa de dar um trabalho desgraçado a ele. A história era para ser sobre sua vida de modelo e atriz e os esforços que fizera para ser levada a sério como pessoa, mas parecia não ter sentido. Onde terminaria? Todo mundo dizia que você precisava trepar em Hollywood para subir na vida. Por que ela acreditara naquilo? Não a ajudara em nada. Mas uma vez que você tivesse feito isso uma ou duas vezes, perdia a vergonha de ter de fazer de novo.

Ou pelo menos era o que você pensava.

Um estranho incidente aconteceu. Ela estava no mercado King Kullen quando identificou Helen Westacott no corredor dos temperos. Janey passou rapidamente, com a cabeça baixa, esperando que Helen não a visse, mas quando olhou para trás Helen a estava encarando com uma expressão estranha, criminosa, em seu rostinho. Janey ficou achando que via Helen pelo canto dos olhos — em frente aos refrigerantes, na bancada de carnes, próxima às pastas de dentes; mas toda vez que olhava, Helen não estava lá. Janey fez suas compras rapidamente, apanhando os poucos itens que viera buscar e, quando estava no caixa, seu carrinho levou uma leve batida por trás.

Janey olhou. Helen estava atrás dela, as mãos num carrinho, os dois filhos perto dela. Helen não disse nada, apenas olhou. Os dois garotos, que eram bonitos e de cabelos pretos, com grandes olhos castanhos, a observaram com curiosidade. Janey deu a Helen um meio sorriso e notou horrorizada que o carrinho dela estava vazio. Helen a seguiu pelo estacionamento. Janey quis correr, mas imaginou que isso faria Helen ficar muito satisfeita.

Então Helen se desviou e entrou em seu carro.

Janey foi a festas, mas as pessoas eram sempre as mesmas e ninguém tinha mais assunto com ninguém. Perguntaram a ela sobre seu roteiro.

— Escrevi mais cinco páginas — ela mentia. E ficava muito bêbada.

Comstock partiu para ficar no iate de alguma estrela de cinema nas Ilhas Gregas. Janey estava esperando que ele a convidasse para ir com ele, mas quando ela mencionou o assunto tudo o que ele disse foi "eu já consegui uma casa para você". Esse não era um bom sinal. Então ela perguntou a ele se poderiam fazer sexo da maneira convencional e ele disse que não estava conseguindo ficar de pau duro. Esse também não era um bom sinal. Ele prometeu que voltaria em três semanas, a tempo para o casamento de Patty no fim de semana do Dia do Trabalho.

— Só estou tentando ser seu amigo — disse Bill. — Você sabe o quanto isso é importante para mim?

Parecia que o verão não acabaria nunca.

VIII

— Ok, todo mundo! Lembrem-se, no fim do dia, é só mais uma festa. — O mestre-de-cerimônias do casamento, um rapaz magro com cabelos negros rebeldes, bateu palmas. — Todos sabemos nossos lugares? Patty, sei que você sabe o que fazer.Alguma outra pergunta?

A mãe de Janey, Monique, levantou a mão.

— Sim, senhora Wilcox? — disse o rapaz, fingindo paciência.

— Não queeero andar descalça. Queeero usar meus sapatos.

— Senhora Wilcox— disse o rapaz, como se estivesse explicando a uma criança -, nós todos decidimos que ninguém vai usar sapatos. É um casamento descalço. Isso está escrito no convite.

— Mas os pés. Eles são tão feios.

— Tenho certeza de que seus pés são lindos, senhora Wilcox, assim como todo o resto da senhora. — O rapaz fez uma pausa por um momento, olhando em torno do aposento.

— Este é o acontecimento social da temporada, pessoal. Então vamos torná-lo *deslumbrante!*

Houve uma salva de palmas. Janey olhou para sua mãe. Ela estava tão mandona e centralizadora como sempre. Quase desde o momento em que Monique chegara para o casamento, dois dias atrás, não fizera mais nada a não ser criar problemas, criticando os fornecedores, flertando com o cameraman (alguém estava fazendo um documentário sobre o Casamento da Vida Inteira) e aterrorizando a mãe de Digger, Pammy. A tal ponto que Pammy, uma mulher pequena de cabelos grisalhos com permanente, sotaque vulgar do Meio-Oeste e uma mala Samsonite cheia de tênis Keds, agora se recusava a sair de seu quarto.

— Janey — sua mãe dissera uma hora depois de chegar -, que *nonsense* foi esse que ouvi sobre você estar escrevendo alguma coisa? Patty é a inteligente. Você deve trabalhar como modelo e para encontrar um marido. Daqui a dois anos será muito tarde para ter filhos e aí você não vai conseguir encontrar um homem. Um homem não quer uma mulher que não possa parir seus filhos.

— Mamãe, não quero um marido — disse Janey com os dentes trincados.

— Vocês garotas são tão bobas — respondeu sua mãe, acendendo um cigarro (ela fumava um Virginia Slims atrás do outro). — Esse negócio de viver sem um homem não faz sentido. Daqui a cinco anos você vai estar muito, muito arrependida.

Olhe para a Patty. Ela está sendo muito esperta casando com esse Deegar. Ele é jovem e riiico. Você não tem nem um namorado.

— Bem, Patty sempre foi perfeita, mamãe — retrucou Janey amargamente.

— Não, ela não é perfeita. Mas é esperta. Ela sabe que tem que trabalhar na vida. Você é muito bonita, Janey. Mas mesmo sendo muito bonita é preciso trabalhar na vida.

— Mamãe, eu trabalho — disse Janey. — É por isso que estou escrevendo.

Sua mãe revirou os olhos, soltando fumaça pelas narinas. Seus cabelos estavam perfeitamente penteados, num capacete louro, e ela ainda usava batom rosa-claro. Era tão típico dela, Janey pensou. Ela estava sempre certa e sempre desprezava como ela, Janey, devia realmente se sentir; os sentimentos de Janey eram completamente irrelevantes, a menos que se encaixassem perfeitamente com os dela.

— Sua mãe é tãããão fantástica! — Swish Daily ficou dizendo. Ele havia desenhado os vestidos de Patty e Janey (Janey era a única dama de honra) e interrompera as férias na Riviera Italiana para estar ali.

— Minha mãe é muito antiquada — disse Janey secamente.

— Ah, não. Exatamente o contrário. Ela é absolutamente moderna — discordou Swish. — Tão chique. E tãããão anos 70. Toda vez que olho para ela tenho vontade de começar a cantar *Mrs. Robinson.*

O mestre-de-cerimônias do casamento levantou o braço e bateu no relógio de pulso.

— Quinze minutos até que os convidados comecem a chegar — disse. — Todos em seus lugares.

Parecia que todo mundo estava esperando há semanas pelo casamento de Patty. A lista de convidados incluía quatrocentas pessoas e era do tipo A, significando que as pessoas que estavam nela ou eram famosas ou tinham uma explicação ridícula depois de seu nome, tipo "editor-chefe de revista de moda" ou "arquiteto dos famosos". Janey não sabia se ria ou chorava. Nos últimos dez anos ela vinha galgando a escada social dos Hamptons, tentando ficar nas melhores casas e indo às melhores festas, e em uma estação Patty entrara em cena e flutuara sem esforço para o degrau mais alto. Ela e Digger sentiam uma indiferença genuína por aquilo, como se realmente não houvessem notado, o que casava com uma atitude descuidada de direito legítimo, como se fosse completamente natural — até inevitável — que eles se encontrassem nessa posição. Enquanto isso, Janey sentia como se estivesse mendigando as migalhas: permitindo ser a amante secreta que só era comida por trás para não engravidar e tentando começar uma nova carreira para a qual até ela, apesar de sua

arrogância, podia ver que não tinha a menor aptidão.

Como isso havia acontecido, ela se perguntou enquanto sorria e agradecia aos convidados, segurando delicadamente uma taça de champanhe entre os dedos polegar e indicador. Ela obviamente havia feito um movimento errado em algum lugar, mas onde? Por que ninguém a havia avisado?

— Janey! — chamou Peter, envolvendo-a em seus braços e tirando-a do chão. — Não a vi o verão inteiro. Você parece fantástica, como sempre. — Peter! Bem, claro que ele fora convidado, ele era advogado de Digger, — Andei pensando em você. Nós devíamos sair de novo.

— Devíamos — Janey falou, sem se comprometer.

— Ei, sabe que Gumdrop morreu?

— Ah, Peter. Sinto muito.

— É, bem, cachorros são como mulheres. Podem sempre ser substituídos — ele prosseguiu com um meio sorriso. Como ele era triste. Em dez anos, teria 55. O que aconteceria com ele então?

— Oi, Janey — disse Redmon.

— Redmon — respondeu Janey. Ela o beijou nas bochechas.

— Sinto muito sobre... sobre o último verão...

— O que sobre o último verão? — perguntou Redmon. — Só lembro que *eu* tive *ótimos* momentos.

— Bem, então eu também — disse Janey.

— Bem, bem, irmã da noiva. Espero que você não seja aquele caso de ser sempre a dama de honra, nunca a noiva.

— Zack!

— Passou um bom verão, morzinho?

— Ah, sim. E nem tive que espancar ninguém.

— Harold, meu querido. — Ela se abaixou e deu um abraço nele.

— Queria muito que esse fosse o seu dia, maluquinha. Talvez no ano que vem, hein?

— Talvez — disse Janey. Ela olhou por cima das pessoas. Uma enorme Mercedes com motorista estava se aproximando da entrada. O motorista saltou e abriu a porta. Comstock desceu, se esticou e olhou em torno. Então o motorista deu a volta para o outro lado. Ele deve ter trazido a estrela de cinema com ele, pensou Janey, mas quem

desceu foi uma mulher grande, de cabelos negros e cheios. Ela contornou alegremente a parte de trás do carro. Comstock pegou sua mão.

— Janey! Você está tão bonita! — disse Allison. Ela se inclinou. — Você viu Zack Manners? Ele parece horrível. Você deve estar muito feliz por não estar com ele. Ouvi dizer que ele foi parado por dirigir embriagado e foi pego enfiando um frasco de cocaína dentro da meia. Meias! No verão! Quando termina o aluguel de sua casa?

— Amanhã. — respondeu Janey. — Mas o proprietário disse que eu poderia ficar mais um dia.

— Oba. Vou visitar você — disse Allison.

— Claro — disse Janey. Ela observou pelo canto do olho Comstock se aproximando. Ela conhecia aquela mulher com quem ele estava... por que ele estava segurando a mão dela e sussurrando em seu ouvido ele parecia tão satisfeito consigo mesmo, e ela também oh, Deus ... ela era aquela socialite — aquela que tinha sido casada com aquele cara de Hollywood e depois com aquele cara que concorreu à presidência — mas ela era tão feia! Ela tinha cara de cavalo, dava para ver isso muito bem, embora usasse enormes óculos escuros, como se tivesse medo de ser reconhecida... Era conhecida por ser realmente horrível e realmente rica: o que ele estava fazendo com *ela?*

— Oi, Janey — ele a cumprimentou.

— Comstock — ela balbuciou.

— Gostaria de apresentar minha noiva. Morgan Binchely.

— Olá — disse Janey. Ela não conseguia desviar os olhos do rosto dele. Ela não o via há três semanas e pela primeira vez percebeu que por trás da feiúra havia crueldade. Seus olhos eram cruéis. Sem aqueles olhos cruéis, ele nunca teria conseguido superar sua feiúra. As pessoas o teriam diminuído ou tentado tirar vantagem. Ele sorriu, seus lábios cor-de-rosa se abrindo levemente para revelar a falha entre seus dentes. Sua expressão parecia desdenhar, dizendo *Quero ver.*

Tudo bem, ele veria.

— Essa é uma boa notícia — ela externou. — Quando vocês ficaram noivos?

— Na Grécia — Morgan respondeu. O sotaque em sua voz evocava escolas para moças de fino trato e cavalgadas em Connecticut. — Foi uma surpresa e tanto, devo dizer. — Ela agarrou sua propriedade pelo braço. — Nós estamos saindo só há, o que, seis meses?

— Isso — Comstock confirmou.

— *Mon Dieu!* Comstock Dibble? — disse a mãe de Janey, surgindo de repente a

seu lado. — Mas eu deveria fazer uma reverência. Você é um rei. Um rei do cinema!

— Esta é minha mãe, Monique — apresentou-a Janey.

— Vi todos os seus filmes — confessou sua mãe, dramaticamente colocando a mão no coração.

— Você é muito gentil — Comstock respondeu.

— Você é amigo de Janey? — sua mãe inquiriu, pendurando seu braço no de Janey.

— Janey está escrevendo uma coisa para mim.

— Sei — disse sua mãe, curiosa.

— Com licença — Janey adiantou-se.

— Janey! — Comstock chamou.

Janey se virou. Ela olhou para Comstock e sacudiu sua cabeça.

— Ih! Deixa ela — disse sua mãe. — Ela é sempre, como posso dizer, uma espécie de *mártir.*

Todos sorriram.

IX

— Agora eu gostaria de percorrer a sala e fazer com que todos se apresentem. E por favor digam algumas palavras sobre o motivo de estarem aqui. — O instrutor, um homem de cinqüenta anos, com um bigode e um casaco mal-ajambrado que parecia ter sido lavado a seco muitas vezes, acenou para uma mulher na primeira fila. — Por que não começamos com você? — perguntou.

— Bem — disse a mulher. — Sou Susan Fazzino e tenho 43 anos...

— Não precisamos de idades — repreendeu o instrutor.

— Tudo bem ... Sou casada e tive dois filhos, um garoto e uma garota, e era professora e estou procurando uma maneira de ganhar mais dinheiro. Com horário flexível.

— Muito bom — elogiou o instrutor. Mas se sua carreira de corretora imobiliária realmente decolar, você vai ter que trabalhar doze horas por dia.

— Oh! Eu não sabia disso.

Janey se recostou na cadeira e ficou batendo o lápis no caderno. Deus, isso era muito chato. Ela só estava no curso há dez minutos, mas sua mente já estava divagando...

— Sou Nelson Pavlak...

Bem, ela achava que tinha tido sorte por ter saído da situação tão facilmente.

— Janey — Comstock dissera. Ele realmente tivera a coragem de passar em sua casa na tarde seguinte, no caminho de volta para a cidade, enquanto ela estava empacotando suas coisas. — Nada tem que mudar só porque vou me casar. Podemos continuar. Morgan me conhece. Ela sabe que não vou ser fiel a ela. Ela só não quer que aconteça na frente dela.

— Por que alguém se casaria com um homem que ela sabe que vai traí-la? — disse Janey cruelmente. — Ela deve estar bem desesperada.

— Ela é européia — ele revelou, abrindo um charuto. E então: — Deus do céu, Janey. Não seja tão convencional. Isso é tão chato.

— Você só come ela por trás também? -Janey perguntou, dobrando toalhas.

— Na verdade, não. Estamos tentando ter um filho...

-— ...Sou Nancy McKnight. E sempre quis ser uma verdadeira corretora de imóveis...!

— ...Todo mundo sabe por que ele vai se casar com ela — Allison garantira. — E não é por amor. Ela tem dinheiro. E status. Isso ela tem. Mas será que ela não entende que ele a está usando? Alguém deveria alertá-la. Cruz-credo. Ela deve ter uns 45 anos. Foi casada duas vezes. A gente fica achando que já era para ter aprendido alguma coisa.

— Ela é o que ele quer — Janey opinou. Ela ficou surpresa com o quanto se sentiu diminuída, considerando que havia pensado que estava loucamente apaixonada por ele.

— Claro — Allison disse, servindo-se da última taça do vinho de Janey. — Pense nisso. Não importa quanto dinheiro ele tem, ou sucesso, ou poder. Quero dizer, quem se importa se ele *é* o dono de uma empresa de cinema e se exibe por aí com atores? A única coisa que ele não poderia ter era a Quinta Avenida. Que condomínio — perguntou ela — o aceitaria?

— Agora todos vão deixar — respondeu Janey. Ela imaginou Comstock no saguão de um deslumbrante prédio de apartamentos da Quinta Avenida. Seu paletó estaria amarrotado e ele estaria suando, dando gorjetas de vinte dólares aos porteiros...

— ...E você? — perguntou o instrutor, apontando para Janey.

Janey pulou.

— Sou... Janey Wilcox. A modelo. Ou melhor, eu era modelo. Estou... tentando mudar minha vida. Então pensei que provavelmente poderia mudar de carreira também...

— Temos muita gente que muda de carreira para virar corretor imobiliário. Mas qual é a sua formação? Há muita matemática na profissão de corretor.

— Bem, tenho um ano e meio de universidade... e acho que era boa em matemática quando era criança.

Todos sorriram.

— Muito bem, Janey — disse o instrutor, cofiando o bigode. — Se você precisar de alguma ajuda, estou disponível.

Oh, Deus.

Janey foi andando para casa. Era setembro, ainda estava quente e claro. Ela levava os livros numa bolsa Gucci que Harold havia comprado para ela. Ele estava tentando tornar aquilo o mais sedutor possível, mas no fim das contas ela sabia que não faria a menor diferença. Seus dias se estenderiam à sua frente. Faltaria a eles um certo tempero, mas, apesar de tudo, não era assim a vida da maior parte das pessoas?

Muita gente se levantava todas as manhãs e ia trabalhar. Eles encontravam pessoas normais e iam ao cinema. Eles não iam a eventos black-tie, Eles não desfilavam em eventos de moda. Eles não saíam com autores mais vendidos ou bilionários ou poderosos do cinema. Eles não tinham seus nomes publicados nas colunas de fofocas, boas ou más, e principalmente não tinham casas de veraneio nos Hamptons. E sobreviviam.

Porra, provavelmente eles eram felizes.

Ela nunca seria feliz assim. Sabia que não conseguiria, assim como sabia que jamais terminaria o roteiro. Jamais voltaria ao escritório de Comstock e jogaria o original do roteiro terminado em sua mesa e diria "leia isso, seu imbecil!". Escreva o que você sabe, todos diziam. E talvez fosse burrice e talvez ela fosse uma perdedora, mas aquilo era o que sabia. Ela ainda podia lembrar a primeira vez que viera a Nova York, quando tinha dezesseis anos, para ser modelo. Sua mãe na verdade a deixara tomar o trem Amtrak de Springfield para NovaYork com seu irmão e pagara para que passassem a noite num hotel. O que era uma coisa muito estranha para sua mãe fazer, porque ela nunca fazia nada por Janey. Antes ou depois. Mas naquela única vez ela dissera sim, e Janey e seu irmão, Pete, haviam tomado o trem para a Penn Station, passando pelas pequenas vilas e cidadezinhas imundas do caminho, o cenário se tornando mais marrom e mais cheio de gente, mais industrial e mais assustador (mas Janey amara aquilo), até que passassem por um longo túnel e chegassem a Nova York. Cheirava a urina na época. Não era seguro. Ficaram no Howard Johnson, na Oitava Avenida, e as prostitutas e o barulho e os carros e os gritos os mantiveram acordados a noite toda. Mas Janey não ligou nem um pouco.

Na manhã seguinte, ela tomara seu primeiro táxi para a agência Ford Models. Era na East Sixtieth Street na época, numa estreita casa geminada vermelha. Ela subiu os degraus. Abriu a porta. A sala tinha carpete cinza e pôsteres de capas de revistas nas paredes. Ela esperou.

Então a própria Eileen Ford entrou. Ela era uma mulherzinha de cabelos grisalhos cacheados, mas Janey sabia que ela era Eileen Ford pelo seu jeito mandão. Estava usando sapatos marrons com saltos de dois centímetros e meio.

Ela examinou a sala. Havia outras quatro garotas. Ela olhou para Janey.

— Você — disse ela. — Venha comigo.

Janey seguiu-a até seu escritório.

— Qual é a sua altura? — perguntou Eileen Ford.

— Um e 78 — respondeu.

— Idade?

— Dezesseis — Janey sussurrou.

— Quero que você volte na segunda-feira ao meio-dia. Você pode vir?

— Sim — respondeu Janey sem ar.

— Me dê o número do seu telefone. Vou precisar pegar a autorização de seus pais.

— Vou ser modelo?

— Sim — Eileen Ford assentiu. — Acho que vai.

Janey saiu do escritório. Estava tremendo.

— Vou ser modelo! — ela queria gritar. Ela queria correr e saltar e pular. — Uma modelo! Modelo! Modelo!— E então, quando estava saindo, uma bela garota entrou, uma garota cujo rosto Janey reconheceu das capas de revistas e propagandas glamourosas. Janey conteve a respiração, observando-a. A garota estava usando uma jaqueta com enfeites de contas e jeans. Ela usava mocassins de camurça Gucci e estava carregando uma valise Louis Vuitton. Janey nunca havia visto uma criatura tão glamourosa.

— Olá, Bea — disse a garota à recepcionista. Ela tinha longos cabelos louros que caíam em ondas perfeitas sobre suas costas. — Vim pegar meu cheque. Era sexta-feira.

— Vai viajar no fim de semana? — perguntou Bea, a recepcionista, entregando a ela um envelope.

— Os Hamptons. Vou pegar o Jitney das onze e quinze.

— Bom fim de semana — Bea disse.

— Pra você também — respondeu a garota. Ela acenou.

Os Hamptons! Janey repetiu as palavras muitas e muitas vezes em sua cabeça. Ela nunca ouvira falar de lá. Mas certamente devia ser o lugar mais mágico do mundo.

Quando ela chegou em casa da aula, seu telefone estava tocando. Provavelmente era Harold. Ele prometera ligar, para saber como fora na "escola". Ela pegou o fone.

— Janey! — era seu *booker* na agência de modelos.— Estou tentando falar com você a tarde toda. Acabou de chegar o pedido. Victoria's Secret. Eles ligaram. Pediram especificamente você. Eles têm uma nova campanha. Eles querem que você faça um teste para ser uma das moças.

— Isso é legal — disse Janey.

— Escute só. Eles querem mulheres. Eles disseram mulheres. E não garotinhas magrelas. Então finja ter a sua idade. E Janey — disse ele, prevenindo-a. — Não estrague tudo. Se você estragar isso, prometo que sua carreira acaba.

Janey sorriu.

— Janey Wilcox?— a mulher perguntou, estendendo a mão. — Sou Mariah. Sou a diretora corporativa da Victoria's Secret.

— Prazer em conhecê-la — disse Janey. Elas apertaram-se as mãos. Mariah tinha longos cabelos escuros. Era bonita, por volta dos 35. Seu aperto de mão era firme. Havia centenas de mulheres como esta na indústria. Não eram atraentes o suficiente para serem modelos, mas queriam fazer algo "glamouroso" e se levavam um pouco a sério demais.

— Todos nós adoramos seu *book* — disse Mariah. — Queríamos conhecê-la.

— Obrigada — agradeceu. Ela seguiu Mariah para um estúdio amplo e aberto. Havia outras pessoas lá. Mesas. *Layouts.* Um homem com uma câmera de vídeo.

— Estamos procurando algumas moças especiais — disse Mariah, a ênfase em "especiais". — Não é suficiente ser bonita. Queremos moças que tenham personalidade. Que já tenham vivido um pouco. Queremos — disse ela, tomando fôlego para enfatizar — moças que possam ser modelos exemplares para nossos clientes.

Em outras palavras, Janey pensou, modelos espertas. Agora havia uma novidade. Ela assentiu. As outras pessoas se aproximaram.

— Você se importa de colocar uma lingerie? — eles sussurraram. Sempre tratavam você com luvas de pelica nessas entrevistas, para não serem acusados de assédio sexual.

— Você se importa de deitar naquela cama?

— Você se importa se filmarmos você?

— Não me importo. Posso ficar nua, se quiserem.

Mariah sorriu.

— Por sorte, aqui não é a *Playboy.*

Ah, mas praticamente é, pensou Janey.

Ela se deitou na cama. Ajeitou seu corpo magnífico, colocando a cabeça sobre as mãos.

— Fale um pouco sobre você, Janey.

— Bem — Janey começou, naquela voz suave que não ofendia. — Tenho 32 anos. Sou modelo há... dezesseis anos agora, acho, e sou atriz também, embora eu goste de dizer que venho sendo atriz todos os dias de minha vida. Sou muito independente. Nunca me casei. Acho que gosto de tomar conta de mim mesma. Mas é difícil, sabe? Sou modelo e, mais que isso, sou uma mulher solteira tentando fazer meu caminho na vida. Tenho meus altos e baixos como qualquer outra mulher. — Ela sorriu e se virou de costas.

— Tem dias em que me sinto feia. E dias em que me sinto gorda... como agora... e dias em que penso "será que jamais vou encontrar um cara de que realmente goste?". Eu tento bastante. No último verão, trabalhei num roteiro sobre minha vida.

— E o que você quer da vida, Janey?

— Não sei o que quero, mas sei que quero algo.

— E quais são os seus objetivos?

Janey sorriu e puxou os cabelos para trás. Ela se virou sobre o abdômen, levantando uma perna. Colocou a cabeça sobre as duas mãos. Sua expressão era séria, mas não tão séria. Ela olhou diretamente para a câmera.

— Acho que você poderia dizer... não sei onde estou indo. — Ela fez uma pausa de um segundo para causar efeito. — Mas sei que vou chegar a algum lugar.

— Brilhante — disseram.

Oito meses mais tarde.

Janey estacionou na entrada da casa em Daniel's Lane, em Sagaponack, no seu novo Porsche Boxster conversível. O carro era puro êxtase: pintura prateada com interior de couro vermelho, um pedido especial. Era um bônus do pessoal da Victoria's Secret. Não que eles tivessem que dar um a ela, já que ela tinha um contrato de dois milhões de dólares por quatro anos. Ele estipulava um máximo de cinqüenta dias de trabalho por ano, o que significava, como seu novo agente apontara, que ela teria tempo de sobra para fazer testes e até para atuar numa série de televisão ou num filme. Ela já fizera três testes para um filme de ação com uma grande estrela de cinema, e eles estavam "seriamente interessados".

Janey fechou cuidadosamente a porta do carro. Ela não queria arranhar a pintura. Agora mesmo sua irmã pedira para dirigir o carro e Janey dissera não. — Você tem dinheiro de sobra, Patty. Compre seu próprio carro — ela argumentara.

— Mas eu quero dirigir o *seu* carro — Patty choramingou, e parecia tão

queixosa.

Janey andou em direção à casa, rodando as chaves no dedo. Era uma casa diferente, com a cozinha e a sala (com lareira) no segundo andar e um grande deque, do qual você podia ver o mar. Havia cinco grandes dormitórios embaixo e, do lado de fora, uma charmosa cabana antiga, que poderia ser usada como um chalé de hóspedes separado ou um escritório.

— Você pretende ter muita companhia? — o corretor havia perguntado.

— Não — disse Janey. — Provavelmente vou usá-la para escrever um pouco. Estou trabalhando num roteiro, sabe.

— Verdade?— exclamou o corretor. — Sei que você está naquele anúncio da Victoria's Secret. Mas não sabia que era escritora. Bonita e inteligente. Que moça sortuda.

— Obrigada.

— Eu simplesmente adoro aquela sua fala no anúncio... Como é que é mesmo?

— Não sei onde estou indo, mas sei que vou chegar a algum lugar.

— É isso — o corretor disse. — Todos nos sentimos assim, no fim das contas, não é?

Janey abriu a porta da casa. Sua casa, ela pensou. Sua própria casa. Cheirava um pouco a mofo, mas todas as casas de veraneio cheiram a mofo no primeiro dia em que você as abre. Em uma hora, iria passar. Enquanto isso, ela nadaria um pouco.

Ela entrou no quarto principal e tirou suas roupas. O quarto tinha quase duzentos metros quadrados, com uma cama *kingsize* Califórnia e um banheiro de mármore que tinha uma Jacuzzi e sauna. A casa era terrivelmente cara, mas e daí? Ela podia se permitir aquilo.

Nada mau para uma mulher solteira.

Ela abriu a porta de vidro de correr e andou até a piscina. Era extraordinariamente grande. Dezoito metros. Ela foi até a borda da parte mais funda. Parou. Por um momento, desejou que Bill aparecesse. Que andasse pelo seu caminho ladrilhado, subisse os degraus e passasse pelo portão branco de madeira para a piscina.

— Janey — ele diria, envolveria seu corpo nu em seus braços, beijando seus cabelos, seu rosto... — Eu te amo — completaria. — Vou me separar da minha mulher e me casar com você.

Aquilo nunca aconteceria.

Janey enfiou seus dedos dos pés na água. Estava a trinta graus.

Perfeito.

Ela mergulhou.

DESTAQUES
(PARA ADULTOS)

I

OS DIEKES

Esta é uma história sobre duas pessoas com empregos. Duas pessoas com empregos muito, muito importantes. Duas pessoas muito, muito importantes com dois empregos muito, muito importantes, que são casadas uma com a outra e têm uma criança.

Conheça James e Winnie Dieke (pronuncia-se "deek", não "dyke"). O casal perfeito (ou na cabeça deles, pelo menos, o casal perfeito). Eles vivem num apartamento de cinco quartos no Upper West Side. Eles se formaram nas universidades Ivy League (ele, Harvard, e ela, Smith). Winnie tem 37 anos. James tem 42 (na cabeça deles, a diferença de idade perfeita entre um homem e uma mulher). Eles estão casados há mais ou menos sete anos. Suas vidas giram em torno de seus trabalhos (e sua criança). Eles adoram trabalhar. Seus trabalhos os mantêm ocupados e neuróticos. Seus trabalhos os separam das outras pessoas. Seus trabalhos (na cabeça deles, pelo menos) realmente os tornam superiores às outras pessoas.

Eles são jornalistas. Jornalistas sérios.

Winnie escreve uma coluna de política e estilo ("Isso é um paradoxo?", perguntou James, quando ela contou a ele pela primeira vez sobre o trabalho) para uma grande revista de notícias. James é um jornalista conhecido e altamente respeitado — ele escreve artigos de cinco mil a dez mil palavras para publicações como o *Times Magazine* dominical, *The New Republic* e *The New Yorker.*

James e Winnie concordam em quase tudo. Eles têm opiniões formadas.

— Há algo errado com pessoas que não têm opiniões inteligentes e bem-informadas sobre as coisas — Winnie disse a James quando se conheceram, numa festa num apartamento no Upper West Side, Todo mundo na festa era "do meio" e tinha menos de 35 anos. Muitas mulheres (como Winnie) estavam trabalhando em revistas femininas (assunto sobre o qual Winnie jamais fala agora). James havia acabado de ganhar um prêmio ASME por uma reportagem sobre pesca com moscas artificiais. Todo mundo sabia quem ele era. Ele era alto e magro, com cabelos cacheados louros e rebeldes e óculos (ainda é alto e magro, mas perdeu a maior parte de seus cabelos). Havia muitas garotas em torno dele.

Aqui estão algumas coisas nas quais eles concordam: eles odeiam qualquer um que não seja como eles. Eles odeiam qualquer um que seja saudável, bem-sucedido e magnata da comunicação (especialmente Donald Trump). Eles odeiam pessoas e coisas que estão na moda (embora James tenha acabado de comprar um par de óculos

escuros Dolce & Gabbanna). Eles odeiam TV; filmes de orçamentos milionários; todos os livros comerciais e mal-escritos que estão na lista de best sellers do *New York Times* (e as pessoas que os lêem); restaurantes de *fast-food;* armas; republicanos; grupos de jovens neonazistas; grupos religiosos direitistas antiaborto; manequins da moda (editores de moda); gordura de carne vermelha; cachorros pequenos e histéricos e seus donos.

Eles odeiam pessoas que usam drogas. Eles odeiam pessoas que bebem demais (a menos que seja um de seus amigos, e então eles reclamam amargamente sobre a pessoa mais tarde). Eles odeiam os Hamptons (mas alugam uma casa lá de qualquer forma, em Shelter Island, que, eles lembram a si mesmos, não fica *realmente* nos Hamptons). Eles acreditam nos pobres (não conhecem ninguém que seja pobre, exceto sua babá jamaicana, que não é exatamente pobre). Eles acreditam em escritores negros (conhecem dois, e Winnie está trabalhando para se tornarem amigos de um terceiro, que ela conheceu num congresso). Eles odeiam música e especialmente a MTV (mas Winnie às vezes assiste *Where are they now?,* na VH1, especialmente se o artista em questão for agora um viciado em drogas ou alcoólatra). Eles acham que a moda é imbecil (mas secretamente se identificam com as pessoas nos anúncios da Dewar). Eles acham que o mercado de ações é um engodo (mas James investe dez mil dólares por ano de qualquer forma, e confere suas ações todas as manhãs pela internet). Eles odeiam empresários de internet que subitamente valem centenas de milhões de dólares (mas Winnie secretamente deseja que James pudesse ir para a internet e de alguma maneira ganhasse centenas de milhões de dólares. Ela deseja que ele seja mais bem-sucedido. Muito mais bem-sucedido). Eles odeiam o que está acontecendo com o mundo. Eles não acreditam em nada grátis.

Eles acreditam, sim, em mulheres escritoras (pelo menos enquanto as mulheres não se tornarem muito bem-sucedidas ou ganharem muita atenção ou escreverem sobre coisas que os Díekes não aprovam — como sexo, a menos que seja sexo lésbico). James, que tem um medo secreto de homossexuais (ele tem medo de que possa ser um, porque é secretamente fascinado tanto pelo seu eu quanto pelo de Winnie), diz que é feminista, mas sempre desmerece mulheres que não são como Winnie (incluindo a irmã dela). Que não são sérias. Que não têm filhos. Que não são casadas. Winnie fica fisicamente doente quando vê uma mulher que ela considera ser uma piranha. Ou pior, uma prostituta.

Os Diekes não conhecem pessoas que vão a boates ou ficam na rua até tarde, ou fazem sexo (exceto a irmã de Winnie). Pessoas que ficam na rua até tarde não podem, pela definição deles, ser "sérias". Os Diekes levam o dia todo (e freqüentemente a noite também) para fazer seu trabalho. Então, eles já estão tão exaustos que podem apenas ir para casa, comer o jantar (preparado pela babá jamaicana) e ir dormir. (Winnie tem de se levantar às seis para ficar com sua criança e ir correr. A criança tem

quatro anos. Winnie espera que a criança em breve já possa correr com ela.) Em casa, eles estão bem-acomodados, são vaidosos e às vezes (quando não estão trabalhando) se sentam com pijamas macios de flanela, com sua criança. Winnie e a criança usam chinelos estofados em forma de animais. Winnie faz seus pés achinelados e estofados como animais falarem uns com os outros. A criança é doce, feliz e bonita, que nunca reclama. (Ele se enfia na cama com Winnie sempre que pode. Ele diz "mamãe, eu te amo".) Está aprendendo a ler. (Winnie e James sabem que ele é um gênio.)

— Mas ele é um garoto de verdade — Winnie sempre diz a seus amigos, que, como ela, são bem-ajustados, têm rendimentos acima de 150 mil por ano e também têm uma ou duas crianças. Winnie sempre se choca quando diz isso. Isso a faz ficar com um pouco de medo, porque ela não gosta de admitir que homens e mulheres são diferentes (se homens e mulheres são diferentes, onde é que ela fica?).

Winnie acredita (não, ela sabe) que é tão inteligente quanto James (mesmo que ela não tenha certeza de que ele jamais vá admitir isso) e tão boa jornalista quanto ele, e tão boa escritora também. Ela freqüentemente pensa que na verdade é melhor que ele (em todos os aspectos, não apenas no jornalismo), mas ele (sendo um homem) teve mais oportunidades. O estilo de James de escrever e o estilo dela de escrever (que ela adquiriu de James, que o adquiriu de outros escritores de seu gênero) não era difícil de aprender, uma vez que ela entendesse a motivação. Idem para seu estilo de conversação: pseudo-intelectual e desesperadamente brilhante ao mesmo tempo — "bri-intelectual". (Diga-me que sou inteligente — ou vou machucar você.)

Winnie é profundamente amarga e James é profundamente amargo, mas eles nunca falam sobre isso.

JAMES SENTE MEDO

James sente medo por causa de seu trabalho. Toda vez que ele termina um texto, sente medo de que não lhe dêem outro para fazer. Quando ele pega outra tarefa (sempre pega, mas isso não faz nenhuma diferença), sente medo de não cumprir o prazo. Quando cumpre o prazo, sente medo de que seu editor (ou editores — há sempre editores anônimos se ocultando em pequenos escritórios escuros nas revistas) não goste do texto. Quando eles gostam do texto, sente medo de que não seja publicado. Quando é publicado, sente medo de que ninguém o leia ou fale sobre ele e então todo o seu trabalho duro não terá servido para nada. Se as pessoas falam sobre ele (e elas não falam sempre, e nesse caso ele sente medo deque não seja um grande jornalista), sente medo de que não seja capaz de consegui-lo novamente.

James sente medo da internet. Deseja secretamente que ela nunca tivesse sido inventada. Assusta-o o fato de isso não ter acontecido dez anos atrás. Toda vez que

manda um e-mail (e nesses dias parece estar gastando mais e mais tempo mandando e-mails e menos tempo fazendo trabalho de verdade, mas todo mundo não está fazendo isso?), ele fica com medo de que vá para as pessoas erradas. Quando as pessoas certas o recebem, ele fica com medo de que elas o mandem para as pessoas erradas. James sabe que deveria mandar e-mails curtos e objetivos, mas algo acontece quando ele se conecta. Sente-se irritado e superior (ele se sente frustrado. Sabe que é mais inteligente do que muita gente na internet. Ele quer que eles saibam disso, e tem medo de que não saibam). Está convencido de que espiões da internet o estão observando. Sabe que seu número de cartão de crédito será roubado. Sabe que algum dia, provavelmente logo, todos os livros e revistas de verdade serão substituídos por livros e revistas da internet. Finge, com seus amigos, que isso não vai acontecer. Que os livros e revistas da internet apenas vão se somar ao que já existe. Ele sabe que não vão. Sabe que provavelmente isso significa que ficará desempregado.

Mas acima de tudo James sente medo de sua mulher. Winnie. Winnie não parece ter medo de nada, e isso o assusta. Quando Winnie devia ficar com medo — quando tem um prazo impossível de ser cumprido, ou não consegue fazer com que as pessoas cooperem nas entrevistas, ou acha que não está conseguindo realizar as tarefas que precisa — fica irritada. Liga para as pessoas e grita. Manda e-mails. Passa a maior parte de seu tempo no computador. Orgulha-se de seus e-mails. Eles são eficazes e hábeis, ao contrário dos de James, que são mal-escritos, mórbidos e muito introspectivos. Winnie agora às vezes o acusa de escrever demais. Marcha para dentro dos escritórios de seus editores e tem ataques histéricos.

— Espero que você não esteja querendo dizer que meu trabalho não é bom o suficiente — ela diz ameaçadoramente. — Porque eu já fiz um cazilhão (esta é uma de suas palavras preferidas, cazilhão) de matérias para você e *elas* eram boas o suficiente. Então se você não quer me dar a tarefa ... — deixa sua voz ir sumindo. Nunca diz as palavras: "discriminação sexual". Todo mundo tem um pouco de medo de Winnie e James tem medo de que um desses dias ela não consiga a tarefa ou seja demitida.

Mas sempre acaba conseguindo a tarefa. Então, nos jantares informais ("nosso salão", como eles o chamam), Winnie e James recebem em seu apartamento todas as terças-feiras à noite (eles convidam outros jornalistas sérios e discutem as implicações políticas de tudo, desde proteção para telefones celulares até celebridades com guarda-costas, passando pelo que aconteceu com jornalistas que deixaram revistas de verdade e foram para a internet — "Qualquer um pode escrever agora. Este é o problema. Qual é a vantagem de ser um escritor se qualquer um pode sê-lo?", diz James), e Winnie vai normalmente trazer à tona qualquer reportagem nova na qual esteja trabalhando. Todos vão ficar sentados na sala de estar, com pratos Limoges (Winnie acredita que deve servir os convidados sempre com a melhor

porcelana) em seus colos, e vão comer alface *iceberg* com saladas temperadas sem gordura e peitos de frango sem pele, e talvez um pouco de arroz (nenhuma das mulheres desse grupo é boa cozinheira ou liga muito para comida). Eles vão beber um pouco de vinho. Ninguém que eles conhecem bebe mais nada de alto teor alcoólico.

E então Winnie vai dizer algo como:

— Quero saber o que todo mundo pensa sobre violência juvenil. Estou escrevendo sobre isso esta semana. — Quando ela começou a fazer isso, dois anos atrás, James achou bonitinho. Mas agora ele fica de saco cheio (embora nunca demonstre). Por que ela está sempre perguntando a todo mundo o que eles pensam? E ele olha em torno da sala para ver se algum dos outros homens (maridos) estão compartilhando o mesmo sentimento.

Ele não sabe. Nunca sabe. Freqüentemente quer perguntar a esses outros maridos o que eles pensam de suas esposas. Têm medo delas também? Eles as odeiam? Eles alguma vez têm fantasias de empurrar suas esposas na cama e arrancar suas calcinhas e enfiar nos rabos delas? (James chegou a tentar algo assim no início com Winnie, mas ela lhe deu um tapa e ficou sem falar com ele durante três dias.)

Às vezes James pensa que Winnie tem medo de que *ele* vá se separar *dela.* Mas ela nunca diz que está com medo. Ao contrário, ela diz algo tipo:

— Somos casados há sete anos e temos um filho. Eu ficaria com metade de tudo, você sabe, se um dia a gente se divorciar. Seria terrivelmente difícil para você viver com metade do que nós temos e apenas com o seu salário, menos a pensão alimentícia do filho. (O que Winnie não sabe é que James tem mais medo de que *ela* o deixe, porque ela está certa: seria impossível para ele viver sem o salário dela. E ele não gostaria de deixar seu menino.)

James tenta não pensar muito sobre isso, porque quando realmente pensa sobre isso ele não se sente o homem do relacionamento. Quando não se sente o homem, pergunta o que Winnie perguntaria a ele se soubesse que ele estava se sentindo assim. Especificamente: O que significa "se sentir o homem", de qualquer maneira? Como "um homem" se sente? E já que não poderá nunca responder a essas questões, tem de concordar com Winnie — até pensar dessa maneira é *passé.*

Winnie contou a James essa história no seu segundo encontro: nos anos 70, ela fumou maconha (idade catorze), deixou os garotos apalparem-na em cima (e embaixo) aos dezesseis e perdeu sua virgindade no verão em que tinha dezessete, com um vizinho que tinha dezoito e era muito bem apessoado (ela teve uma queda por ele durante anos, mas ele nunca prestou atenção nela até a noite em que sentiu que ela o deixaria fazer sexo com ela. Winnie não contou a James esta parte). Depois que chegou, levou-a de carro a oitocentos metros de sua casa (transaram no porão da

casa dos pais dele, onde ele tinha uma cama montada). Ele não ficou impressionado com o fato de que ela estava indo para a Smith no outono e não ligou para o fato de ela ser a número três de sua escola (tolerável apenas porque os dois estudantes acima dela eram garotos). Ela aprendeu que, em certas situações, realização e inteligência não eram uma garantia contra ser maltratada, e jurou jamais passar por essa situação novamente.

O aniversário de Winnie está chegando e James está com medo.

"MALVADEZA"

Winnie tem uma irmã e um irmão. Todo mundo adora o irmão de Winnie. Ele se formou (onde mais?) na escola de cinema da Dela e acabou de terminar um importante documentário sobre escravas sexuais adolescentes na China. Ele o vendeu para o The Learning Channel. Ninguém está preocupado com ele. Todo mundo está preocupado com a irmã de Winnie, Evie ("Malvadeza"[{6}], como Winnie a chama algumas vezes), que é dois anos mais nova que Winnie. Oito verões atrás, Evie teve de ser internada na reabilitação. Hazelden. Desde então, ela mudou de idéia de seis em seis meses sobre o que quer fazer. Atriz. Paisagista. Cantora. Corretora de imóveis. Novelista. Diretora de cinema. Designer de moda. Agora ela quer ser jornalista. Como Winnie.

Na semana anterior, Evie apareceu numa festa muito importante, muito séria, de um jornalista que havia acabado de escrever um livro sobre um político de direita. (Ele era um jornalista do *New York Times* que escrevia um livro a cada cinco anos, mais ou menos. Seus livros são sempre bem criticados no *New York Times Book Review.* Isso é o que Winnie quer para James.) A blusa de Evie estava desabotoada até muito embaixo e ela estava mostrando os seios. Antigamente era óbvio que ela não tinha peitos, assim como Winnie, mas dois anos atrás seus seios cresceram misteriosamente. Winnie acha que ela tem implantes de silicone, mas nunca falam sobre isso. Evie foi direto até o importante jornalista e o manteve entretido numa conversa de maneira que ninguém pôde falar com ele. As outras mulheres estavam soltando fumaça. Ficaram em torno do prato de *crudité* mastigando palitos de cenoura. Reviravam os olhos e lançavam a Evie olhares maldosos. Mas elas não podiam "cuidar" de Evie da maneira que teriam feito normalmente, porque Evie era irmã de Winnie.

No dia seguinte, Winnie recebeu um telefonema de uma colega que descobrira que Evíe fora para o quarto de hotel do importante jornalista e passara a noite com ele.

— Winnie, só quero que você saiba que não vou julgar você pelo comportamento de sua irmã — disse ela. Então a própria Evie ligou.

— Acho que vou conseguir uma matéria no *New York Times* — ela berrou.

— Fique fora da minha vida — Winnie advertiu-a (suavemente). Então ela acrescentou (habilmente): — Por que você não tenta um emprego numa revista de moda, se você quer tanto ser jornalista?

— Ah, não — disse Evie. Ela engoliu fazendo barulho. Estava bebendo uma Diet Coke. Ela bebia cinco Diet Cokes por dia. (Apenas mais uma coisa em que era viciada, Winnie pensava.) — Vou mudar minha vida. Vou fazer muito sucesso. Exatamente como minha mana mais velha.

Evie é um desastre e às vezes James imagina se ele deveria ter se casado com ela.

James vê Evie o mínimo possível, mas todo ano ele pede a ela para ajudá-lo a comprar o presente de aniversário de Winnie. A princípio ele o fazia "como uma distração para Evie" (era bom para Evie passar seu tempo ao lado de um homem que não era viciado, imbecil ou um pária — e Winnie concordava). Mas aí ele se deu conta de que ela se sentia atraída por ele.

Ele liga para ela.

— Evie.

— E aí, mano? Você ouviu falar da minha noite com... — ela lembra, dando o nome do sério e importante jornalista.

— E eu posso conseguir minha primeira matéria. Com *New York Times.* Acho que é muito maravilhoso, não é?— Evie está sempre animadíssima e sempre age como se seu comportamento fosse o de uma pessoa normal e decente. (Ela está em estado de negação, pensa James.)

— É aniversário de Winnie — James lembra (ficando no controle da situação, indo direto ao ponto).

— Eu sei.

— Alguma sugestão? Acho que quero dar a ela algo da Barneys. Jóias.

— Não, Jimmy. Você não vai ter dinheiro para comprar jóias dignas de serem dadas a alguém. (Eis por que todo mundo odeia você, ele pensa.)

— Então o quê?

— Sandálias. Winnie precisa de um belo par de sandálias sensuais de saltos altos.

— Tudo bem — ele concorda, sabendo que aquelas sandálias sensuais de saltos altos são a última coisa que Winnie ia querer (ou precisar). Ele concorda em

encontrar Evie no departamento de sapatos da Bloomingdale's. Ele desliga o telefone e sente medo.

Então ele percebe que está de pau duro.

WINNIE ESTÁ PREOCUPADA

No dia do aniversário de 38 anos de Winnie Dieke, James Dieke acorda e sente medo. Winnie Dieke acorda e fica deprimida. Não que ela tenha qualquer motivo para ficar deprimida. Afinal de contas ela vem conquistando todos os seus estágios de qualificação: primeiro trabalho aos 22, primeira grande matéria para uma revista de prestígio aos 27, conhecer futuro marido aos 28, casar aos trinta, estabelecer-se como uma "jornalista séria" aos 31, apartamento financiado na mesma idade, grávida aos 32, sua própria coluna aos 34. Nas últimas semanas, Winnie vem passando muito tempo (tempo demais, que ela sabe que deveria passar pensando em outras coisas, como idéias) lembrando-se de tudo o que conquistou. Lembrando-se do quanto ela é esperta por não ser uma dessas mulheres solteiras desesperadas (como Evie). Mas algo está errado.

Winnie não quer admitir (ela nunca quer admitir que pode haver qualquer coisa errada em sua vida), mas essa coisa pode ser James. Ultimamente, tem ficado preocupada com James. Irritada, na verdade, mas preocupada é uma maneira bem melhor de ver as coisas. James não tem conseguido manter sua parte no trato. Já devia ter escrito um trabalho maior e mais importante agora (preferencialmente sobre política: tão fácil, considerando o clima político), o que teria elevado o status dela no mundo jornalístico como sua mulher (ela não adotou o último nome dele à toa). Se James tivesse escrito um livro importante e influente agora, eles teriam acesso a pessoas mais importantes e influentes. Eles *seriam* pessoas mais importantes e influentes. Mas, em vez disso, James continua escrevendo o mesmo tipo de matérias. E agonizando por causa delas. Agora James passa metade do tempo ligando para ela durante o dia e dizendo:

— Não consigo escrever. Estou paralisado. Bloqueado.

— Ah, por favor, James — ela vai dizer. — Eu tenho um cazilhão de coisas para fazer. Estou com o diretor de uma grande corporação na outra linha. Se você se sente bloqueado, vá ao supermercado e compre alguma coisa para o jantar. E certifique-se de que não há gordura nenhuma. — Então ela vai desligar. Deseja que ele simplesmente consiga fazer aquilo.

James está frustrado e Winnie está frustrada, mas não podem falar sobre isso.

Quando Winnie tenta, quando ela gentilmente sugere (da forma que os psicólogos sempre estão aconselhando você a fazer, pegar o momento "certo",

quando ambos estão re laxados) que talvez ele devesse realmente começar a trabalhar no projeto de um livro, ele se aborrece. Ele liga a TV e assiste a algum programa idiota e descerebrado como *Hercules.* Às vezes Winnie dá um ataque e desliga a TV. Às vezes ela simplesmente geme. Mas a discussão sempre termina com Winnie gritando:

— Tenho sempre que fazer tudo? Tenho que trabalhar e tomar conta do nosso filho (mesmo que na verdade ela não tome conta da criança — a babá faz a maior parte do trabalho e Winnie só passa uma hora com ele de manhã e duas horas à noite) e manter nossas carreiras no rumo certo? Tenho que nos tornar famosos?

— Já somos famosos — James grita de volta (pensando, você me dá nojo e por que me casei com você? Mas nunca tendo a coragem de dizer isso, porque Winnie provavelmente iria se separar dele e as pessoas descobririam).

— Somos tão famosos quanto seremos sempre, Winnie. O que mais quer que eu faça?

— Eu estou fazendo mais — Winnie diz, mais calma agora, porque não tem forças para gritar para sempre (mas, James pensa, ela tem força para gritar o suficiente). — Por que não nos mudamos para Washington?

— Não quero me mudar para Washington. Todos os meus editores estão aqui — argumenta James. E então ele liga a TV ou retoma o controle remoto de onde ele foi arremessado para uma cadeira e volta a assistir *Hercules.*

Winnie e James nunca contam a seus amigos sobre essas discussões. Nos fins de semana, quando estão passeando ou cuidando do jardim ou vendo antiguidades com seus amigos (todo mundo se empilha no carro de alguém e vai a um viveiro e compra plantas ou vai fuxicar as lojas em Connecticut Oeste), eles apresentam uma fachada unida: eles respeitam e admiram um ao outro, o trabalho um do outro e são os melhores amigos. Mesmo quando eles tiveram aquela horrenda discussão com seus amigos numa noite de sábado (todos concordaram na manhã seguinte que talvez tivessem consumido vinho tinto demais — quatro garrafas para oito pessoas — e juraram nunca deixar isso acontecer de novo) a respeito de que classe social eles eram antes e a que classe social pertenciam agora, todos continuaram bons amigos. E eles podiam não ter continuado. Enquanto a classe anterior de Winnie foi estabelecida sem qualquer dúvida ("um compêndio, praticamente", dissera James) — ela veio de uma família irlandesa próspera e crescera numa casa colonial de dez aposentos em vinte acres na Pennsylvania, onde seu pai era juiz -, a de James não foi. Seu pai tinha três lojas de lavagem a seco em Long Island. Lavagem a seco era definitivamente uma atividade colarinho-azul, mas ninguém conseguiu chegar a um acordo sobre se o fato de que ele "tinha três lojas" o elevava a colarinho-branco[{7}].

James sabe o que está errado em sua vida. No que escreve. Vem perdendo o rumo mais ou menos na mesma velocidade com que vem perdendo suas ereções.

Na manhã do aniversário de Winnie, James Dieke se levanta e fica com medo. Ele vai fazer algo com Winnie. Algo de que ela não vai gostar. E ele está excitado.

Ao meio-dia, James vai à Bloomingdale's para encontrar a irmã de Winnie. Quando entra no departamento de sapatos, nota que seu maior temor havia acontecido — Evie não está lá.

Ele fica no meio do departamento de sapatos, sem saber o que fazer. Todo mundo o está observando. Ele está à mostra (como um sapato). Ele pega um sapato e depois o solta. Um vendedor chega perto. Que tipo de homem é um vendedor num departamento de sapatos femininos? O homem pergunta se pode ajudá-lo. James diz:

— Não, estou esperando alguém. Minha mulher. É aniversário dela. — Por que ele mentiu ao vendedor? Por que ele dissera alguma coisa a ele? E se o homem (um estranho) descobrir que Evie não é sua mulher? Ele vai pensar que Evie é sua amante. E se Evie fosse sua amante? E se ele estivesse comendo secretamente a irmã de sua mulher? (Poderia acontecer. Evie dá para todo mundo, muda de namorado de duas em duas semanas, dorme com homens casados, dorme com homens que conhece nas aulas da Learning Annex[{8}], no AA, no bar do Met.) Quando Winnie está se sentindo generosa, ela diz que não devem julgar Evie, que Evie não pode ajudar a si mesma porque é viciada em sexo.

James anda em torno do departamento de sapatos. Pensa em ir embora, em dar uma lição em Evie, Consegue pensar em muitas lições que gostaria de dar em Evie, Mas ela pode aparecer a qualquer minuto. Senta-se.

Ele tenta parecer à vontade. Está ficando com raiva. Quando tinha quatro anos, uma vez se separou de sua mãe enquanto ela fazia compras na Bloomingdale's. Ele vagara pela seção de lingerie. Estava cheia de sutiãs bicudos e espartilhos pendurados em cabides acima de sua cabeça. Era como uma floresta, e ele circulara e circulara, pensando que ia encontrar sua mãe na próxima moita de Lycra (era Lycra que usavam na época, ou outra coisa?) Não encontrou. Sentou-se. Chorou. (Queria gritar). Ficou assustado, mais assustado do que jamais ficara em toda a sua vida, antes ou desde então. E com raiva. Achou que sua mãe o havia abandonado. De propósito. Não sabia o que fazer. (Ele era só um menino.)

— Olá, Jimmy. — Evie chega por trás dele e coloca as mãos sobre seus olhos. Ele não se mexe. (Ele não deve recompensá-la por seu comportamento inapropriado. Mas sente-se um bobo sentado no departamento de sapatos da Bloomingdale's com as mãos de uma mulher sexy sobre seus olhos.)

— Putz, Evie. Não tenho muito tempo. (Lembrando a ela com quem está

lidando.)

— Deadline? — Evie observa (espertamente, ele pensa).

— Estou sempre no deadline — ele comenta. — É uma questão de responsabilidade. Algo que você não conhece.

— Ih, valeu — diz Evie. Ela está um pouco pressionada, ele acha. Mas ele tem de pressioná-la. (Ele não pode deixá-la flertar com ele. Evie deve aprender algo sobre limites. Então talvez ela seja capaz de encontrar um homem, ficar com ele e se casar. Tornar-se um membro saudável da sociedade.)

— Vamos fazer isso rápido, então. — Ela se vira e sorri.

— Também tenho um deadline. Queria que fosse uma surpresa, uma surpresa maravilhosa para você e Winnie. Consegui a matéria para o *New York Times!* Oh, Jimmy, você vai ter que me ajudar. Vou ligar para você todos os dias pedindo conselhos. Você não se importa, não é?

— Como você conseguiria isso? — James pergunta. Ele quer ficar feliz por ela, mas não consegue. Evie não merece pegar uma matéria do *New York Times.* Ela jamais escreveu uma matéria antes em sua vida. Ele sente vontade de gritar (como ele sempre tem sentido vontade de gritar esses dias), *Para onde está indo* o *mundo?* — Bem, que bom para você — ele destaca.

Evie pega algumas sandálias. Todas sandálias de saltos altos. Sandálias trepem-comigo, como Winnie as chamaria. Ele observa enquanto os pés de Evie deslizam para dentro das sandálias. Ela tem belas pernas. Pernas incríveis, na verdade. Ela desfila o sapato, virando deste e daquele lado.

— Jimmy, realmente quero que você fique feliz por mim. Estou tentando. Tentando fazer alguma coisa da minha vida. Por que você e Winnie não podem me dar uma força? Pra variar.

— Nós damos.

Evie coloca a mão dela no ombro dele para se apoiar enquanto se abaixa para tirar o sapato. Ele não tira a mão dela. Ela olha para ele sugestivamente e, por uma vez, ele retribui o olhar sugestivamente. Se ela pode quebrar as regras, ele pensa, talvez possa também.

Ele passa quatro horas comprando sapatos com Evie. Vão à Barneys. Berdgorf's. Saks. Vão almoçar (Gino's). Ele bebe vinho e ele também (a princípio ele recusa, pedindo água mineral, mas, depois que Evie já consumiu sua primeira taça quase inteira, ele pede baixinho uma taça para si, sobre o ombro, como se ela pudesse não notar). Finalmente, decidem pelo par perfeito de sandálias para Winnie. Sandálias Manolo Blahniks. Custam quinhentos dólares. Ele paga alegremente. Ele e Evie se

separam na esquina.

— Ligo para você amanhã — diz ela. — Assim podemos discutir meu artigo.

— É uma matéria, Evie, Uma matéria. Não um artigo.

Ele anda. A pequena quantidade de álcool (e realmente foi apenas um pouco, apenas uma taça) está desaparecendo e ele se sente levemente enjoado, como algo que foi deixado do lado de fora, no mau tempo, por um grande período. O que ele fizera (ele fizera alguma coisa)? Pega um táxi. Pela primeira vez em seu casamento, deseja não ter de ir para casa. (Mas não consegue saber para onde gostaria de ir, se não fosse para casa.)

WINNIE OLHA EM VOLTA

Winnie ainda considera parte de seu trabalho ser a bonita do relacionamento. Ser bonita faz parte da tarefa de dominar o mundo. É parte de ser perfeita. (Não é o caso de ser linda. Mulheres lindas são auto-indulgentes. Mulheres lindas são burras porque não precisam tentar nada.) Ela tem um metro e 73 e pesa 56 quilos. Se ela deixar, se deixar seu corpo alcançar seu peso natural, ela provavelmente pesaria entre 58 e 61 quilos. Mas ela não deixaria. É uma questão de controle.

Winnie pensa muito sobre peso (provavelmente demais. Ela deveria pensar em coisas mais importantes, como idéias. Mas quem pode resistir?). Ela é totalmente, totalmente contra revistas femininas que usam modelos jovens e magras. É um de seus motivos de aborrecimento. (Ela escreveu uma série em dois capítulos sobre o tema, chamada "Pele e osso não é sexy", e mais tarde foi a dois noticiários na Tv, onde destruiu sua oponente, uma editora de moda de uma revista feminina.) Mas jamais gostaria de ser "gorda". (Sente-se mal quando vê amigas que ganharam peso. Sente-se superior. Mas apenas porque sabe que elas são infelizes.) Ela mantém seu peso sob controle, correndo em torno do lago no Central Park todos os dias da semana, de manhã, às sete (ela sabe que pode ser perigoso, mas seria mais perigoso ganhar peso). Ela se pesa depois. Examina seu corpo nu no espelho. Se vira de lado para ter certeza de que seu abdômen não está saliente e de que seus seios não estão caídos. Mas tudo está. Um pouco. É frustrante. Faz odiar a si mesma. Ela se lembra de que teve um filho, o que não ajuda muito. Se está um quilo acima do peso, cuida disso. Cuidar de si mesma faz parte de ser uma boa moça.

Às vezes, quando Winnie olha em volta (querendo dizer em seu escritório ou nos sites em que entra na internet) sente que é a única boa moça que resta no mundo. Às vezes sente como se isso fosse um crime. Quando Winnie estava em fase de crescimento, todo mundo era de uma "boa" família. Eles podiam não ser tão bons assim por trás de portas fechadas, mas ninguém falava sobre isso. A mãe de Winnie

estava sempre vestida com perfeição. Sua casa era lindamente decorada, com antiguidades e cortinas de seda. Ela cozinhava e lavava. Winnie, não. E sua mãe não a obrigava. Ambas sabiam que Winnie teria "uma carreira" e "uma moça da limpeza". Elas jamais chamariam ninguém de "criada" ou "empregada". Seu pai era distante, mas não desagradável. Era apenas um pai, como o pai de todo mundo. Ele não era importante. Pagava as contas. Seus pais ainda são casados.

Às vezes, quando Winnie olha em volta para as moças que agora trabalham em seu escritório, imagina o que aconteceu com a boa moça. (Sabe o que sua assistente diria: ''A boa moça a-ca-boooou." Então olharia para Winnie. Ela não diria nada. Não precisaria. Winnie saberia o que ela estava pensando: que Winnie estava acabada.) Nenhuma moça é mais boa moça (e elas não ligam). Usam preto e exibem seus (grandes, às vezes até caídos) peitos. Usam saias curtas e vestidos que parecem lingerie. Elas têm tatuagens. E piercings. Vivem no centro da cidade em pequenos apartamentos imundos e fazem muito sexo e falam sobre isso umas com as outras no dia seguinte. Ninguém pode dizer nada a elas. Todo mundo tem medo de assédio sexual.

Às vezes (e Winnie não consegue acreditar nisso) Winnie tem medo *delas.* Não consegue acreditar que já é dez anos mais velha que elas. Não tem nada em comum com elas. Mesmo quando tinha dez anos a menos, não era como elas. Era mais ambiciosa. E mais concentrada. Não usava sexo para subir na vida. (Embora ela tenha se casado com James, que, ela tinha de admitir, não tinha exatamente estragado sua carreira.) Ela não ia para o escritório de ressaca e não usava drogas. (Ano passado, uma dessas garotas foi pega injetando heroína na veia, no banheiro das mulheres. A garota foi mandada para a reabilitação. Não foi demitida. Não podia ser. Voltou dois meses mais tarde. No fim das contas ela foi gentilmente transferida para outra revista.)

Essas garotas não têm medo de nada. (São famintas. E arrogantes. Farão qualquer coisa para subir.) Ano passado, duas garotas plagiaram textos. Uma delas plagiou dois parágrafos de uma matéria que Winnie escrevera três anos antes. Quando Winnie leu aquilo, ficou doente. Sentiu-se violentada. Por outra mulher. Não podia acreditar que outra mulher faria isso com ela. Achava que mulheres deviam se manter unidas.

Nada aconteceu. Winnie reclamou. A administração disse que ela devia ficar orgulhosa pelo fato de a jovem tê-la plagiado. Era um elogio. No fim das contas a garota foi promovida. Winnie gostaria de tentar ser amiga dessas garotas. Mas ela tem medo de que o abismo seja muito fundo. Ela gostaria de dizer:

— Ei, quando eu era jovem também era rebelde. — Mas ela sabe que elas olhariam para ela inexpressivamente. (Isso é o que elas fazem sempre. Manter-se no

controle da situação. Ficar olhando inexpressivamente.) Gostaria de dizer a elas que, quando era adolescente, querer se mudar para Nova York e fazer "grandes coisas" era considerado algo corajoso. Como ter tido sete amantes antes de conhecer James. (Um foi um caso de uma noite. E um foi um caso com um professor. Que era vinte anos mais velho. Ele foi o primeiro homem a fazer sexo oral nela.) Mas não vai dizer isso a elas. Sabe que elas ririam. Sabe que, quando tiverem feito 25 anos, essas garotas já terão tido uma centena de amantes (e provavelmente uma doença venérea. Ou uma infecção. De um piercing ou tatuagem).

No dia do aniversário de 38 anos de Winnie Dieke, ela acorda e fica deprimida.

Naquela tarde, Winnie faz o que ela sempre fez na tarde de seu aniversário nos últimos dez anos. Ela vai para a Elizabeth Arden.

Ela se mima.

Faz luzes no cabelo e uma escova, as unhas e maquiagem. Faz depilação na virilha. (Jamais passaria a gilete lá embaixo. Lembra do que aconteceu quando teve o bebê, e ela não tem certeza de querer fazer aquilo de novo.)

A depilação na virilha dói. Odeia, mas se submete uma vez a cada dois meses. Isso a faz ter pêlos encravados, que ela às vezes futuca distraidamente com um par de velhas pinças antes de dormir. (James não sabe disso. Ele também tem hábitos grosseiros, como enfiar o dedo no nariz quando está lendo, enrolar a meleca numa bolinha e examiná-la antes de soltá-la sobre o carpete.) Durante a depilação, Winnie usa calcinhas de papel. Ela tem de abrir as pernas um pouco (mas só um pouco, diz a si mesma), e a mulher (uma massagista facial) tem de tocá-la um pouco lá embaixo. Ambas fingem que ela não está fazendo isso, assim como Winnie tenta desesperadamente fingir que não está pensando em sexo. Mas ela sempre pensa. Tenta não pensar. Tenta não pensar nas garotas em seu escritório e em como elas provavelmente fazem sexo com outras mulheres assim como fazem com homens. Tenta não imaginar que mulheres sabem o que outras mulheres querem. Querem alguém para abrir suas pernas. Ao contrário, Winnie imagina o que vai acontecer quando ela tiver cabelos brancos. Lá embaixo. Vai acontecer algum dia. O que James vai pensar? Ela liga para isso?

Ela e James não fazem mais muito sexo. Quando fazem, é sempre do mesmo jeito. Ele faz sexo oral nela. Ela goza. Eles trepam. Ele goza. Winnie nunca teve um orgasmo "só fodendo". (Ela não acredita que isso seja possível. Secretamente acha que as mulheres que dizem conseguir estão fingindo.)

Depois da depilação, quando a mulher sai da sala e Winnie coloca sua própria calcinha (prático biquíni preto de algodão), sempre deseja se tocar lá embaixo, mas não toca. Há limites até onde se pode chegar. Especialmente quando se trata de ser

"sexy". Ela não vai usar lingerie. Saias curtas demais. Blusas transparentes. Ou sandálias ridículas.

— O que é isso, James? — pergunta ela mais tarde, de pé no quarto de dormir. As sandálias de tiras, tão delicadas que parecem que vão quebrar só de andar pelo aposento, pendem de seus dedos.

— É seu presente de aniversário.

— Porquê?

— Você não gosta delas — James diz numa voz magoada (sabendo que é a única maneira pela qual ele talvez possa sair fora dessa horrenda situação que ele criou, da qual está começando a gostar).

— Você sabe que não uso sandálias assim. Não aprovo sandálias como essas.

— Evie conseguiu a matéria para o *New York Times.*

— Evie escolheu essas sandálias?

— É lamentável. Ela conseguiu a matéria dormindo com... — ele diz, citando o nome do famoso jornalista que Evie pegou no lançamento do livro duas semanas antes. — Ela diz que ainda está saindo com ele.

Winnie olha para James. Quando ela o conheceu, queria ser ele. (Todo mundo queria ser James na época. Ele ia ter uma grande carreira. O tipo de carreira que Winnie queria. James era o próximo "melhor de todos".)

— Você acha que as pessoas ainda querem ser você, James? — pergunta. Casualmente. (Ele sabe que quando Winnie faz essas perguntas fora de situação ela está criando uma armadilha para ele. Mas ele está muito entediado e com um pouco de ressaca para dar importância a essa.)

— Por que alguém ia querer ser eu?

— É exatamente isso que estou me perguntando — Winnie diz. Ela embala cuidadosamente as sandálias de volta em sua caixa. — Isso é realmente um saco, sabe? Quero devolver, mas não sei quando vou ter tempo.

— Faça isso na sua hora de almoço.

— Não tenho hora de almoço. Não mais. A revista está aumentando minha coluna. Para duas páginas. Então vou ficar duas vezes mais ocupada.

— Bem, que bom para você.

— Você não pode parecer um pouco mais feliz? Sou importante agora.

— Estou feliz. Você não está vendo?

— Por que você não se veste agora, James?

Ele e Winnie vão sair. Ele troca sua camisa e coloca um terno. Está com raiva. (Ele nunca faz nada direito.) Ensinou a Winnie tudo o que ela sabe (ou acha que ensinou). Quando se conheceram, Winnie se sentaria durante horas para escutá-lo e fazer perguntas sobre seu trabalho. Quando ela ficava bêbada (eles costumavam ficar um pouco mais bêbados no início e faziam um sexo fácil e apaixonado), às vezes ela dizia que queria ser uma jornalista séria também. Que tinha ambições e aspirações. Que era inteligente. James nunca prestou realmente atenção. Não teria ligado se ela fosse burra. (E agora às vezes deseja que ela fosse. Burra.)

A princípio, James via Winnie como sendo de uma dimensão. E apenas em relação a ele. Ela era a garota da escola que ele jamais teria tido na escola. Então ele viu que ela tinha outras qualidades. Com Winnie, situações que pareciam estranhas antes (festas, socialização), pareciam naturais. Depois de um ano, todo mundo começou a perguntar quando eles iam se casar. Subitamente ele se pegou fazendo a mesma pergunta. (Não tinha certeza de onde aquilo viera. De dentro? Ou estava apenas repetindo o que todo mundo dizia?) Ela não era perfeita (ele não conseguia explicar exatamente por quê), mas ele não achou que conheceria ninguém melhor. Mais, todos os seus amigos estavam se casando. Comprando apartamentos. Tendo filhos (ou falando sobre isso). Ele seria o homem esquisito de novo, como na escola.

E ainda é o homem esquisito agora. (Queria ainda estar com Evie. Queria estar recebendo sua boca em seu pênis nesse exato instante.)

— Anda, James — apressa Winnie.

Eles vão ao Bouley para o aniversário de Winnie, onde, como sempre, fingem (e agora realmente é só fingimento, James pensa) se entender. Quando a conta vem, ambos sacam seus cartões de crédito e pegam seus comprovantes, para serem levados a suas revistas como despesa de trabalho.

A "MATÉRIA" DE EVIE

— Você leu? — pergunta James. Passaram-se alguns dias. Domingo de manhã. Cedo. No domingo de manhã a matéria de Evie está programada para aparecer no *New York Times.*

— Leu o quê? — Winnie pergunta. Ela está na cozinha, preparando o café da manhã. É realmente a única hora em que ela cozinha (se é que se pode chamar assim, James pensa), cortando grapefruit, descolando fatias de salmão defumado e espalhando cream cheese em biscoitos.

— A matéria de Evie — informa James.

— Ah. É nesse fim de semana?

— Ela diz que sim.

— Verdade? Não tenho falado com ela.

— Ela me liga.

— Espero que você também não fale com ela.

— Ela ainda está saindo com... — ele diz, citando o nome do famoso e importante jornalista.

— Que bom — diz Winnie. Ela coloca os pratos na mesa da sala de jantar. Ela desdobra um guardanapo de papel. Ela começa a comer.

— Você não está curiosa? — pergunta James.

— Vou chegar até lá depois — diz Winnie. — Por enquanto, estou pensando que deveríamos tocar nosso salão de forma mais eficiente. Talvez devêssemos mandar por e-mail às pessoas uma pergunta no dia anterior, para que todos tenham tempo de pensar em suas respostas. Acho que vamos ter melhores respostas desse jeito.

— Achei que estávamos tendo (*você* estava, James pensa) boas respostas.

— Sempre podemos fazer melhor, não podemos, James?

Winnie come dois biscoitos recheados de cream cheese e salmão. — Já volto — diz ela. — Tenho de escovar os dentes. Cebolas.

Ela entra no banheiro e, como vem fazendo após quase todas as refeições ultimamente, enfia seu dedo na garganta e vomita.

Quando ela volta, James está lendo o jornal.

— Você é lamentável — ela comenta.

— O quê? Não posso ler o *Times* só porque tem uma matéria de Evie nele?

— Ah, por favor, James — diz Winnie. Ela agarra metade do jornal. Começa a virar as páginas (ela não consegue se controlar, James pensa, ela jamais consegue se controlar). Finalmente, chega à seção de Estilo. Lá, sob o título "Coisa", está um box estreito com uma matéria sobre carne moída. No pé, está a assinatura de Evie.

— Você sabe algo sobre isso? — pergunta Winnie.

— O quê?

— A "matéria" de Evie. — Winnie atira o jornal para ele. Ela fica de pé. — Ainda há algum biscoito? Ainda estou com fome.

À tarde, Winnie liga para Evie.

— Parabéns.

— Eil Obrigada.

— Então, como se sente sendo uma jornalista?

— Ótima. Estou trabalhando em outra matéria para eles, para a semana que vem. Viu? Eu peguei o jargão certo. Eu disse "matéria", não "artigo". — Escuta-se o som de movimento no fundo. Evie ri. — Você pode esperar um pouco?

— Tem alguém aí? — pergunta Winnie. (Deus, Evie é tão grossa, ela pensa.)

— Mmmmm, tem... — diz Evie, falando o nome do famoso e importante jornalista.

— Perfeito. Porque James e eu queremos saber se você e... — ela diz, falando o nome do sério e importante jornalista — queriam vir jantar na semana que vem. Nosso banquete. Podemos marcar de acordo com a agenda dele. Ah, e Evie?

— Sim — diz Evie, com certa suspeita.

— Lembre-se de uma coisa.

— O quê?

— Você é uma de nós agora — fala Winnie (suavemente, para que Evie não suspeite do quanto é difícil para ela soltar essas palavras). E nós *somos* a mídia.

II

O MAU HÁBITO DE WINNIE

Winnie desenvolveu um mau hábito e não consegue se controlar. Toda manhã agora, quando entra no escritório — um grande prédio escuro na Sexta Avenida que grita "Sou importante" — ela corre pelo saguão e pára dentro do elevador (uma vez ela calculou que gasta uma hora por dia esperando elevadores e andando neles, e deseja que alguém invente um mais rápido), anda rapidamente ao longo do corredor de carpetes beges e entra em seu escritório — uma sala pequena, de um branco azedo, com uma janela, três plantas comigo-ninguém-pode doentes e um pequeno divã azul— e abre seu computador.

Ela digita sua senha. Tira seu casaco. Digita “www.ama” e tecla enter, ponto no qual o computador vai imediatamente para Amazon.com. E então (ela não consegue se controlar, ela jamais consegue se controlar) digita o nome do jornalista sério e importante.

Ela vem fazendo isso todas as manhãs nas duas últimas semanas.

Checa o ranking de venda de seus livros, depois percorre a tela até as opiniões dos leitores.

Sua favorita é esta:

Chato e totalmente sem sentido

"Imagine se o seu professor mais chato de ciências da politécnica escreveu um livro e forçou todo mundo na classe a lê-lo? Você (sic) quer matar o cara, certo? Em vez disso, leia a lista de ingredientes da sua caixa de cereais. É mais interessante. "

Como sempre, Winnie fica excitada e aterrorizada ao mesmo tempo.

Nunca, desde que descobriu o site (ela deveria ter sabido sobre ele antes, mas não reconhece, já que pessoas como ela ainda compram seus livros em livrarias reais), ela sabia o que pensar. Parte dela está ultrajada. Essas pessoas não deveriam comprar livros. Elas são muito burras para ler. Elas não têm imaginação. Não têm habilidade para ler e compreender. Se um livro não obedece ao que elas acreditam sobre o mundo em seus próprios limites de mentes não sofisticadas, elas o fritam. São como as crianças burras na sala de aula, que nunca entendem o que o professor está falando e ficam com raiva, em vez de entender o que todo mundo na classe entendeu — e que elas eram muito burras para entender. Mas parte dela tem (mesmo secretamente) medo de que eles possam estar certos. O livro é um pouco chato. Winnie leu dois capítulos e pulou para o fim e depois não o pegou novamente. Mas é

um livro importante. Por que algum babaca de Seattle, que provavelmente nunca escreveu mais que um e-mail, tem o direito de fritá-lo? De dizer a outras pessoas para não comprá-lo?

Winnie está perturbada.

O mundo não está certo. (Ou está certo e ela não? Talvez ela seja como o garoto burro da sala de aula. Mas ela sabe que não é. Burra. Às vezes acha que deveria haver um teste de burrice enquanto um bebê ainda está no útero, e todos os fetos burros deveriam ser abortados. Ela sabe qual seria o argumento contra isso: "Quem vai decidir o que é ser burro?" Ela tem a resposta: ela poderia. Ela ficaria feliz de poder decidir.)

Então ela checa os sites dos dez, ou quase isso, outros escritores que ela e James conhecem e que publicaram livros no último ano. Ela checa seus rankings de vendas. Se os rankings são muito ruins, como em torno de 286.000, ela não consegue se segurar. Sente-se bem. Ela tem de parar de fazer isso. Mas não pode. É pesquisa. O que vai acontecer se James escrever um livro? Quer estar preparada. Terá de ficar anestesiada contra as inevitáveis críticas de maus leitores. Sabe que não pode levar para o lado pessoal, mas vai levar. Ela leva tudo para o lado pessoal. Especialmente ela mesma.

Talvez fosse melhor se James não escrevesse um livro. (Talvez fosse melhor se eles se mudassem para Vermont e trabalhassem para um pequeno jornal local. Depois de dois meses, seria como se estivessem mortos — todo mundo que conheciam esqueceria deles e Winnie não está pronta para isso. Ainda.)

O telefone toca. Ela o pega.

— Sim.

— Sou eu — (é James).

— Oi — respondeu ela. Ela subitamente se lembra de que tem todas essas coisas para fazer. Como trabalhar.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Estou estressada. Tenho um cazilhão de coisas para fazer.

Você sempre tem um cazilhão de coisas para fazer e eu queria que você calasse a boca, James pensa. Imaginando: Por que você não presta atenção em mim? Por que não me faz me sentir bem? Por que é sempre tudo você? Em voz alta, ele diz:

— Recebi um telefonema esta manhã. De Clay. Tanner está vindo para a cidade.

— Está? — pergunta Winnie. Ela ainda não tem certeza de como se sente a respeito dessa informação.

— Ele tem uma estréia de filme. Na terça.

— Ugh — diz Winnie. Pela primeira vez em dias, ela sabe que James está pensando a mesma coisa que ela. — Outro...

— Ééé ... Um "Bate neles! Atira neles!" milionário, cortesia da Paramount Pictures.

— Acho que temos de ir — fala Winnie, emitindo um longo suspiro.

— Você não. Mas eu vou.

— Se você vai, eu vou.

— Legal — diz James, baixinho.

— Você não quer que eu vá? — pergunta Winnie. Ameaçadora. (Por que ela sempre se torna imediatamente ameaçadora? James pensa. Mesmo vespas deixam você bater nelas antes que piquem você.)

— Quero que você vá, mas você odeia essas coisas.

— Não odeio.

— Odeia.

— Não odeio essas coisas. Acho que são chatas. Você sabe como me sinto em relação ao culto de celebridades.

— Tanner quer que eu esteja lá.

— Estou certa de que ele quer que nós dois estejamos lá. Mas isso não significa que tenhamos de fazer o que Tanner quer.

— Ele só vem à cidade duas vezes por ano. Eu quero ir. (Tenho certeza que sim, Winnie pensa. Assim você pode paquerar descaradamente as louras burras.)

— Legal — ela diz e desliga o telefone.

Agora ela tem de ficar "interessada" (uma palavra muito melhor, mais precisa do que "preocupada") em James por uma semana. Especificamente com o que ele vai fazer (como vai se comportar) quando Tanner estiver na cidade. Ela vai passar horas (tempo que deveria ser passado fazendo algo importante, como pensar em idéias) reagindo a James como se ele estivesse tendo um comportamento fora da lei. Ela vai ficar obcecada sobre roteiros se/então. Como: Se James ficar fora a noite toda com Tanner (de novo), ela vai se divorciar dele. Se James flertar (lamentavelmente, desesperadamente) com a atriz do filme (de novo), ela vai trancá-lo do lado de fora da casa. Se James beber muito e vomitar pela janela do táxi (de novo), então ela vai jogar todas as roupas dele pela janela. (James não entende que ele está patinando no gelo. Gelo muito fino.)

Seus defeitos estão crescendo: ela o conhece há dez anos e ainda não consegue acreditar nele. Ele não faz exatamente o que deveria fazer. Não se pode contar com ele (mesmo para pegar os ingredientes certos no supermercado). Ele age como um bebê (ele é um bebezão crescido). Ele está virando alguém que não é importante. (E ele não paga as contas.)

Talvez ela (realmente) estivesse melhor sem ele: significaria uma pessoa a menos para cuidar.

Winnie aperta um botão em seu computador e vai para seus e-mails.

Sua assistente entra no escritório. Winnie olha. Os cabelos pretos da assistente são desarrumados. Ela está usando batom vermelho negligentemente aplicado; uma pequena saia preta sem meias; um suéter preto de gola em V decotadíssimo (pelo menos ela está usando sutiã); sapatos pretos pesados. Parece (perdoe a expressão) que alguém tinha trepado muito com ela e a deixado toda suja.

A assistente se joga no divã.

— Qual é? — diz ela. (Qual é? Como se Winnie fosse a assistente e tivesse acabado de aterrissar no escritório *dela.)*

Winnie nunca tem certeza de como responder a esse cumprimento.

— Como vai? — pergunta ela. Rapidamente. Lembrando à assistente que isso é um escritório. E ela é sua chefe.

A assistente examina suas unhas. Unhas pintadas de marrom-lama.

— Tive uma infecção urinária. Estava pensando em tirar o resto do dia de folga.

Alguém realmente tinha trepado muito com ela e a deixado toda suja.

— Não. Tenho aquela conferência grande de Internet esta tarde e preciso de você aqui. Para ficar no escritório. (A revista está expandindo o web site e querem que Winnie esteja envolvida. Muito envolvida. Isso poderia significar mais dinheiro.)

— Está doendo — revela a assistente.

(Winnie tem vontade de dizer a ela — gritar para ela — para parar de trepar tanto, mas ela não pode.)

— Compre um suco de amoras. E tome cinco miligramas de vitamina C.

A assistente fica ali sentada.

— É isso? — ela pergunta.

— Isso o quê? — Winnie retruca.

— O que você acabou de dizer.

— Sobre o quê?

— Você sabe sobre o quê.

(Não, eu não sei, Winnie tem vontade de gritar.)

— Não entendo.

— Nem eu.

— O quê?

— Não importa — diz a assistente. Ela fica de pé. Volta para seu cubículo. (Como um cão.)

Winnie tenta se concentrar em seus e-mails. Seu analista aconselha-a a não ficar imaginando roteiros se/então.

E se Tanner sair com James duas noites e James dormir com prostitutas? E então?

Ela não consegue se controlar. Jamais consegue se controlar.

JAMES TEM UMA TEORIA

Na semana anterior à chegada de Tanner, Winnie está preocupada e James, excitado. Ambos sabem que algo ruim pode acontecer e eles vão ter de conversar sobre isso.

James e Winnie sabem que quando Tanner vem à cidade.

James pode escapulir fazendo coisas ruins. Tanner é mau. (Ele é uma má influência.) Tanner é tão mau, na verdade, que quando James faz coisas más com ele, Winnie sempre culpa Tanner. Winnie pensa (sabe?) que James jamais faria essas coisas más se não fosse por Tanner. E ela está certa. James não faria. Ele não tem colhões para desafiar Winnie.

Mas Tanner tem. Tanner não liga para o que Winnie pensa. (Ele provavelmente acha que ela é chata. O que James está começando a pensar também. Ele queria que Winnie fizesse alguma coisa interessante, como ir embora. Então talvez ele pudesse se apaixonar por ela novamente. Ou encontrar outra pessoa. Como uma mulher sueca de um metro e oitenta de altura e peitos grandes). Winnie gostaria de controlar Tanner (da maneira que controla James), mas ela não consegue. Winnie não consegue fazer nada com Tanner.

Tanner é um grande astro do cinema e Winnie não é.

Tanner é uma celebridade. Comparada a Tanner, Winnie é uma jornalista insignificante. Comparada a Tanner, Winnie é uma mulher. Mulheres não significam

nada para Tanner, exceto alguma coisa com a qual se faz sexo. (James deseja se sentir da mesma forma. Se ele se sentisse assim, talvez ele se sentisse um homem. Mas ele não consegue. Winnie é a mãe de seu filho. Ela gerou o filho deles dentro de seu corpo. Coisas verdes saíram logo depois que seu filho saiu, e ele desejou que alguém o tivesse alertado que aquilo ia sair. Era como aquela coisa verde no corpo de uma lagosta. Às vezes, quando ele está fazendo sexo oral em Winnie, ele pensa sobre a coisa verde. Ele não consegue deixar de pensar. Ele se sente culpado. E às vezes pensa sobre aquela vez em que fez sexo na universidade. Com a garota louca. Que pediu a ele que a comesse por trás e mais tarde pagara um boquete. Ele se sentia culpado por isso também.)

Mas, acima de tudo, Tanner é um homem. Quando James e Tanner dividiam o quarto em Harvard, Tanner ficava com uma ou duas mulheres diferentes a cada fim de semana. (E uma vez foram cinco. Ele comia todas, também.) As mulheres o perseguiam. Mandavam bilhetes. Ligavam. Ameaçavam cometer suicídio e Tanner não tinha respeito por elas. Ele não precisava. "Deixa essa puta se matar", disse uma vez. James sorriu, mais tarde, porém, não conseguiu se controlar, ligou para a garota e a levou para tomar um café. Ele ouviu-a falar de Tanner durante três horas e então tentou comê-la. (Ela só o deixou colocar os dedos em sua xoxota. "Quero Tanner", ela soluçou durante todo o encontro patético e abortado.)

James acha (e Winnie também) que algum dia algo ruim vai acontecer com Tanner. Tem que ser assim. Ele vai ser preso ou (Winnie espera) se apaixonar e a mulher o rejeitará, ou (James espera) ele vai fazer três filmes ruins, um atrás do outro, e sua carreira estará acabada. Mas nunca acontece. Ao contrário, Tanner continua enriquecendo e fazendo cada vez mais sucesso. Faz filmes bombásticos e os críticos estão começando a levá-lo a sério. Namora estrelas de cinema e tem casos à parte. Joga golfe e esquia. Fuma charutos (e usa drogas sempre que quer). Apóia o Partido Democrata. Ganha pelo menos vinte milhões de dólares por ano (e talvez mais). Para fazer (James acha) nada.

James gostaria de odiar Tanner, mas não consegue. Ele o odiaria, entretanto, se não fosse seu amigo. Provavelmente concordaria com Winnie — que Tanner é o produto de uma sociedade superficial, mal-educada e equivocada, que eleva pessoas baseada apenas em suas aparências, e se o público realmente soubesse o que Tanner Hart era, eles não gastariam sete ou oito ou nove dólares para vê-lo num filme.

Por outro lado, provavelmente gastariam.

E se não gastassem, provavelmente iriam querer que Tanner fizesse algo pior. Muito pior. Como liderar um exército e estuprar e pilhar.

É isso, James pensa, o que Winnie não entende sobre os homens. E nunca vai entender. É, James pensa feliz, o que vai impedir Winnie de jamais se tornar uma

ameaça a sua masculinidade. É o que permite a ele ficar em casa e visitar sites pornográficos na internet ou jogar xadrez com seu computador ou até sair para passear com o filho, jogando violentos jogos de computador (James na verdade se sente um pouco culpado por isso, mas diz a si mesmo que está preparando seu filho para o mundo real, e além disso o garoto é tão bom nos jogos, rápido e inteligente), enquanto Winnie vai trabalhar num escritório numa torre. (Ela acha que é um homem, mas ela não é, James pensa, mesmo se ela usar ternos e, quando ele a conheceu, camisas com faixas em torno do pescoço como um laço de gravata.)

Este é o princípio que James sabe e Winnie não: homens não podem ser domados.

Homens são violentos por natureza.

Homens sempre querem fazer sexo com muitas mulheres diferentes.

James sempre soube disso (todos os homens não sabem, e não estão falando às mulheres há trinta anos, mas as mulheres não escutam?). Mas agora, ele acha, sabe disso de uma maneira diferente.

James tem lido sobre chimpanzés.

Ele tem estudado tudo o que pode sobre macacos.

Chimpanzés são violentos. Saem furtivamente no meio da noite e invadem outras tribos de chimpanzés. Os grandes (os machos alfa) pegam um pequeno (os macho beta) e o matam sem piedade, enquanto o pequeno chimpanzé grita de dor e terror. Então o chimpanzé alfa rouba algumas fêmeas e trepa com elas.

A princípio, James começou a investigar esse negócio de chimpanzés (foi como ele começou a chamar essa história) para se vingar de Winnie. (Ele não consegue lembrar por que estava querendo se vingar dela.) Mas aí ele entrou de cabeça. Ultimamente ele tem procurado artigos científicos na intemet. Enviado e-mails para pesquisadores. Não tem certeza de como toda essa informação vai ajudar, mas sabe que há alguma coisa em algum lugar.Alguma coisa muito importante.

James tem uma teoria: Tanner é um macho alfa. Eis por que Tanner pode sair com quem ele quiser, e James pode aplaudi-lo. (Porra, James pode ser mau com ele e sair disso.)

— Winnie — diz James, quando ela chega em casa do trabalho e já tirou os sapatos (ela sempre tira os sapatos assim que chega em casa. Diz que eles machucam, mesmo que seus sapatos na maioria das vezes sejam mocassins de saltos baixos). — Acho que tive uma idéia para uma nova matéria.

— Vá em frente — pede Winnie.

— Winnie — diz James. Ele a segue. Ela entrou no pequeno quarto do filho, onde ele está tentando ler um livro sobre dinossauros para a babá jamaicana.

— Ver... ver ... — diz o garoto.

— Vermelho — diz Winnie (impacientemente, James pensa. Winnie não tem paciência com o filho, não tem paciência com crianças em geral).

— Você devia deixá-lo descobrir sozinho — James opina.

Sabendo pela expressão no rosto de Winnie que ele disse a coisa errada. De novo.

— James. Se eu esperasse todo mundo em volta de mim descobrir as coisas sozinho, eu ficaria esperando pelo resto da vida.

— Suponho que você esteja falando de mim.

— Não sei mais sobre o que estou falando — mente Winnie. Ela só quer evitar uma briga.

James segue Winnie até a cozinha. Winnie tira seus brincos e os coloca na bancada da cozinha. Ela abre a porta da geladeira e tira três palitos de cenoura.

— Acho que vou fazer uma matéria sobre chimpanzés –diz James.

Winnie não fala nada. Levanta as sobrancelhas e parte um palito de cenoura pela metade.

— Há todas essas teorias novas — observa James. — Teorias que podem ser aplicadas aos humanos. Por exemplo, Tanner é um macho alfa.

— Você falou com Tanner?

— Não. Mas vou falar com ele. Sobre essa teoria. Eu poderia até escrever sobre ele. Usá-lo como exemplo.

Winnie dá um sorriso pequeno e significativo.

— Você sabe que os agentes dele jamais o deixariam fazer isso.

— Poderia mudar o nome dele.

— Você falou com Clay? — diz Winnie. (Ignorando-o novamente. Antigamente ela costumava puxar o seu saco quando ele falava sobre seu trabalho.)

— Disse a você que falei. De que outra maneira poderia saber que Tanner está vindo para a cidade?

— Como estão ... Clay e Veronica?

— Não sei — James diz. Sem saída. Uma vez mais ele está perdendo o controle

da conversa.

— Veronica ainda está ameaçando se divorciar de Clay?

— Ela *estava* ameaçando se divorciar dele?

— Foi o que ela disse. Na última vez em que a vi. Quando Tanner estava na cidade.

— Ah, é. Eu lembro. — Ele tem de ser conciliatório. É sua única chance agora. De alguma maneira Winnie manipulou para virar a conversa em torno de um tópico delicado e potencialmente desagradável. No qual ele está prestes a perder.

— Clay devia ficar mais esperto — Winnie sugere. — Ela vai se separar se Clay se comportar como da última vez em que Tanner esteve na cidade.

— Você falou com Veronica?

— Só falo com ela quando Tanner está na cidade. Realmente, James, eu não tenho tempo.

— Eu sei.

— E ela não é tão interessante assim. No fim do dia, ela é apenas uma dona de casa.

— Você está certa.

— Você se importa? — pergunta Winnie. — Ainda tenho de dar uns telefonemas. Nós vamos ter aquela grande reunião de internet e eles devem querer que eu a dirija.

— Isso é ótimo — avalia James. Ele volta para a pequena sala que chama de escritório. Ele se sente aliviado. Como se tivesse acabado de escapar de algo ruim. Ele se senta na frente de seu computador.

Não importa o que aconteça, ele lembra a si mesmo que ele e Winnie têm um casamento melhor do que o de Clay e Veronica. Veronica é a irmã de Tanner e ela é uma cachorra ainda pior do que Winnie. (Ela já foi bonita um dia, mas ficou gorda.) Clay e Veronica têm dois filhos. Clay é escultor. Ele está ficando famoso agora. Ele tem casos. (Veronica deve ser como uma pedra em torno de seu pescoço. Ela não trabalha e nunca trabalhou. Ao menos, se algo acontecer entre ele e Winnie, Winnie seria capaz de cuidar de si mesma.)

Uma hora mais tarde, Winnie entra no escritório dele.

— Andei pensando ... Sobre a sua idéia.

— É?

— Ela tem uma falha inerente. Se Tanner é um macho alfa, o que você é, James?

Ela sorri e sai da sala.

III

ALGO DE RUIM ACONTECE

Tanner Hart está no ar. Sentado no canto de trás da sala VIP do Chaos (uma sala que só pode ser alcançada por elevador privativo, que só pode ser acessado por uma entrada separada, guardada por dois seguranças e uma moça com uma lista), Tanner Hart está fumando um Marlboro vermelho atrás do outro e bebendo martínis. Tanner Hart está sorrindo. Tanner Hart está franzindo as sobrancelhas. Tanner Hart está assentindo, com os olhos cheios de surpresa e a boca aberta.

— Uh-huh, uh-huh, sim, eu me lembro de te conhecer no set de *Switchblade,* como você tem passado desde então? Você tinha um cachorro, certo, e algo aconteceu ao cachorro, algo com um elefante? Ah, um gato um gato.

E então para mais alguém:

— Ei, aquela noite aquilo foi um tesão, uh, fica aí, você indo a algum lugar, vamos falar depois depois disso tudo, mas você está bem, certo? Você *parece* ótimo.

Tanner Hart olha para seu relógio. Logo ele vai ficar entediado. (É só outra estréia de cinema.) Em uma hora, estará pronto para conquistar uma mulher e voltar para seu quarto de hotel. Então ele ficará entediado novamente. (E terá de fazer tudo de novo, o que em si será um tédio.)

— Jimmy! — Tanner grita. James e Winnie estão se apertando no meio do povo. Eles ainda estão com seus casacos. James parece aflito e Winnie, aborrecida. (James tem descido ladeira abaixo, Tanner acha, desde que se casou com Winnie e teve um filho. Ele parece um prisioneiro. Tanner tem de libertá-lo. Winnie parece estar precisando de uma boa trepada. Tanner tem de libertá-la também.) Winnie localiza Tanner. Ela acena.

— Vamos dizer oi e depois vamos para casa — diz ela para James.

James não diz nada. Ele está esperando pelo momento da fuga.

— Jimmy, meu garoto. Jimmy baby. — Tanner agarra James pelo pescoço, balançando-o de um lado para o outro. Então ele empurra James e coloca suas mãos nos dois lados do rosto de Winnie. Ele a puxa para perto dele e a beija nos lábios. — Adoro vocês, caras — diz ele.

— Todo mundo adora a gente — diz Winnie.

— É, mas eu especialmente adoro vocês — completa Tanner. — Vocês tiveram algum problema para entrar? Essas pessoas na porta são tão babacas. Eu fico falando pro pessoal da publicidade, mas não faz nenhuma diferença. Jimmy, onde está seu

drinque? Alguém pegue um coquetel para esse homem — Tanner grita. Ele se senta e se recosta. Ele puxa Winnie para seu colo. — Preste atenção, Jimmy, meu garoto — diz ele. — Vou roubá-la de você um dia desses.

Queria que você roubasse, James pensa.

Winnie sorri amarelo, arranca o copo de martíni da mão de Tanner e toma um grande gole. (Winnie é uma pessoa diferente na frente de Tanner. Ela flerta. De forma repugnante, James pensa. Será que ela pensa que Tanner jamais se interessaria por *ela?)*

— Uau. Pega leve, baby, leve — brinca Tanner, pegando seu copo de volta e dando um tapinha no traseiro dela. Ele desliza sua mão sob as costas do casaco dela. Winnie não se opõe. (Ela odeia Tanner até que o veja. E então ela não consegue se controlar. Aí ela o ama.)

— Como é que você está? — pergunta Winnie — Quero dizer, de verdade?

— Já volto — diz James.

— Peraí, mano — sugere Tanner. Ele passa a James um vidrinho de cocaína. Se volta para Winnie. — Então, onde está minha futura esposa? — pergunta ele.

James está eufórico. Sente-se como um estudante travesso que acabou de fugir com o giz do professor. (Ele na verdade fugiu uma vez com o giz do professor, quando era muito pequeno. Pareceu bom durante três minutos, até que o flagraram. Então ele foi mandado da escola para casa. Foi embaraçoso. Foi injusto. Era apenas um pequeno pedaço de giz.) James esbarra com Clay Ryan no banheiro.

— Deus do céu — diz Clay. — Estou tentando fugir da minha mulher.

— Eu também — afirmou James. Ele passa para Clay o vidrinho de cocaína. Clay coloca o pó na ponta de uma chave e a leva ao nariz.

— E a irmã de Winnie, Evie? — pergunta ele.

— Ela é demais — comenta James.

Evie quer trepar com Tanner e está excitada com isso.

Ela encontrou Tanner três vezes antes, e todas as vezes ele deu um jeito de colocar as mãos nela. É a maneira de ele dizer que, se ela quisesse trepar com ele, ele trepava.

Ela diz a si mesma que isso não vai dar em nada (ela diz a si mesma que isso pode dar em alguma coisa, que ela pode, por algum acaso da natureza, ser "a" mulher), mas ela não liga. Ela só quer trepar com ele uma vez. Para ver como seria. (Ela quer

trepar com um astro do cinema. Ela gostaria de trepar com muitos astros de cinema. Quem não gostaria?)

Evie esbarra com James e Clay do lado de fora do banheiro. Eles parecem ter usado alguma coisa. James está secando o nariz. (Ele é tão sem graça, Evie pensa. Patético, na verdade. Como Winnie pode dormir com ele? Ele não tem cabelos.)

— Você viu Winnie? — pergunta ela.

James e Clay levam Evie para dentro do banheiro.

— Nunca faço isso — diz James.

Evie diz:

— Ah, James, cale a boca.

— Não conte a Winnie — James pede ..

— Vou contar a Winnie — Clay diz. — Vou contar à porra do mundo todo. Incluindo minha mulher. Foda-se ela.

Eles esbarram com Tanner do lado de fora do banheiro. Tanner, Clay e Evie entram no banheiro. James vai para o bar pegar um drinque. Na cabine do banheiro, Tanner agarra Evie. Como se Clay nem estivesse ali. Evie fica achando que devia desmaiar. Tanner é melhor pessoalmente do que na tela.

— Como você não estava no casamento? — pergunta ele.

— Qual? — pergunta ela.

— O de James e Winnie.

— Reabilitação — diz Evie.

Veronica e Winnie estão sentadas numa mesa.

— Eu só gostaria de ter algum apreço, às vezes — diz Veronica. — Quando conheci Clay, ele morava num apartamento sem banheiro.

— James ou está trabalhando na internet ou vendo TV — diz Winnie. Por que ela sempre acaba ficando com Veronica?

— Quero dizer, será que ele podia escutar? A mim? Sua última invenção são maus investimentos.

— Eles têm tempo para tudo, menos para você — responde Winnie. — Bem, agora eu não tenho tempo para ele.

— E será que ele nota? E agora estão todos na coca — diz Veronica. — Olhe para eles todos, balbuciando como macacos. É lamentável.

James, Evie e Clay se sentam com Veronica e Winnie.

— James está fazendo uma matéria sobre chimpanzés — Evie diz.

— Ah, James, não fale sobre isso. É tão estúpido — comenta Winnie.

— Só descobri que o governo está importando ilegalmente chimpanzés para pesquisas médicas secretas. Eles estão juntando-os num galpão, na parte baixa de Manhattan — explica James.

— Por que alguém traria macacos para Manhattan?— pergunta Winnie.

— Você sabia que em algumas tribos de chimpanzés as fêmeas são lésbicas? E que elas deixam os machos assistirem? — pergunta Clay, se inclinando para Evie.

— Clay, estamos indo — lembra Veronica.

— Espere um pouco — diz Clay. — Não terminei meu drinque.

— Quem quer outro drinque? — pergunta James.

— Já basta — observa Winnie.

— Tanner está pedindo outro drinque — diz James.

— Tanner está indo embora — completou Veronica. E, de fato, Tanner está indo embora, em direção ao elevador, beijando e empurrando as pessoas ao longo do caminho.

— Vamos dar a você uma carona até Uptown, Evie — diz Winnie, ficando de pé.

— Tudo bem. Não tenho que acordar cedo amanhã — Evie observa. Ela tem um olho em Tanner. Ela não pode deixá-lo ir embora. — Já volto — diz ela.

— Claro — afirma Clay.

Veronica dá a ele um olhar mortal.

Evie corre atrás de Tanner. Winnie e James e Veronica e Clay são tão chatos. Por que Winnie está sempre tentando controlá-la? Será que ela não entende que Evie e Tanner são um tipo de pessoa e Winnie e James são outro? (Eles são festeiros. Gente divertida). Ela consegue se enfiar no elevador com Tanner pouco antes de a porta fechar.

— Boa garota — fala Tanner. Ele olha para Evie avaliando-a e pensa: Ela vai fazer. (Ele teve centenas de garotas como Evie. Sensuais e disponíveis. Muito disponíveis. Depois de uma certa idade elas não conseguem encontrar maridos. Nem mesmo namorados. Ele preferia comer Winnie. Pelo menos ela não está disponível.) — Só me prometa uma coisa — Tanner sussurra. — Não me dê nenhuma daquelas merdas de casamento — ele começa a cantar, *"It ain't me, babe. It ain't* me *you 're*

looking for. Babe''[9]

— Não esteja tão certo — ela ri amarelo.

A porta do elevador se abre no andar térreo. Tanner agarra a mão de Evie. Eles correm para a rua. O motorista da limusine está segurando a porta aberta. Há uma multidão, contida por barricadas da polícia.

— Maestro! — Tanner grita.

Ele coloca Evie dentro da limusine.

Clay e Veronica e Winnie e James estão de pé na esquina da rua. Tentando pegar um táxi (ou tentando não pegar um táxi, pensa James).

— Se você quer se matar, então vá em frente — Verônica diz a Clay. — Realmente não dou mais a mínima.

— *Do que* você está falando? — pergunta Clay.

— Ah, pelo amor de Deus, Clay. Você acha que eu sou burra?

— Vamos pegar um drinque — diz James.

— Vocês dois andaram cheirando — observa Winnie.

— Eu não cheirei — diz James.

— Você pode acreditar nisso, cara? — pergunta Clay a James. — Quero dizer, quanto mais vamos ter de agüentar?

— Você é um merda, James — fala Winnie. — Vamos entrar num táxi e ir para casa.

— Não vou entrar num táxi — responde James. — Vou pegar um drinque.

— James!

— Não! — insiste James. — Tanner fica lá sentado cheirando um grama de pó e ninguém liga para ele.

— Tanner é um famoso ator de cinema que ganha quinze milhões de dólares por filme — lembra Winnie.

— Tanner é um alcoólatra, um viciado em drogas, um viciado em sexo. Ele é um pervertido completamente degenerado — diz Veronica.

— Então tudo é uma questão de dinheiro — afirma Clay.

— Sobre o *que* vocês estão falando? — pergunta Veronica.

— Ela — Clay diz, apontando para Winnie — acabou de dizer que Tanner ganha quinze milhões de dólares por ano. Então isso faz com que esteja tudo certo.

— Filme. Quinze milhões por filme. E não, não está tudo certo.

— Já tive o suficiente — Clay fala para James — E você?

— Só quero um drinque — garante James.

A limusine de Tanner aparece na esquina. Tanner abre a janela.

— Alguém precisa de uma carona?

— Eu vou com você, Tanner — diz Clay.

— Eu também — observa James. Ele não olha para Winnie.

— Você não entra nessa limusine, Clay.

— Ei, mana, se liga — diz Tanner. — Eu e os garotos vamos tomar umas.

Clay e James entram na limusine, passando por cima de Evie, que está deitada no chão, rindo.

— Oi, garotos — ela brinca. Enquanto a limusine parte, James lança um olhar furtivo para Winnie. Sua boca está aberta, mas pelo menos desta vez não vai adiantar nada.

JAMES SE SENTE MAL

Quatro da manhã.

James não se sente muito bem. Ele roubou o giz. Está sendo punido. Ele acha (mas não tem certeza) que ouve vozes.

— O que você fez agora, James? — Sua mãe diz. — Do jeito que você está indo, vamos ter de mandá-lo para o reformatório. Você quer ser um fracasso? Como seu pai?

Seu pai era um fracasso? Seus ternos estavam sempre amarrotados. Ele era dono de três lojas de lavagem a seco. Ele estava tendo um caso com Betty, a mulher que era sua contadora?

— Abaixe as calças, James — seu pai impõe, tirando o cinto.

Era apenas um pedaço fino de giz. Uma lasca, na verdade.

— Ei, deixe-me entrar — James diz. Sua voz é um grasnido. Parece estar vindo de algum lugar à sua esquerda. (De alguma maneira ele está em seu prédio. De alguma maneira ele entrou num táxi e obviamente deu ao motorista seu endereço. Mas

parece ter sido séculos atrás. Talvez ontem.)

— Sim? — diz o porteiro. James nunca o vira antes.

— Sou James Dieke. Eu moro aqui — responde ele, mostrando suas chaves.

O porteiro o deixa entrar.

— Você é novo? — pergunta James. — Ele se sente melhor conversando. Se ele conseguir apenas se manter falando, talvez consiga passar por isso. — Você é casado? Eu sou casado. Não tenho certeza se gosto de ser casado, mas o que se pode fazer?

— Boa noite — diz o porteiro.

James vai de elevador até seu andar. Isso leva um minuto ou uma eternidade? Ele cresceu em Long Island numa casa de vila operária. Todas as casas eram iguais. A dele tinha móveis de junco da Sears.

(Sua avó comia balas listradas vermelhas e brancas. De hortelã, ela dizia. Ela usava aventais floridos.)

A casa de Winnie tinha uma piscina e quadra de tênis. Seu pai era juiz. Winnie tinha uma raquete de tênis preta Prince.

Isso é muito, muito importante.

Alguém trouxe um macaco para a escola uma vez. Seu rabo estava arrebentado.

Pássaros estão cantando. É um barulho terrível. Quem sabia que Nova York tinha tantos pássaros? Ele entra em seu apartamento. Ele vai mostrar a todos eles. Vai escrever seu livro. É algo surpreendente. As pessoas têm de saber a respeito disso.

— Winnie — ele chama.

Ela está deitada na cama. Ela abre os olhos e o encara furiosamente. Vira-se de costas.

Alguém vai ter de saber a respeito disso.

James a sacode.

— É esse enorme empreendimento do governo, Winnie. Winnie, você está acordada? É a superlotação das estruturas dos nichos. Mas em vez de usar ratos eles estão usando macacos e estão descobrindo que o mesmo comportamento ocorre nos primatas, o que quer dizer que isso vai direto para o coração da crise de habitação do centro urbano. Claro, Stephen Jay Gould descobriu a mesma construção em seus estúdios em forma de caracol...

— Vá... para ... a ... cama.

— ... que então ele aplicou nos primatas, e Darwin nunca leu Mendel. Você sabe o

que isso quer dizer? Darwin nunca leu Mendel?

— De que porra você está falando, James? — Ela olha para ele. Aí deve realmente olhar para ele, porque diz: — Merda. Você está horrível. Parece um vagabundo. E você fede.

— Sinto muito ter te acordado — diz James. Ele não sente muito. Subitamente ele sente um devastador (e inexplicável) afeto por ela. Ele quer fazer amor. Ele quer trepar. Ele precisa trepar.

Ele se senta na beira da cama.

— Você é tão maravilhosa. Você é uma mulher maravilhosa. Sempre fico querendo dizer a você o quanto a amo, mas você nunca me dá uma chance.

— Você é lamentável — queixa-se Winnie. — Pediria a você para se mudar agora mesmo, mas é muito tarde. Você pode ir para um hotel de manhã. — Ela puxa o cobertor sobre a cabeça.

— Todo mundo te admira tanto. Tanner é louco por você.

— Não posso com isso — diz Winnie. Ela vai explodir.

Ela tem trabalho para fazer de manhã. (Por que todo mundo pensa que as coisas deles são tão mais importantes que as coisas dela? Ela gostaria que alguém reconhecesse a importância das coisas dela. Pelo menos uma vez.) James coloca seus braços em torno dela. Ele tenta beijá-la.

— James — diz ela.

— Você é tão... bonita — diz James, tentando acariciar seus cabelos.

— James, vá dormir.. James, pare ... Vou mandar prender você por estupro conjugal...James, saia de cima de mim.

Winnie grita. James rola para o lado. Ele geme.

— Vá para o sofá! — pede Winnie.

— Não consigo.

Winnie se livra dos cobertores.

— Vamos ter uma longa conversa amanhã. Sobre o seu comportamento. Vamos começar a fazer algumas grandes mudanças por aqui.

— Winnie...

— Estou falando sério, James. Nós temos um filho. Você tem responsabilidades. De onde foi, e eu realmente quero saber disso, de onde foi que você e Clay tiraram essa porra dessa idéia de que vocês podem brincar e agir como se tivessem seis anos?

Você vê Veronica e eu saindo e bebendo e usando drogas e ficando na rua até as quatro da manhã? Como você reagiria? Como você reagiria se eu saísse e passasse minha mão sob as calças dos caras e usasse drogas com eles no banheiro e Deus sabe mais o quê? Talvez eu vá fazer isso uma noite dessas. Porque você sabe o que mais, James? Eu não estou nem aí. Pra mim chega.

— Winnie?

— E essa história de chimpanzés e machos alfa. Estou começando a achar que você perdeu. Acorde, James. É o milênio. Homens e mulheres são iguais. Entende? Então por que você não pensa em como eu me sinto? Você acha que eu gosto de tomar conta de você o tempo todo? E eu? Gostaria que alguém tomasse conta de mim. Gostaria de ter um marido que ao menos pudesse pagar... todas as contas. Você é um peso, James. Estou cansada de fazer 80% do trabalho e obter 20% dos lucros. Estou cansada de...

— Winnie?

— Cale a boca, James. É a minha vez. Eu tive de ouvir as suas besteiras a noite toda. Fiquei sentada aqui nas últimas cinco horas imaginando onde você estava e o que estava fazendo. Estou tão enjoada de você, James. Você não é melhor que Evie. Será que ela pensa que nós não a vimos se escondendo na limusine? Se escondendo! Ela tem 35 anos! Obviamente está tentando transar com Clay. E Deus sabe o que ela está tentando fazer com Tanner.

— Clay? — diz James.

— É. Clay.Um homem casado.

— Winnie, eu...

— O quê?

— Eu... eu...

— Solta logo.

— Winnie, acho que estou tendo um ataque do coração. Vou morrer. Winnie. Acho que estou morrendo.

— Ah, James. Você é um merda. — Winnie coloca a cabeça entre as mãos. — Você não consegue nem cheirar cocaína direito.

IV

JAMES DIZ NÃO

James quer ser cuidado e mimado. (Como quando ele era pequeno. Como quando ele estava doente. Sua mãe faria uma cama para ele no sofá e o deixaria ver TV o dia inteiro. Seu pai o chamaria no telefone. — Ei, bom garoto. — Como está o bom garoto?) Ele quer que Winnie diga:

— Oh, James, meu pobre e doce neném. (Ele quer que Winnie seja como sua mãe. Ou pelo menos *maternal.)*

Em vez disso, ela diz:

— Eles falaram que você está legal.

Não estou legal, ele quer gritar. Ele queria que Winnie fosse embora. Ele queria poder dizer a ela que fosse embora. Ele não pode agora. Ele não pode nunca.

— Eu sei — responde.

— Você pode sair agora.

— Eu sei — diz. Ele aperta os botões do controle remoto, mudando os canais da TV acima de sua cabeça.

— Então. Podemos ir? — pergunta. -James. Tenho de voltar para o escritório.

— Preciso das minhas roupas.

— Elas estão bem aqui — comenta Winnie. Ela pega as roupas dele da cadeira e as coloca na cama do hospital. James olha para sua camisa, seu suéter (com o logotipo da loja de Winnie nele), seus jeans, meias e ceroulas brancas. Suas roupas parecem sujas.

— Preciso de roupas limpas — diz ele.

— Você já não se envergonhou o suficiente? — responde Winnie, tentando falar baixo. (Ela não quer ser ouvida pelo velho na cama ao lado, que está praticamente morto. Que tem uma perna coberta de cicatrizes saindo sob as cobertas.)

— Não vou para casa — diz James. — Vou a uma entrevista coletiva. — Ele toca suas roupas. Ele ainda não se sente muito... normal. (Ele se sente embriagado. Provavelmente por causa da cocaína que cheirou na noite anterior, combinada com a dose de Demerol que deram a ele no hospital na noite anterior. Ou melhor, esta manhã bem cedo. Quando ele achou que estava tendo a parada cardíaca. De cocaína. Outras pessoas haviam feito pior. Eles haviam se injetado heroína. Mas eles não são

casados com Winnie.)

— Você tem um notebook para me emprestar? — pergunta ele.

— Quero que você vá para casa.

— Não — responde. Se entregar os pontos agora, estará acabado.

— O que você quer dizer com "não"?

— Não — diz ele. — O que você acha que quer dizer?

— Você ainda deve estar doidão — ela avalia.

— Provavelmente — ele completa. Ele olha para a TV. Ele não se sente mal. O mundo tem uma intensidade interessante que, pelo menos uma vez em sua vida, não produz ansiedade.

— Onde você vai?

— A uma entrevista coletiva. (Ele também tem algo importante a fazer.)

— Uma entrevista coletiva!

— Macacos — ele destaca. — Chimpanzés.

— Quais, James? — diz Winnie (espertamente, ele pensa. Se ela voltou aos velhos truques de tentar enganá-lo, talvez ela não esteja tão zangada).

— Preciso de uma caneta, também — diz ele. — Não consigo encontrar meu relógio. Não posso sair sem meu relógio.

— Ah, pelo amor de Deus! — diz ela. Ela marcha (e ela é a única pessoa que ele conhece que realmente marcha) os poucos passos até a cabeceira da cama e aperta a campainha com o polegar. — Estou rezando para que nenhum dos nossos amigos fique sabendo deste incidente. Isso poderia arruinar sua carreira.

— Poderia — ele garante.

— Você por acaso liga para isso?

— Não — ele responde.

Uma enfermeira entra no quarto.

— Sim?

— Meu marido não consegue encontrar seu relógio. — fala Winnie — Você pode encontrá-lo para ele, por favor?

— Está no pulso dele.

— Bem, que tal isso? — pergunta James. Ele se recosta nos travesseiros e olha

para seu Rolex de prata com genuína apreciação. — São dez e meia.

— Eu sei que horas são. Tive que sair do escritório. Agora se levante e coloque suas roupas.

O médico entra.

— Como estamos indo esta manhã, senhor Dieke?

— Richard? — Winnie pergunta.

— Winnie?

— Como vai? — Winnie diz, sorrindo prazerosamente, como se James não estivesse deitado numa cama de hospital, de porre, malcheiroso e parcialmente nu. — Não sabia que você trabalhava no Lenox Hill.

— E por que você deveria saber? — pergunta Richard.

— Nós não nos vemos desde a faculdade.

— Fizemos faculdade juntos — fala Winnie — Que coincidência. Richard Feble, meu marido, James Dieke.

— Bem, estou feliz de dizer que seu marido está indo muito bem — avalia Richard. — Seu EKG e seu raio X do tórax estão normais. Então tudo o que posso dizer é, já que você nunca sabe o que tem nesse troço, é melhor se afastar. Se você tiver de usar substâncias ilegais, fume um baseado. Certo? Não quero ver vocês aqui de novo, caras.

— Acredite-me, Richard, isso foi um completo acaso — Winnie defende. — James e eu *nunca...*

— Não sou sua mãe — diz Richard. — A propósito, encontramos isso no bolso do senhor Dieke. Você deve querer guardar. — Ele entrega a Winnie um pequeno frasco marrom. Está cheio até a metade de pó branco. Ele pisca.

— Oh — diz Winnie. — Obrigada. — Ela o coloca em sua bolsa. Olha furiosa para James. Agora ela também é uma viciada em drogas. E se ela for presa com essa coisa?

Richard dá um tapinha na perna de James.

— Li seu texto na *Esquire.* Você deve levar uma vida bem diferente.

— Indomável — diz James. Ele não olha para Winnie.

— Tenho uma coluna na X — diz Winnie, citando o nome da revista para a qual trabalha.

— Oh, nós sempre soubemos que *você* faria sucesso — comenta Richard.

— Vamos nos encontrar um dia desses — diz Winnie, entortando a cabeça para o lado e sorrindo. — Você é casado?

— Eu? Nah. Ouçam, caras, eu tenho que circular. Bom te ver, Winnie — Richard diz. Ele aponta para James. — Mal posso esperar para ler seu próximo texto. Fique vivo, hein, garotão?

Richard sai do quarto. Winnie se volta para James.

— Indomável? — diz ela. — Ah, James, agora já ouvi de tudo.

James olha para ela. Ele sente vontade de botar a língua para fora. Mas ele não bota. Em vez disso, ele sorri.

ALGO DE BOM ACONTECE

James desliza para dentro do grande salão de baile do Hilton Hotel bem a tempo de ver a comoção na frente do salão.

Uma atraente (pensando bem, muito atraente) garota de cabelos escuros num top vermelho apertadíssimo (seus seios pareciam que iam pular para fora a qualquer momento) está acenando com o braço freneticamente.

— Ei, Danny. Danny! — diz ela numa voz rouca. — Onde estavam os agentes da alfândega nisso tudo?

Danny Pico, o chefe da alfândega, um cara meio careca de cabelos oleosos vestindo um blazer azul barato, olha para ela com raiva. — Não hoje, Amber — diz ele. — *Hoje não.*

Amber! James pode imaginar como seus seios devem ser. Cheios e suaves. E trêmulos. Ele não pega seios como esses há muito tempo.

— Por favor, Danny — diz Amber. — Por que estão sendo gastos dólares do contribuinte em experiências científicas completamente irrelevantes?

— Próximo — diz Danny.

— Oi. A quarta emenda — Amber diz, acenando a mão com unhas pintadas de azul.

(A quarta emenda?)

— Esta coletiva acabou! — diz Danny Pico. O aposento entra em erupção. Amber se volta e marcha para a porta num par de sandálias plataforma salto dez. Ela está usando uma minissaia. De couro. Branca. Ela está vindo bem na direção de James.

— Com licença — diz ele, tocando seu braço quando ela passa.

Ela pára e se vira.

— Ahn? — diz ela. — Eu conheço você?

— Sou James Dieke.

O rosto dela se ilumina.

— James Dieke. Aimeudeusdocéu. Você é um dos meus heróis.

— Sou? (É?)

— Claro. Adoro aquela sua matéria sobre satélites. Você é o único jornalista que consegue fazer sulfato de magnésio ser algo interessante. Importante. Sabe?

— Verdade — diz James (sulfato de magnésio).

Ela passa alguns papéis de um braço para o outro. Ela aperta sua mão.

— Amber Anders.

— Uau — diz James.

— Uau? — ela se surpreende.

— Seu nome. É ótimo. (Parece o de uma atriz pornô).

— Você acha? Sempre achei que era um bom nome para assinar. Escrevo para a *X* — ela fala, citando o nome da mesma revista para a qual Winnie trabalha. — Sou redatora. Mas espero que não pela vida toda. — Ela se aproxima ainda mais. — Algumas pessoas nunca saem de lá, sabe? Eu juro, há editores mortos em escritórios obscuros , escondidos atrás de pilhas de edições antigas.

— Vou dizer algo a você — comenta James. — Sempre há editores mortos. Escondidos em escritórios pequenos e obscuros. Torturando quem escreve.

— Ei, você é engraçado, sabe? Ninguém jamais me disse que você era engraçado.

— Talvez não me conheçam — diz James. Ele fica imaginando se ela conhece Winnie. (Ele fica imaginando se ela sabe que ele está de pau duro.)

— Para onde você está cobrindo isso? — pergunta ela.

— Para a *Times Magazine* de domingo — responde ele.

— Legal — diz ela. Ela enfia o dedo na boca e dá uma mordidinha nas unhas. Ela olha para ele. Seus olhos são grandes e castanhos. Sem rugas. — Esses caras não estão falando. Mas não tem importância. Eu tenho o endereço do galpão no Brooklyn onde eles estão escondendo esses macacos fodedores.

— Macacos fodedores? — pergunta James.

— Os macacos. Os chimpanzés. Os chimpanzés com os quais estão fazendo experiências secretas do governo. Entende?

James não consegue se controlar (como poderia se controlar?). Ele a segue para fora do hotel e para a rua 56.

— E você nunca vai acreditar onde eu peguei o endereço — diz ela. — O motorista de Danny Pico. Acredita nisso? — eles estão na calçada, andando na direção da 50. — Tem um cigarro? Não? Bom, não importa. Não imaginava você fumante. Ei, por que você não vem comigo?

— Ir com você? — pergunta James.

— Para o galpão, bobinho. O galpão no Brooklyn. Tenho o endereço, lembra?

— Ah, certo. O endereço. Mas como vamos chegar ao Brooklyn?

Amber pára e olha para ele.

— Carro alugado. De que outro jeito?

— Carro alugado? — pergunta James.

— Bem, eu não vou poder fazer um relatório de gastos dessa expedição.

Quinze minutos mais tarde, ela sugere.

— Ei, James. Tenho uma idéia. Por que não cobrimos a história juntos? Como Woodward e Bernstein. Só não quero ser a menor. Qual é o nome dele mesmo?

— Quem? — pergunta James, olhando para seus seios.

— Woodward? Bernstein?

— É — diz Amber — esse. — Eles estão sentados no banco de trás de um táxi especial Big Apple. Cruzando a ponte do Brooklyn. Amber se recosta no banco e coloca sua mão sobre a dele. — Isso não é *pura dinamite?*

— Eu já te falei sobre a minha teoria dos machos alfa? — pergunta James.

WINNIE TOMA UMA DECISÃO

Winnie quer ser amada.

Ela quer ser bem-cuidada. Ela quer ser valorizada. (Ela não sabe exatamente o que "bem-cuidada" quer dizer. Alguém sabe?) Ela quer um homem que diga "Eu a amo, Winnie. Você é tão bonita".

Ela quer que ele dê a ela uma jóia bonita.

Isso é pedir muito?

Será que ela já foi amada algum dia? Sua mãe a amava. (Ela saía correndo da escola para ver sua mãe. Elas iam ao supermercado juntas. E à Ann Taylor. Sua mãe comprava suéteres e saias para ela, em cores brilhantes. Meias três-quartos. Ela usava meias três-quartos até na faculdade. E faixas na cabeça também.

Seu pai a criticava. Muito. Em tudo o que fazia. (Se ela recebia notas A seguidamente, e ela realmente recebia notas A seguidamente a maior parte do tempo, ele dizia "era o que eu esperava. Isso é o que espero de um filho meu".)

Seu pai a fez sentir como se não fosse boa o suficiente. Como se estivesse perdendo algo (talvez alguns neurônios). Aquele era seu truque favorito.

— Winnie — ele diria -, qual é o seu endereço?

— Um, um, um...

— Você é tão burra.

Ela tinha três anos e meio. E sabia ler. Como você pode ser burro quando tem três anos e meio?

— Winnie? O que é maior? O sol ou a lua?

Era uma pergunta enganosa e ela soubera que era uma pergunta enganosa. (Sabia que não era boa em perguntas enganosas. Sempre se enganava.)

— A lua?

— Você é tão burra. (Ela tinha quatro anos.)

Seu pai não a entendia. (Nem James.) Ela não o entendia. (Seu pai. E James.) Não conseguia entender por que tudo o que ela fazia era errado. (O que ele queria? O que os homens queriam? Nada. Talvez quisessem ser deixados sozinhos.) Não conseguia entender por que tudo o que seu pai dizia era lei, mesmo que estivesse errado. (Por que tinha de ouvi-lo? Por que ele não podia ouvi-la?) E ele freqüentemente estava errado. Ele deixou seu poodle francês sair sem coleira e ele foi atacado por um shepherd alemão. (— Sabia que ele seria atacado — Winnie soluçou. — Cale a boca — ele mandou.)

— Sou duro com você, Winnie — dizia ele. — Tenho que ser. Você é preguiçosa. Se não for duro com você, não sei como você vai se arrumar.

Ela certamente é esperta o suficiente (ela conquistou muito). Por que tem de lutar por cada pitada de respeito? James não precisa disso.

Por que todo mundo a faz se sentir como uma puta? Por conseguir se sustentar sozinha.

— Você tem de aprender a se sustentar sozinha, Winnie — dizia seu pai —

Porque ninguém vai fazê-lo por você. Ele estava certo. Ninguém jamais a sustentara. Especialmente os homens.

Que raça imprestável. Desde os quatro anos, tinha de ir à escola com eles e aí sua mãe acabou tendo um, ela acreditava que eles deviam simplesmente ser eliminados. Abortados. Certo, podiam-se deixar alguns poucos viverem. Mas apenas por causa de seu esperma. E eles deveriam ser excelentes espécimes.

O que era toda aquela besteira sobre homens com a qual crescera? De que um dia um desses (patéticos) espécimes ia se apaixonar por ela (e realmente amá-la — ah — quem é que ia sonhar que essa promoção valeria um cazilhão de dólares) e torná-la inteira. Dar a ela algo sem o qual não poderia viver. (Ela pode viver sem a maior parte dos paus que conheceu, então isso é tudo mentira.)

Veja James.

Ela teve de pegá-lo. (Esperava-se que fosse de outro jeito. Mas se tivesse esperado, deixado ele "fazer todos os movimentos" da maneira que os homens estão sempre dizendo a você para deixá-los fazer, ela ainda estaria esperando.) Ela teve de perseguir James da mesma maneira que teve de perseguir tudo o mais em sua vida. Com determinação clara. (Ela não sabia como jogar o jogo garoto-garota. Ninguém jamais a ensinara. E além do mais, parecia desagradável e desonesto.)

— Escute, James — ela disse no início, depois que já haviam se encontrado seis vezes (e dormido juntos na quarta).

-Escute, James. Não vou jogar jogos. -Isso foi uma semana depois de seu sexto encontro e James subitamente não estava mais telefonando. Teve de ligar para ele. (Como ele ousava?E por quê? Porque ele a estava tratando daquele jeito?)

— Estava no fechamento — ele justificou-se.

— Você podia ter me ligado — ela insistiu. (Ninguém fica tão ocupado que não possa pegar o telefone e fazer uma ligação de um minuto. Não importa o quanto eles digam que estão ocupados. Sinto muito).

— Esqueci.

— Você... esqueceu? — Winnie criticou. (Era possível para um ser humano ser tão estúpido?)

— Estava no fechamento — disse James. (Como se isso fosse desculpa. Ela devia ter sabido então. Ela devia ter ido na direção oposta.)

Ela não sabia como jogar jogos.

— Você esqueceu. De novo. (E ele era um jornalista premiado.) — Como você ousa esquecer? Dormi com você, James. Transei com você. Nós temos um

relacionamento. Como ousa? — Ela desligou o telefone. (Estava tremendo.)

Ela ligou de volta.

— E você é uma porra de um sortudo por estar saindo comigo.

Dez minutos depois, ele ligou.

— Você quer ir a um lançamento de livro comigo na segunda?

Ela aceitou.

Devia ter ido na direção oposta.

Não foi.

(Um homem uma vez lhe descreveu seu amor por uma antiga namorada: "Ela era minha amante, minha mãe, minha irmã e minha filha." Para James, ela é apenas a mãe.) James precisa dela. (Ele ainda não faz nada.)

Quando ela o conheceu, ele morava num estúdio pequeno, com uma cama num mezanino. Tinha uma escrivaninha e uma mesa sob o mezanino. Ele tinha um velho sofá e estantes feitas de tijolos cinza e estreitos. Ele tinha 32 anos e sua pia estava cheia de louça suja.

Winnie lavou a louça dele.

— Escute, James. Você é uma porra de um sortudo por estar saindo comigo. (Ela era editora numa revista feminina. Uma editora mesmo. Ganhava uma carona grátis no carro da empresa se trabalhasse até depois das sete. Escolhia matérias e almoçava com escritores; às vezes tinha de derrubar as matérias também. Aí ela ligava para o repórter e dizia: — Sinto muito, essa matéria simplesmente não está funcionando para nós. Talvez você possa tentar vendê-la para outro lugar. — Às vezes os repórteres choravam. Todos diziam que Winnie ia longe.)

— Escute, James — disse Winnie. -Acho que você tem medo do sucesso. Você tem medo de mudança. Você tem medo de que, se se comprometer comigo,tenha de mudar. Você terá que reconhecer seu sucesso.

— Você acha? — perguntou James. — Nunca pensei sobre isso dessa maneira. Você pode estar certa.

Tudo o que James faz é concordar. Ele concorda e depois não faz nada.

— É demais, James — ela fala agora. — É demais para mim.

— Eu sei — responde ele. (Ele não consegue nem planejar umas férias. Ela planeja e ele vai com ela viajar.)

Ele não faz nada.

Winnie sabe o que tem de fazer. Precisa parar de tomar conta de James. E começar a tomar conta de si mesma. Não é isso o que todos os analistas falam para você fazer nos relacionamentos? Parar de colocar o foco no homem? E colocar o foco em si mesma? (Claro, se você parar de focar o homem, ele provavelmente vai embora. Isso é o que esquecem de dizer a você.)

Ela tem de focar suas necessidades.

Winnie vai dormir com Tanner e ela está excitada.

Ela liga para o escritório. Fala com sua assistente.

— Qual é? — diz a assistente.

— Ainda estou nessa situação de emergência. Não vou voltar esta tarde. Ligo para você no fim do dia.

— Alguém chamado Jess Fukees ligou — informa a assistente.

— Ele não é importante. Ele é só o presidente da companhia.

— Tudo bem — a assistente desiste. (Sarcasmo está além da compreensão dela.)

— Não está tudo bem — diz Winnie. — Ligue para a secretária dele e diga a ela que estou fora do escritório... não, fora da cidade, e que a primeira coisa que vou fazer amanhã é ligar para ele.

— Você vai, garotona — diz a assistente e desliga.

Winnie vai para casa.

— Olá — ela fala para a babá jamaicana, que pula e rapidamente desliga a TV. Winnie ignora isso.

— Senhora Dieke. Chegou em casa mais cedo.

— Não cheguei em casa de jeito nenhum — diz Winnie. — Estou só dando uma passada. A caminho de uma reunião.

Ela entra no quarto e abre seu closet, Revira seus sapatos. Fechadas, e ainda na caixa, estão as sandálias de tiras que James deu a ela de aniversário.

Ela as coloca.

— Tchau — diz ela para a babá jamaicana.

Ela pega um táxi.

— Morgans Hotel na Madison Avenue — diz ela. Na portaria, ela confirma. — Gostaria de falar com o senhor Paul Bunyan, por favor.

— Ele está esperando você?

— Sim — diz Winnie. — Ela olha em volta do saguão. É tão pequeno, é claustrofóbico. Ela tamborila as unhas no linóleo branco.

O homem da recepção se vira e sussurra ao telefone.

— Senhor Hart? Há uma mulher aqui para vê-lo.

— Winnie — diz Winnie.

— Winnie — fala o recepcionista. Ele desliga o telefone.

— Você pode subir. É a Suíte A. Último andar.

— Obrigada.

Ela pega o elevador. Sai num corredor estreito de carpete cinza. Ela aperta a campainha da Suíte A.

— Só um minuto... estou indo — fala Tanner. — Estou indo... uh... uh... aimeudeusdocéu... i-i-i-indo. — Ele abre a porta ruidosamente.

— Oi — Winnie o cumprimenta .

— Esta é uma surpresa de verdade.

— Espero que não esteja ... interrompendo algo.

— Se estivesse, eu expulsaria a outra daqui.

O quarto de dormir é no primeiro andar. Winnie passa pela porta aberta. Os lençóis estão amarrotados. A suíte é dúplex, dois andares com terraços. Ela sobe as escadas. Tanner a segue. Ele acabou de tomar banho. Ela pode sentir o cheiro de sua colônia. (Colônia! A última vez que ela esteve com um homem que usava colônia foi provavelmente quinze anos atrás. Ela ainda se lembra. Paco Rabanne. Foi aquele cara de uma noite e ela provavelmente não teria trepado com ele se não fosse pela colônia.)

— Estou só tomando chá — explica Tanner. — Quer?

— Claro — diz Winnie. Ela se senta em frente a uma mesa de café de vidro com uma bandeja com duas xícaras, um bule de chá e fatias de limão. — Você estava esperando alguém?

— Não. Alguém acabou de sair. Inesperadamente — diz Tanner.

Ambos riram.

— Evie? — pergunta Winnie.

— Não sou do tipo que fica contando quem beijou — responde ele. Ele serve o

chá.

— Tenho algo seu comigo.

— Gosto das suas sandálias.

— James me deu de aniversário.

— O velho Jimmy tem mais gosto do que eu esperava. — Ele faz uma pausa. Toma um gole de chá. Olha para ela sobre a xícara. — Como está o velho Jimmy, por falar nisso? Ele não estava muito bem quando saiu daqui na noite passada.

— Acho que ele vai sobreviver. Infelizmente— diz Winnie.

— Você veio aqui para me forçar a me corrigir?

— Pode-se dizer que sim.

— Acho que sei para quê você veio aqui, Winnie.

— Acho que sabe. (Ela não tem certeza do que dizer em seguida. Nunca foi boa de paquera. Mesmo com James, no início, ela paquerava interessada em seu trabalho. A sua perda de interesse sexual nele aumentou na mesma medida em que ela perdeu o interesse no trabalho dele.)

— Acho que isso é seu — ela diz. Abre a bolsa e dá a ele o pequeno frasco de cocaína.

— Aha — diz ele. — O que eu faria sem isso?

— Achei que você fosse precisar.

— Muito obrigado.

Ele fica de pé e se aproxima por trás dela. Winnie não respira.

— Winnie... Há quanto tempo nos conhecemos?

— Quinze anos.

— Sempre disse que James era um filho da mãe sortudo.

O táxi especial Big Apple estaciona em frente a um galpão de metal enferrujado. Amber e James saem do carro.

— E se formos pegos? — pergunta James. (Deus, Winnie está certa. Ele parece uma garota. Ele devia estar no comando aqui. Mas não está.)

— E daí? Eles vão nos prender. Eu tenho um ótimo advogado. Vamos estar soltos em vinte e quatro horas — alega Amber.

— Não acho que minha mulher vá gostar se eu terminar na cadeia — diz James.

— Quem está ligando para a porra da sua *mulher?* — ela reclama.

Você a conhece? James quer falar. Em vez disso, ele diz:

— É que as últimas 24 horas foram um pouco... difíceis para ela.

— Por sinal, exatamente o *que* aconteceu com você nas últimas 24 horas? Você ainda não me explicou isso — diz Amber.

— Eu estive no hospital — explica James, seguindo seu caminho ao longo da calçada quebrada.

— Cirurgia ambulatorial? Lipoaspiração? Essas coisas?

— Não, não exatamente.

Amber empurra a porta para o galpão.

— Você vai simplesmente entrar? — pergunta James.

Amber se vira.

— Desculpe, James, mas acho que é para isso que as portas servem.

O galpão está vazio.

Ele estava esperando realmente por alguma coisa a mais? (Por que ele está aqui? Ele desejaria saber.)

— Droga. Chegamos atrasados — diz Amber. Ela acende um cigarro. — Eles tiraram os fodedores. Eu devia saber que não podia acreditar no motorista de Danny Pico.

Ela joga fora o cigarro e sai pisando forte.

— O que fazemos agora? — pergunta James.

— Voltamos. Para Manhattan. O que mais?

Eles voltam no táxi especial.

— Minha casa, por favor — diz Amber. Ela olha para fora da janela. Morde o lábio inferior. — Foda-se. Agora vou simplesmente ter de fazer acontecer. Fingir que vi os macacos.

— Fazer acontecer? — pergunta James.

— Todo mundo faz essa merda. Quem vai saber? — Sua expressão muda. Ela parece uma garotinha assustada. — James, você não acha... que sou uma mentirosa, acha? Sou a pessoa mais honesta que você jamais conheceu em toda a sua vida. Esse

foi o endereço que o motorista de Danny Pico me deu. Não é minha culpa que eles tenham tirado os macacos.

— Não, claro que não — comenta James.

— As pessoas sempre acham que estou mentindo. É porque sou bonita e inteligente. E eu realmente saio para a rua e faço essas matérias. Eles ficam sentados nos escritórios, você sabe. São invejosos. Não posso fazer nada se são invejosos. Não é minha culpa.

Divina merda , pensa James. Ela vai chorar.

— Ei — diz ele. — Não é tão ruim assim.

— Eu sei que você pode entender, porque tenho certeza de que as pessoas também têm inveja de você. — Ela chega mais perto dele. — Você é exatamente como eu, James — ela diz, naquela voz rouca e sexy. (Ele é exatamente como ela? Quem se importa?) — Sou igual a você, James. Somos como gêmeos.

Subitamente ela o está beijando. Ela é tão fácil, tão maravilhosa. (Claro que não é mentirosa. Como uma garota assim poderia ser uma mentirosa?) Ela sabe que ele a quer tanto quanto ela o quer? Coloca as mãos na frente da blusa dela, enchendo-as de seios grandes e macios. Quer abaixar as calças e oferecê-lo a ela ali mesmo (do jeito que fez uma vez quando tinha dezessete anos, com a garota feia e gorda que faria isso com qualquer um, só que ele não conseguiu entrar e gozou no meio da fenda úmida e molhada na bunda dela.) Amber coloca a mão em seu pau. Ela geme. O carro estaciona em frente a uma construção sem elevador no Lower East Side. Ele a segue dois andares acima pelas escadas. É imaginação dele, ou ela está empinando a bunda para ele? Ou são os sapatos, as sandálias plataforma pesadas? Ele a empurra contra a parede do corredor. Coloca as mãos sob a saia dela. (Ela não está usando nenhuma roupa de baixo e é cabeluda.) Ela empurra suas mãos para longe e coloca os dedos na boca dele.

— Sou realmente uma boa foda. Você não vai ficar desapontado.

— Sei que não vou...

É como um filme pornô. Desde quando as garotas ficaram fáceis assim? Por que ninguém contou a ele? (Por que ela é tão fácil?) Eles entram no apartamento dela. É escuro e sujo. Pequeno. Desarrumado. (Horrivelmente desarrumado.) Há um colchão no chão. Ela se deita e levanta as pernas.

— Me come, garotão.

Ele abre o fecho de suas calças e as tira. Ele engatinha na direção dela. Há um leve cheiro de lixo. Ele não sabe se vem do apartamento dela ou da rua embaixo. Ele coloca dois dedos dentro dela. Depois a penetra. Ela é úmida, mas grande. Enorme. É

como se houvesse um vácuo lá dentro. Ela é maior que Winnie, e Winnie teve um filho.

O que ele está fazendo? E se Winnie descobrir?

Ele goza.

Ele cai sobre ela.

Depois de um minuto, olha para seu rosto. Ela não está olhando para ele. Está olhando para o teto. Seu rosto está vazio. O que ela está pensando? Será que ela gozou?

— Preciso ligar para o escritório — ela diz.

James se senta. Veste as calças.

— Isso foi ótimo.

— É. Eu sei — ela diz. Ela engatinha para fora da cama e abre a pequena geladeira. — Espero que não se importe. Preciso de um drinque. — Serve meio copo de vodca pura. — Não fique tão chocado, James. Nunca julgo ninguém. Porque é problema seu, não meu. Certo? Se você tem um problema com isso, não me crie dificuldades. Não mereço.

— Eu sei — diz James. Subitamente ele se sente horrível. O efeito das drogas havia acabado. Ele está exausto. Ele se sente imundo. (Ele está imundo.) Queria estar de volta ao seu apartamento, em sua própria cama, dormindo. Se pudesse simplesmente ir dormir, talvez quando acordasse seria como se nada disso tivesse acontecido.

— Se você está preocupado se eu vou contar para sua mulher, não se preocupe — Amber tenta tranqüilizá-lo. — Não sou esse tipo de garota. E nem quero que você pense que sou esse tipo de garota, porque não sou.

— Tudo bem — James fala cautelosamente.

Ela se move na direção dele e coloca as mãos em cada lado de seu rosto. Ela o beija nos lábios.

— Você nunca conheceu ninguém como eu antes em sua vida. Você não precisa se preocupar comigo. Sou sua melhor amiga.

— Me sinto um pouco... ansioso.

— Por que você não disse logo? Tenho toneladas de comprimidos. Xanax? Clonopin? Dexedrina?

Dexedrina?

— Você conhece mesmo a Winnie? — pergunta ele. Tentando parecer casual.

— O que você acha, James? — ela. — Dãã.

Winnie e Tanner estão deitados nus na cama dele, na suíte dele, no Morgans Hotel. Winnie está de olhos fechados. Ela está sorrindo.

Tanner se inclina sobre ela e tira os cabelos de seu rosto. Ele beija seu rosto.

— Você gostou? — pergunta ele suavemente.

— Ah, gostei.

(O que ela realmente quer dizer é: Esta foi a trepada mais magnífica que já tive em toda a minha vida, muito obrigada, e agora eu finalmente entendo o que é uma trepada magnífica, mas ela não é esse tipo de garota.)

Ele pega sua bunda e a traz mais para perto. Ela passa a mão nas costas dele. (Ela quer se lembrar desse corpo pelo resto da vida. Ela vai lembrar desse corpo pelo resto da vida. É perfeito. Suavemente bronzeado e sem pêlos. Musculoso, mas não excessivamente trabalhado. Quem quer que tenha dito que o corpo dos homens não importa para as mulheres estava enganado. Ela nunca soube que o sexo podia ser tão limpo. E bonito. Tanner é tão limpo. Ela nunca viu um homem tão limpo em toda a sua vida. James tem a pele branca e manchas inflamadas. E poros escuros de onde os cabelos claros brotam. Às vezes ele tem furúnculos nas costas.)

— Quer fazer de novo? — pergunta Tanner.

— Você consegue?

— O que você acha?

Ela ainda consegue sentir seu pau duro.

— Só um minuto — diz ela.

Ela se inclina e pega o telefone. Ele dá um tapinha na bunda dela. Tão gentilmente, ela fica excitada de novo. Ela abre as pernas só um pouquinho.

— Alô — diz ela.

— Qual é? — diz a assistente.

— Só conferindo. Diga a Amber que o texto dela será a primeira coisa de que vou precisar amanhã de manhã.

— Não posso — fala a assistente. — Ela ainda está naquela entrevista coletiva.

— Só diga isso a ela, certo? — Winnie pede. Pensando.

Típico. Amber Anders era a.garota que havia plagiado seu texto.

Ela desliga o telefone.

— Tudo bem? — Tanner pergunta.

— Perfeito.

JAMES E WINNIE EM CASA

James não consegue ir para casa rápido o suficiente. Só desta vez. Se conseguir chegar em casa antes de Winnie, vai poder tomar um banho. Vai poder fingir que tudo está normal.

De agora em diante, tudo vai ficar normal. Vai se concentrar. Vai escrever aquele livro. (Ele se sente um merda. Ele não pode ficar assim, com esse sentimento de ser um grande merda. Será assim que Tanner se sente depois de se drogar e trepar com uma mulher qualquer para a qual ele não liga? Mobilizado e confuso?)

Ele abre a porta de seu apartamento. Fecha-a.

— James? — Winnie chama. — Estou feliz que esteja em casa.

Winnie está no quarto do garoto. Brincando com seu filho. Ajudando-o a enfiar contas num cordão. Ela está sentada no chão sem sapatos. Ela parece feliz.

— Olhe, papai — diz o garoto.

— Oi, garotão — responde James.

— Papai. Bang bang.

— Não. — diz Winnie. — Não mate o papai. — Ela sorri.

— Ele não é um garoto e tanto? — ela comenta.

— Bang bang — James diz ao filho. — Bang bang de volta.

— Clay está aqui — Winnie diz, tentando falar baixo. — Veronica o botou para fora de casa. Estou pensando em botar vocês dois para fora e mandar você para um hotel. Mas pensando bem, talvez eu devesse ir para o hotel e deixar você pagar.

— Você quer ir para um hotel? — pergunta James.

— O que você acha?

— Como foi o seu dia?

— Maravilhoso — Winnie diz, olhando para cima. — Trepei com Tanner a tarde toda no quarto de hotel dele.

Quisera que você tivesse feito isso, James pensa. Aí eles estariam quites. Aí ele não teria de se preocupar com nada. (Mas ele teria que se preocupar com Tanner. Não

seria mais capaz de ser amigo dele. E cada vez que olhasse para Winnie, teria de pensar em Tanner trepando com ela. E todas as outras garotas com quem Tanner havia trepado. Talvez ele tivesse que se divorciar de Winnie.)

— Tio Clay vomitou na pia — diz seu filho.

— Sshhhh — diz Winnie. — Como foi o *seu* dia?

— Fui à entrevista coletiva. Foi inútil.

— Eu disse a você — diz Winnie.

(Ele devia contar a ela? Ele devia contar a ela que conheceu Amber Anders na entrevista coletiva? Se vai contar, esta é a hora. E se Amber contar a Winnie que conheceu James? E se contar que trepou com James? E se contar a Winnie que conheceu James, Winnie vai ficar pensando por que James não contou a ela.) — Conheci uma pessoa que trabalha no seu escritório — ele conta.

— Quem?

— Andy... Amber alguma coisa...?

— Amber Anders.

— Acho que é isso.

— O que ela disse?

— Nada. Disse que leu minha matéria sobre satélites.

— Ela provavelmente vai plagiá-la. Foi ela que plagiou minha matéria. Estou tentando me livrar dela, mas não consigo.

— Você devia. Ela parece meio maluca.

— Ela é pior do que Evie.

— Você acha que Evie dormiu com Tanner?

— Não faço idéia — diz Winnie. Ela pega algumas contas e as enfia no cordão. (Ela pensa em Tanner. Como ele é forte. Ele ficou gentilmente pegando-a e movimentando-a em diferentes posições. Ele se ajoelhou sobre ela como um deus. Ele a subjugou. Beijou seu pescoço até que ela achasse que ia desmaiar. Ela desmaiou. Deslizou da cadeira para o chão, e foi quando ele a pegou e a carregou para o quarto. Foi incapaz de protestar.)

— Espero que ele não tenha feito isso. — diz James. — Evie é um pouco próxima demais de casa. Mesmo para Tanner. Ela é sua irmã.

— Você acha? — pergunta Winnie.

(Ela não está nem gritando, ele pensa. Talvez ele tenha que fugir disso no fim das contas.)

— Vou tomar um banho — ele avisa.

— Acho que é uma boa idéia.

Ele passa pela sala de estar. Clay está dormindo no sofá. Será que ele trepou com Evie? Quando James saiu do quarto de hotel de Tanner na noite passada, Clay e Evie ainda estavam lá. Será que eles realmente (Clay e Evie) fariam isso?

Cristo. Ele gostaria de trepar com Evie. Por aproximadamente dois segundos. Mas então ele começou a falar com Tanner sobre aquela merda dos macacos. E machos alfa. Que merda ele estava falando?

(E se tivesse dormido com Evie?A irmã de Winnie. Seria como Tanner dormindo com Evie.)

Ele entra no quarto. Está limpo. E bem-cuidado. Seus óculos estão na mesa de cabeceira próxima à cama, ao lado de seu relógio de viagem Braun preto e três velhas revistas de negócios que ele continua achando que vai ler. Os sapatos de Winnie estão no chão. As sandálias de tiras que ele deu a ela de aniversário.

Subitamente ele se sente bem. Talvez ele não tenha estragado tudo no fim das contas.

Quando ele sai do banheiro, ouve Winnie no telefone.

— Vou mandá-lo para casa assim que acordar — ela está dizendo. — Meu Deus, Veronica. Não sei. Não ligo mais a mínima... eu sei, mas talvez você devesse tentar ter a mesma atitude. Talvez você deva sair e trepar com outra pessoa.

— Veronica — fala Winnie, enquanto James passa por ela a caminho do pequeno escritório. Ele assente.

— Não acho que devamos nos envolver.

— Nem eu — diz Winnie. — Não estou nem aí.

James se senta à escrivaninha. Liga o computador. O telefone toca de novo. Merda, ele pensa. E se for Amber? Ele não deu a ela o número. Mas ela pode ter o número de Winnie.

Elas trabalham no mesmo escritório.

Ele simplesmente está ficando paranóico. Amber não vai dizer nada. Ela não é esse tipo de garota.

Ele ouve Winnie rindo baixinho no telefone da cozinha.

— Definitivamente temos que fazer de novo — diz ela, sedutora. Ele nunca a ouviu usar aquele tom de voz antes.

— Da próxima vez que você vier à cidade.

— É Tanner! — ela grita.

Oh.

Ele pega o telefone.

— E aí, cara?

— E aí, cara? Como você está se sentindo?

— Mal. (Ele quer contar a Tanner que transou. Porque ele transou. Ele realmente transou. Mas ele definitivamente não vai contar a Tanner sobre a vagina da garota. Era enorme. E um pouco malcheirosa. Ele definitivamente não pode fazer aquilo de novo.)

— Estou escutando, cara — diz Tanner.

— Clay está aqui. Veronica o botou para fora de casa.

— Ela vai implorar a ele para voltar em mais ou menos duas horas.

— Ela já fez isso -lembra James.

Eles riem.

— Você está indo para LA? — pergunta James.

— Amanhã de manhã. Vejo você da próxima vez que vier à cidade.

James desliga.

Ele checa seus e-mails. O primeiro, enviado às 5:03, diz "De Amber 69696969. Re: Machos alfa".

Isso não pode estar acontecendo. Ele deve deletar ou ler? Melhor ler. Descobrir o tamanho do estrago.

Querido James,

Foi ótimo te conhecer. É tão difícil encontrar caras decentes. (Não se preocupe com sua mulher. Eu disse a você, não sou esse tipo de garota, e NUNCA volto atrás em minhas promessas. Ao contrário de outras pessoas que conhecemos.) Realmente quero falar com você sobre essa idéia que tive sobre os machos alfa. (Acho que há fêmeas alfa também, e sou uma delas.) Isso seria uma matéria maravilhosa para a revista. E, acho que você deve

saber, vou tocá-la adiante. Vamos nos encontrar na segunda-feira às seis no Café Grill. Meu amigo Jerry é o barman e ele sempre me dá drinques de graça.

Grande beijo

Puta que o pariu.

Será que ele deve responder? E se ele realmente responder e seu e-mail for para o endereço errado? E se, de alguma maneira, Winnie o vir? (Amber e Winnie trabalham no mesmo escritório. E-mails estão sempre sendo passados em torno nos escritórios.) E se ele não responder? Ela pode ficar mandando e-mails para ele. Ela pode ficar louca. Ela pode contar a Winnie.

Ele tem de ser muito, muito cuidadoso aqui. Ele tem de limpar seus rastros (ela é maluca, essa garota. Ela está tentando roubar sua idéia. E ele vai ter de deixá-la fazer isso).

"Querida Amber", ele escreve. (Não, ele não pode escrever "Querida Amber". Parece muito íntimo.) Amber:

Foi bom conhecer você hoje. Entretanto, acredito que a conduzi pelo caminho errado. Não há nada parecido com machos alfa. Pelo menos não em seres humanos.

Boa sorte com sua matéria sobre macacos.

Ele aperta o botão de enviar.

O telefone toca. Novamente.

— Jess! — diz Winnie. — Que honra. (Ela é tão puxa-saco, pensa James). — Foi uma situação de emergência, mas eu posso prometer, não vai acontecer novamente... Ah, sim. Eu adoro o projeto. Com a supervisão correta, pode ser um grande sucesso... Obrigada. Obrigada mesmo, Jess... Deus do céu. Prometo a você, vou merecer cada centavo. — Ela desliga.

— James — diz Winnie.

Ele pula (É assim que ele vai ficar a partir de agora? Pulando de terror a cada vez que Winnie entrar no escritório? Aterrorizado com o que ela possa descobrir?)

— Era Jesse Fukees. O presidente. Ele acabou de me oferecer o cargo de chefia de seu novo site da internet. Paga quinhentos mil por ano. Com opção de compra de ações.

James não diz nada. Está chocado.

— Você não pode parecer um pouco mais feliz? Sou realmente importante agora.

— Estou feliz — observa James. — Você não percebe?

E então Winnie faz algo que nunca fez antes. Ela anda até ele. Coloca a mão em seus cabelos. Os desarruma.

— Estou orgulhosa por você também — diz ela. — Você vem trabalhando muito duro. Estou certa de que esse texto sobre macacos vai ser ótimo. Talvez você esteja certo. Talvez possa ser um livro.

Winnie boceja.

— Estou um pouco cansada. Vou pedir sushi e depois vou para a cama. Posso pedir o de sempre para você? Rolinhos Califórnia?

— Claro — responde James.

PLATINADA

I

MEU DIÁRIO

Sorria.

Você tem tudo.

Oh Deus.

Sem nomes.

Há espiões por toda parte.

Odeio tudo e todos, incluindo meu marido.

Por quê?

Sou tão cruel.

Esta manhã, me vinguei totalmente dele por ter chegado à uma e 33 da manhã. Quando ele PROMETEU, PROMETEU, PROMETEU que estaria em casa à meia-noite. NO MÁXIMO. Foi um teste, e ele falhou. De novo. Mas em vez de gritar com ele quando chegou em casa, ignorei tudo. Mas fiquei acordada na cama a noite inteira de novo, sentindo como se minha cabeça fosse explodir, o que estou certa que vai acontecer um desses dias, muito em breve. Mas se lhe disser isso, ele só vai dizer: "Por que você não toma mais uns comprimidos?" Bem, por que ele não pára de ser tão babaca, e aí eu não teria que tomar mais nenhum comprimido? Do jeito que as coisas estão, em alguns dias sinto que minhas pernas são feitas de borracha. Não é imaginação o fato de eu mal poder atravessar a sala para atender ao telefone.

Então esta manhã, quando ele se levantou, fingi estar dormindo. Assim que ouvi a água correndo no banheiro, fui para meu esconderijo e cheirei uma boa carreira daquela merda de pó que N. conseguiu com o barman do M. Como era de se esperar, em mais ou menos um minuto eu senti uma grande ânsia de vômito chegando, corri para o banheiro e vomitei muitas vezes enquanto *ele* ficava lá horrorizado, com creme de barbear no rosto. E quando me levantei estava tremendo e meio que tropecei para trás, contra a parede, secando os olhos.

— Você está bem? — perguntou ele.

Eu sorri misteriosamente e disse:

— Ah, agora estou bem, acho. Não sei o que me deu.

— Talvez você devesse ir ao médico — disse ele.

Tudo o que ele quer é que eu fique grávida. Isso é tudo o que todos eles querem.

Pensam que, uma vez que eu esteja grávida, todo o problema vai acabar e eu vou me estabilizar. Sou como Mia Farrow no *Bebê de Rosemary.*

— Sinto muito não estar acordada quando você chegou. Você se divertiu? — perguntei. Então voltei para a cama e ele veio, antes de sair para aquele ESTÚPIDO escritório e, como já era de se esperar, disse:

— Acha que está grávida?

— Ah, provavelmente não.

— Mas você está enjoada. Você acha que devia ir ao Dr. K. de novo?

— TUDO O QUE EU FAÇO TODO DIA É IR A MÉDICOS — comecei a gritar, mas aí vi de novo aquela expressão fechada em seu rosto e mudei para minha voz sensual e disse:

— Não é nada. Não se preocupe comigo. Vou ficar bem.

— Mas eu *estou* preocupado com você — ele esclarece.

— Então por que você não fica em casa e me faz companhia? — perguntei.

Bem, foda-se ele. Aquela era obviamente a coisa errada para dizer porque ele simplesmente sacudiu a cabeça, me deu um tapinha na perna e saiu.

EU O ODEIO. O que ele quer que eu faça? Quem ele quer que eu seja? Quem eu devo ser aqui, por favor? Alguém POR FAVOR pode me dizer?

Fui ver o Dr. Q. à uma e meia. Ele me deixou esperando três minutos e 42 segundos — o que são quase quatro minutos, algo completamente inaceitável. Dois minutos e meio, é o limite para QUALQUER PESSOA. Eu sempre digo a todo mundo que não vou ficar esperando por mais de dois minutos e meio, a menos que eu seja a pessoa que está fazendo os outros esperarem. Esta é uma das razões por que me recusei a sair na capa daquela estúpida revista *Vogue.* Aquela mulher idiota disse: "Vou pedir a alguém para te ligar em seguida." E eu disse: "O que você quer dizer por em seguida?" E ela respondeu: "Em cinco minutos." E ela ligou de volta, em dezoito, e eu disse: "Desculpe, não estou interessada." Além do mais, eu também tenho outras razões, que são o fato de eu odiar aquela mulher (eu a odeio tanto que nunca vou dizer seu nome), mas foi mais por causa daquele atraso.

Aí, isso é típico: a pessoa que estava antes de mim comendo minha hora de consulta com o Dr. Q. é alguma mulher de quarenta anos usando calça de moletom. Não é nem Calvin Klein. E ela está segurando um lenço.

Por que as mulheres sempre choram nos consultórios dos analistas?

— Bem — diz o Dr. Q. Acho que ele nota que estou sendo extremamente fria e orgulhosa. — Como você está hoje? Você ainda acha que alguém na família está secretamente tentando envenená-la?

— Que porra fez você dizer isso?

— Isso — ele concorda, folheando suas notas — foi o que você disse ontem.

— Eu vomitei de verdade hoje de manhã.

— Sei.

Então eu não digo nada. Só fico sentada na cadeira, tamborilando minhas unhas no braço de metal.

— Sei — diz o Dr. Q. de novo.

— E o que exatamente o senhor sabe, Dr. Q?

— Sei que você está usando um lenço na cabeça novamente.

— E qual é a sua opinião?

— Você vem usando um lenço na cabeça e óculos escuros nas duas últimas semanas.

Dou a ele um sorriso seco.

— Então ... como você se sente quando usa um lenço na cabeça e óculos escuros?

— Como você acha que me sinto, Dr. Q?

— Por que você não me conta?

— NÃO — digo. — Por que você não me conta?

— Isso iria, ah, destruir o propósito de nossas...visitas. Argh. O Dr. Q. é tão grosseiro.

— Isso me faz me sentir segura — digo.

— Do envenenador da família?

Às vezes eu tenho vontade de matar o dr. Q. Realmente tenho.

D.W. ligou. Não falo com ele há três meses. Tenho procurado evitá-lo.

SOCORRO.

Costumava escrever isso em todos os meus livros quando era criança. Costumava encapar meus livros com folhas de papel pardo e então escrevia meu nome na frente com Magic Markers de diferentes cores. Costumava pontuar meus Is

com círculos.

D.W. sabe demais.

Claro, ele sempre liga nas horas mais inconvenientes. Bem no meio de *A história de Karen Carpenter,* que já assisti mais ou menos 57vezes. O telefone toca bem na parte em que Karen finalmente se muda para seu próprio apartamento e sua mãe encontra a caixa de laxantes. D.W. tem aquela voz açucarada que eu odeio taaaaaanto.

— Olá, minha querida — diz ele. — O que você está fazendo?

— Shhhh — respondo. — Está quase na hora de Karen mentir para a mãe dela e dizer que não vai mais tomar laxantes e sua mãe realmente vai acreditar nela. Você consegue acreditar no quanto essa mulher é estúpida?

— E depois...?

— E depois Karen vai emagrecer até 35 quilos e ter um ataque do coração depois de comer a ceia do Dia de Ação de Graças. Em outras palavras, ela basicamente é morta pelo peru.

— Que coisa fabulosamente... encantadora— diz D.W.

— Estou realmente no meio de algo, então o que você quer, D.W.? — eu digo, o que eu sei que é horrivelmente grosseiro, mas se eu for grosseira talvez ele entenda a mensagem e suma por mais três meses.

— O que você vai fazer mais tarde?

— Ah, mais tarde? — digo descuidadamente. — Acho que vou cheirar umas carreiras de cocaína e tomar alguns Xanaxes e dar uns telefonemas malucos para o trabalho do meu marido. E depois vou levar o cachorro para passear pela décima vez e gritar com uns fotógrafos. O que você acha que estou fazendo?

— Sabe, você é uma garota realmente engraçada e interessante. Isso é o que ninguém entende a seu respeito, e é uma pena. Se as pessoas pudessem ver você de verdade...

Não há mais eu de verdade, mas quem é que liga para isso?

— Você acha que meu marido está tendo um caso? — pergunto.

— Ah, por favor, minha querida. Por que ele teria um caso quando está casado com uma das mulheres mais bonitas do mundo? — pausa. — Você acha que ele está tendo um caso?

— Não exatamente agora — digo.— Mas só estou conferindo para ter certeza de que não sou maluca.

— Está vendo? — D.W. diz alegremente. — Isso é o que acontece quando você

perde contato com seus velhos amigos.

— Nós não perdemos contato...

— E é por isso que absolutamente insisto em sair com você para jantar hoje à noite.

— Você não tem nenhuma festa de gala para participar?

— Só uma pequena festa numa loja. Por uma causa muito digna. Mas estou livre depois das oito.

— Tenho que ver — digo. Eu coloco o telefone de lado e ando suavemente pela sala, subindo as escadas para o banheiro principal. Tiro todas as minhas roupas e subo na balança: peso 53,3 quilos. Porcentagem de gordura, 13. BOM. Perdi cem gramas desde a manhã. Coloco minhas roupas de volta e desço as escadas. Pego o telefone.

— D.W.?

— Graças a Deus. Achei que você tinha morrido.

— Vou deixar isso para a semana que vem. Encontro você às oito e meia. No R. Mas só você. E NÃO DIGA A NINGUÉM.

Eu uso calça de ginástica Dolce & Gabbana e uma suéter pólo Ralph Lauren, sem sutiã, e, quando entro no restaurante, lembro que não penteio os cabelos há três dias.

D.W. está sentado à mesa errada.

— Oooooh. Você parece tão... americana. Tão... bonita.

Sempre disse que você era a quintessência da garota americana. A garota americana começa e termina em você — diz ele.

— Você está na mesa errada, D.W. Eu nunca me sento aqui.

— Claro que não. Mas essa calça, querida. Do1ce & Gabbana.

Ando para os fundos do restaurante e me sento. D.W. me segue.

— Você só devia usar grifes americanas, querida. E tãããããão importante. Eu estava pensando em colocar você num Bentley.

— Bentley não tem nenhuma cliente com menos de sessenta há cinqüenta anos.

— Mas estou tornando-o quente. Ele vai ser quente, quente, quente de novo.Aquelas jovens irmãs S. estão usando suas roupas.

Eu reviro os olhos.

— Quero um martíni — peço. — Você não tem comprimidos, tem?

— Que tipo de comprimidos? Para alergia? Não sei...

— Dá pra fazer a cabeça com eles?

— Oh, minha querida, o que aconteceu com você? Você está se tornando uma pequena Courtney Love. Eu queria taaaaaanto que você ficasse amiga daquelas adoráveis, adoráveis irmãs S. Elas idolatram você. E pense nas festas em que vocês poderiam ir juntas. *Toute* Nova York ficaria agitadíssima. Seria exatamente como nos velhos tempos.

Por que eu não posso ser como essas queridas irmãs S?

Elas são perfeitas. Elas nunca causam problemas a ninguém. Nem mesmo a seus maridos. Elas são gêmeas e uma delas (eu sempre as confundo, e todo mundo também) se casou quando tinha uns dezoito anos. Ela me convidou para um chá uma vez, e eu fui porque meu marido disse que eu tinha de ir.

— Meu marido casou comigo por causa dos meus quadris — ela explicou, mesmo sem eu perguntar. — Eu tenho quadris de parideira — ela disse. — O que eu posso fazer? — Eu quis perguntar a ela onde ela tinha ido fazer lavagem cerebral, mas não consegui. Ela parecia tão triste. E tão perdida. E tão magra num grande vestido colorido de Valentino.

— Como é essa história de você nunca perder seus cabelos, D.W.?— pergunto, acendendo um cigarro.

— Ah. Você é tão engraçada. Meu avô tinha a cabeça cheia de cabelos quando morreu.

— Mas você não acha ... que tinha menos cabelos há três meses?

D.W. olha em torno do restaurante e dá um tapinha na minha mão.

— Sua garota travessa. Eu realmente tive um certo trabalho. Mas todo mundo faz isso hoje em dia. Você sabe, os tempos realmente mudaram. Todo mundo é fotografado. Quer dizer, aquelas pessoas horríveis cujas fotos aparecem nas revistas ... mas não tenho de contar a *você* sobre *isso.* Agora, a P., ela faz isso da maneira certa. Você sabe que a foto de ninguém, mas *ninguém* mesmo, aparece nas páginas sociais sem a aprovação dela? E, claro, tem de ser o tipo certo de pessoa. Ela tem o mais alto nível. Ela consegue reconhecer qualidade a um quilômetro e meio de distância.

P. é aquela editora da *Vogue.*

Eu bocejo ruidosamente.

— Você viu aquela coluninha que fizeram sobre você no mês passado? Aquela

em que eles analisaram o tamanho da bainha das suas saias? É por isso que as saias estão tão compridas nesta estação.

— Aquilo foi só porque — eu disse, batendo a cinza no chão — a bainha daquela saia descosturou e eu tive muita preguiça de mandar costurar de novo.

— Oh mas minha querida — D.W. diz. — Você não vê? Essa atitude, essa indiferença, é genial. É como Sharon Stone usando o Gap de gola rulê no Oscar.

Fixo D.W. com um olhar maldoso. Estou tentando me livrar dele há dois anos, mas mesmo agora e de novo eu tenho essa HORRÍVEL sensação de que D.W. nunca vai embora, de que pessoas como D.W. não vão embora, especialmente quando você as conhece da maneira que D.W. e eu nos conhecemos um ao outro.

— Vomitei hoje. E ainda acho que tem alguém tentando me envenenar.

D.W. esvazia seu copo de martíni.

— Nós sabemos que você não está grávida — ele diz, com aquela intimidade confortável que me desagrada profundamente.

— E como sabemos disso?

— Vamos lá, querida. Você não está grávida. Você nunca ficou e nunca ficará. Não com a gordura de seu corpo pairando em torno de 30%. Seu marido deve ser burro o suficiente para acreditar nessa merda, mas eu não.

— Foda-se você.

D.W. olha em volta do restaurante.

— Mantenha sua voz baixa. A menos que você queira ver outra matéria na revista *Star* — Princesa Cecelia metida numa briga de amantes com o coroa com quem ela tem um caso secreto.

Começo a rir.

— Todo mundo sabe que você é gay.

— Fui casado. Duas vezes.

— E daí?

— Daí que até onde a imprensa sabe, minha querida, eu posso ser qualquer coisa.

— Você é um psicopata, D.W. E as pessoas estão começando a perceber isso.

— E você não acha que eles não perceberam a mesma coisa sobre você? — D.W. faz um gesto pedindo mais uma rodada de martínis. — Princesa Cecelia. Talvez a mulher mais odiada da América.

— Hillary Clinton gostava de mim.

— Respire fundo, minha querida. — D.W. dá um tapinha na minha mão. Ele tem dedos horrorosos, que se estreitam nas pontas pequenas. — Talvez não a mais odiada. Acho que um dia as pessoas odiaram mais Hillary Clinton do que odeiam você. Mas certamente deve ter ocorrido a você agora que todas aquelas fotografias horrendas não foram um erro.

Acendo outro cigarro.

— E daí?

— Daí que há um pequeno jogo nos escritórios de editores de fotografias em todo o país: Vamos publicar a pior foto possível de Cecelia. Acredito que estão formando um pool e que os fotógrafos também estão nele. A grana pode estar acima de dez mil dólares agora.

— Cala a boca. Cala a boca. — Fecho os olhos. E então eu faço o que treinei fazer anos atrás, quando era criança.

Começo a chorar.

Minha vida se esvai.

Ela sempre se esvaiu, se você quer saber a verdade.

D.W. sorri cruelmente.

— Já vi essa cena antes. E você não merece um pingo de simpatia. Nunca vi ninguém que tenha ganhado tanto estragar tudo de maneira tão espetacular. Vá se recompor. Vá cheirar uma carreira de pó ou algo assim.

— Vou para casa agora. E vou esquecer que tivemos essa conversa.

— Eu não faria isso, minha querida. — D.W. diz, agarrando minha mão. Ah, sim. Eu tinha esquecido o quanto

D.W pode ser forte, mesmo sendo uma bichona.

— Está me machucando — eu digo.

— Isso não é absolutamente nada, minha querida, comparado à quantidade de dor que posso infligir a você. E estou perfeitamente preparado para fazer isso.

Eu me sento de novo. Acendo OUTRO cigarro. DEUS. Tenho que parar de fumar um dia desses. Quando ficar grávida.

— O que você quer, D.W.?— pergunto, embora faça uma boa idéia. — Você sabe que não tenho nenhum dinheiro.

— Dinheiro? — D.W. senta de volta em sua cadeira e começa a rir. Ele está rindo

tanto que lágrimas saem dos cantos de seus olhos.

— Não me insulte.

— Você é como aquele personagem de *A malvada.* Addison DeWitt, a Rainha Má — observo.

— Por que você não pede algo para comer?

— Não estou com fome. Você sabe disso.

— Vou pedir alguma coisa para você.

Por que ele está me torturando?

— Vou vomitar. Eu juro por Deus, D.W. Vou botar tudo para fora.

— Garçonete — ele chama.

Ele chega sua cadeira para mais perto da mesa. Eu movo a minha para trás.

— Tudo o que quero — ele diz — é ficar muito, muito perto de minha boa amiga Cecelia. Que agora está para se relançar como a rainha da sociedade. Apoiada, ajudada e auxiliada, claro, por seu muito, muito bom amigo D.W.

Eu me encosto na cadeira. Cruzo minhas pernas. Balanço o pé.

— Não vou fazer nada disso — esclareço, apagando meu cigarro no chão.

— Ah... sim... você... vai — D.W. diz calmamente.

— Ah... não... não... vou.

— Você está sabendo — D.W. diz — que há um livro não autorizado sobre a Princesa Cecelia em andamento? O escritor é muito, muito amigo meu, mas eu tenho de dizer que ele é um excelente jornalista investigativo. O livro seria... bem, vamos dizer apenas que "embaraçoso" seria o mínimo.

— Você está sabendo que agora estou casada há mais de um ano. Então, tudo o que você disser sobre mim não fará absolutamente nenhuma diferença.

— Você está sabendo que seu casamento está acabando e seu marido está considerando constantemente a hipótese do divórcio?

— Meu marido está loucamente apaixonado por mim.

Ele não vai me deixar sair de seu alcance.

— E onde ele está esta noite?

— Você conhece minha filosofia, D.W. Eu sempre pico a mão que me alimenta.

— Então é isso? Bem, cuide muito bem de si mesma, querida. Você está horrível

— D.W. diz. — Você mal consegue se permitir ter seu nome limpo da lama. Pense sobre isso. Os fotógrafos acampados novamente do lado de fora da sua porta, pessoas remexendo seu lixo, seu rosto na capa dos tablóides. Você mal conseguiu escapar da última vez. Pense só no prazer da vingança.

— Acho... que preciso... de um Xanax — sussurro.

— Ah, você vai precisar de muito mais que um Xanax na hora em que eles estiverem atrás de você. Eu acho que você já estaria tomando Librium a essas horas. O que, por acaso, é o que dão a esquizofrênicos. Só para o caso de você não conseguir ficar ligada com os seus remédios.

Eu desmorono na cadeira.

— Não é tão ruim assim — D.W. diz. — Tudo o que estou pedindo é que compareça a algumas festas e uns chás de vez em quando. Participe de uns comitês. Use alguns vestidos de estilistas. Talvez uma pele. Você não é contra as peles, é? E então talvez seja a anfitriã de uma viagem à Índia — mas na época em que arranjarmos isso a Índia pode ser *passé,* então talvez algum lugar como a Etiópia. Vamos fazer algumas fotografias, fazer você assinar como editora contribuinte da *Vogue.* É só o tipo de vida que qualquer mulher na América sonha.

— D.W. — digo. -A sociedade está... morta.

— Nonsense, querida. — ele responde. — Você e eu vamos revivê-la. Nós dois vamos conseguir nossos lugares nos anais da história.

Queria estar em Massachusetts, andando por aí no banco de trás do carro de alguém.

Fumando um baseado.

Ouvindo Tom Petty.

— Vamos, vamos — diz D.W. — Não é como se eu estivesse pedindo a você para ser uma sem-teto. Ninguém está pedindo que urine nas estações de metrô. Você teve um bom e longo descanso e agora é hora de voltar ao trabalho. Porque é isso o que as mulheres em sua posição fazem. Elas trabalham. Ou alguém esqueceu de te dizer isso? — Ele pega a faca e sorri com o reflexo distorcido de sua boca. — As pessoas estão contando com você, Cecelia. Elas esperam que você não estrague tudo.

— Por quê? — pergunto.

— Aqui está o que eu quero que você faça — diz ele. — Número um. Comece a mostrar um rosto feliz. Feliz, feliz, feliz.Você não foi eleita a Mais Popular na sua sala da escola?

— Não.

— Mas você foi eleita alguma coisa.

— Não — eu disse, definitivamente. — Não fui.

— Você me mostrou seu livro do ano da escola, Cecelia. Anos atrás. Eu lembro da noite. Foi logo depois que Tanner te chutou.

— Tanner nunca me chutou. Eu o chutei. Lembra? Para ficar com meu marido.

— Reescreva a história com outras pessoas, minha querida. Eu estava lá. Agora, o que foi afinal?

— A Mais Provável Bem-Sucedida — eu sussurro. Mas havia apenas quarenta pessoas na minha sala da escola. E dez delas mal conseguiram se formar.

— E você foi — ele diz.

— Você não pode usar isso.

— Você tem que parar de ter tanto medo de tudo. De verdade. É embaraçoso.

— Só estou tão... cansada.

— Então vá para a cama. Número Dois. Temos que encontrar uma caridade para você. Algo com crianças, acho; talvez bebês com encefalite. E então talvez algumas aulas — cozinha ou italiano, porque todo mundo vai estar veraneando na Toscânia no ano que vem, e nós devemos ligar você a algum tipo de coisa espiritual... como druidas. Druidas podem ser muito, muito grandes e você parece alguém que poderia cultivar árvores e se isolar.

D.W. segura seu copo de martini.

— A você, minha querida. Vamos transformar você em... na própria Princesa Di da América. O que você acha?

— Acho — eu digo, sem ser nem mesmo sarcástica — que a princesa Di está morta.

— Isso é irrelevante — observa. — Seu espírito continua vivo.

— E a princesa Ava também está. Morta.

— E Marilyn Monroe também. E Frank Sinatra, Quem liga para isso? Eles estão todos mortos. Você tem de parar de ser tão negativa. Você não acorda algumas manhãs e pensa "Por Deus, nós conseguimos". Nós alcançamos nosso objetivo. Você é uma princesa. Uma princesa de verdade.

— Não — digo, mal-humorada. — Sempre soube que isso aconteceria.

Junto com muitas outras coisas, eu acho.

— Você não deve nunca dizer isso. Nunca mais. Para ninguém — D.W. diz. — Por Deus, Cecelia. É por isso que está tão mal nisso. Tem de parar de dizer a verdade. Quando alguém perguntar — e eles *vão* perguntar por que evita dar entrevistas, há algum tempo, sobre o assunto — você vai ter de dizer que não tinha idéia de quem ele era quando você simplesmente resolveu lhe vender aquela pintura numa galeria...

— Mas eu realmente vendi a ele aquela pintura numa galeria.

— Não é essa a questão. O destino só funciona em países árabes. Na América, o destino faz você parecer... calculista. O que — diz ele, terminando seu martíni — nós sabemos que você é. Mas ninguém mais tem de saber isso. Agora sobre essas irmãs S....

— Não. Elas me deixam fora de mim.

— Por quê? Elas são jovens, bonitas, ricas e casadas. Todo mundo quer ser amigo delas.

Olho para ele com ódio. Tenho vontade de colocar minha cabeça entre as mãos, mas estou tão cansada. Não consigo explicar nada. O que é como estar sentada lá naquele grande salão vazio — havia dois sofás Regency, uma mesa de café e uma lareira com proteção de mármore — com aquela irmã S. Aquela que se casou aos dezoito.

— Cecelia — ela havia dito. — Você teve muitos amantes? Você parece alguém que teve.

— O que são muitos? — perguntei cautelosamente. Não entendi. O que ela queria de mim? Eu não tinha freqüentado escolas particulares na Europa.

— Sou uma dessas mulheres que precisam estar apaixonadas para fazer sexo. Se estou apaixonada por um homem, posso ter um orgasmo só de ele tocar meus dedos dos pés.

Eu não soube o que dizer.

Um bebê começou a chorar em algum lugar daquele vasto e cavernoso loft que ela dividia com seu marido, um político, iniciante e ambicioso, e quatro empregados.

— Vou deixá-lo chorar — ela falou, sem vergonha.

Eu saí de lá o mais rápido que pude.

— Tenho quadris de parideira. O que posso fazer? — ela perguntou e eu me senti asquerosa.

Ela havia me contado um pequeno segredo sujo que eu não queria ouvir.

A garçonete chega com dois pratos. Ela coloca um deles bem na minha frente.

Nele há frango com ervilhas e purê de batatas.

— Você precisa comer — D.W. opina.

Eu pego uma das ervilhas com meus dedos. Coloco na boca. Mastigo. Tento engolir.

Imediamente me sinto cheia.

— O frango está delicioso — comenta D. W.

Tem algum tipo de cobertura marrom nele. Está brilhando.

É um pedaço morto de carne.

Eu corto. Está um pouco rosa por dentro. Como um bebezinho rosa.

— Oh, DEUS — digo. Coloco meus talheres na mesa, pego meu guardanapo e vomito nele.

II

LA LA LA LA LA LA

Todo dia, de todo jeito, estou ficando melhor e melhor.

Não.

Estou ficando pior e pior.

E quem pode me culpar?

Todo mundo.

Todo mundo me culpa.

Não consigo lidar com a fama. Sou muito, muito ruim nisso.

Meu marido sabe disso. Não foi essa uma das razões principais por que ele se casou comigo? Não ligo para fama. Ou dinheiro. Não quero ser famosa. Só quero estar com ele

Ele é *tudo* para mim. .

E eu não sou nada.

Sem ele.

— Deixe minha mulher em paz! — Hubert gritou para os fotógrafos durante nossa lua-de-mel em Paris e Roma e depois numa ilha distante na Tunísia. — *Quittez ma femme. Quittez ma femme*[10] — ele havia dito muitas e muitas vezes, com seu braço protetoramente em tomo de mim, enquanto eu inclinava a cabeça e andávamos rapidamente do hotel para o carro, do carro para o museu, do museu para a butique, até que aquilo se tomou uma espécie de mantra engraçado. Eu estaria na banheira, sob montanhas de bolhas, e Hubert entraria, e eu diria *"Quittez ma femme"* e nós dois morreríamos de rir. Não morremos de rir há bastante tempo agora.

Acho que foi a comida na Tunísia que primeiro me tirou a fome. Você tinha que comer cozidos não-identificáveis — Só Deus sabe o que havia dentro deles — com pedaços encharcados de pão, e eu não conseguia. Não na frente de Hubert. Eu subitamente tive a sensação de que ele estava me vigiando. E me criticando secretamente. Imaginando se talvez ele não devesse ter se casado comigo, afinal de contas.

Certo. Então vou passar fome.

Ninguém gosta de mim. Você acha que não sei disso? Você acha que não fico sentada durante horas e horas, em parte porque eles estão me dando todos esses

comprimidos o tempo todo (dizem que qualquer dia desses eles vão funcionar e aí não vou ficar mais deprimida, mas eu duvido), agonizando com cada desprezo, sabendo que há pessoas lá fora rindo pelas minhas costas, dizendo "Por que ela não se toca... que tragédia... que péssimo para ele ter se casado com ela, certamente não funciona do jeito que ele esperava, eu aposto e aposto que ele é infeliz", quando sou eu a infeliz, mas você não pode dizer isso às pessoas, pode?

Especialmente se você é mulher. Porque se espera que o casamento faça você feliz, e não que a faça sentir-se como um rato preso numa gaiola muito glamourosa com cortinas de seda de vinte mil dólares.

E isso é o *melhor* que há. Nada é melhor que *isso,* é? Porque isso é isso. A coroa. O sonho. A aliança. Sem preocupações. Nada para se importar no mundo. Sua mãe nunca vai passar fome quando ficar velha. Sua irmã vai ter seu carro novo. Seus filhos vão para a escola particular, terão babás e todos os brinquedos que quiserem, incluindo um pônei. A honra será restituída ao nome da sua família. Sua mãe vai ficar orgulhosa de você. Seu pai, onde quer que esteja, aquele cachorro, vai se dar conta de que cometeu um terrível erro.

E você vai ter: 1) Um castelo. 2) Casas no mundo inteiro. 3) Um motorista. 4) Muitas roupas com sapatos e bolsas combinando. 5) Jóias. 6) Um cavalo. 7) Sela(s) Hermès. e 8) Nenhum amigo.

Agora aqui está o que realmente me emputece. Todo mundo pensa que pode viver minha vida melhor do que eu. Acham que, se tivessem minha vida, seriam tão felizes, por serem eu, que fariam tudo perfeitamente. Mas eles simplesmente não entendem. Não se tocam. Eles não poderiam *ter* essa vida a menos que tivessem minha personalidade e tivessem minha aparência. Se você mudasse uma coisa, a parte do destino não funcionaria.

Por exemplo, Hubert só ficaria com uma mulher que fosse alta, loura, magra e tivesse grandes seios. E fosse mais jovem. E tivesse um certo tipo de rosto. Classudo. Ele nunca ia querer ficar com uma modelo, porque ele não quer estar com uma mulher que outros homens podem estar se masturbando enquanto pensam nela.

E personalidade. Você tem que realmente saber como lidar com os caras. Você tem que ser capaz de manipulá-los, embora "manipular" não seja realmente a palavra certa, porque tem conotações negativas. Sempre tem de ser diferente. Você precisa ser imprevisível. Alguns dias, você é realmente realmente boa e doce e adorável, e outros dias você é uma cachorra total e dura. Eles acabam voltando porque nunca sabem o que vão ter. Você precisa ser capaz de tornar-se distante e tem que desejar fazer um homem sentir ciúmes. Mas você não pode fazer nada disso a menos que tenha a aparência certa, porque de outra forma o cara vai dizer só que você é uma cachorra, "Quem precisa disso?", e vai te jogar fora.

Claro, há mulheres sem aparência que realmente se casam bem, mas elas não se casam com homens como Hubert.

Na verdade, até a hora do casamento, Hubert não estava totalmente certo de que ia me casar com ele. Você via seu rosto nas fotos do casamento. O quanto ele parecia feliz quando saímos da igreja.

Ah, e uma outra coisa. Nunca pode pensar que seu marido, ou qualquer pessoa que ele apresente a você, é melhor do que você. Só porque seu marido é um príncipe não quer dizer que ele é melhor do que você. Você pode encontrar um cara que acabou de ganhar o Prêmio Nobel, e você precisa saber que ele não é nem um pouco melhor do que você ou mais perfeito. Sempre pensei que era tão boa quanto qualquer pessoa, não importa o que tenham feito ou quantas músicas de sucesso tenham composto ou o quanto dizem que trabalham duro. Um dia, Tanner me disse que eu não tinha senso de proporção porque não estava bajulando sua carreira de ator, e eu terminei com ele na hora. A vida simplesmente não é assim, você sabe?

Sinto-me melhor agora. Acho que posso ir dormir.

III

Estou confusa.

Sobre uma pequena questão, na verdade.

Voltando ao ano passado, depois que Hubert e eu nos casamos.

Pedi a ele dinheiro para comprar roupas.

— Não entendo — disse ele.

— Hubert, não tenho nenhuma roupa.

— O que é tudo isso no seu closet?

— Preciso de roupas *novas* — expliquei, enquanto as lágrimas começavam a brotar nos cantos dos meus olhos. Foi a primeira vez que meu marido abertamente me negou alguma coisa, prova de que ele não me amava mais.

— Nunca vi meu pai dando dinheiro a minha mãe para comprar roupas.

— Ela tinha uma mesada — eu disse, sem saber se isso era verdade, e também sabendo que essa afirmação era muito corajosa sem dúvida, já que Hubert provavelmente levaria aquilo como crítica contra sua mãe, o que ele fez.

— O que você está dizendo sobre minha mãe?

— Nada.

— Então por que você falou nela?

— Não falei. Foi você.

— Você falou nela. Você disse "ela tinha uma mesada". Você não disse isso?

— Si-i-i-i-im, Mas, oh, foda-se — comentei suavemente, e corri para o quarto chorando. Ele não veio correndo do jeito que fazia sempre e, quando veio, fingiu estar pegando uma gravata no closet.

— Hubert — eu disse pacientemente -, preciso de roupas.

— Não quero uma horda de repórteres seguindo minha mulher por aí e escrevendo histórias sobre o quanto minha mulher gasta em vestidos. Você quer isso? Você quer ser motivo de chacota dos jornais?

— Nã-ã-ã-ã-ão — solucei, sem querer lembrar que eu já estava começando a ser motivo de chacota nos jornais, então que diferença fazia? Rolei na cama para a frente e para trás, chorando e chorando como se meu coração estivesse partido (e estava), pensando "O que vou fazer agora? O que devo fazer agora?"

E *agora* — ha ha — estou sentada aqui cercada de estranhas roupas *novas.* Então, em outras palavras, tudo o que andei fazendo no último ano finalmente resultou no fato de que consegui meu objetivo. Que foi usar as mesmas velhas e simples peças pretas e brancas que sempre usei antes de meu casamento, até que algum repórter de moda escreveu: "Será que alguém não pode dar à princesa um vestido novo?" O que não tive de mostrar a Hubert, porque estava na seção de estilo do *New York Times* — e esta é a seção que ele lê primeiro aos domingos. Acredite ou não. (Eu mesma não acreditei, quando o conheci: nisso e na maneira com que secretamente lia todas as colunas de fofocas, procurando as notas com seu nome. Não importa o que esteja escrito, ele nunca diz nada a respeito; e seu rosto sempre fica impassível, como se estivesse lendo sobre outra pessoa, alguém que não conhece.)

E além do mais, tem algo insultuoso nisso tudo. Como se Hubert não quisesse gastar dinheiro comigo no primeiro ano do nosso casamento porque ele não tinha certeza de que ia me manter por perto.

(Queria tanto que pudéssemos falar sobre essas coisas abertamente. Eu realmente acreditava, quando nos casamos, que falaríamos sobre tudo honestamente, mas aconteceu o oposto: somos como duas pessoas em ilhas separadas, tendo apenas latas de alumínio e barbante como meio de comunicação.)

Então tenho que agir como se estivesse levemente descontente com tudo isso. Especialmente já que realmente é D.W. que está fazendo. Incluindo os cabelos curtos. Estou com cabelos curtos brancos e, quando olho no espelho, não me reconheço. É parte do plano deles me limpar e começar de novo.

E meu marido está dando a maior força.

— Estou nessa — ele comentou. (Ugh. Odeio essa expressão. É tão corporativamente americana, o que Hubert não é, mas gosta de fingir que é). — Estou nessa. É bom para você.

— Acho que você vai querer que eu faça EXERCÍCIOS depois — eu disse.

— Exercícios são bons para você — ele avisou. Nesse ponto eu lembrei a ele que é muito difícil fazer exercícios quando se está tão dopada que mal se consegue levar a mão à boca. Quando eu disse isso, ele respondeu (de maneira suspeita, acho):

— Não há razão para levar sua mão à boca a menos que esteja colocando comida nela.

Ao que eu retruquei, espertamente:

— Na verdade, você precisa levar a mão à boca para passar batom — e aquilo o calou por um minuto. Estávamos tendo essa conversa ontem de manhã enquanto eu ainda estava na cama, e a campainha do apartamento começou a tocar

insistentemente. Eu coloco muitos travesseiros sobre minha cabeça, mas não adianta. Hubert desce as escadas, volta e diz:

— Levante-se. D.W. está aqui. — Em vez de ficar para me confortar, ele desce as escadas de novo e faz outra caneca de café, como se fosse algum tipo de pessoa de verdade (ele realmente tem orgulho disso), o que eu nunca posso deixar de pensar que é uma representação total.

Escuto algum tipo de comoção lá embaixo, e vozes, e Hubert chamando:

— Ande, dorminhoca, desça.

E então a voz de D.W.

— Acorde! Acorde, sua coisa preguiçosa!

Então não tenho escolha a não ser arrancar meus ossos drogados e cansados do conforto da minha cama. Vou imediatamente (sem passar no banheiro) lá para baixo com os cabelos despenteados, ainda usando meu négligé de seda com listras tipo espaguete, que está todo amarrotado e tem pequenas manchas porque basicamente eu o estou usando há quatro dias.

Assim que entro na cozinha, ouço D.W. dizer:

— Eu declaro, Hubert, você fica mais bonito a cada vez que o vejo — o que quase me deixa pilhada, porque quem D.W. pensa que é, agindo como Scarlett O'Hara em ...*E* o *vento levou?*

Hubert está vestindo um terno cinza com uma camisa de tecido branco-oxford e uma gravata amarela e, a menos que você seja realmente casada com ele, suponho que realmente pareça bastante maravilhoso, servindo café em grandes canecas, sorrindo e mantendo uma conversa leve sobre um filme que ele havia visto chamado O *sétimo sentido.*

— Por que não vi esse filme? — pergunto.

Ele me puxa para ele e coloca seu braço em torno de mim.

— Porque você estava doente. Lembra?

— Eu não estava doente — digo. — Eu só estava fingindo estar doente porque odeio ir ao cinema.

— Isso mesmo — ele confirma, para mim e não para D.W., o que realmente me faz sentir um pouquinho melhor — porque você acha que os cinemas estão cheios de germes.

— Germes e pessoas doentes — digo.

— Ela é mesmo uma princesa — D.W. sugere. — Eu sempre disse a ela que, Se não se casasse com você, a única outra pessoa com quem ela poderia se casar era o Príncipe Charles.

— Aí eu estaria morta.

— Isso seria uma tragédia terrível. Não apenas para Hubert, mas para o mundo — D.W. diz, meloso.

— Eu queria estar morta. Não acho mesmo que seria ruim — falo e posso ver Hubert e D.W. trocarem sorrisos.

— *Além* do mais — eu digo, me servindo uma xícara de café, ainda que o café seja mais uma das CINQÜENTA MILHÕES de coisas do mundo que me fazem VOMITAR — se eu não tivesse me casado com Hubert, teria me casado com um astro do cinema.

Eu entrego minha xícara de café para D.W.

— Experimente.

— Porquê?

— Só experimente.

D.W. e Hubert trocam sorrisos.

— É café — diz ele e a devolve para mim.

— Obrigada — respondo. Cautelosamente tomo um gole.

— Só queria me certificar de que não estava envenenado. Meu pobre, pobre marido. Ele abandonara aquela garota européia e ficara com algo muito pior. Com uma coisa maluca. Que ele precisa ignorar.

— Mas você não seria feliz — Hubert avalia, novamente trocando sorrisos com D.W. — porque um astro do cinema não ia amá-la tanto quanto eu amo.

— Bem, como você me ama zero, que diferença faria?

— Ora, vamos, vamos — diz D.W.

— O que você sabe sobre isso? — pergunto, com ódio.

E olho para Hubert e vejo que aquele ar fechado tomou conta de seu rosto. Novamente. Pela milionésima vez.

Ele esvazia o resto de seu café na pia e lava sua caneca.

— Tenho que ir.

— Ele está sempre indo para esse estúpido escritório — comento, casualmente.

— Estúdio — D.W. fala. — Quando um homem é o produtor— executivo de um programa de TV de grande audiência numa grande emissora, ele vai para um estúdio.

Hubert me beija na testa.

— Tchau, menininha. Vocês dois divirtam-se hoje.

Eu olho para D.W. com ódio.

— Não — ele diz. — Não diga nada idiota. Especialmente depois dessa cena completamente desnecessária.

Meu pobre marido.

Entro na sala e agarro Mr. Smith, que está cheirando em torno do sofá, e corro para a porta, passando pela cozinha onde D.W. aponta para mim e grita:

— Mantenha esse beagle longe de mim!

Desço as escadas correndo, ainda agarrada a Mr. Smith, que não tem absolutamente nenhuma idéia do que está acontecendo, e corro para a Prince Street, onde Hubert acabou de entrar na limusine (ele supostamente teria dito a eles que não queria uma limusine, mas A Emissora insistiu). Bato na janela e Hubert abaixa o vidro. Ele olha para mim tipo "Ai meu Deus, aí está minha mulher louca de pé na rua, descalça, com um velho négligé amassado, segurando um beagle em seus braços" e pergunto (de maneira agradável o suficiente):

— Sim?

E advirto:

— Você esqueceu de dizer tchau para Mr. Smith.

Ele fala:

— Tchau, Mr. Smith — ele se inclina e beija Mr. Smith no nariz. É tudo tão bonitinho, e eu realmente acho que vou ficar bem durante as próximas duas horas, mas então eu ouço aquele típico click, click, click fofoqueiro atrás de mim, me viro e lá está aquele fotógrafo cansado de guerra, clicando e berrando "Sorria!". A limusine se manda e eu seguro Mr. Smith (que está lutando desagradavelmente agora) na frente do meu rosto, correndo loucamente pela Prince Street e finalmente me refugiando numa loja de jornais.

E nesse ponto o proprietário dessa loja nojenta, com seus cigarros acima do preço, tem o descaramento de dizer:

— Nada de cachorros. Nada de cachorros na loja. — E começa a acenar com os braços como se ele tivesse acabado de ser atacado por uma nuvem de pulgas.

Estou a ponto de lançar uma série de xingamentos em cima dele (e de fato já

havia aberto a boca para fazer isso) quando eu vejo ISSO: a capa da revista *Star,* que exibe fotografias de uma dupla de atrizes e EU, com minha boca aberta, usando shorts largos e um top sem mangas, braços e pernas encurvados. A fotografia foi tirada alguns meses atrás num jogo de basquete de celebridades que Hubert não apenas me fez assistir, mas também insistiu que eu participasse (o que acabou virando a meu favor, porque eu era uma jogadora de basquete tão horrenda e ainda por cima tão estressada com o nervosismo da competição, que Hubert disse que eu nunca teria que fazer algo como aquilo de novo) e, embaixo da foto a legenda: *Princesa Cecelia, 1m 75cm* 53 *kg.* E esse poço de mentiras está encabeçado com o título MORRENDO DE FOME?, o que realmente me emputece porque naquele dia eu tinha inclusive comido dois cachorros-quentes. Agarro Mr. Smith e o *Star* e corro pela rua, de volta para as escadas, e abro violentamente a porta do loft, D.W. está sentado na sala, sorvendo calmamente uma xícara de café e olhando com atenção as fotos na revista *New York.* Eu desmorono numa poltrona, respirando forte e loucamente.

— Realmente, Cecelia — diz ele. Ele olha para seu relógio. — São oito e 43. Você não acha que devia se vestir?

Realmente não sei o que responder, então caio no chão, tremendo e unhando minha garganta, até que D.W. jogue um copo de água em meu rosto.

Indo para Uptown, usando óculos de sol e um lenço na cabeça e apertando Mr. Smith contra meu peito, sinto o peso náufrago da depressão, como se alguém tivesse colocado uma tábua empilhada com blocos de cimento em cima de meu corpo. Quando estou nesse estado acho difícil me mover, difícil fazer até o gesto mais suave — como acender um cigarro — e às vezes, já que passo muito tempo sozinha no apartamento, acabo sentada durante horas e horas, ocasionalmente nos degraus ou no chão da cozinha, olhando para o vazio. Não quero que ninguém saiba o quanto isso é ruim, então eu fico ali e digo: "Oh, fiquei lendo revistas o dia todo ou andando por aí fazendo coisas, como pegar um rolo de cordas na lavanderia." Mas com muita freqüência me pego rabiscando "me ajude me ajude" na palma de minha mão com uma velha caneta esferográfica, só que no fim do dia eu invariavelmente já a lavei. Meus pensamentos sempre correm pelas mesmas linhas, como um pequeno trem elétrico indo para a frente e para trás, para a frente e para trás: Todo mundo me odeia e podem ou não estar rindo de mim pelas costas, esperando que eu estrague tudo, que diga algo estúpido (ou qualquer coisa, porque quando as pessoas estão julgando você dessa maneira tão próxima, quase tudo o que disser soa estúpido) ou que lance a eles um olhar perverso, para que possam correr para seus amigos e colegas e dizer: "Eu encontrei a Princesa Cecelia e é verdade o que dizem. Ela é uma cadela."

E então, onde quer que vá, as pessoas olham para você como se esperassem

odiá-la, e suas reações são como pedras, batendo em você mais e mais. Até que finalmente você desliga, pára, coloca seus braços sobre a cabeça e então começa a desaparecer vagarosamente.

D.W. está tamborilando as unhas no apoio para braços.

— Fui casado... — diz ele. — Duas vezes.

— Sim — digo suavemente. — Eu sei — numa voz fraca, verdadeiramente aborrecida agora por causa daquela fotografia na *Star* e o artigo que a acompanha, me acusando de ser anoréxica, o que eu NÃO sou, mas o que eu sou é tão complicado que não consigo começar a explicar nem a mim mesma.

— Eu fui casado — D.W. diz novamente — e a única coisa que descobri é que as superficialidades do casamento são o mais importante. Em outras palavras, conversa agradável no café da manhã, brincadeiras divertidas nas festas e um cumprimento uma ou duas vezes durante o dia importam mais do que qualquer coisa que alguém esteja realmente *sentindo,* com o que, francamente, ninguém realmente se importa, de qualquer maneira.

Eu concordo com a cabeça, muda, imaginando por que D.W. e eu temos sempre a mesma conversa de novo e de novo, tanto que nem mesmo preciso lembrar que o último casamento de D.W. terminou tão horrivelmente (numa guerra, no Page Six) que sua mulher, que tem pelo menos oitenta anos agora — mas havia feito uma dúzia ou mais de plásticas no rosto — e sempre usa óculos de sol cor-de-rosa, se retira de uma festa se o nome dele for mencionado.

— De fato — D.W. continua, distraidamente -, eu diria que as superficialidades são a coisa mais importante em qualquer aspecto da vida. Quero dizer, quem liga se você é realmente um pedaço de merda, se está sentado num jantar com flores adoráveis e uma pessoa fabulosa à sua esquerda

e outra pessoa fabulosa à sua direita, e os fotógrafos estão tirando a sua foto e suas meias, pelo amor de Deus, são de cashmere, e você está sorrindo tanto, e a fotografia termina nas páginas sociais da *Vogue?* Isso é o que realmente conta, não? Claro, você provavelmente não entenderia isso porque, como todas as pessoas com problemas mentais, você é completamente obcecada por si mesma. Você realmente não liga para nada a meu respeito, ou para o fato de que esse seu cachorro será responsável por babar em meu terno Prada a qualquer momento.

— Sr. Smith não baba — eu pondero, incapaz até de ficar com raiva por causa do estado já mencionado em que estou.

— Oh, sinto muito. Estava falando de você — diz D.W. Eu me deixo (ainda agarrando Sr. Smith) ser conduzida do táxi especial para a Madison Avenue, onde

alguém está perfurando a calçada, um Mercedes utilitário passa berrando música rap e as pessoas andam por toda parte emitindo vibrações de alta freqüência de "Olhe para mim, olhe para mim, olhe para mim", de tal maneira que, mesmo nesse breve momento, o ruído da cidade me pressiona e eu sinto como se tudo em mim estivesse desmoronando. Subimos uma escada estreita de terracota e entramos no bonito salão, que é cheio de janelas e colunas de mármore com uma fonte no meio (querendo, acredito, ser algum tipo de imitação de banhos romanos), em torno da qual mulheres em robes brancos com turbantes em suas cabeças estão deitadas lendo revistas. Sou rapidamente removida para a área privada, onde eles atendem "celebridades" e uma pessoa vestida num sari fica tentando me dar café, chá ou água (quando eu peço um Bloody Mary, todos olham chocados) e fica empurrando taças de água com fatias de limão flutuando em cima sob o nariz de Sr. Smith, o que ele sensivelmente recusa.

E então eles começam a cortar. Cortar meus longos cabelos, que mantive por toda a minha vida (os meus cabelos longos que os homens adoram), e que já passaram por várias e diferentes tonalidades de louro, dependendo de ter ou não dinheiro na época para pagar alguém para colorilos, ou se tinha de fazê-lo eu mesma, com Sun-In, ou se um de meus amigos gays tinha piedade de mim e arranjava para alguém colorir de graça (isso ficou fácil logo que foi publicado nas colunas de fofocas que eu estava saindo com o príncipe de Luxenstein) e D. W. vem e diz:

— Tanta gente trabalhou tanto para ter você aqui, Cecelia — soprando fumaça pelas narinas.

— Então eu devo me sentir culpada?

— Apenas agradecida — diz ele e sai.

E eu juro, enquanto estão cortando, que estou ouvindo as pessoas falarem sobre mim. Sussurrarem meu nome. Até que finalmente é demais e eu grito:

— Dá para todo mundo calar a boca? — E todos calam, exceto uma alma desafortunada que continua e continua, falando no telefone celular numa voz anasalada altíssima:

— ... é isso, Dick. Ela está aqui agora. Mudança completa de visual. E completamente maluca. Ela não vai largar aquele cachorro. Não vai falar com ninguém. Ela tem a pior energia que jamais vi em alguém. Talvez ela devesse tentar cristais... — Finalmente ele levanta os olhos e depois disso ninguém diz mais nada mesmo.

— O que jamais fiz a você? — eu sussurro roucamente.

Olho para mim mesma no espelho. Meus olhos são muito grandes e azuis. Muito

grandes porque EU SEI que essa não é uma boa hora para começar a chorar, não com todas essas PESSOAS (se é que se pode chamá-las assim) ali em volta, com suas variadas atitudes emocionais, do desdém ao horror chocado, passando por piedade, o que me faz lembrar da primeira vez que eu tive de ir para aquela escola em Massachusetts, quando eu tinha dez anos, era mais alta de todos, e eles ficaram em torno de mim no playground e me chamaram...

— Senhorita... Cecelia — diz a colorista. Ela tem um rosto comprido e dentes largos e parece um cavalo falante, mas é do tipo agradável. — Espero que não pense que isso foi um reflexo do... nosso salão. Ele é novo. Vou demiti-lo imediatamente.

Posso fazer alguém ser demitido?

— Oh — eu digo suavemente, assentindo sobre o topo da cabeça de Sr. Smith.

— Isso foi muito, muito errado da parte dele — diz ela, bombeando a minha cadeira por trás para que ela possa subir e descer. — David — ela repreende. — Pegue suas coisas e não volte mais.

Essa pessoa David, que está se escondendo pelos cantos, é magro, tem cabelos escuros e olhos amendoados com círculos escuros e fede a sexo anônimo.

— Que seja — diz ele arrogantemente. Nossos olhos se encontram por um segundo no espelho e eu vejo toda a sua história patética: saído do ônibus de alguma cidade nojenta no Meio Oeste, ambicioso e filho de trabalhadores, vai usar qualquer pessoa para conseguir um passe para o próximo degrau (por diversão ou lucro), qualquer coisa para apagar suas origens imundas e fazer todos acreditarem que ele é outra pessoa. Principalmente, de qualquer forma, ele vai falar sobre como eu o fiz ser demitido, e falar e falar, e vai espalhar como um vírus esse tema de conversação entre suas relações.

Eu sei. Eu costumava sair com gente assim.

Eu costumava ser como essa gente assim.

Eu posso negar isso. Mesmo para mim mesma.

— Eu sou realmente muito... normal — digo suavemente. E esse não é um dos meu problemas? Sou normal?

— Ah, sim. Posso ver isso — diz a colorista.

Sou exatamente como um milhão de outras garotas em Nova York.

— Você não é de...?

— Massachusetts — respondo.

— Minha avó era de Massachusetts.

— Que legal— digo.Ao perceber que pela primeira vez, em semanas?, estou tendo uma conversa normal.

Ela coloca uma gororoba branca em meus cabelos.

— Qual é o nome do seu cachorrinho? — pergunta ela.

IV

O Dr. Q. lambe a ponta de seu lápis.

— Você acha que... — diz ele, consultando seu caderno de notas — seu marido e esse, esse *amigo* seu, D.W., o homem de publicidade, formaram uma conspiração contra você e a estão forçando a se tornar... deixe-me ver aqui... a versão americana da princesa Diana. Que, você habilmente apontou, está morta. Significando...você acredita que, consciente ou subconscientemente, seu marido secretamente quer... *você* morta. — Pausa. — Então?

— Eu os ouvi falando no telefone.

— Sobre sua morte.

— NÃÃÃO — eu grito. — A conspiração.

— Ah. A conspiração.

— D.W. me disse que havia aquele livro não-autorizado.

— Cecelia — diz o Dr. Q. — Por que qualquer pessoa ia querer escrever um livro, uma biografia não-autorizada, sobre você?

— Porque a imprensa... eles estão sempre atrás de mim... e tem aquela garota, Amanda. Aquela que... morreu.

— Você chama alguém que foi, de acordo com você, sua melhor amiga, "aquela garota"?

— Ela não era minha melhor amiga na época.

— Aquela garota?

— Tudo bem. Aquela mulher. — pausa. — Minha fotografia estava em todos os jornais esta manhã. Da noite passada. No balé... — eu sussurro.

— Era você aquela, Cecelia? Aquela garota de cabelos curtos e brancos, descendo as escadas correndo, olhando por sobre o ombro, sorrindo, segurando a mão de um garoto desconhecido?

— Sim! SIM. Você não viu meu NOME... Princesa Cecelia...

— Estou tendo um ataque, chorando, cobrindo meu rosto com lenços. — Há fotógrafos do lado de fora da janela!

O Dr. Q fica de pé e puxa a persiana.

— Não há ninguém aqui. Exceto o porteiro e a velha Sra. Blooberstein e aquele

chihuahua horrível.

— T-t-talvez o porteiro os tenha mandado embora.

— Cecelia — pergunta o dr. Q, voltando à sua cadeira. — Onde você estava em agosto de 1969?

— Você sabe onde eu estava.

— Onde você estava?

— Na fazenda Yazgur — eu digo, audaciosamente.

— E o que você estava fazendo lá? *Vou me juntar a uma banda* de *rock'n'roll?*

— Dr. Q., eu tinha três anos de idade. Minha mãe me arrastou para lá. Ninguém prestou atenção em mim. Eu fiquei com cocô nos meus sapatos durante horas. Minha mãe estava viajando de ácido.

— *E em toda parte havia uma música* e *uma celebração.*

— Não foi uma celebração... os hippies me fizeram dançar... eu me perdi... minha mãe estava viajando de ácido...

Dr. Q. vira a senhora Spickel, a inspetora.

— Olá, Cecelia. Sua mãe está morta. Você não se acha sortuda por isso ter acontecido agora, quando você tem dezessete anos, e não quando você era uma garotinha? Eu ouvi dizer que sua mãe era muito louca...

Estou chorando. Estou chorando histericamentre como se fosse me quebrar em duas. Eu acordo.

Claro, é a mãe de Hubert que está morta, não a minha. Ela morreu num acidente fenomenal de esqui, quando Hubert tinha dezessete anos.

Pobre pequeno príncipe perdido, de pé no deque de sua corveta de regata de 22 pés, uma mão no leme, fitando o mar, melancólico e um pouco feroz (como alguém que está treinando para engolir as lágrimas), um topete de cabelos negros caindo sobre sua testa. Ele é o sonho de qualquer garota adolescente: machucado, precisando de socorro, um príncipe, um ídolo adolescente.

— Posso salvá-lo — penso, olhando para a fotografia em preto-e-branco na capa da revista *Time,* sentada na mesa de café, barata de madeira escandinava, na sala de estar com o sofá de poliéster verde cheio de caroços na casa de Lawrenceville, em Massachusetts, onde minha mãe decidiu se instalar com o homem que trabalha no mercado de peixes.

— Posso salvar você, pequeno príncipe — eu penso, embora ele não seja tão pequeno (um e 88), esteja bem na fronteira da idade adulta, sempre fique na casa de pessoas ricas da sociedade no Caribe e planeje ir para Harvard no outono. Olho para a fotografia e fantasio que ele está no hospital, derrubado por um acidente, com bandagens na cabeça, dizendo "Eu quero Cecelia. Eu preciso ter Cecelia", e eu entro correndo no quarto do hospital e ele beija meu rosto.

Eu tenho dez anos.

O que aconteceu comigo?

Eu costumava ser tão forte. E determinada. E agressiva, as pessoas diziam. Elas tinham medo de mim. Era óbvio que eu queria algo, mas ninguém sabia o quê.

Eu sabia.

Eu queria o príncipe.

Sempre, desde os dez anos, trabalhei para me colocar no caminho do próximo trem do destino. Como eu sabia que deveria me formar em história da arte na faculdade? (Eu simplesmente sabia). E que devia obter de forma fraudulenta um emprego numa famosa galeria de arte do SoHo, onde eu conheceria homens e mulheres ricos e glamourosos (homens, em sua maioria), que adotariam uma bonita e jovem garota com atitude e senso de humor, e a pegariam e a exibiriam pela cidade para que, mesmo sem a aceitação do nome ou do dinheiro da família, sua foto aparecesse nos jornais e revistas como tendo comparecido a este ou aquele evento? E como eu sabia, quando Tanner entrou na galeria aquele dia, que eu devia fazer tudo o que pudesse para me tornar namorada dele, para que, quando meu real objeto do desejo entrasse, o que eu sabia que ele faria no fim das contas, dadas as leis da conseqüência, já que ele morava no SoHo e comprava obras de arte, eu já estivesse tomada por um oponente digno e isso me faria mais valiosa a seus olhos?

Você simplesmente sabe essas coisas. Elas são instintivas. Eu era toda instinto então. Instinto cru, agressivo, e vivi minha vida como se uma coisa alienígena estivesse me conduzindo.

Mas agora essa coisa tinha ido embora. Ela havia falhado comigo.

(Para onde ela foi? Posso tê-la de volta?)

E agora eu fico APAVORADA quase todo o tempo. Por causa de TODO MUNDO — médicos, advogados, políticos, fotógrafos, colunistas de fofocas, qualquer um que possa usar palavras que não conheço ou falar sobre eventos sobre os quais deveria saber mas não sei, todos os atores e jornalistas, mulheres que fizeram parto natural, mulheres que falam três línguas (especialmente italiano ou francês) e qualquer um

que as outras pessoas digam que é talentoso ou apenas legal ou simplesmente inglês. Como você pode imaginar, isso engloba quase todo mundo na vida de Hubert e é por isso que, se precisarmos sair, tenho uma tendência de ficar mortalmente doente com uma certa antecipação (e nesse caso eu posso normalmente me livrar de sair); ou, se não consigo representar uma doença mortal, eu me sento num canto com as mãos enfiadas no colo, a cabeça inclinada e uma expressão vazia no rosto, o que parece evitar que as pessoas tentem conversar comigo.

Mas nessa noite em particular, nenhuma quantidade de mal-estares pode prevenir o inevitável: comparecer ao qüinquagésimo aniversário do balé.

Sem meu marido.

Que na verdade está jogando cartas.

Ele está sentado na sala de estar com uma camisa listrada de vermelho e branco, os suspensórios ainda sobre seus ombros, bebendo uma cerveja com seus camaradas da emissora, cujos nomes eu ainda não consigo me incomodar de lembrar, quando eu desço as escadas, usando um vestido de brocado branco com enfeites de mink cinza e longas luvas cinzentas. Minha mãe é casada com um peixeiro. Meu pai é gay e mora em Paris. Eu estou indo ao balé.

Ninguém entende o quanto a vida é TERRÍVEL?

Eu costumava implorar para ir a esses eventos. Costumava fazer conluios e mendigar um ingresso extra, puxar o saco de .homens gays que queriam me ajudar, comprar um vestido e usá-lo com as etiquetas escondidas e arrogantemente devolver no dia seguinte, sempre com a específica ambição de aterrissar na posição em que estou hoje.

— Oi — cumprimenta Hubert nervosamente, largando sua cerveja enquanto fica de pé. — Eu... eu não a teria reconhecido.

Sorrio melancolicamente.

— D.W. ainda está aqui?

Eu sacudo a cabeça.

Ele olha para seus camaradas.

— Acho que saberíamos se ele estivesse. D.W. Ele é amigo de Cecelia. Ele é...

— Um *escort* — eu digo rapidamente.

Os caras assentem, desconfortavelmente.

— Escute — ele fala, aproximando-se para pegar meu braço, me levando um pouquinho para fora da sala — gostei mesmo disso, sabia?

Fico ali com a cabeça inclinada.

— Não sei por que você está me obrigando a fazer isso.

— Porque sim. Nós já passamos por isso antes e é uma coisa boa.

— Não é uma coisa boa para mim.

— Ouça — ele pede, acenando para seus camaradas sobre o ombro enquanto me empurra ainda mais para dentro da biblioteca — você sempre disse que queria ser atriz. Só finja que você é uma atriz e está num filme. Isso é o que eu sempre faço.

Eu olho para ele com piedade.

— Ei — ele fala, tocando meu ombro -, não é como se você não soubesse fazer isso. Quando eu te conheci...

O quê?

Ele pára, vendo que falou a coisa errada.

Quando ele me conheceu, provoquei o acontecimento. Procurando por ele. Ele descobriu seis meses mais tarde, numa conversa na cama, e achou engraçado; mas aí ele se deu conta de que a história me fazia parecer arruinada, então essa é uma das muitas verdades horríveis sobre meu passado que temos de manter escondidas.

Estou de pé, rígida, meus olhos grandes, fitando o espaço.

— Oh, não — diz ele. — Oh, não, Cecelia, sinto muito, eu te amo. — Ele me agarra, mas é muito tarde. Levanto minhas saias e corro porta afora, desço as escadas correndo e saio para a calçada, ofegando por um segundo, olhando em volta, imaginando o que devia fazer. Então vejo um táxi, corro para a rua e aceno para ele e, quando eu entro e bato a porta e olho para trás, vejo o fotógrafo com seu uniforme de camuflagem. Ele me encara com uma espécie de curiosidade muda em seu rosto e então dá de ombros.

— Para onde? — pergunta o motorista do táxi.

Eu me recosto no assento. Toco meus cabelos.

— Lincoln Center.

— Você é atriz? — pergunta ele.

Respondo que sim, e ele me deixa fumar.

Eu conscientemente não penso em nada enquanto meus saltos batem rapidamente atravessando a praça no Lincoln Center. Eu me apresso levemente por causa da garoa de fevereiro e entro no meio da multidão que se concentra na porta,

rindo, batendo os pés, sacudindo guarda-chuvas. De alguma maneira, consigo me misturar, passando pelos fotógrafos, que olham para mim e depois se viram para tirar a foto de outra pessoa, e eu fico aliviada até que uma moça baixinha, vestida de preto e usando um fone preto se aproxima e pergunta:

— Posso ajudá-la?

Olho em torno, confusa, abro minha boca, depois a fecho e olho novamente para a garota (que está sorrindo para mim, sem ser grosseira) e arregalo os olhos, sem acreditar que ela não sabe quem eu sou.

— Eu sou ...

— Sim? — diz ela, e subitamente percebo que ela não me reconhece. São os cabelos curtos e brancos. Eu olho em torno, levanto a voz ..

— Sou a prima de Cecelia Kelly. Rebecca Kelly. Cecelia queria vir, mas ela está ... doente... e se sentiu tão mal com isso que insistiu que eu viesse em seu lugar. Sei que é uma inconveniência e tudo, mas passei os últimos cinco anos em Paris e...

— Não se preocupe — diz ela agradavelmente, procurando sobre uma mesa e pegando um cartão que diz PRINCESA CECELIA LUXENSTEIN. — Ninguém jamais faz objeções a uma mulher bonita, sabe, e você ficará sentada numa mesa com Nevil Mouse, que ficou me enchendo e enchendo e *enchendo* para colocá-lo perto de alguma "mulher adequada", mesmo que ele tenha vindo com aquela modelo, Nandy, e bem, eu espero que Cecelia se sinta melhor, sabe? — Ela me entrega o cartão. — Ela parece estar ficando muito doente. O que é realmente muito ruim, porque — a garota se inclina, com ar de conspiração — ela é uma espécie de heroína secreta no nosso escritório. Quero dizer, nosso chefe é muito babaca, mas o que acontece com Cecelia é que você pode dizer que ela acha tudo uma espécie de monte de... merda... e depois que você trabalha nisso durante dois anos, posso dizer a você que é mesmo.

— Bem, hum, obrigada. Muito obrigada — digo.

— Oh. E tome cuidado com Maurice Tristam. Aquele ator. Ele também está na sua mesa. Ele é casado, mas trai a mulher. Constantemente.

Eu assinto e me movimento, abrindo caminho para dentro do teatro, passando por mais fotógrafos (um deles levanta desagradavelmente sua câmera e tira uma foto, para o caso de eu poder ser alguém importante que eles não conhecem) e passando sobre joelhos e tornozelos até meu lugar, Fila C, poltrona 125, no meio da terceira fila. O assento próximo a mim está vazio e um homem que está por perto sorri para mim, enquanto as luzes diminuem e eu assinto imperceptivelmente. A música começa.

Começo a me desligar.

Estou pensando.

Em dias e dias deitada num saco de dormir imundo num colchão imundo no chão, olhando pela janela para os ramos desnudos das árvores escurecidas por causa das gotas, gotas, gotas sem fim da chuva. Era no Maine e o céu era sempre cinza-chumbo e a temperatura era sempre próxima de zero, com 100% de chance de precipitação, e o isolamento térmico já estava atravessando pelas paredes. Havia tantas pessoas na casa, ou tão poucas, não havia comida ou havia comida demais — sacos de batatas fritas e latas de sopa de galinha e sorvete em caixas de papelão — e eu tinha um dente estragado, que alguém tirou amarrando uma ponta de uma corda em torno do dente e a outra em torno de uma maçaneta de uma porta e depois batendo a porta. Eu tinha seis anos e estávamos fazendo um importante enunciado político. Estávamos rejeitando a Sociedade, estávamos rejeitando a família de mamãe e a família do marido de mamãe e o tipo de pessoa que esperavam que mamãe fosse. Estávamos rejeitando falsos valores e os males do capitalismo (embora não rejeitássemos as pequenas quantias de dinheiro quando elas vinham) e estávamos correndo, correndo, correndo, mas tudo de que estávamos fugindo eram roupas de cama limpas, água azul na pia do banheiro e laranjas Sunkist no inverno.

Mas mamãe nunca percebeu isso. Nem mesmo depois que ela se regenerou e nós fomos viver em Lawrenceville. Onde tentamos agir "normalmente".

O balé termina.

Eu sento.

— Bem depois que a audiência pulou aplaudindo a seus pés, o champanhe foi servido e a nuvem de balões desceu na multidão, eu continuei sentada no teatro. Fila C, poltrona 125. O inchaço da multidão então retrocedeu, emagreceu e finalmente desapareceu para o jantar. Os organizadores se movimentaram pelo teatro, recolhendo programas descartados.

— A senhorita está bem? Vão servir o jantar em breve. *Quadrilles* de lagosta. Você não vai querer perder isso.

— Obrigada — digo. Mas eu fico ali, pensando em minha boneca Barbie quebrada, manchada e nua com os cabelos embaraçados, que eu levava para todos os lugares, chorando uma vez quando o cachorro de alguém tentou roubá-la.

— Ela é uma princesinha, não é mesmo? — as pessoas disseram, enquanto me pegavam vestida com minha saia florida e eu gritava ainda mais alto, as lágrimas marcando meu rosto.

Mesmo então eu não conseguia acreditar que nunca tinha tido um pônei.

Eu levanto os olhos e não me surpreendo ao ver o bonito garoto que estava em meu sonho abrindo caminho entre as fileiras, até ficar quase em cima de mim. Ele

sorri e senta.

— Memória é só uma versão alternativa da realidade — ele filosofa.

Nós olhamos para o palco vazio.

Eles estão servindo o *foie gras* com fatias de manga no mezanino do Lincoln Center enquanto ficamos no alto das escadas. Pode ser minha imaginação, mas parece que há um leve e perceptível silêncio, e as pessoas giram suas cabeças para olhar para nós enquanto o garoto pega meu braço e abrimos caminho vagarosamente escadas abaixo e ao longo do salão para minha mesa. O fotógrafo, Patrice, está agachado perto de Nevil Mouse, o garoto-prodígio da mídia australiana, que uma vez tentou me contratar, mas depois me rejeitou quando me recusei a sair com ele. Enquanto o garoto puxa minha cadeira, ele sussurra:

— Sua mesa parece pior do que a minha — e dá uma piscada, enquanto Patrice sussurra com Nevil.

— Quem é essa garota?

Nevil, que é nervoso e estressado, fica de pé desastradamente e comenta:

— Sinto muito, mas acho que esse lugar está reservado para a Princesa Cecelia Luxenstein.

— Está — falo calmamente, ajustando os ombros de meu vestido. — Mas receio que Cecelia não possa ocupá-lo. Ela está doente. Sou sua prima, Rebecca Kelly.

— Bem, eu suponho... está certo então — diz Nevil.

Eu coloco um cotovelo sobre a mesa e me inclino para ele.

— Você é o responsável por este evento? — pergunto discretamente.

— Não. Por que você perguntaria isso? É que... o comitê trabalha tanto para manter as mesas... corretas.

— Sei — eu comento. — Então não seria injusto presumir que sua maior preocupação é... ser visto na mesa certa com a pessoa certa.

Nevil procura a ajuda de Patrice, que chuta Nevil por baixo da mesa e desliza para perto de mim, sentando-se na cadeira que eu subitamente vejo que está reservada para D.W.

— Não sabia que Cecelia tinha uma prima tão bonita. Você se importa se eu tirar sua foto?

— Claro que não — falo, sorrindo enquanto Patrick se inclina para trás e tira várias fotos.

— Você se parece tanto com Cecelia, sabe. Mas Cecelia odeia que tirem fotos dela. Não consigo entender o que há de errado com ela.

— Ela é... tímida — eu esclareço.

— Comigo? Sou um de seus amigos mais antigos — garante Patrice.

— É mesmo? Nunca ouvi Cecelia falar de você, mas isso deve ser porque estive em Paris nos últimos cinco anos.

— Eu a conheço desde sempre. Lembro da primeira vez que ela veio a Nova York. Ela tinha cabelos longos. Costumava ir ao Au Bar. Ela era rebelde. Não consigo entender o que aconteceu com ela. Quero dizer, ela conseguiu o cara que todo mundo queria, certo? Champanhe?

— Sim, eu adoraria.

— Ooooh, Sra. Sneet — volta-se Patrice para uma mulher elegante com pouco mais de cinqüenta anos que está passando — senhora Sneet, gostaria que conhecesse Rebecca Kelly.Ela é prima de Cecelia Luxenstein. Ela passou os últimos cinco anos em Paris, estudand ... arte. Esta é Arlene Sneet, a chefe do comitê do balé.

Eu estendo a mão.

— Encantada de conhecê-la — eu digo. — O balé... não acho que jamais tenha visto nada tão bonito. Fiquei tão paralisada que tive de ficar na cadeira, digerindo tudo, e por isso receio ter deixado meus parceiros de jantar esperando.

— Minha querida, eu entendo perfeitamente — disse a Sra. Sneet. — é tão adorável ver novos rostos no balé. E devo dizer que você está causando sensação. Todo mundo está querendo saber quem é você. Deve permitir que eu a apresente a alguns rapazes solteiros.

— Eu ouvi você dizer que estudou arte no Louvre? — vem uma voz da minha direita.

Eu me viro.

— Pois sim. Isso mesmo, Sr. Tristam.

— Sempre quis ser pintor, mas acabei sendo pego por esse negócio de atuar — comenta Maurice Tristam.

— Oh, sim — digo. — É muito difícil, a forma com que alguém freqüentemente tem de sacrificar a arte pelo comércio.

— Você devia ver algumas das decisões que tive de tomar apenas pelo lucro imundo.

— E você é tão talentoso.

— Você acha? Eu devia levar você para falar com algum dos meus produtores. Qual você disse que era mesmo o seu nome?

— Rebecca Kelly.

— Rebecca Kelly. Parece uma estrela de cinema. Bem, Rebecca Kelly, devo dizer que já sou um admirador seu.

— Oh, Sr. Tristam...

— Pode me chamar de Maurice.

— Você é tão gentil. E quem é sua encantadora namorada? Ah, seu homem travesso. Você trouxe sua *irmã.*

— *Não* sou irmã dele! — assegura a encantadora namorada que, sem ter mais de dezoito anos, já tem obviamente silicone nos seios e uma expressão endurecida.

— Esta é Willie — Maurice ressalta, obviamente embaraçado. Ele se inclina para mim e sussurra em meu ouvido. — E ela não é minha namorada. Ela é minha, bem, co-estrela neste filme que acabamos de fazer. .

Willie se inclina sobre Maurice.

— Você é amiga de Miles?

— Miles? — pergunto.

— Miles Hanson. O cara com quem você está.

— Oh. Você quer dizer aquele garoto louro bonito? O nome dele é Miles?

Willie olha para mim como se eu fosse uma idiota.

— Ele acabou de fazer aquele filme. *Gigantic.* Todo mundo diz que ele vai ser um grande astro. Ele é o próximo Brad Pitt, Estou tentando fazer Maurice me apresentar...

— Eu disse a você, não conheço ele — afirma Maurice.

— Mas ele não vai. E acho que ele seria um excelente namorado para mim — avalia Willie.

— Champanhe? — pergunto, me servindo outro copo enquanto os *quadrilles* de lagosta chegam.

Cinqüenta e cinco minutos mais tarde estão tocando aquela música *I just wanna fly* e estou quase bêbada, dançando selvagemente com Miles, quando levanto os olhos e lá está D.W., num terno branco molhado, enxugando seus cabelos molhados e tentando parecer calmo, embora eu possa ver que ele está soltando fumaça. Ele me vê

e marcha até mim e grita:

— Cecelia! O que você está fazendo? Hubert e eu estivemos procurando meia Manhattan por você.

Miles pára e eu paro e todo o salão parece parar, abrindo espaço em torno de mim, e eu posso ouvir Patrice gritando:

— Eu sabia! Eu sabia que era Cecelia o tempo todo!

E subitamente uma massa negra de fotógrafos aparece e eu sou pega, com uma mão na de Miles e a outra agarrando uma garrafa de champanhe, e Miles agarra meu braço e começamos a correr no meio da multidão.

Corremos escadas abaixo com os fotógrafos nos seguindo e corremos para fora, onde está realmente um dilúvio agora, cruzamos a praça, descendo mais degraus, esquivando-nos de limusines e de quatro policiais de trânsito, bem para o meio da Broadway, onde um ônibus Número 12 está acabando de parar.

Corremos para o ônibus, acenando e gritando, e vamos em frente. Miles tem duas fichas e estamos rindo, andando para a traseira do ônibus, onde nos sentamos e olhamos um para o outro e morremos de rir. Então levantamos os olhos e todo mundo no ônibus está olhando. Dou um soluço e Miles toma um gole da garrafa de champanhe. Então nossas mãos que estavam presas se separam, enquanto olhamos para as janelas do lado oposto, observando os finos traços da chuva contra o vidro.

— Bom dia.

— Bom dia.

Hubert está sentado na mesa da cozinha, tomando café e lendo *The Wall Street Journal.*

— Tem, ahn, café? — pergunto.

— Na cafeteira — diz, sem levantar os olhos.

Eu vago até a bancada e bato algumas portas do armário, procurando uma xícara de café.

— Tente a máquina de lavar — diz ele.

— Obrigada.

Eu sirvo o café, me sento.

— Você levantou cedo — comenta.

— Mmmmm-hmmm — respondo. Ele empurra o *Post* para mim.

Tomo um gole de café. Abro o jornal na Página Seis.

O título diz PRINCESA RECÉM-CASADA É A ALMA DA FESTA.

E então o texto: "Parece que é o príncipe Hubert Luxenstein que está escondendo sua glamourosa mulher, Cecelia, e não o contrário. Cecelia Kelly,a antiga negociante de arte, tem estado em baixa desde seu casamento dois verões atrás em Lake Cuomo, na Itália, no castelo de 200 acres da família pertencente ao pai do noivo, príncipe Heinrich Luxenstein. Mas na noite passada, no qüinquagésimo aniversário do balé, a bela nova princesa, usando um novo corte de cabelos de menino e um traje de Bentley, chegou sozinha e encantou os convidados do jantar, que incluíam..., antes de fazer um dramático êxito com o novo queridinho das telas Miles Hanson."

Eu dobro o jornal.

— Cecelia... — ele me chama.

— Você ainda me ama?

— Cecelia...

Eu levanto a mão.

— Não. Simplesmente não — eu digo.

V

Querido diário:

Acho que estou melhorando.

Hoje levanto e visto roupas e tomo uma xícara de café e leio os jornais deixados por Hubert e olho para meu relógio e são nove horas e subitamente percebo que poderia fazer alguma coisa hoje. Esse é um sentimento tão estranho que, por um instante, penso em tomar dois Xanaxes, mas então percebo que, pela primeira vez em — o quê? anos? — eu não quero ficar ligada. Estou realmente pensando em ir a Uptown e — AH — fazer uma visita surpresa ao escritório de meu marido.

E o mais horrível é que, quanto mais penso, mais fico compelida a fazer isso. Afinal de contas, Hubert é meu marido e o que seria mais natural do que uma mulher ir visitar seu marido na hora do almoço? Especialmente se ela acha que ele pode estar tendo um caso (o que ele deve estar) e especialmente se ela acha que ele provavelmente tem outros planos para o almoço (o que ele quase certamente tem). Esse problema vai forçá-lo a escolher entre sua esposa ou os planos anteriores para o almoço. Sua escolha vai dizer à esposa simplesmente tudo o que ela precisa saber sobre seu marido. Se escolhe a) o trabalho em vez da mulher, ele é um merda e não a ama, ou b) se ele escolhe a mulher em vez do trabalho, ele provavelmente ainda é um merda mas deve amá-la. De qualquer jeito, eu tenho uma sensação de que Hubert vai perder hoje, e quero estar lá para testemunhar isso.

Por alguma razão, estou usando um chapéu de marinheiro azul e luvas de marinheiro listradas de branco e azul quando bato na mesa da recepcionista com um isqueiro Dunhill de ouro. Também tenho na bolsa um telefone celular que não parece funcionar, junto com dois velhos absorventes e uns farelos de biscoito para cachorros.

— H.L, por favor — eu digo para a recepcionista, que não faz nada a princípio e depois diz, numa voz fria e entediada.

— Quem devo anunciar?

E eu digo:

— A mulher dele.

E ela me olha de cima a baixo e diz:

— Só um minuto — e eu posso achar com isso que ela não me reconheceu, por alguma razão, e isso me enfurece e me faz querer MATÁ-LA. Então bato ruidosamente com o isqueiro novamente.

Lembro que estou melhorando.

Ela pega o telefone e diz para alguém:

— H. está aí? — e então, como se houvesse alguma pergunta, ela diz — Bem, sua mulher está aqui? — Então ela desliga o telefone e diz: — Alguém vai descer para vê-la.

— O que quer dizer com alguém vai descer para me ver? Onde está meu marido? — pergunto. — Não vim aqui para ver alguém, vim para ver meu marido.

— Ele não está no escritório dele.

— Será que tem alguém no escritório dele esses dias?

— Ele sabe que você está vindo para vê-lo?

— Claro que sabe — falo, percebendo que a coisa está começando a ir mal.

— Bem, ele provavelmente está no set. Dianna Moon está no programa de hoje.

— E espera-se que eu me *importe* com Dianna Moon?

A recepcionista parece me ver pela primeira vez. Suas unhas são falsas, pintadas de vermelho, branco e listras azuis. Elas parecem ser sua única característica diferente.

— Muita gente... se importa... com Dianna Moon.

Tiro minhas luvas, puxando cada um dos dedos.

— É porque ela... matou seu marido?

A recepcionista olha em volta nervosamente.

— Ele morreu de overdose de drogas. E além do mais, Dianna Moon é uma... heroína. A audiência vai ser grande.

Eu bocejo alto.

— Mas o que ela já fez? — pergunto, percebendo que essa é uma pergunta totalmente arrogante de minha parte, como se pudesse se argumentar que eu também nunca fizera nada, a não ser me casar com Hubert, supostamente um dos solteiros mais cobiçados do mundo.

A recepcionista me olha.

— Vou ver se consigo encontrar H. para você.

Naquele momento, Constante De Wall passa pela porta blindada que leva ao labirinto secreto dos estúdios pertencentes à Emissora.

— Cecelia — diz ela, estendendo a mão. — Tão bom ver você de novo. Infelizmente, esse não é um bom dia para uma visita surpresa. Nós estamos com

Dianna Moon no set e ela... bem, ela é Dianna Moon.

— E eu sou a princesa Cecelia Kelly Luxenstein — digo, de forma casual, não dando muita importância ao pedaço da princesa, sabendo que esse é o tipo de coisa que faz as pessoas se tocarem e as faz telefonar para as colunas de fofocas. — E gostaria de ver meu marido.

— É tão urgente assim, Princesa Luxenstein? — Constance diz com extremo sarcasmo, pelo qual eu vou fazê-la pagar mais tarde, quem sabe?, tentando fazer com que seja demitida. Ela é, ouvi dizer, uma versão "mais jovem, melhor e mais inteligente" minha. O que eu sei é que ela está loucamente apaixonada por meu marido (exatamente como todas essas outras imbecis formadas em Harvard), tem tentado levá-lo para a cama desde que começou a trabalhar em sua equipe de produção dois anos atrás e acredita de verdade que ele ficaria bem melhor com ela do que comigo.

— A situação tem que ser urgente para eu querer ver meu marido? — pergunto, com igual sarcasmo.

— É só que... nós temos muita segurança em torno.

— Para proteger Slater London de Dianna Moon, presumo. Constance e a recepcionista trocam um rápido olhar. A recepcionista olha para baixo, fingindo rearrumar as mensagens telefônicas.

— Posso colocá-la na sala verde — Constance diz finalmente.

— Mas não posso garantir nada.

Minutos mais tarde, fumando cigarros ilegalmente na sala verde, estou mais ou menos observando o monitor quando Dianna Moon, usando um traje de noite de seda (uma tira caindo descuidadamente de seu ombro) se inclina para Slater London e, com a maior seriedade, diz:

— Eu nunca olho para o passado. Tenho tido sorte e olhando diretamente para a câmera — agradeço a Jesus todos os dias. — Então ela se recosta triunfantemente , cruzando as pernas e jogando seu braço sobre o encosto da cadeira, de maneira que o espaço entre seus seios fique exposto. Ela sorri.

Slater London, que é meio inglês e meio americano, antigo queridinho das adolescentes da tela, cuja carreira terminou (rapidamente) quando ele foi descoberto usando roupas de mulher, se inclina sobre sua mesa e diz:

— Dianna. Você virou crente?

O rosto de Dianna fica branco, e sem parecer ser capaz de se conter, ela diz:

— Slater. Calcinhas com babados cor-de-rosa querem dizer alguma coisa para

você?

Slater, que é pego de surpresa, mas disfarça, correndo a mão pelos cabelos louros curtíssimos, comenta:

— Não era isso que Alice no País das Maravilhas estava usando quando desceu pelo buraco do coelho?

— Buraco — Dianna diz, flertando. — Você gosta dessa palavra?

Slater olha para a câmera,

— Certo, pessoal. Esse é todo o tempo que temos. Dianna, muito obrigado por estar no programa e boa sorte com seu novo filme... — Aí ele sorri para a câmera por alguns segundos antes de arrancar seu microfone e gritar: — Espero que possamos cortar essa última parte. — O som some, enquanto os técnicos entram no setcom Hubert atrás deles. Dianna joga seus braços em torno dele, enquanto olha por cima do ombro para Slater. Todos eles saem e a tela fica vazia.

Subitamente sinto muito por meu marido.

Ele sabe que está sendo USADO? O que É o seu trabalho, na verdade? Arranjar convidados e se certificar de que Slater não foi condenado por estupro legal? Quem escolheria fazer isso?

Hubert. PRÍNCIPE COROADO EUROPEU NÃO É APENAS GRANDIOSO, ELE É UM CARA NORMAL, uma manchete sensacionalista de três anos atrás, quando Hubert começou este trabalho. Em seu primeiro dia, ele foi fotografado comprando um sanduíche na deli da esquina e, quando saiu, pacote pardo na mão, chegou a acenar para os fotógrafos e sorriu. PRIMEIRO DIA DO PRÍNCIPE NA ESCOLA foi a capa do *New York Post* no dia seguinte, e realmente não achei, na época, que isso fosse estranho.

— Só quero fazer alguma coisa normal. Como uma pessoa normal — Hubert dissera. E eu concordara.

— Só quero que possamos andar pela rua e comprar uma casquinha de sorvete — eu dissera, fazendo bico, apesar de ODIAR sorvete porque engorda, e Hubert opinara:

— Eu também, baby, eu também. — Melancolicamente.

Encorajei-o a pegar o emprego. *Showbiz.* O quanto seria difícil? Hubert já tinha tido um monte de trabalhos em bancos, todos, estranhamente, se transformaram em desastres. Ele não tinha cabeça para números; de fato, deixava gorjetas generosas porque não conseguia calcular 20%. Na época, eu ignorava.

Mas agora subitamente percebo: Meu marido é charmoso, alegre e muito bem educado. Mas também um tanto... tolo.

Eles estão USANDO-O por causa de seus contatos.

Acendo um cigarro desgostosa, e em seguida a porta da sala verde se abre (aquela maldita Constance provavelmente me trancou ali) e Hubert entra com Dianna Moon, que por alguma estranha razão corre para mim e joga seus braços em torno de mim como uma garota de dois anos, quase esbarrando no cigarro em minha mão.

— Sempre quis conhecê-la — ela se derrama. Dá um passo para trás e diz: — Você é tão bonita quanto dizem.— Ela pega minhas mãos e diz: — Espero que possamos realmente ser boas amigas.

Eu quero odiá-la, mas não posso, pelo menos não ali.

— Constance me disse que você estava aqui — Hubert comenta, inconveniente. — E Diana disse que queria conhecer você.

— Esperava que estivesse disponível para almoçar — observo. Imaginando, sou eu ou é o seu comentário sobre Dianna que é sutilmente hostil?

— Vamos todos almoçar juntos. Em um desses lugares tipo *Ladies Who Lunch* — adianta-se Dianna. — Me sinto uma verdadeira *lady* hoje.

— Não posso — desculpa-se Hubert, despreocupadamente. — Bob e eu temos um compromisso permanente para almoçar toda quarta-feira.

— É mesmo — eu completo.

— Claro, não haveria meio de você saber disso — diz Hubert. — Se você tivesse ligado antes de vir...

— Oh, quem é essa maldita pessoa, Bob? Deixe ele para lá — propõe Dianna. — Diga a ele que você vai almoçar comigo. Estou certa de que Bob vai entender.

— Ele vai entender, mas ele é o presidente da Emissora — alega Hubert.

— Mas você não quer almoçar com sua mulher? — pergunta Dianna, parecendo estar realmente confusa. — Ela é tão bonita...

— Nós mal conseguimos nos ver — comento, num tom completamente neutro, colocando minhas luvas.

— Norman e eu costumávamos passar cada minuto juntos — diz Dianna. — Cada minuto. Não conseguíamos nos cansar um do outro. Éramos obcecados. Passávamos dias e dias juntos na cama... — Ela contrai o rosto. — Sinto falta dele. Sinto tanto a falta dele. Ninguém entende realmente. — E então ela começa a chorar.

Hubert e eu olhamos um para o outro, alarmados. Hubert não faz nada. Dou uma tossida educada dentro de minha luva.

— Ele foi o maior amor da minha vida. Meu único amor. Não acho que jamais

serei capaz de sair com mais ninguém, mesmo — ela lamenta. Mas é um fato bem sabido que ela está não apenas saindo com alguém (o presidente de um estúdio de cinema) mas, de acordo com a revista *Star,* morando com ele (ou pelo menos deixando suas coisas na casa dele). E fica claro que as lágrimas são apenas parte de sua pequena performance, porque subitamente ela agarra minha mão novamente e se corrige: — Bem, pelo menos você vai almoçar comigo.Eu simplesmente não posso ficar sozinha agora.

Hubert parece aliviado.

— Por que vocês não vão ao Cipriani's? A Emissora pagará a conta, claro — ele sugere, acrescentando: — Cecelia, só não esqueça de me trazer a conta, certo?

E eu só olho para ele horrorizada, sem acreditar que está me impondo esta mulher e me tratando como alguma espécie de... EMPREGADA. Pelo amor de Deus.

— Vou pedir a Constance que faça as reservas — ele adianta. Nesse momento, Constance entra na sala e parece "imediatamente entender a situação".

— Vou ligar para Giuseppe — ela avisa, assentindo para Hubert. — Vou dizer a eles para esperarem vocês. Assim não terão que esperar.

— Eu nunca preciso esperar. Em lugar nenhum — digo a Constance, sem acreditar em sua insubordinação. Olho para Hubert para confirmar, ou pelo menos ter algum tipo de apoio, mas tudo o que ele consegue fazer é sorrir desconfortavelmente.

— Bem. Então tchau — despeço-me friamente.

— Vejo você mais tarde. Em casa — diz ele, como se o estivesse aborrecendo ou algo assim.

— Certo. Vou dar aquele telefonema — Constance diz, olhando para Hubert, mas sem realmente ir a lugar nenhum.

— Slater foi um verdadeiro comediante hoje, não foi? — comenta, como se ela e Hubert fossem as únicas pessoas na sala. — É tudo por causa daquela maldita Monique. Isso é o que acontece quando você sai com uma criança. Exceto que agora é problema nosso. — E então ela realmente toca o braço de Hubert. Mais especificamente, o bíceps dele.

Eu estava certa. Ele está tendo um caso com Constance.

— Quem era aquela cachorra filha da mãe? — pergunta Dianna, enquanto se joga na limusine. — Deus do céu. Se eu fosse você, tinha batido nela. Escute, coração, regra número um: nunca deixe nenhuma outra cachorra mexer com seu homem. Porque garantidamente essa cachorra está atrás do seu homem. Se soubesse quantas

mulheres tive de estapear, quero dizer, literalmente bater por causa do PUTO do Norman, você não acreditaria.

Quero dizer que acreditaria, já que as brigas de bar de Dianna Moon são lendárias. Mas também estou muito assustada ou muito educada ou muito emputecida com Hubert nesse exato instante para dizer qualquer coisa. Simplesmente aceno com a cabeça e acendo um cigarro, que Dianna agarra e retira de minha mão e começa a fumar rapidamente com largos gestos. — Quase cortei as tetas de uma cachorra uma vez, sabia disso?

— Realmente, não — digo, acendendo outro cigarro, imaginando que certamente nem ela conseguiria fumar dois cigarros ao mesmo tempo.

— É verdade. A cachorra queria me processar, mas, Norman e eu, nós tínhamos os maiores e mais poderosos advogados que você pode ter no *show business.*

Ela se recosta no assento de couro cinza. Olho para ela, incapaz de me conter. Seu rosto é ao mesmo tempo bonito e horrível. A parte horrível é original e a beleza, resultado de hábeis cirurgias plásticas.

— Ai — ela continua. — Todo mundo amava Norman. Eu quero dizer todo mundo. A primeira vez que o vi naquele set de filmagem — era no deserto — eu sabia que tinha visto Jesus. E todo mundo também sabia disso. — Ela se vira para mim e pega minha mão. — É por isso que amo tanto Jesus agora, Cecelia. Amo Jesus porque eu *vi* Jesus. Bem aqui na Terra. Ele esteve aqui só durante um pequeno espaço de tempo, suficiente para trabalhar em três filmes que fizeram mais de cem milhões de dólares. Mas ele tocou todo mundo e, depois, soube que era hora de voltar ao paraíso.

Então ele se foi.

— Mas Jesus não considerava suicídio um *pecado?* — pergunto, imaginando quanto mais posso agüentar, se Hubert e Constance estão almoçando, se há ou não algum lugar de almoço que seja um ninho secreto de amor para onde eles vão praticamente todos os dias, quando Hubert diz coisas como "Eu te amo, mas minha mulher é louca".

Dianna olha bem dentro dos meus olhos.

— Ele não cometeu suicídio, Cecelia. A morte de Norman, como você pode ter suspeitado, foi um mistério completo. Ninguém sabe exatamente como ele morreu. Eles nem mesmo sabem a que *horas* ele morreu...

— Mas certamente... a medicina moderna...

— Oh, não. A medicina moderna não é tão moderna como todo mundo pensa. Há algumas coisas que nem mesmo os médicos conseguem entender...

Sim, eu não posso deixar de pensar, e *você* é *uma delas.*

— Como o fato de que seu corpo não foi encontrado durante quatro dias.

— E — pergunto, incapaz de me controlar — não havia partes perdidas dele? Comidas por animais selvagens?

Dianna olha para fora da janela.

— Isso é o que todo mundo pensa — diz ela finalmente.

— Mas a verdade é que... as partes do corpo dele podem ter sido carregadas por... discípulos especiais.

Oh, céus.

— Estou quase certa de que meu marido está tendo um caso — falo.

— E esses discípulos especiais, eles são na verdade ..

— Com Constance. Aquela piranha.

— ... eles são meio anjos, tipo assim. Foram mandados aqui meio que para observá-lo, mas ...

— E realmente não sei o que fazer a respeito.

— ... o fato é que muitas pessoas, eu quero dizer *muitas* pessoas, acham que esses discípulos especiais são uma espécie de...

— Acho que tenho que pensar sobre o divórcio.

— Alienígenas.

Só olho para ela.

Ela se inclina para mim.

— Você realmente acredita que Norman era Jesus, não acredita, Cecelia? Por favor, diga que sim. Por favor. Porque realmente quero que sejamos as melhores amigas. Eu poderia usar uma melhor amiga nessa cidade, sabe?

Por sorte, nesse momento a limusine pára em frente ao Cipriani's.

Depois de uma esperada quantidade de confusão, somos levadas a uma mesa na frente do restaurante, perto da janela. Há sussurros em toda a nossa volta. ''Aquela princesa... Cecelia... quem é aquela mulher?... oh, Dianna Moon... Norman Childs... Dianna Moon e... Luxenstein... príncipe Hubert Luxenstein... morto, você sabe... " E sei que esse vai ser um item na Página Seis amanhã, especialmente quando levanto os olhos e vejo D.W. me encarando cinco mesas à frente, esperando que eu capte seu

olhar para que possa vir até nós. Ele está sentado com Juliette Morganz, a "garotinha de Vermont" que vai se casar com Richard Ally,da família da gigantesca Ally Cosméticos, no fim do verão, na propriedade dos Ally nos Hamptons.

O garçom chega e Dianna quase bate nele quando ele tenta colocar o guardanapo no colo dela. A disputa é evitada pela aparição de D.W. Ele se inclina e, no que é comumente chamado "tom xarope", rasga um elogio:

— Minha querida. Que absoluto deleite encontrá-la. Não consigo imaginar ninguém que eu gostasse mais de ver. Você me fez ganhar o dia.

— Dianna Moon, D.W.

Dianna estende o rosto para ser beijada e D.W. obedece, beijando-a nas duas faces.

— Oi. O que querem dizer as iniciais? — pergunta.

— Dwight Wainous — respondo.

— Fui o primeiro chefe de Cecelia — D.W. lembra.— Anos atrás. Desde então Cecelia e eu somos grandes, grandes amigos.

Eu só olho para ele.

— E parece que os elogios são apropriados — ele fala para Dianna.

— É — completa Dianna, não impressionada.

— O seu contrato com os cosméticos Ally.

— Você acredita nisso? — pergunta Dianna, — Eu, vendendo sombra azul.

— Os Ally são grandes, grandes amigos meus. De fato, estou almoçando com Juliette Morganz, noiva de Richard Ally, nesse exato instante.

— É? — Dianna diz, olhando em torno do salão. — Você quer dizer aquela coisinha morena?

Juliette acena avidamente.

— Acho que se espera que eu vá ao casamento deles — observa Dianna,

— Ela é muito, muito minha amiga também — comenta D.W.

— Parece que todo mundo nessa cidade é muito, muito seu amigo. Talvez eu devesse conhecê-lo melhor — sugere Dianna.

— Isso — confirma D.W. — seria uma delícia.

— Jesus do céu — Dianna diz, enquanto D.W. se afasta da mesa. — Esse cara parece alguma coisa que alguém tirou de baixo de uma pedra em Palm Beach — e eu

começo a rir. Mesmo que Palm Beach me faça lembrar das férias de duas semanas que Hubert e eu tiramos depois de ficarmos noivos, e ficou claro para mim que devíamos ter diferentes expectativas em relação ao nosso futuro juntos. As minhas eram: bagagem Louis Vuitton, meus cabelos sempre perfeitamente penteados, jipes na África, calças de montaria cáqui, cenário de colunas brancas contra o azul do mar do Caribe, campos amarelo-pálido da Toscana, um baile de máscaras em Paris, jóias de esmeraldas, o presidente, jatinhos, suítes de hotel, enormes camas com lençóis brancos e muitos travesseiros, um carro conversível sem capota, meu marido sempre me beijando, bilhetes em minha bagagem que diziam *Eu te amo* e o vento sempre soprando em nossos cabelos. Eis o que tive, em vez disso: uma turnê "excitante" pela América. Que começou em Palm Beach. Onde "o casal glamouroso, recém-noivado", ficou na casa do senhor e da senhora Brian Masters. Brian Masters (tio de Hubert) era um velho homem gordo com verrugas no topo da cabeça, perto de quem eu ficava sentada em todas as refeições. Na primeira noite, inclinou-se para mim e sussurrou:

— Essa família era realmente boa, até que Wesley foi para Hollywood e ganhou todo aquele maldito dinheiro enquanto um homem negro usando luvas de algodão brancas servia costeletas de carneiro. Sua mulher, Lucinda, que falava com um leve sotaque inglês mas era na verdade, acho, de Minnesota, tinha um estranho tipo de incerteza sobre si mesma. Descobri a razão depois de um jogo de duplas particularmente frustrante, no qual xinguei Hubert e joguei no chão minha raquete de tênis.

— Venha comigo, Cecelia — disse ela suavemente, com um estranho meio sorriso, e eu a segui, ainda pisando forte de raiva, pela casa até seu banheiro, onde ela fechou a porta e me fez sentar numa banqueta coberta de seda amarela.

— Há apenas uma maneira de sobreviver sendo mulher de um Masters.

— Mas Hubert...

— A mãe dele era uma Masters. Assim como ele também é — ela sussurrou. E eu vi com alarme que ela era realmente muito bonita, e muito mais jovem, talvez quarenta anos, do que ela havia aparentado a princípio, cercada por sua enorme casa e serviçais — e eu pensei: "O que vai acontecer comigo?"

— Bonecas — disse ela, revelando o interior do armário de remédios, que continha uma tal quantidade de vidros de remédios, que poderia rivalizar com a de qualquer farmácia. Tirou um vidro marrom e o estendeu para mim. — Tente esses — sugeriu. — São completamente inofensivos. Como balas. Fazem você se sentir doce.

Não preciso de comprimidos — rebati. O que era na verdade particularmente estranho, já que, naquela época, eu sempre estava um pouco ligada de coca e, de fato, tinha um pequeno frasco em minha bolsa sobre o qual ninguém nunca saberia, e eu

disse: — Meu casamento vai ser bom. Vai ser ótimo.

— Oh, Cecelia — Lucinda discordou, me estendendo o vidro. — Você não entende? Não é, e nunca será. Mas foi só no fim de nossas férias, quando fomos àquela "expedição de pescaria" em Montana — estava suja e meus cabelos viviam encaracolados, dormia numa cabine com um cobertor rasgado do exército, me levantava às cinco da manhã, sem ter nenhum lugar decente para fazer cocô, muito menos para tomar um banho, e Hubert e eu mal tínhamos alguma coisa a dizer um ao outro — que eu abri o vidro de comprimidos e deixei cair um em minha mão. Era pequeno, branco e oval. Eu tomei um, depois outro.

Imediatamente me senti melhor.

E continuei a me sentir bem, mesmo depois de andarmos de carro 32 quilômetros na chuva, para chegarmos àquele inferninho que Hubert havia descoberto no guia, onde ele dançou com aquela garçonete de cabelos frisados e peitos caídos (ela tinha apenas 25), e eu consumi seis margaritas, consegui manter uma aura de *laisser-faire.*[{11}]

E Hubert ficou convencido de que tinha tomado a decisão certa ao me pedir em casamento.

Não é assim que as coisas são?

— Branco ou amarelo? — Dianna pergunta, eu volto de repente e completo:

— O quê? — e morremos de rir porque parece que estamos em algo tipo nosso décimo *bellini.*

— Xanax.

— Azul. Amarelo é para homossexuais.

— Eu nem sabia que havia um azul— diz ela, colocando a mão na face e rindo para mim entre os dedos. — Ei, sabe o que mais? Eu também como comida de cachorro. Fiz Norman comer comida de cachorro. Pensando bem, fiz Norman fazer um monte de coisas.

— Não comece a chorar de novo — peço.

— Ah, meu doce Jesus. Norman. Norman — ela choraminga.

— Por que você teve de ir embora e morrer e me deixar 123 milhões de dólares?

— Por que Norman? — pergunto.

Aí nós tivemos que ir mijar e subimos tropeçando pelas escadas. Como era de se esperar, Juliette "aquela garotinha de Vermont" nos segue até o banheiro. Dianna dá uma olhada nela e tropeça para trás, gritando "preciso me maquiar", e Juliette desliza

para dentro e sussurra "Oi". Antes que qualquer outra coisa possa acontecer, Dianna agarra a bolsa de mão Prada de Juliette e a sacode de cabeça para baixo. Como era de se esperar, uma pilha de cosméticos MAC cai, junto com um Tampax júnior, uma escova com um ninho de cabelos e uma camisinha.

— Oh, Juliette — pergunto. — Você nunca usa cosméticos Ally?

— Eu uso cosméticos Ally— esclarece Dianna, passando descuidadamente batom em sua boca — e olhe para mim. Saí de viciada em crack para dama da sociedade. E sabe o que mais? Você também pode.

— Cecelia — Juliette pergunta docilmente -, você vai ao meu casamento, não vai?

— Não o perderia — respondo. — Mesmo que mal a conheça.

— Mas essa não é a melhor coisa em Nova York? Não importa — Juliette diz. — Quero dizer, todo mundo é...

— Vou conquistar esta cidade. Do mesmo jeito que conquistei Los Angeles — garante Dianna,

— Você vai também, não vai? — .Juliette pergunta a Dianna.

— Pergunte ao meu agente — Dianna pede.

— Oh. Bem, tenho um agente também — Juliette diz. — D.W.

— Então faça seu agente ligar para o meu agente. Deixe os agentes combinarem. — E com isso deixamos Juliette no banheiro, limpando seu tubo de batom com uma toalha de papel.

O telefone está tocando quando eu passo pela porta do loft e sem dúvida é Dianna.

— Oi docinho — diz ela. — Era assim que eu chamava Norman. Docinho.

— Bem, olá — respondo. — Olá Norman.

— Você está solitária, Cecelia? Porque eu certamente estou. Certamente estou solitária — Dianna fala.

— Acho que estou solitária. É — confirmo.

— Bem, não ficaremos mais solitárias. Vamos ser as melhores amigas.

— É isso — falo, o champanhe começando a desaparecer.

— Ei. Estava pensando se você queria dar uma saída. Talvez possamos ir fazer

compras amanhã. Ainda terei a limusine e o motorista. Droga, sempre vou ter a limusine e o motorista. Às vezes eu esqueço, sabe?

Meu marido está tendo um caso. Com Constance.

— Ei, Dianna — digo, olhando pela janela um ônibus do Meio-Oeste depositar um bando de turistas na Prince Street. — É verdade o que dizem? Que você matou seu marido?

Há uma pausa, então Dianna dá um riso curto e alto.

— Bem, deixe-me colocar desta forma. Se eu não matei, seria o tipo de coisa que eu *faria,* não é?

— É?

— Bem... eu saberia como fazer com que acontecesse. Se é isso o que você está perguntando. E lembre-se: é bem mais barato do que um divórcio.

Ela ri e desliga.

VI

Estou indo embora.

Sentada no consultório do Dr.Q., observando as cortinas transparentes e sujas flutuando na brisa que vem da Quinta Avenida, penso em iates e estrelas de cinema em vestidos de seda e caixas de chapéu Louis Vuitton, como aquela que eu acabei de comprar para a viagem, mesmo que não tenha um chapéu. O Dr. Q. interrompe estes pensamentos com uma palavra:

— Bem?

— Você pode ver aqui dentro por essas janelas.

O Dr. Q. larga seu bloco amarelo e olha para fora.

— Isso é um problema? — pergunta ele. — Você está aqui há, o quê? um ano e meio, Cecelia, e nunca mencionou isso antes.

Como nunca mencionei o caso de Hubert com Constance. Até poucos dias atrás. Bem depois que eu disse a Hubert que estava indo para o Festival de Cinema de Cannes com Dianna.

— Talvez eu esteja ficando paranóica — falo, tentando fazer uma piada.

— Você *é* paranóica — o Dr. Q. confirma, olhando para seu bloco. — Todos nós sabemos que é por isso que você está aqui.

— Nós? Quem somos "nós"? O que é isso? Algum tipo de conspiração?

— Eu, seu marido, a imprensa, ou eu deveria dizer "a mídia", e provavelmente esse personagem D.W. de quem está falando o tempo todo... devo continuar? — o Dr. Q. diagnostica, numa espécie de voz chateada. Então eu digo não, e aí adiciono subitamente:

— Talvez eu use minha paranóia como uma espécie de arma. Você já pensou alguma vez nisso, Dr. Q?

— Você já? Usou sua paranóia como uma arma?

Merda. Eu não SEI.

O Dr. Q. fica sentado me olhando, do jeito que Hubert me olhou quando eu disse a ele que estava partindo. Sem ele. Mas ele não podia dizer nada a respeito, assim como não podia dizer nada sobre as quatro peças de bagagem Louis Vuitton que comprei depois de uma tarde de porre com Dianna, sem mencionar os vários pares de sapatos, bolsas e vestidos.

— Preciso partir — eu havia dito. — Preciso pensar.

— Preciso partir — eu digo agora para o Dr. Q.

— O fato de partir vai fazer o que por você?

— Nada. Mas vai me afastar de meu marido. Mencionei que acho que ele está tendo um caso?

— Você mencionou isso — o Dr. Q. folheia seu bloco — meses atrás. Junto com aquele livro não-autorizado.

— Então?

— Então a questão é que... tudo isso é provavelmente imaginação sua.

— Acho que posso distinguir entre fantasia e realidade.

— Pode?

— Eu o VI com ela.

— Onde eles...

— O QUÊ? Fazendo aquilo? Não. Mas eu poderia jurar. Pela maneira que eles agiram.

— O que ele diz?

— Nada — respondo, balançando meu pé. — Mas ele não nega.

— Por que você pelo menos não NEGA isso? — eu havia gritado.

— Cecelia — Hubert dissera friamente — esse tipo de pergunta não merece uma resposta.

Ele consegue ser tão frio, meu marido. Sob as maneiras bonitas existe absolutamente... nada.

— Definitivamente ele está tendo um caso — Dianna opinou mais tarde. — De outra forma ele teria negado.

Bem, TODOS nós sabemos isso, não sabemos?

Posso garantir que esta sessão não está indo a absolutamente lugar algum, então eu digo, bem inesperadamente.

— Tenho uma nova... *amiga* — subitamente percebo quanto isso soa patético, como quando eu tinha quatro anos e disse a todo mundo que tinha um amigo, mas era só um amigo imaginário chamado Winston. Contava a todo mundo que ia brincar com Winston, mas na realidade estava indo para o meu lamaçal favorito, onde tentava fazer moscas flutuarem em caixas de fósforos.

— E esta amiga...

— É real — eu reajo, ao perceber que isso também soa insano. Então rapidamente disfarço com: — Quero dizer, acho que vamos ser amigas. Nós somos amigas agora, mas quem sabe quanto tempo isso vai durar.

— Suas amizades com *mulheres* normalmente terminam rápido?

— Não sei — respondo, exasperada. — Quem sabe? Não é essa a questão. Você nem mesmo quer saber... quem ela é?

— Isso é importante? *Quem ela* é?

— A questão é que eu não tenho uma amiga há muito tempo. Certo? — eu digo, encarando-o furiosamente.

— E por que isso?

— Não sei. Porque sou casada. Você me diga.

— Então essa amiga...

— Dianna...

O Dr. Q. levanta a mão.

— Apenas o primeiro nome.

— O que é isso? Algum tipo de encontro AA?

— É o que você quiser pensar, Cecelia. Agora, vejamos. Dianna — o Dr. Q. diz, escrevendo o nome em letras de fôrma e sublinhando-o.

— Você sabe, EXATAMENTE QUEM ELA É — eu grito. — Jesus Cristo. E Dianna Moon. Você não lê a Página Seis? Eles estão escrevendo sobre nós duas há duas semanas. Como estamos sendo vistas juntas em todo lugar.

O Dr. Q. chupa a ponta da caneta.

— Não leio a Página Seis — reage, pensativamente.

— Droga, Dr. Q. Todo mundo lê a Página Seis — insisto, cruzando meus braços e balançando um pé, calçado com um sapato de seda bege Manolo Blahnik, 450 dólares e totalmente inútil, que Dianna e eu compramos dois dias atrás quando fomos à nossa "festa de compras".

Eu os peguei e Dianna disse que nós duas devíamos comprar um par porque éramos "irmãs" e isso foi confirmado quando se revelou que usávamos o mesmo tamanho de sapato: 38.

— Tenho bom gosto — falo subitamente. E o Dr. Q. provavelmente fica aliviado

porque, afinal de contas, eu não vou jogar merda nele e diz suavemente.

— Sim, você tem. Esta é uma coisa pela qual é conhecida, não é? Bom gosto. É provavelmente uma das razões pelas quais Hubert se casou com você.

Ele olha para mim. Só o encaro, e ele continua, muito hesitante.

— Afinal de contas, esta é uma das razões por que homens como Hubert se casam, não é? Eles querem a mulher com bom gosto, que vá usar as coisas certas para... *eventos* de *caridade...* e decorar a casa nos Hamptons... ou não, os Hamptons estão *ultrapassados?...* de acordo com a sua gente... — E eu me reclino na cadeira e fecho os olhos.

Penso no que Dianna faria nessa situação.

— Sabe o que mais, Dr. Q? — pergunto.

— O quê?

— Foda-se — digo e saio.

VII

Esta manhã eu acordo e pergunto a Hubert — Você acha que Xanaxes são ilegais? — Ele esta no banheiro, fazendo a barba.

— Porquê?

— Porque não quero nenhum escândalo. Com a alfândega. Quando eu for para a França — só para irritá-lo. Ele fica com aquela expressão doente no rosto, que vem exibindo bem mais, desde que lhe disse há duas semanas que estava partindo.

— Não acho que você precise se preocupar com isso. Você sabe, se houver algum problema, você sempre pode ligar para o meu pai.

— Oh-la — respondo alegremente, sem absolutamente nenhuma razão para isso — adoro ligar para o castelo.

Ele passa batido por mim, levantando o queixo para abotoar a camisa e colocar a gravata sobre o colarinho, e eu vejo aquela expressão magoada em seus olhos. É como se os cantos de seus olhos estivessem caindo,e por um minuto me sinto como se um saca-rolhas estivesse sendo empurrado em meu estômago. Então lembro que ele DEVIA se sentir mal.

É ele quem está tendo o caso.

O que, por sinal, não pretendo mencionar novamente.

Ações falam melhor que palavras.

Eu pego Mr. Smith, que ainda está naturalmente dormindo na cama, e beijo o topo de sua cabeça e comento:

— Você acha que Mr. Smith vai sentir a minha falta?— toda doce e bonitinha.

— Acho que vai — ele atesta com neutralidade. Mas ele não acrescenta a resposta natural: eu também vou sentir sua falta.

Oh, DEUS. O que vai acontecer?

— Tchau. Vamos gravar dois programas hoje. Vou chegar em casa tarde.

— Não importa — respondo.

Ele me dá o sorriso doente e subitamente aquilo me atinge: ele vai se divorciar de mim.

Vai se livrar de mim do mesmo jeito que largou sua primeira mulher.

Anastasia.

Eu não tolero nem falar esse nome.

Ela também era louca.

MAS, eu me obrigo a lembrar, ele não se divorciou realmente dela. O casamento foi anulado. Ambos eram jovens, e todo mundo disse que ela era horrível. Uma pessoinha mimada e explosiva, de uma dessas famílias aristocratas européias que provavelmente foi para as mesmas escolas suíças que as irmãs S., e que ainda sai regularmente na coluna de fofocas completamente fora de moda "Suzy". Onde "primeira mulher do príncipe Hubert Luxenstein" está sempre escrito depois de seu nome, mesmo que isso não seja tecnicamente correto, porque, se seu casamento foi anulado, supõe-se que deva ser como se eles NUNCA TIVESSEM SE CASADO — certo? E quando me casei com Hubert e este ofensivo nome com o seu ofensivo apelido aparecia, eu apontava para ele tremendo e dizia:

— Você não pode FAZER nada sobre isso? — E ele dizia, a princípio com medo e depois, após a sétima ou oitava vez, com grande aborrecimento:

— Nem falo mais com ela. Eu não converso com ela há seis anos. — Mas, claro, isso não era bom o suficiente. Eu ficava matutando sobre essa maldita Anastasia durante horas. E como não podia deixar de ser, hoje, tendo pensado nela uma vez, tenho que me torturar passando a pé pela Ralph Lauren, a caminho de encontrar D.W. para o almoço.

Que foi onde conheci Anastasia, provavelmente sete anos atrás. Bem ali na Ralph Lauren, no terceiro andar. Eu estava, UGH, na verdade trabalhando lá, um fato em que eu mesma não podia acreditar, porque eu era muito ruim atendendo pessoas, mas na época eu achava que não tinha outra escolha. Minha mãe se recolhera para pintar e meu pai estava ocupado, sendo gay em Paris. Todo mundo havia me esquecido, como eu suspeitei que um dia ia acontecer. Não tinha outra maneira de sobreviver a não ser pegar o emprego de vendedora na Ralph Lauren. O pagamento era ruim, mas eles nos davam 70% de desconto nas roupas.

Meu trabalho parecia consistir, na sua maior parte, em dobrar suéteres, façanha impossível para mim. As outras garotas, as garotas que trabalhavam ali há seis meses ou um ano, estavam sempre tentando me dar dicas de como dobrar os suéteres para não ser demitida. Como se eu estivesse ligando para isso. E uma tarde, quando estava lutando com um cashmere rosa, Anastasia apareceu. Com uma amiga. Eu a reconheci imediatamente.

Ela era magra e de cabelos escuros, com grandes olhos castanhos. Era bonita de deixar alguém tonto e partir corações. E ela sabia disso. Ela na verdade estalou os dedos e se moveu até mim.

— Você pode me ajudar POR FAVOR.

Não era uma pergunta, era uma ordem, dada num pesado sotaque espanhol, numa atitude que deixava claro que ela não gostava de lidar com gente ignorante.

Eu andei até ela e não disse nada.

— Você trabalha aqui? Sim?

— Sim — disse, sem me comprometer.

— Quero as últimas.

— As últimas... o quê?

— Tudo. Vestidos, sapatos, bolsas...

— Mas não sei de que você gosta.

Ela revirou os olhos e suspirou como uma rainha de telenovela.

— Me traga as roupas dos anúncios, então.

— Muito bem.

Voltei com um par de sapatos. UM. Ela estava sentada no provador com sua amiga. Discutindo sobre Hubert, mesmo que na época seu casamento já tivesse sido anulado há seis meses. O que ela ainda estava fazendo em Nova York?

— ...Vai para a casa da tia dele neste fim de semana ela contou para sua amiga como se estivesse revelando segredos de estado. Ela subitamente olhou para mim. Sorri e

mostrei os sapatos. Pensando, ARA. Ela está tentando tê-lo de volta parecendo americana. Mas não vai funcionar. Acabou. E me lembro de pensar claramente que ia ganhá-lo, mas também imaginando como ela havia feito para desenvolver aquela aura de confiança arrogante — será que nascera com aquilo? — e se eu também poderia tê-la.

— Bem?

— Sim — respondi.

— O que você está esperando?

Olhei para ela, apertando os olhos. Tirei os sapatos da caixa.

— Coloque-os nos meus pés, por favor.

— Sinto muito — respondi. — Aqui é a América. Aqui nós não tratamos pessoas como servos. — E saí intempestivamente do provador e dei de encontro com um homem grande, de meia-idade mas ainda bonito e muito *WASPy*[12] que disse:

— Estou procurando algo. Minha mulher.

E eu perguntei:

— Isso é problema MEU?

E ele retrucou:

— Se você trabalha aqui, é.

— Não é, porque estou para ser demitida.

— Verdade?

E como era de se esperar, caí em prantos.

— Conheço um famoso marchand de arte que está procurando uma assistente para sua nova galeria no SoHo — tentou me consolar.

— Ele vai me tratar como uma PROSTITUTA?— perguntei.

— Prostitutas estão muito na moda atualmente. Todo mundo quer ser uma delas. Nenhuma mulher quer pagar seu próprio Christian Lacroix e não deveria pagar mesmo.

Naturalmente, o homem acabou sendo D.W.

E agora ele está sentado numa mesa do lado de fora no La Goulue, tentando fazer seu telefone celular funcionar. Eu deslizo para a cadeira de metal raquítica branca e pergunto:

Você está usando... *roupas listradas?*

Ele diz:

— É Valentino. *WASP* italiano.

— Ooooh. Aquela coisa mais nova, eu suponho.

— Na verdade, sim. Qual é o seu problema? Não está partindo amanhã?

— Você pode conseguir que Bentley empreste um vestido para Dianna para o festival de cinema?

— Dianna — diz D.W. — é da Flórida.

— Você freqüenta a Flórida.

— Eu freqüento Palm Beach. Palm Beach não é a Flórida. — D.W. faz uma pausa, enquanto o garçom serve água com gás. — Ouvi dizer que ela é de algum lugar tipo...Tallahassee? Quer dizer, quem é de Tallahassee? Que nós conheçamos.

— Ninguém — respondo.

— Por que Dianna Moon quer usar Bentley, a propósito? Ela poderia usar algo de

Fredricks de Hollywood e ficaria com a mesma aparência.

— É verdade.

— Não gosto desta sua amizade com Dianna Moon. Você entende, não é? Ela é igual a Amanda. Uma versão mais bem-sucedida de Amanda, se é que você pode chamar o que mulheres como Dianna Moon fazem de "sucesso".

— Ela é uma atriz famosa ...

— A carreira dela está, mais provavelmente, indo para lugar nenhum. Por alguma razão bizarra, possivelmente devido a revistas como a *Vogue,* esta pequena aproveitadora quer vir para Nova York e se tornar a Líder da Sociedade. E ela vai usar você para chegar lá. Ela quer *ser* você. Exatamente como Amanda.

— D.W. — suspiro. — A sociedade está morta.

Ele só olha para mim.

— Ela não quer *ser* eu. Talvez eu queira ser ela — lembro.

— Oh, por favor — responde D.W.

— Ela é muitíssimo rica. E ela não tem... um marido.

— Porque ela o matou.

— Ele foi morto por... forças do mal. E partes de seu corpo foram carregadas por alienígenas.

— Por que você está saindo com uma crente? — pergunta D.W. calmamente, acenando para o garçom.

Boa pergunta. Porque minha mãe é... estranha?

— É uma aparência muito ruim para você. Muito ruim. — avalia D.W.

Minha mãe veio de uma família normal, de classe média alta, e seu pai era um advogado em Boston, mas até hoje, anos depois de ter deixado a comunidade, ainda se recusa a tingir os cabelos e usa sandálias Birkenstock.

— Dianna Moon pode arruinar tudo — lembra D.W.

— Sua mãe é tão... charmosa — disse Hubert disse, da primeira vez que a conheceu. Mas a implicação estava lá: Nós realmente não queremos a imprensa entrevistando *ela,* queremos, querida? Nós realmente não queremos a imprensa fuçando tudo em *seu* quintal.

E em um monte de outros lugares também.

— Dianna Moon é... legal.

D.W. olha para mim.

— Bem, apenas se certifique de que você não vai se livrar de Dianna da maneira que se livrou de Amanda. Isso poderia ser bastante... óbvio.

Por alguma razão, achamos isso histericamente engraçado.

VIII

Estou num carro e Dianna está dirigindo muito rápido. Sei que algo ruim vai acontecer. Como era de se esperar, o carro voa para fora da curva, lançando-se de um penhasco. Voamos para sempre e lá embaixo há uma gigantesca plataforma de cimento. Mesmo que isso seja um sonho e nós vamos morrer, não consigo acreditar que ainda não tenha acordado. Dianna se vira para mim e diz:

— Só quero que você saiba que te amo. Te amo de verdade — e ela me agarra e me abraça, e eu não posso acreditar que estou tendo um sonho e que realmente vou morrer na porra do sonho, o que não deveria acontecer. Falo:

— Também te amo — imaginando como vou me sentir quando batermos no cimento. Mergulhamos mais e mais e vou morrer nesse sonho. E isso não significa que você vai morrer na vida real? Nós batemos no cimento, mas não parece tão ruim quanto eu imaginei, apenas respingamos por ele e entramos às cambalhotas dentro desse outro lugar que é cheio de corredores e luz azul.

Certo. Agora estamos mortas, mas temos de tomar uma decisão para decidir se queremos ou não voltar.

Não sei o que fazer.

— Vou voltar — Dianna revela.

— E eu? — pergunto. — Devo voltar?

— Eu não voltaria se fosse você, querida — ela sugere. — Seu rosto está meio... desarrumado.

Ela ri miseravelmente.

Provavelmente são onze da manhã e eu realmente acordo, enroscada em posição fetal, usando um dos négligés de seda de Dianna com minha blusa Gucci branca por cima e sem calcinha. Dianna está do outro lado da cama, deitada de costas, respirando fortemente pela boca, e entre nós está um francesinho cujo nome, acho, é Fabien, a quem nós pegamos na noite passada em algum outro iate. Há uma garrafa entornada de Dom Perignon no carpete. Eu rolo para fora da cama e agarro a garrafa. Ainda há alguma coisa no fundo. Sento-me e acabo com ela negligentemente, e o champanhe goteja pelo meu queixo. Olho para o francesinho, que na verdade deve ser suíço, e vejo que ele está usando short de boxer azul Ralph Lauren e tem muitos cabelos no peito.

Meus pensamentos: odeio os franceses, então por que eu deveria ir a Saint-

Tropez?

Eu me levanto e tropeço para fora da cabine de Dianna e para dentro de minha própria cabine, que está amontoada de roupas (a maior parte peças Prada finas transparentes, com as etiquetas proeminentemente expostas) e bagagem Louis Vuitton.Chuto uma malinha dura para fora do caminho e me jogo no banheiro. Sento no vaso e dou o que parece ser uma interminável cagada. Como sempre, a descarga não funciona, e minha merda, de tom marrom claro e na forma de um grande cocô de vaca, fica ali me desafiando.

— Foda-se — falo para a merda. Olho-me no espelho e arranco alguns pêlos da sobrancelha, mesmo que supostamente haja um artista de maquiagem a bordo que toma conta dessas coisas. Enquanto estou arrancando, pensando que um desses dias provavelmente vou precisar de Botox, fico imaginando se fiz alguma coisa com o francesinho. Mas tenho certeza de que não fiz porque não é o tipo de coisa que eu FARIA.

Eu só TIVE quatro namorados.

Oficialmente.

Dianna, por outro lado, trepa com qualquer um.

Eu não sabia disso sobre ela.

E, me dou conta, não quis saber.

Por que estou aqui? Por falar nisso, por que estou em qualquer lugar?

Subo as escadas, cambaleando por causa do súbito impacto da cruel luz branca. Havia esquecido a luz branca do sul da França, tão ofuscante que você sempre precisa de óculos escuros e, mesmo assim, eles ainda revelam muito. O capitão Paul, um bonitão australiano que está sempre usando short cáqui e uma camisa pólo azul-marinho com o nome do barco, Juniper Berry, discretamente bordado no bolso, está ocupado com alguns instrumentos.

— Bom dia — Paul cumprimenta, como se estivesse surpreso por me ver, mas preparado para ignorar o que tenha acontecido na noite anterior. — Oh, seu marido ligou.

Hubert? Ele diz que não vai poder hoje, mas vai tentar estar aqui amanhã.

Meu MARIDO está chegando?

Eu SABIA disso?

Estou tão de ressaca que só consigo assentir meio entorpecida. Depois de poucos segundos, consigo gaguejar.

— Ainda há algum cigarro aí?

Só olho para ele, ao perceber que é provavelmente algum tipo de PIADA que eu não entendo e não vou entender nunca, e anuncio:

— Acho que vou sair e comprar alguns.

— Há fotógrafos lá fora.

— Paul... Sempre há fotógrafos lá fora. — respondo, cansada.

Ando pela prancha agarrando minha maleta Prada, ainda descalça e usando o négligé e a camisa Gucci, que, na luz brilhante do sol, vejo que está suja com grandes manchas, de vinho ou de purê de framboesas ou até vômito. Subitamente lembro que não tenho dinheiro porque estou na França. Dinheiro estrangeiro me confunde. Então eu paro e peço a um dos fotógrafos. Todos eles têm enormes lentes telescópicas, na esperança de conseguir uma foto de Dianna Moon fazendo topless (e talvez eu, mas não sou tão famosa quanto Dianna na França), por *beaucoup d'argent.*[{13}]

Sorrio falsamente, e os fotógrafos estão tão surpresos que não tiram nenhuma foto.

— *Comment?* — pergunta um deles, que é pequeno com cabelos cinzentos cacheados e dentes ruins.

— *Pour fume* — falo.

— Ah, *pour fume* — eles dizem, e cutucam uns aos outros, rindo. Um deles me estende vinte francos, pisca para mim, eu pisco de volta e então eu me ligo, andando pelo carpete vermelho que forra a calçada do porto em homenagem ao festival, pensando: A cada dia esse carpete fica mais e mais sujo e eu fico mais e mais contaminada e por que Hubert está vindo, ele está fazendo de propósito. De novo.

Eu vago pelas estreitas ruas de Cannes, que estão cheias, previsivelmente, de franceses, todos parecendo fumar. Passo por um pequeno café cheio de bichas que, ao contrário das que vivem em Nova York, têm longos cabelos e estão tentando desesperadamente ser mulheres. Um deles olha para mim e cumprimenta:

— *Bonjour.*

E é aí que me dou conta de que posso ou não estar sendo seguida.

Eu me viro. Uma garota pequena com longos cabelos louros, agarrada em três rosas vermelhas enroladas em celofane, pára e me olha de volta.

Eu a encaro e vou em frente.

Encontro uma tabacaria e entro. Mais franceses fumando e rindo. Próxima à entrada, uma francesa me diz algo que não consigo captar, embora eu acredite que

esteja me perguntando se quero um croissant ou um sanduíche de presunto.

Então eu solto:

— *Je ne parle pas français*[14]. — depois eu peço ao homem atrás do caixa por Marlboro Lights. Já do lado de fora, acendo um cigarro, lutando com os horríveis fósforos franceses, e levanto os olhos e lá está a garota.

De novo.

— Madame... — ela chama.

— *Vous êtes un enfant terrible*[15] — eu digo. O que é basicamente todo o francês de que posso me lembrar que tenha alguma coisa a ver com crianças. Ela diz:

— *Vous êtes très jolie.* [16]

Começo a andar rapidamente de volta ao barco.

— Madame, madame — ela chama atrás de mim.

— O quê? — pergunto.

— Gostaria de comprar uma rosa? Uma adorável rosa vermelha?

— *Non* — respondo. — *Je n'aime pas les fleurs*[17] Entendeu? Entende, garota? — E eu não consigo acreditar que estou sendo tão má com uma pequena criança da rua. Mas estou sendo.

— Madame. Você vem comigo — a criança anuncia.

— Não — respondo.

Ela tenta pegar minha mão.

— Você vem comigo, madame. Você deve vir comigo.

Eu sacudo a cabeça, segurando o cigarro em meus lábios.

— Venha, madame. Venha. Siga-me.

— *Non* — repito fracamente. Depois, por alguma razão, de pé na rua lotada, em Cannes, durante o festival de cinema, naquele calor horrível, eu começo a chorar, sacudindo a cabeça. A criança olha para mim e sai correndo.

É outra noite, no — o quê? — terceiro ou quarto dia no sul da França, e Dianna Moon e eu estamos andando de carro no fundo de uma limusine Mercedes com ar-condicionado com o The Verve gritando, enquanto nos arrastamos ao longo das ruas lotadas de Cannes até o Hotel du Cap, onde fomos convidadas para jantar com pessoas proeminentes do cinema. Dianna não vai parar de falar e eu fico pensando em como,

quando Hubert e eu começamos a sair secretamente, meu telefone foi grampeado.

— O que acontece — Dianna analisa, mais uma vez sem pensar em ninguém além de si mesma -, quero dizer, o que ninguém entende sobre toda essa história desse negócio de estrela de cinema é que você tem que trabalhar muito duro. Você é minha melhor amiga, Cecelia. Sabe que não estou sendo uma babaca sobre isso, porque Deus sabe, Jesus sabe, na verdade, que eu sempre soube que ia ser uma estrela. Acho que fui uma porra de uma estrela *boa,* mas isso não acaba nunca. Então, você sabe, as pessoas precisam entender como eu fiquei doidona. Ficar doidona... é como tirar minifériας. É a única maneira que eu conheço para jamais ter uma porra de um relaxamento. — E ela toma um gole de champanhe. Quero dizer a ela para parar de falar porque ainda estou tão de ressaca que vou passar mal ou matar alguém.

— O que você acha de Fabien? — pergunta ela.

— Oh. Era esse o nome dele? — deixo em dúvida. Olho para fora da janela para as tendas brancas do festival, enquanto o Mercedes vai estacionando.

— Achei-o adorável. Eu sempre quis dormir com um francês — ela comenta. E eu não a lembro de que deve ter dormido com quatro ou cinco. Sem contar aquele no banheiro no Jimmy'z, em Monte Carlo.

Pela janela, vejo que a garotinha com as flores está de pé ao lado do carro.

— Fico imaginando se eu deveria importá-lo, Para L.A. — Dianna fala, rindo bem alto, enquanto a garota bate na janela com as flores.

— Madame — ela balbucia. — Madame, você deve vir comigo.

O Mercedes avança. Eu me viro para olhar pela janela de trás para a garotinha, que acena tristemente.

— Aimeudeusdocéu — sussurro.

Dianna pára um minuto para prestar atenção em mim, e eu acho, tristemente, que fico agradecida.

— Não consigo acreditar que Hubert está chegando. Disse a você que meu plano funcionaria. Assim que partiu, ele percebeu que era um babaca fodido e agora ele está se arrastando de volta. Você não está feliz?

Ela pega minha mão e a beija, enquanto eu abro a janela um pouco para deixar sair alguma fumaça.

No bar do Hotel du Cap repete-se a mesma cena dos almoços e das noites anteriores. Todo mundo está bêbado de champanhe e coquetéis de framboesa. Ali

está o mesmo grupo de mulheres de vinte-e-cinco-anos, todas altas, bonitas, vestidas com roupas de noite, que passam metade do tempo no banheiro e outra metade tentando pegar alguém famoso. Há os malvestidos diretores de cinema ingleses em ascensão e os distribuidores alemães, perfeitamente vestidos. Kate Moss. Elizabeth Hurley, a quem odeio mais do que qualquer uma delas porque ela é "superexposta". E Comstock Dibble, o megaprodutor de cinema de um metro e meio de altura que, mesmo que tenha pelo menos 45 anos, ainda tem acne. Do lado de fora do balcão, ele está limpando o rosto com um guardanapo e gritando para os garçons colocarem duas mesas juntas e pegarem cadeiras de outros clientes. Dianna está vestida em estilo gótico. Vasculhamos o saguão como sempre fazemos. Somos alguém e vamos sempre ser alguém, especialmente quando vamos a lugares como este.

— Comstock! Caro! Querido! — Dianna grita, para o caso de alguém não a ter notado. Ela já está muito bêbada, cambaleando em sandálias pretas de tiras, apoiando-se no ombro de um estranho, que dá um tapinha em seu braço e revira os olhos.

— Olá, Dianna — retribui Comstock. — Você estava nos jornais hoje.

— Estou nos jornais todos os dias. Se eu não estiver nos jornais, não é um bom dia.

— Você também estava nos jornais — Comstock fala para mim, suando inexplicavelmente, já que a temperatura havia baixado para cerca de vinte graus. — Mas eu sei que você odeia sair nos jornais. — Ele se inclina intimamente, como se fôssemos as duas únicas pessoas no lugar. — Esta é a diferença entre você e Dianna.

— É? — observo, acendendo o que provavelmente é meu qüinquagésimo cigarro do dia.

Subitamente há outras pessoas na mesa, mas ninguém apresenta ninguém.

— Dizem que você está aqui sem seu marido.

— Ele tem que trabalhar.

— Você devia ter um caso. Enquanto está aqui. Na França. Todo mundo faz isso.

— Ei, Comstock, Ouvi dizer que você está procurando uma amante — Dianna comenta em voz alta. — Ouvi dizer que você cantou todas as atrizes francesas com menos de 25 anos.

— Estou montando um elenco. O que posso fazer?— Comstock revela, e eu coloco meu guardanapo no colo e imagino que porra estou fazendo aqui.

Mas haveria outro lugar para estar?

— Tanner é que está batalhando as garotas — Comstock confidencia.

Levanto os olhos e vejo que realmente é Tanner Hart, meu Tanner, que está mais velho, mas graças aos milagres da cirurgia plástica não parece muito diferente do que era há cinco anos quando foi eleito uma das Cinqüenta Pessoas Mais Bonitas da revista *People,* e ele se senta e coloca suas mãos para cima e diz:

— Não brigue comigo, baby — enquanto eu o encaro numa espécie de choque alcoólico.

— Tome um *bellini* — ele sugere, empurrando um para mim.

— Quando este festival acabar, Tanner vai se revelar o grande vencedor. Nós vendemos *Gagged*[18] para o mundo inteiro hoje — diz Comstock. — Estou pensando em indicações. Melhor Ator. Melhor Filme.

— Ei, Comstock — pergunta Dianna. — Como você pode nunca ter me cantado?

— Porque você é crente e eu sou um polonês gente boa? — responde Comstock.

— Eu poderia te converter.

— Baby. Você é uma estrela. Todos nós sabemos disso — Certo, Tanner?

Mas Tanner não está ouvindo. Ele está olhando para mim intencionalmente e eu me lembro porque, depois de termos rompido, escalei uma escada de incêndio e invadi seu apartamento para trepar com ele.

Sem tirar os olhos de mim, Tanner diz:

— Por acaso alguém está indo a Saint-Tropez? Depois disso?

Há uma lua cheia enquanto eu peço desculpas publicamente para ir ao banheiro. Mas, em vez disso, corro pela longa escadaria de mármore para o caminho tratado de cascalhos que leva à piscina. No verão em que morreu, Amanda decidira "entrar no mundo do cinema" e veio aqui com um ator de meia idade, que mandou-a para casa depois que ela ficou fora toda a noite com um jovem roteirista em ascensão. Era tão a cara de Amanda fazer tudo errado.

Eu me desvio para a esquerda, para dentro de um pequeno jardim interno, com uma fonte de tartarugas no meio, e sento num banco.

Como era de se esperar, em mais ou menos um minuto Tanner aparece, segurando um baseado.

— Você parece estar precisando disso — ele sugere.

— Pareço tão mal assim?

— Você só parece... não estar se divertindo nem um pouco.

— Não estou.

— Como é que você está, baby? — pergunta, sentando-se de pernas abertas, delicadamente segurando o baseado entre o polegar e o indicador enquanto inala profundamente.

— Eu te disse para não se casar com aquela bicha. Não disse? Não disse que ele a tornaria uma desgraçada? Devia ter fugido comigo quando teve a chance.

— É verdade — concordo desgraçadamente, pensando sobre como depois que eu e Tanner transávamos ficávamos esfolados e sangrando levemente. Ele agarra meu pulso agora e diz:

— Ainda sou muito a fim de você, baby. Ainda muito, muito a fim...

— Isso é um elogio?

— É a realidade.

— Tenho que sair daqui. — Corro de volta para o caminho, olhando por cima dos ombros para ver se ele está me seguindo. Não está e eu não sei se isso é bom ou ruim. Cruzo o saguão e saio pela porta da frente, onde Dianna está de pé em frente ao hotel, gritando pelo carro.

Momentos mais tarde estamos todos bêbados, drogados e muito loucos. No Mercedes de novo, dirigindo de volta para o iate em Cannes há pessoas, homens em sua maior parte, no carro, que eu nunca vi antes e nunca mais quero ver.

Esse cara de cabelos negros pontiagudos e uma camiseta preta fica se deitando em cima de mim, cantando *"Where I have gone, I would not go back"*[19], uma frase que, acho, leu num romance de Bret Easton Ellis. Mas enquanto estou seriamente imaginando se ele *pode* ler, respondo:

— Não sei por que estou aqui, acho que é porque Dianna me convidou.

— Sou uma puta ATRIZ — Dianna grita.

E aí, não sei exatamente como descrever isso, sinto como se o mundo estivesse indo embora enquanto ao mesmo tempo se torna seriamente claustrofóbico. Eu grito:

— Pare o carro! — e todo mundo se vira e me olha como se eu fosse louca, mas eles praticamente esperam que eu seja louca mesmo. O carro acaba estacionando numa parada no meio de Cannes e eu acabo escalando por cima de três homens e tateio desesperadamente a maçaneta da porta, que finalmente se abre. Antes que qualquer pessoa saiba o que aconteceu, já vazei para fora do carro e para dentro de uma multidão de pessoas na calçada. Olho para trás para o carro e desço de cima dos meus saltos altos, agarrando-os em minhas mãos enquanto começo a correr no meio da multidão na direção do Majestic Hotel, onde há um formigueiro de fotógrafos e

flashes Kleig.Desvio para uma rua lateral, passando por um bar gay,onde há um homem usando um tutu, e eu quase esbarro com a garotinha com as rosas vermelhas, que agarra meu pulso e diz:

— Madame, venha comigo.

Desta vez, eu vou.

De manhã cedo estou andando de volta para o iate, MAIS de ressaca e destruída do que jamais me senti em toda a minha vida, exceto talvez quando era mais jovem e conheci Tanner — e nós passávamos o fim de semana inteiro cheirando cocaína e bebendo vodca. Muito freqüentemente eu avisava que estava doente na segunda-feira, mas nunca tive problemas porque todo mundo sabia que estava saindo com um grande astro de cinema e aquilo era mais importante para a imagem da galeria do que ter alguém para atender ao telefone. E era especialmente útil quando Tanner ia à galeria para me pegar. Ele era obcecado por mim no início e passava na galeria com muita freqüência, só para se certificar de que outro homem não estaria tentando me seduzir. Esses incidentes eram normalmente registrados com fidelidade pelas colunas de fofocas (embora eles não mencionassem meu nome, porque eu não era "alguém" na época), provendo publicidade grátis para a galeria. Todo mundo me tratava muito bem e parecia realmente gostar de mim, mas eles tinham escolha? Mesmo naquela época eu estava sendo USADA por outras pessoas por causa de minha habilidade para atrair homens. E eu nunca pensei nisso antes, mas penso agora: Eu seria QUALQUER COISA sem um homem?

Um táxi pára em frente ao iate e um homem grande e bonito, usando uma camisa pólo e jeans sai e se vira para mim, e me dou conta de que é meu marido.

O sol está brilhando; deve ser mais tarde do que pensei. O tumulto do porto começa a preencher minha consciência — os primeiros oficiais lavando os deques, uma jovem andando com produtos do mercado hortifruti, pessoas apressadas com credenciais de imprensa— e enquanto Hubert se aproxima, segurando sua valise batida de couro, eu vejo, pela primeira vez, sua prodigiosa suavidade. Como, embaixo de todo o barulho em torno de sua família e de sua aparência e de seu passado, ele ainda é, no fim das contas, SÓ UM CARA.

— Ei — diz ele — O que aconteceu com você?

— Como assim? — pergunto.

— Você está sangrando. Você tem sangue nas mãos. — Ele olha para baixo. — E nos pés. E manchas de tinta. O que aconteceu com seus sapatos?

— Não sei.

— Bem, como vai você, de qualquer maneira? Recebeu meu recado?

— Dizendo que você estava vindo?

— Sobre alugar uma lancha. Ei, já que estou aqui, pensei que seria engraçado se passássemos o dia fazendo esqui aquático.

Fazendo esqui aquático?

Hubert carrega sua mala para o iate.

— Marc De Belond tem uma casa aqui. Achei que poderíamos nos juntar a ele.

Nos juntar?

— Ei, baby — pergunta: — Qual é o problema? Você não *gosta* de Marc De Belond?

Eu me viro e mostro minhas mãos ensangüentadas.

E falo:

— A bicha levou meus sapatos.

IX

Querido Diário:

Você não vai acreditar nisso, mas eu AINDA estou nesse MALDITO barco flutuando na Riviera Italiana.

E Hubert ainda está aqui.

Certo. Aqui está o problema. Número um, acho que vou ficar louca, mas não tenho certeza se é porque estou enjoada de morrer ou porque estou enfiada nesse barco com Hubert e Dianna, ou se talvez eu realmente seja um OSSO DURO DE ROER como todo mundo diz.

Número dois, as pessoas me viram à noite naquele café com a garotinha. E seus amiguinhos. E as bichas estranhas que tentaram tirar meu vestido — eles ficaram dizendo a palavra "copier", que, suponho, queriam copiar o vestido e depois devolvê-lo — mas não havia tempo suficiente. E todos aqueles copos de conhaque. E o copo quebrado no chão. E, como era de se esperar, este "mais um incidente embaraçoso" foi reportado no *Paris Match.*

— Não acho que vou mudar muito — eu disse a Hubert, quase ameaçadoramente, depois que ele leu isso e, sem dizer nada, revelou seu descontentamento levantando as sobrancelhas. Dianna me defendeu:

— Meu doce Jesus, Hub, venho sendo acusada de matar meu marido. Alienígenas levaram metade do corpo do meu marido. E você está aborrecido porque sua mulher foi vista com meninos de rua e um casal de bichas vestidas de mulher? — E comentei, acho que com perspicácia:

— Tudo o que eu queria era um pouco de atenção.

O que é verdade. Era tudo o que eu queria. Porque ainda não acho que receba atenção de meu marido. É realmente louco porque ele voou toda essa distância até aqui para estar comigo e depois tirou uma inesperada semana de férias, mas simplesmente não quero que ele ESTEJA AQUI.

Quero que me dê um tipo certo e específico de atenção, e ele simplesmente não faz isso.

Quando estou com ele, não me sinto... significativa. Quero ser tudo para ele. Quero ser essencial. Quero que ele não seja capaz de viver sein mim. Mas como posso ser essas coisas se ele não me deixa?

E se ele não deixa, o que estou fazendo da minha vida?

Naturalmente, esses pensamentos colocam uma expressão terrível em meu rosto. Pelo menos acho que colocam, porque esta manhã, quando estou deitada na cama e Hubert entra em nossa cabine supostamente procurando um bronzeador, ele se vira para mim e diz, num tom de voz que eu posso apenas interpretar como GROSSEIRO:

— Qual é o seu problema?

Sei que minha resposta deveria ser "nada, querido", mas estou cansada de aliviá-lo. Ao contrário, respondo:

— O que você quer dizer com qual é o meu problema? Qual é o seu problema? — e eu mudo a direção.

— Uau — ele reage. — Talvez você devesse voltar a dormir e tentar se levantar novamente.

— É. Talvez eu devesse.

Então ele sai do quarto.

Eu o ODEIO.

Pulo da cama, visto minha roupa de banho e subo intempestivamente para o deque.

Dianna está lá, bebendo café e pintando as unhas dos pés, o que, como sabemos, está proibido neste barco, porque o esmalte das unhas pode entornar e arruinar os deques de madeira. Como também sabemos, Dianna não está nem aí. Ela já causou milhares de dólares de prejuízo ao barco. Só anda por ali de saltos altos e besuntando seu corpo com óleo de bronzear, deixando indeléveis marcas de pés que o pessoal de bordo fica tentando retirar sem sucesso.

— Ei, poderia *comprar* este barco se quisesse — ela fica lembrando a eles. Mas a questão é que pessoas como Dianna nunca o fazem.

— Oi, meu doce — Dianna diz, sem levantar os olhos.

— Quer café?

— Café me faz vomitar. Na verdade, tudo me faz vomitar.

Ela levanta os olhos alarmada.

— Não faço você vomitar, faço?

— Não — falo, resignadamente. Vou para a amurada, me deitando de lado. a vento sopra suavemente em meus cabelos. Esse negócio de Dianna Moon — sua auto-absorção, sua prodigiosa insegurança — está começando a passar da conta.

— Estou gorda? — Dianna pergunta e eu automaticamente respondo:

— Não — embora a verdade seja que Dianna está bem gorda. Ela tem o tipo de corpo que será o de uma matrona aos 35, não importa o quanto ela faça dietas ou exercícios.

— Você vai para a casa da tia de Hubert hoje?

MERDA. Princesa Ursula. Eu havia esquecido totalmente dela e assinto de mau humor, lembrando que a princesa Ursula me odeia. Uma vez, num enterro, ela veio para mim e comentou:

— Oh, Cecelia,você é tão natural nos enterros porque está sempre com uma expressão amarga e deprimida no rosto. E esses são os meus parentes?

— Você acha — Dianna diz, examinando o dedão — que Lil'Bit Parsons vai vir aqui?

Essa é uma pergunta tão inesperada, tão fora de questão, que não digo nada, enquanto o terrível sentimento de outras pessoas, sabendo algo que desconheço, desce sobre mim como uma sombra bloqueando o sol.

— Lil'Bit Parsons? — retrucou.

— Não quero aborrecê-la, mas li na *Star* que ela está na Europa. De férias com os dois filhos. — Dianna fecha a cara quando eu começo a respirar alto e tropeçar pelo deque, sem saber se eu vou ou não vomitar. E ela diz: — Havia uma foto dela em... Saint-Tropez?

— Aquela FILHA DA MÃE — reclamo, de alguma maneira esquecendo de mim, descendo as escadas tropeçando e entrando na cozinha, onde Paul, o capitão, está falando em tom baixo com o cozinheiro, cujo nome eu nunca consigo lembrar.

— Onde está meu marido? — pergunto.

Paul e o cozinheiro trocam olhares.

— Acho que ele está no deque da popa. Se preparando para mergulhar.

— Foi o que pensei — solto, pegando meu caminho para o fundo do barco, onde Hubert está vestindo uma roupa de mergulho.

— Oi — diz ele relaxadamente.

— O que você está fazendo? — pergunto friamente.

— Vou mergulhar aqui dentro do porto. Achei que ia ser bacana.

— Essa é uma idéia inteligente — defino sarcasticamente.

— Talvez você seja sugado por um hélice.

— Oh, pelo amor de Deus — comenta, revirando os olhos.

— Você não liga a mínima para mim, liga?

— Me deixe em paz, tá? — apela, colocando a roupa de mergulho sobre os ombros.

— Estou tão cansada dessa sua merda — grito, batendo nele até que ele agarra meus pulsos e me empurra grosseiramente para longe.

— Qual é a PORRA do seu problema? — ele se exaspera.

Cambaleio para trás, chocada. Me recobrando de alguma maneira, respondo:

— Quero falar com você.

— É? Bem, eu não quero falar com você.

Meu marido já falou assim comigo antes?

— Eu TENHO que falar com você — exijo. — Agora.

— Você simplesmente não entende, não é? — diz ele, enfiando seus pés num par de nadadeiras.

— Entende o quê? — pergunto.

— Que eu estou enjoado e cansado de você tentando me controlar todo o tempo. Certo? Simplesmente me deixe ser eu mesmo. Simplesmente me deixe fazer minhas coisas só para variar, certo?

— Suas coisas? Tudo o que você faz são suas coisas.

Por um momento ele não diz nada e nos encaramos com ódio.

— O que você quer de mim, Cecelia?

Quero que você me *ame* é o que eu quero dizer, mas não consigo.

— Vim para essas férias por sua causa, certo? Você quis vir no iate de Dianna Moon e nós estamos no iate dela. Você está sempre reclamando que nunca fazemos o que você quer. E quando fazemos, ainda não é suficiente.

— Então como é que vamos ter que ir ver a princesa Ursula esta tarde? Sempre fazemos o que você quer.

— A princesa Ursula é da família, certo? Você acha que consegue entender esse conceito?

— Não é *isso...*

— Ah, não? Bem, então o que é? Porque estou ficando muito enjoado e cansado

de sua atitude.

Oh, Deus. Por que essas discussões nunca levam a lugar nenhum? Por que não posso me fazer *ser ouvida?*

— Você está saindo com Lil'Bit Parsons de novo, não está? — revelo triunfante.

Aquilo o deixa morto.

— O q...? — diz, mas desvia o olhar rapidamente, e eu sei que o peguei. — Me dá um tempo — ele fala, de maneira imprópria.

— Você *está* saindo com ela. Eu sei de tudo. Ela está na Europa, de férias com os filhos. Ela estava em Saint Tropez.

— E daí?

— Daí que você saiu escondido para se encontrar com ela — falo, mesmo que na verdade eu não tenha conhecimento deste incidente e não possa nem me lembrar de quando possa ter acontecido.

— Pare com isso — ele pede.

— Você saiu com ela. Você é culpado.

— Não vou discutir isso, Cecelia.

— Você não vai discutir isso porque estou certa. Você saiu com ela de novo. Por que simplesmente não admite?

— Eu disse que não vou discutir isso.

— Bem, lembre-se disso, meu camarada — falo. — Da última vez que não quis discutir isso, estava em... todos... os... JORNAIS — eu grito. Tão alto que sinto que minha cabeça vai explodir.

Hubert olha para mim (tristemente, eu acho) e depois pula na água. Eu me viro e passo por Paul e o cozinheiro, que têm a porra da ousadia de me dar seus meios sorrisos, como se nada tivesse acontecido. Fico imaginando como posso tolerar viver assim, subo para o deque e depois agradeço a Deus por Dianna estar ali. Eu me sento e coloco a cabeça entre as mãos.

— Há fotógrafos no cais — ela adverte.

— Vai haver uma boa foto de Hubert empurrando você — lembra.

— Definitivamente será capa da revista *Star* — completa.

— Não posso suportar isso — falo.

— Ela nunca vai desistir, sabe? — Dianna avalia. — Ela é uma estrela de cinema.

E estrelas de cinema não podem suportar ser rejeitadas. Ela não pode acreditar que ele escolheu você e não a ela. Ela vai ficar rastreando Hubert até que ele morra, baby.E mesmo assim ela vai estar se acotovelando com você na fila do funeral. Exatamente como Paula Yates. — Ela geme e se vira, esparramando o vidro de esmalte no deque.

Uma das coisas que aprendemos sobre estar casada é que não é preciso continuar todas as brigas até a morte. Você pode tomar um fôlego. Fingir que nada aconteceu. Descobri isso com Hubert, que, estou começando a me dar conta, fica confuso facilmente. Provavelmente foi o motivo pelo qual ele acabou saindo com Lil'Bit Parsons a princípio. Ela o manipulava completamente.

E assim, quando ele volta para o barco, a água espirrando de sua roupa de mergulho (que mostra todos os músculos de seu corpo, incluindo seu abdômen de tanque de lavar roupa), Dianna e eu estamos rindo e bebendo champanhe como se nada no mundo estivesse errado. Sirvo a ele uma taça de champanhe e ele fica aliviado, pensando que talvez a briga tenha acabado.

Mas não acabou.

Volto à briga quando Hubert e eu estamos no táxi, no caminho para a villa de Sir Ernie e princesa Ursula nas montanhas de Porto Ercole.

— Por que você terminou com ela? — pergunto inocentemente.

Hubert está segurando minha mão, olhando pela janela para os arbustos de uvas, vira-se e diz:

— Quem? — mas há um leve tom de raiva em sua voz, como se ele soubesse o que está para vir.

— Você sabe — lembro. — Lil'Bit.

— Ah — reage. — Você sabe. Conheci você.

Essa resposta não é, claro, satisfatória, ou ao menos não suficientemente satisfatória. Então eu pergunto:

— Lil'Bit não fica sempre com a Princesa Ursula em setembro?

— Não me lembro — responde ele. — Elas são boas amigas. Elas se conhecem desde que Lil'Bit estava no colegial, na Suíça.

— Colegial na Suíça. Que expressão adorável — comento maldosamente. E ele pergunta:

— O que há de errado com isso?

Continuo, a fim de não desviar do assunto principal:

— Você ia com ela? Para Porto Ercole? Todo mês de setembro com sua tia?

— Você sabe que eu ia, certo?

— Não é minha culpa que Ursula me odeie.

— Ursula não odeia você. Mas ela acha que você não me trata bem. — Essa é uma parte de informação surpreendente à qual eu decido não dar valor. Em vez disso, bocejo alto e digo:

— Lil'Bit Parsons teve a vida mais fácil de todas as pessoas que conheci.

— Ela não teve uma vida fácil — responde Hubert. — O namorado bate nela.

— Ah, grande merda. O namorado bate nela. Ela tem algumas marcas. Se é tão horrível, por que ela não termina com ele?

— Ela não é esse tipo de pessoa, certo?

— Seu papai era rico e quando ela tinha dezessete anos começou a desfilar e aí conseguiu seu primeiro contrato aos dezenove anos. Vida dura.

— Só porque ela não cresceu numa comunidade não quer dizer que ela não teve momentos difíceis.

— Quer dizer sim. Certo? Você entende isso?

— Não. Não entendo. Nem entendo você.

Permanecemos o resto do caminho em silêncio no carro. Na villa, a princesa Ursula nos saúda na piscina, usando sua roupa de banho com um sarongue enrolado em torno da cintura (ela tem 55 anos, mas ainda acha que tem um excelente corpo e o mostra em todas as ocasiões possíveis). Numa voz casual tingida tanto com sotaque francês quanto inglês, menciona "despreocupadamente" que a querida Lil'Bit ainda está em Porto Ercole, alugou sua própria villa por duas semanas e está, "ha, ha", vindo almoçar, e não é uma "surpresa maravilhosa"?

Hubert olha para mim, mas de alguma forma, miraculosamente, eu não reajo (da maneira que um prisioneiro trazido para um campo de inimigos sabe como não reagir) e Hubert estende a mão, pega a minha e comenta:

— Que engraçado. Cecelia e eu estávamos justamente falando sobre se Lil'Bit estaria ou não aqui. Cecelia disse que ela estaria.

Tia Ursula olha para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez e fala:

— Bem, Cecelia pode ser vidente. Ela pode ter desenvolvido talentos que nenhum de nós consegue nem sequer imaginar.

Esse comentário é tãããão inacreditavelmente sarcástico, mas de uma maneira

que Hubert jamais notaria, que decido não dizer absolutamente nada. Dou a tia Ursula um sorriso arrogante e já entediado, e ela rebate:

— Espero que você não se importe com Lil'Bit, Vocês duas são amigas?

— Nunca fui apresentada— completo casualmente.— De fato, Hubert nem mesmo a menciona.

— Você vai adorá-la — diz tia Ursula. E bem naquele momento, Sir Ernie Munchnot aparece em seu traje de banho, mostrando o tórax:que, tenho de admitir, parece muito bonito para um cara que deve ter sessenta anos. Ele abraça Hubert e depois a mim. Rio alto quando é a minha vez e olho para tia Ursula, que definitivamente observa essa mudança e não está particularmente satisfeita. Falo:

— Oh, Tio Ernie. É tãããão maravilhoso vê-lo, Meu Deus, você está numa boa forma terrível.

Ele responde:

— Como está minha sobrinha adotiva favorita? Eu sempre disse a Hubert que, se ele não se casasse com você, eu me casaria. — Ele coloca seu braço em torno de mim e começamos a andar pelo pátio, onde o almoço será servido por três italianinhas em uniformes brancos. — Ei — gaba-se Tio Ernie — eu ainda nado oito mil metros por dia. Exercício. Esta é a chave da vida. Fico dizendo aos meus filhos, mas eles não escutam.

A princesa Ursula faz uma careta e sacode a cabeça. Ela simplesmente não consegue deixar de incomodar de novo:

— Lil'Bit está vindo almoçar.

— Lil'Bit? Bem... que bom — diz ele. — Essa moça precisa ter algum juízo em sua cabeça. Digo sempre a ela para parar de andar por aí e organizar sua vida, mas acho que ela tem estado muito confusa desde que o Hubert aqui terminou com ela. — Princesa Ursula lança a ele um olhar desaprovador e lembra:

— Lil'Bit está absolutamente bem. Ela só não é igual ao resto de nós. — Ela dirige isso a mim: — Eu sempre digo que ela é uma das criaturas divinas de Deus.

Naquele momento, um carro entra na garagem e todos olhamos para onde a "criatura celestial" está tirando a si mesma, seus dois filhos ilegítimos, uma babá, um carrinho de crianças e várias fraldas do carro. Lil'Bit está usando — veja só — um sari indiano. Ela pega uma das crianças e leva a outra pela mão. No meio dessa imagem de felicidade maternal, ela levanta os olhos e acena jovialmente.

— Olhe só para ela — tia Ursula exclama. — Eu sempre digo que Lil'Bit é a mulher mais elegante que conheço.

— Venha ver Kirby — diz Lil'Bit para todos em geral, mais, acredito, para Hubert. Sua voz é suave, doce, quase um sussurro. Ela é toda tímida, com seus longos cabelos louros na frente do rosto. Deus do céu. Eu costumava ser assim. Eu costumava fazer aquilo com ele. E disso que ele gosta. É isso o que funciona com ele. Isso me enjoa.

De fato realmente gostaria de pular em cima dela e arrancar seus olhos, mas lembro a mim mesma que ganhei. Eu o peguei e ela não. Eu o peguei porque fui mais esperta do que ela. Joguei um jogo completamente diferente. Não estava disponível. Era misteriosa. Enquanto ela fazia o papel de vítima. Ele ficou de saco cheio. Mas foi essa a verdadeira razão? Ou foi porque ela tinha duas crianças ilegítimas e Hubert não poderia, no fim das contas, “lidar com isso”?

— Oi — ela me estende uma mão longa e ossuda. — Você deve ser Cecelia.

Por um instante nossos olhos se encontraram e então ela entrega o "bebê" — uma garota de dois anos — para a princesa Ursula, que arrulha de maneira repugnante com aquilo, enquanto empurra Kirby, um garoto de seis anos de cara triste, para Hubert.

— Oi Kirby — Hubert cumprimenta, levantando o garoto e o sacudindo suavemente. — Lembra de mim?

— Não — diz Kirby (inteligentemente, eu acho), mas Hubert não liga. Ele ri alto e pergunta — Você não lembra de jogar baseball? Bata agora! — Ele gira com o garoto, que começa a gritar, e como sempre ocorre nessas situações, as crianças são despachadas, provavelmente para serem alimentadas com algum mingau na cozinha.

— Ainda não têm filhos, vocês? — Lil'Bit pergunta, levantando os olhos para Hubert, de sob aquele feixe de cabelos, como se essa fosse uma piadinha entre eles. E então, por nenhuma razão compreensível, Lil'Bit Parsons corre para o meio do pátio pequeno e pedregoso e começa a girar até cair no chão.

Tenho vontade de gritar:

— Essa mulher é uma porra de uma alucinada — mas como sou a única que aparentemente pensa isso (porque os outros estão todos rindo deliciados, como se tivessem acabado de testemunhar uma performance de Marcel Marceau) eu seguro minha língua, apertando os lábios de maneira desaprovadora.

E depois disso, não há nada a ser feito a não ser agüentar esse almoço longo e chato. Lil'Bit domina a conversa falando sobre como ela está estudando com gurus (realmente, disseram-lhe que ela mesma vai se tornar guru, e já fora uma na vida passada), a importância dos direitos dos animais, os males da cafeína, e sobre como ela está decidida a começar sua própria empresa de internet e (ufa!) mudar-se para

Nova York.

Durante esse tempo, ela basicamente me ignora e, mesmo que esteja claro que essa mulher é uma completa idiota, estou me sentindo menor e menor, imaginando por que jamais deixei que cortassem meus cabelos e pensando que talvez eu precise comprar roupas novas e berrantes. Sento-me reta na cadeira e pego meus talheres formalmente, falando pouco e deixando um sorriso leve brincar em meus lábios de tempos em tempos.

— Oh, Cecelia... é isso, não? Cecelia — pergunta Lil'Bit lá pelo fim do almoço — Você trabalha ou ... algo assim?

— Cecelia vai começar a fazer alguns trabalhos de caridade — Hubert diz firmemente, embora, até onde eu possa me lembrar, nunca tenha expressado interesse em trabalho de caridade, nem planeje fazer isso.

— Oh, realmente? — Lil'Bit ronrona — Que tipo de caridade?

— Bebês com encefalite — informo. — Você sabe, essas crianças com cabeças grandes?

— Realmente — a princesa Ursula diz, sacudindo a cabeça. — Você não deveria brincar com...

— Oh, eu tenho algo para você — Lil'Bit se dirige a Hubert, procurando em sua bolsa e puxando um baralho de cartas. — São cartas de um tarô de índios americanos. — Ela ri. — De quando eu fiquei numa tenda na reserva em Montana. Fazendo aquela coisa sobre os direitos dos índios.

— Obrigado — Hubert agradece.

— Realmente. Não sabia que você se interessava por coisas paranormais — manifesto surpresa.

— Dianna Moon está conosco e ela diz que partes do corpo de seu marido foram levadas por alienígenas — Hubert fala, de alguma maneira pouco à vontade.

Lil'Bit embaralha as cartas.

— Isso é verdade, sabe? Não acredito que jamais encontrem seu baço.

— Estou realmente participando desta conversa? — pergunto para ninguém em particular.

— Dianna Moon é sua melhor amiga — fala Hubert.

— Depois de você, querido — digo, tocando seu braço e sorrindo falsamente por sobre a mesa para Lil'Bit.

— Deixe-me ler suas cartas — Lil'Bit fala para Hubert, no que ela evidentemente

pensa que é uma voz baixa e sensual.

— Quero ver seu futuro.

Será que ela nunca vai embora?

Lil'Bit olha para as cartas de Hubert. Ela toma as mãos dele nas dela.

— Oh, meu querido. Você deve... tomar cuidado. Não faça nada ... perigoso.

Isso é simplesmente demais para mim.

— Não seja ridícula — eu solto. Todo mundo olha para mim. — Deixe-me tentar. Deixe-me ler as *suas* cartas, Lil'Bit.

— Oh, mas...você tem que ser... *treinada* — ela explica.

— Como você sabe que *não* sou? — pergunto.

Faço Hubert sair de sua cadeira e me sento em frente a ela.

— Mas eu já *sei* minhas cartas — ela se defende. — Eu jogo todo dia.

— Você sabe? — pergunto. — Tem certeza?

— Você coloca — ela pede.

— Você sabe que isso não seria correto, Lil'Bit, Você sabe que *você* tem que... *tocar as carta.*

— Bem — diz Lil 'Bit, olhando para Hubert, — Isso pode ser... *divertido.*

Ela começa a colocar as cartas. E, assim como eu senti que deveriam ficar, estão todas de cabeça para baixo.

— Que... interessante — comento.

Lil'Bit vê as cartas e arfa. Ela levanta os olhos para mim. Meus olhos perfuram os dela. Posso senti-la se contorcendo sob meu poder, mas ela não pode fazer nada a respeito.

— Você sabe o que isso quer dizer, não sabe? — pergunto.

— Quer dizer — continuo, olhando em torno da mesa e para Hubert, que está ali de pé com um olhar perturbado e já incompreensível em seu rosto; para a princesa Ursula, que está arrumando seus peitos caídos; e para Tio Ernie, que está usando uma faca para limpar as unhas quando acha que ninguém está olhando. — Que Lil'Bit é uma ... fraude completa.

De fato, eu quero gritar, vocês TODOS são umas fraudes completas.

Mas eu não grito.

Eu sorrio e recolho as cartas.

— *Fim* de jogo — anuncio.

X

Acendo um cigarro.

Estou vestida com um traje azul-bebê de Bentley e pisando ruidosamente ao longo do estacionamento de cascalho, com Hubert me seguindo de black-tie. Entramos no Mercedes S1500 conversível para ir ao casamento de Juliette Morganz, a "garotinha de Vermont", e eu penso "Por que não podemos ser normais?" Talvez possamos ser normais.

Realmente me importo com isso?

Posso dizer que Hubert está de bom humor, dirigindo o carro com experiência ao longo da Appogoque Lane, ouvindo Dire Straits, olhando feliz para mim, e aquilo subitamente me bate: Quem é esse homem, realmente? Quem é ele? Estou casada com essa pessoa há dois anos e fiquei com ele por mais dois anos antes disso, e realmente não o conheço mesmo.

E ele não me conhece.

Mesmo.

Essa constatação é tão deprimente que me recosto e cruzo os braços e posso sentir que as boas vibrações subitamente expiram como o ar que sai de um balão. Ele olha para mim novamente e posso sentir seu humor descendo ladeira abaixo, e é tudo culpa minha quando ele diz:

— O que foi?

— Nada.

— Algo está errado — ele avalia, numa voz aborrecida e um pouco desgostosa — de novo.

— Não é nada — confirmo — contemplando a futilidade daquilo tudo, como nós realmente não entendemos aquilo bem e provavelmente nunca entenderemos, enquanto olho pela janela para um grande e seco campo de batatas.

— Por que temos de brigar o tempo todo?

— Não faço a menor idéia — respondo, mexendo no meu vestido, que é feito de uma renda finamente trabalhada, artisticamente construída para que pareça transparente, mas sem ser de verdade. — Isso importa?

— Estou cansado — ele confessa.

— Eu também — e eu olho para fora e vejo que estamos passando pelo lago de

patos onde aconteceu o "incidente", que nos levou a um horror e um terror mútuos. Outra coisa sobre a qual simplesmente não falamos.

Vamos o resto do caminho em silêncio.

Sinto vontade de urrar de autopiedade mas não posso, porque estamos na igreja agora e há rios de carros e pessoas. Um criado abre minha porta e eu saio do carro elegantemente. Hubert dá a volta pela frente do carro e nossos olhos se encontram. E então, como vimos fazendo nos últimos dois meses, onde quer sejamos vistos em público, fingimos que tudo está perfeitamente... bem.

Enquanto andamos para a igreja, ele fica com uma mão no bolso e outra em torno de minha cintura. Não consigo deixar de notar o quanto ficamos bem juntos, o quanto temos essa coisa física que funciona perfeita e facilmente, mas que não significa quase nada agora. Os fotógrafos subitamente nos reconhecem e um deles grita:

— Aí vem o casal feliz.

Os flashes explodem loucamente enquanto paramos no pátio e sorrimos, nossos braços em torno um do outro, e então um dos fotógrafos diz:

— Hubert! Se importa se tirarmos uma foto de sua mulher sozinha? Sem ofensa — e todos estão rindo e se movimentando rapidamente, enquanto Hubert se move galantemente para o lado.

Fico com as mãos presas atrás, minha cabeça erguida, sorrindo, uma perna na frente da outra. Quando olho para a entrada da igreja, vejo Hubert com as mãos nos bolsos, me olhando orgulhosamente.

D.W. está certo. Tudo são aparências.

E mais tarde, na recepção, andando cuidadosamente ao longo do chão de mármore polvilhado de pétalas de rosas, só tenho olhos para Hubert e ele só tem olhos para mim. É como se estivéssemos nos velhos tempos, quando ficaram sabendo pela primeira vez que estávamos saindo juntos — mas, até onde o mundo sabia, eu devia ser apenas mais uma namorada. Ele está segurando minha mão por trás, e minha outra mão acaricia o pescoço dele, enquanto as pessoas nos olham com inveja e imagino o quanto serei capaz de continuar com isso. Por sorte, esbarro em Dianna quase imediatamente, o que é uma boa desculpa para Hubert e eu nos separarmos sem despertar suspeitas.

Dianna está falando com Raymond Ally, o dono dos cosméticos Ally. Raymond, que tem pelo menos noventa anos, está numa cadeira de rodas e Dianna está fumando um Marlboro vermelho. Parece esquecida de que não tem realmente o tipo certo de aparência para usar o vestido que está usando: Bentley rosa, de renda finíssima. É um

vestido que funciona se você não tem peitos, o que não é o caso de Dianna, Ela tem implantes de silicone. Dianna é uma dessas mulheres que parece bem em fotografias, mas, pessoalmente, não há como esconder que é uma putona, fato que Raymond parece apreciar.

— Veja nossa garota — Raymond diz para mim, falando sobre Dianna, que colocou os dois braços em torno de meu pescoço. — Ela trabalhou para ser uma verdadeira dama. — Olho para ele e imagino se está sendo burro ou sarcástico, mas me dou conta, com um certo grau de HORROR, que ele está sendo completamente sincero.

— Sim, sim, ela fez isso — digo, porque é realmente mais fácil concordar com pessoas na superfície, mesmo se você souber que elas são cheias de merda.

— E aposto que você não sabe o que eu sei sobre ela. Vocês duas são amigas, certo?

— Melhores amigas — Díanna fala, me beijando no rosto.

Raymond se atraca a meu braço.

— Bem, como sua melhor amiga, você merece saber isso. Esta jovem dama é muito, muito inteligente. Garanto que ela é mais inteligente que meus netos, e eles foram a Harvard. Essa jovem dama nem mesmo foi à universidade!

— Obrigada, Raymond. Ele não é uma boneca? — pergunta Dianna.

— E vou contar a você um pequeno segredo — fala Raymond, agora que ele tem nossa atenção. — Muita gente não sabe disso, mas toda mulher que cresce por seus méritos é inteligente. Ela tem que ter isso aqui — diz, apontando para o peito de Dianna. — mas também tem que ter algo aqui em cima também — complementa, tocando sua cabeça.

— E isso você pode comprar — falo, indicando o peito. — Ah, os homens não se importam se são reais ou falsos, contanto que você tenha algum. E se você não tem nenhum, saia e compre-os, ou então você é uma perdedora. Mas isso — ele diz, batendo na cabeça novamente — isso você não pode comprar. Ou você tem ou não tem. E essa garota tem.

Subitamente, sua mão nodosa se estende e agarra a mão de Dianna, que ele puxa para sua boca, dando nela um beijo longo e feroz.

— Aqui — ele completa. — Agora vocês garotas vão se divertir. Vocês não vão querer ficar por aí com um velho como eu. Vão.

Olho para Dianna, inquirindo-a enquanto nos movemos. Ela dá de ombros.

— Os velhos me adoram. Ei, eu pagaria um boquete nesse velho se achasse que

ajudaria. Mas não ligo para homens, Cecelia. Só ligo para você.

— E eu também só ligo para você — retribuo, o que pode ou não ser verdade, mas não importa realmente enquanto abrimos caminho, acenando e sorrindo no meio da multidão.

— Já disse a você que sou a melhor na cama? — ela pergunta, pegando uma taça de champanhe de uma bandeja.

— Sim — digo, sorrindo um pouco nervosamente porque isso era exatamente o que Amanda costumava dizer sobre si mesma. Acredito que suas palavras exatas eram:

— Posso ter qualquer homem que quiser porque sei exatamente o que fazer com eles na cama.

E eu sempre tinha vontade de gritar:

— É, mas você não fica com eles.

E veja o que aconteceu com ELA.

Dianna é provavelmente tão louca e drogada como Amanda era e provavelmente vai fazer alguma merda algum dia, do jeito que Amanda fez, e tentar fazer alguma coisa horrível comigo, mas por enquanto isso está no meu futuro. E então D.W. se aproxima com Juliette Morganz, cujo vestido de casamento consiste em contas, rendas e laços (definitivamente não Bentley). Juliette se joga emocionada em cima de nós e nos arrasta para fotografias com sua mãe e mais uns outros quinze parentes variados.

Eu só sorrio. Não quero fazer nenhum gesto.

E então estou meio de saco cheio, quando Sandi Sandi, o novo cantor da moda, está tocando, e todo mundo está dançando e bêbado. Vago pela casa e vou para um banheiro de mármore no segundo andar e cheiro um pouco de cocaína. Lembro a mim mesma que é só pelos velhos tempos. Volto para a festa, cruzo a pista de dança e saio da tenda, seguindo uma calçada até o lago, para um cais branco, onde acendo um cigarro.

Dianna Moon me segue.

— Ei, ei — ela chama. Ela está tropeçando um pouco e muito bêbada. — Vamos sair daqui.

Há um charmoso e velho barco a remo no qual ela entra. Eu a sigo e quase viramos, mas então nos sentamos no fundo do barco e tentamos remar um pouco. Há uma corrente e o barco se afasta do cais.

— Ei — Dianna diz. — Tenho que te dizer uma coisa.

— Não sobre Jesus, tá?

— Oh, Cecelia. Alguém me disse que você matou sua melhor amiga.

— Quem?

— Nevil Mouse.

— Nevil Mouse é tão... burro.

— Acho que ele odeia você.

— Ele me odeia porque não quis sair com ele. Anos atrás.

— Ele diz que você não é o que parece ser. Eu disse a ele para ir se foder.

— O que ele disse?

— Ele disse que você matou... Amanda? Sua melhor amiga? Você colocou alguma coisa na bebida dela?

Oh, DEUS. Onde as pessoas inventam essas mentiras?

— Isso foi muito tempo atrás — falo, como se realmente não fosse importante. E realmente parece que foi há muito tempo, quase como se não tivesse acontecido, embora tenha sido na verdade há quatro anos, para ser exata. No fim daquele longo e louco verão, logo depois que conheci Hubert e estava saindo com ele secretamente. Amanda e eu estávamos dividindo uma casa.

— Ela se matou — eu digo.

— Jesus a levou.

— Não — balanço a cabeça. — Ela estava bêbada e cheirou muito pó. Pegou o carro e entrou no lago dos patos e afundou.

Ela estava a caminho da casa de Hubert. Escondida.

— Merda. Você acha que eu me importo? — perguntou Dianna. — As pessoas acham que matei meu marido. Há lírios no lago. Arrasto meus dedos na água. Ambas olhamos para o cais, onde a festa está a todo vapor.

— O que eu gosto em você — Dianna continua — é que nós duas somos estrangeiras. Nenhuma de nós se encaixa neste... mundo da sociedade.

— A sociedade está morta — eu digo, no que penso ser a segunda ou terceira vez este ano.

— Minha mãe era uma prostituta. Ela nem mesmo sabe quem é meu verdadeiro pai.

— Casamento é prostituição.

— Mas minha mãe... não era casada.

— E daí? Minha mãe era uma porra de uma viciada em drogas

— Vou nadar — Dianna avisa. Ela basicamente cai do barco e por um instante, enquanto ela flutua na água e eu me dou conta de que ela provavelmente não sabe nadar, imagino se vou ter de resgatá-la. Por sorte, o lago não é fundo, tem apenas cerca de um metro, e ela consegue andar até o cais.

Eu a observo com um certo grau de alívio.

Fico sentada ali sozinha.

Depois de um tempo, começo a remar de volta para o cais no charmoso e velho barco a remo. Tenho um cigarro entre meus lábios e estou consciente de meus cabelos curtos e louros, um leve blush rosa em minhas faces e meus ombros nus.

E quando estou quase no cais, Patrice grita:

— Ei, Cecelia — e eu olho por sobre os ombros e ele tira quantas fotografias consegue em cinco segundos.

Na semana seguinte, esta fotografia é mostrada em todo o mundo. Nela, a expressão em meu rosto é: franzindo levemente as sobrancelhas, ainda um pouco surpresa; ainda jovem, e estou usando o vestido azul-bebê quase transparente de Bentley, as linhas de minha figura magra mas ainda em forma claramente visíveis. O título diz: RICA, BONITA E IMPETUOSAMENTE INDEPENDENTE, A PRINCESA CECELIA KELLY LUXENSTEIN ÉA LÍDER DA SOCIEDADE DO NOVO MILÊNIO.

E me dou conta: Esta *é* a minha vida.

SORRIA.

PROCEDIMENTO
DE
SOLTEIRA

I

Nós temos um ditado em Nova York: garotas inglesas consideradas bonitas em Londres são apenas "bonitinhas" em Nova York, enquanto garotas americanas chamadas de "atraentes" em NovaYork são bonitas em Londres. E isso resume uma das maiores diferenças entre a Vida Em Nova York e a Vida Em Londres. Em Londres, se é uma garota legal e atraente com alguma personalidade e uma carreira, pode conhecer um homem, namorar com ele e — se quiser — casar-se com ele. Em Nova York, pode ser uma bela mulher com um corpo tipo Cindy Crawford e uma carreira muito bem-sucedida e ela não consegue nem mesmo sair com um cara.

Talvez porque as mulheres inglesas consigam realmente agarrar um homem — e conseguem fazer isso com os cabelos despenteados, as unhas por fazer e as coxas flácidas. Elas têm uma certa espécie de presunção chata quando se trata de relacionamentos. Há pouco tempo, encontrei uma dessas mulheres em Nova York. Enquanto ela estava sentada ali, comendo um sanduíche de salmão defumado e me entrevistando sobre minha vida (o que pareceu, aos meus ouvidos, cada vez mais patético naquela hora), meus olhos foram inevitavelmente atraídos para seu grande anel de noivado de safira coberto por uma aliança de casamento, cravejada de safiras.

Aquilo não devia ter feito com que a odiasse, mas fez.

— Vejamos — ela disse, conferindo seu gravador. — Há algum homem em sua vida agora?

— Nããããão — respondi, embora tivesse acabado de terminar com um cara que se recusou a casar comigo depois de seis meses de namoro. Acredito que suas palavras reais foram "quero me casar um dia, mas não quero me casar com você".

Certo, talvez eu o tenha apressado um pouco. Mas, também, ele costumava ficar em casa à noite vendo filmes de *Kung Fu.* E quando eu tentava falar com ele, dizia:

— Shhhh. Gafanhoto está aprendendo uma importante lição.

Depois que isso aconteceu algumas vezes, percebi que "Gafanhoto" já havia aprendido uma lição: na época em que você chega à idade de Gafanhoto, não há absolutamente nenhuma razão para estar com um homem que assista a filmes de *Kung Fu* a menos que esteja casada com ele. Mas não havia razão para contar isso à jornalista inglesa.

— Que... interessante — ela avaliou. — Sou casada há seis anos.

— É mesmo? — eu disse. Tomei um gole de meu Bloody Mary e imaginei se estava ficando bêbada. — Bem, se você vivesse em Nova York— prossegui — você não estaria. De fato, se vivesse em Nova York, provavelmente estaria morando num

pequeno apartamento de um quarto, agonizando por causa de algum cara estúpido com quem dormiu três vezes. — Ah, sim. Gafanhoto estava simplesmente se aquecendo. — Estaria pensando que talvez vocês fossem ter um relacionamento, mas então o cara ligaria para dizer que não queria nenhum compromisso. Na verdade diria "não quero ter que dar satisfações".

Pedi outro Bloody Mary.

— Compromisso é um mistério aqui — falei.

— Em Londres, não — rebateu a jornalista inglesa.— Os homens em Londres, os ingleses, bem, eles são melhores do que os americanos. Eles são particularmente... — Aqui seu rosto fica com um tipo de olhar desagradável que eu posso apenas chamar de "sonhador". Então ela continua — sólidos. Eles estão interessados em relacionamentos. Eles gostam de relacionamentos. Os homens ingleses são... aconchegantes.

— Você quer dizer como... gatinhos? — perguntei.

A jornalista inglesa me deu um sorriso superior.

— Agora, vejamos. Você tem... que idade agora?

— Quarenta — sussurrei.

— Certo. Então você deve estar naquele ponto em que se deu conta de que provavelmente vai ficar sozinha para o resto da vida.

E tanto foi que, um mês mais tarde, Gafanhoto se encontrou num vôo para Londres. Na tradição de muitas heroínas americanas antes dela, estava indo para a Inglaterra em busca de algo que não fora capaz de encontrar em Nova York:um marido.

Esse, claro, era meu plano secreto.

Sendo uma dessas espertas mulheres americanas que são tão espertas que armam a fim de arranjar relacionamentos para si mesmas, eu naturalmente precisava de algum tipo de desculpa. E a encontrei: esse grande jornal inglês estava pagando a mim uma ridícula soma de dinheiro para descobrir o sexo em Londres. Se lá houvesse realmente isso.

Era o tipo de missão que envolveria enormes quantidades de álcool e muitas incursões de fim de noite a bares, o tipo de atividades em que me especializei. O que era provavelmente a razão pela qual eu ainda não tinha conseguido um marido.

Mas havia duas coisas que me preocupavam: sexo e morte.

Você vê, anos atrás eu realmente namorei dois ingleses. Infelizmente, ambos

tinham tentado me matar — um me fazendo pular ondas de três metros na Austrália, num Chris Craft de 25 pés, que ele acabou batendo contra o cais (estava bêbado); e o outro me sufocando com um travesseiro (ele estava sóbrio). De fato, quando liguei para Gerald o Sufocador para dizer a ele que estava indo para a Inglaterra, sua resposta foi:

— Bom. Agora posso terminar o trabalho.

Meu segundo medo era, naturalmente, sexo. Sempre ouvi dizer o quanto os ingleses são ruins de cama. A sabedoria convencional dizia que eles falhavam horrivelmente em três pontos. Um, seus paus eram realmente pequenos. Dois, as preliminares não existiam. E três, eles gozavam em cerca de dois minutos. Em outras palavras, eles eram todos ejaculadores precoces. Se vivessem em Nova York, alguma mulher inteligente teria colocado pomada anestésica na cabeça de seus paus e os faria trepar durante três horas. Provavelmente o pobre homem correria para seu analista — mas, ei, isso não é problema nosso. Só que talvez eles não tenham pomada anestésica na Inglaterra. Ou talvez eles não liguem tanto assim para sexo.

Decidi começar minha "pesquisa" ficando na casa de um homem conhecido como O Raposa. O Raposa era um dos diretores de teatro mais proeminentes de Londres, e também um dos mais notórios conquistadores de Londres. Anos atrás, a mulher do Raposa, conhecida em Londres como A Santa, por agüentá-lo, se divorciara dele por alguma coisa tipo notório adultério e comportamento escandaloso. Comportamento escandaloso incluiu chegar em casa às quatro da manhã, pelado, e segurando com toda força um cartão American Express tentando esconder suas partes. E então, numa tarde de terça-feira, cheguei à casa do Raposa com três malas Louis Vuitton, cheias, meio inexplicavelmente, de roupas de noite Prada, Dolce & Gabbana e Gucci, mais um par de calças de combate. O Raposa não estava lá, mas me atendeu sua governanta, uma mulher que não falava inglês e estava passando toalhas. Por uma série de gestos, comecei a entender que, como havia apenas dois quartos, e o quarto de hóspedes estava ocupado por um homem grande e uma ainda maior caixa de vinhos, esperava-se que eu dormisse na cama do Raposa.

Por sorte, quando eu estava para abrir uma garrafa de vinho e fazer força para ficar bêbada, a fim de lidar com a situação, o assistente do Raposa, Jason, chegou. Jason tinha 25 anos, era bonitinho e tinha um tipo de nacionalidade indeterminada, embora garantisse ser inglês. Quando fiz um questionário sobre o chamado "arranjo para dormir", ele me agarrou e disse:

— Não transe com o Raposa. Transe comigo em vez disso. Tenho certeza de que sou bem melhor que ele na cama.

— Jason — disse pacientemente. — Você já teve alguma namorada?

— Bem, estou tendo alguns problemas românticos agora — confidenciou-me. Começou a contar uma história interminável sobre uma garota por quem estava apaixonado, e só transara uma vez, há nove meses. Ele a conhecera num pub e, mesmo ela sendo lésbica e estando com sua namorada, ele conseguira de alguma forma convencê-la a ir para um hotel com ele. Ela o algemara na cama e fizera um sexo "assombroso" com ele. Na manhã seguinte ele compreendeu que jamais se sentira assim a respeito de uma mulher antes, se apaixonara loucamente por ela e desde então nem mesmo olhara para outra mulher, embora o objeto de sua afeição tenha se recusado a atender a seus telefonemas e se recusado a vê-lo. E aí ela mudara o número de seu celular.

— Então o que você acha que devo fazer? — ele perguntou.

Por um longo momento, eu só olhei para ele como se fosse insano. Tentei ser didática.

— Jason, você teve uma aventura de uma noite. Você não se apaixona depois de uma aventura de uma noite com uma lésbica sádica.

— Não?

— Não.

— Por que não?

— Porque — eu comecei, mas naquele momento a porta se abriu bruscamente e Raposa em pessoa chegou. Ele correu pela sala até a janela e olhou para fora com medo.

— Você está atrasado, chefe. — Jason disse.

— Atrasado? Atrasado? Vou mostrar a você o que é atrasado — o Raposa falou apressadamente. — Minha vida é uma porra de um pesadelo. Será que ninguém entende isso? Miranda está me seguindo novamente. Tive de correr toda a calçada em torno de Picadilly Circus para tirá-la da minha cola.

Parecia que o Raposa estava sendo perseguido por sua mais recente ex-namorada, uma mulher chamada Miranda que era atriz em uma de suas peças.

— Olhe para isso! — disse ele, brandindo um pedaço de papel dobrado. — Ela me mandou isso por fax hoje de manhã. Ela diz que, se eu não obedecer até a meia-noite, ela vai mandar me prender.

Peguei o pedaço de papel de sua mão e o examinei. Era uma lista de coisas que ela deixara no apartamento dele e queria de volta. Continha itens como "pia de cozinha", "lâmpadas" e "vídeos de Julia Roberts" .

— Como se eu quisesse essas merdas de vídeos da Julia Roberts. Será que ela

não sabe que eu não suporto Julia Roberts?

— Lâmpadas? — perguntei. Por que ela não compra algumas para ela?

— Exatamente! Finalmente alguém entende por que eu tive de romper com ela!

O INGLÊS TAGARELA

Naquela noite, fui ao Titanic para a festa de aniversário do Raposa, onde Gafanhoto aprendeu a Lição #1 sobre os homens ingleses: eles não fecham a boca. O Titanic é um perfeito restaurante londrino — barulhento, cheio de pessoas bêbadas e tão grande que é preciso gritar para conversar. Claro, isso não é um problema para os homens ingleses. Deixe-me explicar: em Nova York, as mulheres têm de "entreter" os homens, direto. Temos de ler jornais e revistas ou ir ao cinema para podermos ter "temas relativos a conversa". De outra forma, o homem vai a) simplesmente ficar sentado ali, b) falar sobre seus problemas psicológicos, ou algo assim, c) divagar e divagar sobre sua carreira. Homens americanos também são maravilhosos na cama, e os ingleses supostamente não são. De fato, estou convencida de que há uma relação direta entre falar muito e ser ruim de transa.

No bar, conheci um homem chamado Sonny Snoot, um cabeleireiro extremamente bonito.

— Grande cor — disse ele. Quando olhei para ele sem expressão, ele explicou: — Seus cabelos. Você deve ser americana. De Nova York, Eles simplesmente parecem saber como fazer esse maravilhoso louro acinzentado.

— Estou tão feliz por ter todos os meus cabelos — falei. E depois ri.

— Ha, ha, ha -, ele riu, — ha, ha ha — e antes que se pudesse dizer "boquete", ele já estava tagarelando sobre sexo.

— É assim que as coisas são — ele começou. — Se sexo é o número um na Itália, é o número sete em Londres. Se o sexo não cai do céu bem na frente de um homem, ele vai sair e fazer alguma outra coisa. Mas homens *falam* sobre sexo o tempo todo. De fato, uma das razões para *fazer* sexo é *falar* sobre isso no dia seguinte. E falamos sobre isso com detalhes minuciosos e fazemos a história ser realmente boa.

— Às vezes — continuou — a pessoa tem a compulsão de falar sobre sexo enquanto está fazendo sexo de verdade. Por exemplo, se você está fazendo uma posição esquisita, pensa em chamar seus camaradas no celular e dizer "Adivinhe o que estou fazendo agora?"

— Sexo oral — sugeri.

— Oh, não — Sonny discordou, sacudindo a cabeça. — Os americanos são todos

tão tarados. Mas nós não fazemos isso aqui.

No jantar, sentei-me perto de Peter, um editor de revista. A namorada de Peter acabara de ir morar com ele, que não conseguia parar de falar sobre o quanto estava feliz.

— Nos conhecemos há dez anos, claro — lembrou. — Mas uma manhã, quando ela estava voltando para o apartamento dela, ela simplesmente disse: ''Acho que devemos morar juntos." E assim que falou isso, eu soube que ela estava certa. Então agora nós compramos um apartamento juntos. Os ingleses não são contrários claramente ao casamento ou compromisso da maneira que os americanos fazem — ele disse, com orgulho. — É muito fácil encontrar um relacionamento aqui.

É, se você teve dez anos para fazê-lo.

— Claro, não sei como seria para uma mulher americana — ele continuou. — Sabe, mulheres americanas são neuróticas com suas carreiras, enquanto as inglesas só são neuróticas com sexo — ele explicou, como se isso fosse uma coisa boa. — As inglesas não gostam disso. Bem, talvez gostassem, mas acham que os homens só estão atrás daquela coisa. — Talvez fosse o champanhe, mas Peter parecia estar ficando o que os ingleses chamam de "mal-humorado".

— As inglesas sofrem desse feminismo mal planejado. Acham que são realmente abertas em relação a sexo, mas então — aba — elas descobrem que têm os mesmos bloqueios de suas mães.

— Bem, talvez haja uma razão para isso — arrisquei. — Talvez se vocês parassem de falar...

Peter me corta.

— As mulheres aqui acham que qualquer aventura no quarto é apenas para o prazer do homem! — avaliou, de maneira triunfal.

O problema do inglês tagarela continuou a me atormentar na boate China White, onde tentei me refugiar em uma das salas privativas em estilo marroquino com minha amiga Sophie, que trabalhava em documentários e vivia em Notting Hill. Tinha acabado de me jogar sobre as almofadas com uma garrafa de vodca quando levantei os olhos e notei um homem grande, de cabelos escuros e bonito de doer. Embora esse tipo de coisa supostamente não aconteça em Londres, o homem veio e se sentou perto de mim. E então — o que foi demais para a "reserva inglesa" — juro por Deus, ele imediatamente engatou uma conversa sobre sexo.

— Todo mundo pensa que é culpa do homem o fato de as mulheres não terem orgasmos. Por que elas não podem simplesmente encará-los como... como homens? — ele perguntou.

— Na verdade, elas podem — eu disse, imaginando se isso seria uma cantada e, se fosse, o que eu faria a respeito.

— Ah, sim. Elas estão sempre dizendo que podem, mas então você está na cama com uma mulher e ela está só deitada ali como se estivesse fazendo um favor...

— Agora, de onde venho, nós meio que superamos isso nos anos 60 — eu estava dizendo, quando subitamente Sophie apareceu.

— Oh, por favor — ela soltou. — Não dê ouvidos a ele. A primeira coisa que um inglês faz na cama é tentar te virar de cabeça para baixo. Porque é como eles estão acostumados a trepar. E todos eles dizem que as inglesas não conseguem pagar um bom boquete. Mas é só porque eles estão acostumados a ganhar boquetes de... garotos! Sophie e o homem bonitão de cabelos escuros ficaram sentados se encarando. Eu não teria imaginado isso, mas estava sentada entre eles e realmente não tinha humor suficiente para ser nocauteada por um soco incontrolável. Por sorte, naquele momento o Raposa enfiou sua cabeça ali.

— Ooooh. Olá, Simon — ele disse, enquanto seus olhos se estreitavam. — Não o vejo há um tempo.

— Verdade. Bem, eu... eu vou ter um filho — Simon anunciou.

— Bom para você. Então talvez possa parar de conversar com minha namorada! — Raposa pegou meu braço e me puxou para fora dali. — Escute — ele disse. — Passo a maior parte da minha vida com pessoas que não sabem porra nenhuma de porra nenhuma e merecem ser chutadas até a morte. Muitas pessoas são uma escumalha completa. Muitas pessoas precisam de alguém para explicar a elas que sua existência é uma perturbação!

O Raposa continuou nessa disposição até que chegássemos a sua casa, onde ele insistiu que eu ficasse com ele até as seis da manhã, escutando a obscura música *country* americana. E falando sobre isso. Nesse ponto, pensei que precisava dormir. Também imaginei que a única maneira de fazer o Raposa parar de falar seria drogá-lo.

Sim, sinto muito dizer que realmente tentei enfiar Xanaxes na taça de vinho do Raposa. Infelizmente, misturei tudo e eu é que desmaiei.

Quando acordei na tarde seguinte, havia um bilhete no pé da cama:

— Querida, não importa Shakespeare, estou apaixonado. Ainda louco depois de todas essas horas. Com amor, Raposa. PS.: Não toquei em você.

Os ingleses são tão... doces!

SEXO CASUAL? NÃO ACHO...

Passei os próximos dias indo a almoços, jantares e boates. Meio estranho em Londres é que, mesmo que as pessoas digam que têm empregos, ninguém nunca parece estar trabalhando. Quero dizer, como eles podem, quando o almoço começa ao meio-dia e se estende até quatro da tarde? E normalmente inclui muitos coquetéis e um par de garrafas de vinho?

E aí aquela pessoa, Miranda, invadiu o apartamento do Raposa e realmente roubou todas as lâmpadas. Para sair à noite, tive que me vestir usando os sentidos.

E não havia água quente.

E aí me lembrei que se esperava realmente que eu estivesse fazendo alguma coisa, como trabalhar, então liguei para minha amiga Claire.

Claire é uma decoradora de interiores — foi durante cinco anos, desde que seu segundo marido fugiu com sua melhor amiga.É a única garota verdadeiramente solteira que conheço em Londres. Quer dizer que ela não tem um namorado de verdade há três anos. O que quase a torna uma honorária mulher de Nova York em meu livro. Mas ao contrário de muitas mulheres de Nova York, Claire já foi casada duas vezes. E ela tem só 37 anos. Ela realmente tem tanto assim para se queixar?

— Deixe-me colocar desta maneira — explicou ela. — Eu não trepo com ninguém novo há mais de um ano. Só trepei com namorados antigos. E todo mundo sabe que esses não contam.

Combinamos nos encontrar no Soho House, um clube privê.

Olhei em torno para os montes de homens e mulheres, todos parecendo estar no final de seus vinte ou trinta, e todos parecendo estar vestidos com roupas de variados tons de cinza ou preto, como se tivessem sido arrancadas do cesto de roupas sujas. Em seguida percebi que não estava usando as roupas exatamente certas — vestia um casaco Dolce & Gabbana com gola de pele cor de cereja. Todos estavam bebendo e rindo, mas não parecia que estavam tentando se pegar.

— Deus — falei. — Me sinto como uma mulher solteira desesperada.

Claire olhou em volta casualmente.

— Pare com isso. Nem mesmo diga essas coisas. As mulheres em Londres não estão desesperadas. As pessoas não entendem coisas como essas aqui. Eles vão pensar que somos sérias. Não temos homens porque não queremos.

— Não? — perguntei.

— Não. — Ela apontou o que eu estava usando. — E tire isso — ela pediu. — Todo mundo vai pensar que você é uma prostituta. Só prostitutas usam roupas de grife. Com peles.

Tu-do bem.

— Coquetel? — perguntei.

— Você me conhece — Claire disse. — Ah, por falar nisso. Decidi me tornar uma dona-de-casa. Mas sem o marido ou os filhos. Contei a você sobre a maravilhosa enceradeira que acabei de comprar? De segunda mão, mas é uma graça. Não acho que ainda se possa ter coisas como enceradeiras. No bar, esbarramos com Hamish e Giles, dois caras da mídia de Notting Hill que Claire conhecia. Hamish tinha um rosto doce como um bebê e vivia uma grande excitação com sua vida romântica: estava tentando decidir se casava ou não com sua namorada.

Enquanto isso, Giles disse que ele teria que largar o sexo casual porque continuava esbarrando com as mulheres com quem dormia e as coisas estavam ficando "complicadas".

Ah. Sexo casual. Agora estamos chegando a algum lugar.

Ou pelo menos foi o que pensei.

— A pior coisa a respeito de sexo casual são os gatos — observou Giles. — Todas as mulheres solteiras têm gatos!

— Podemos falar sobre minha namorada? — Hamish pediu. — Não sei o que fazer. Ela está ameaçando terminar...

— Gatos são o bota-fora mais moderno — disse Giles.

Obviamente, ele já havia conversado sobre a namorada muitas vezes. — Uma vez eu estava pensando em ver uma mulher e Hamish disse "Giles, não seja ridículo. Ela tem um gato". Não são tanto os gatos, mas a maneira que elas falam sobre os gatos. "Ooooh, veja o pequeno Poo-poo." É horrível. — Giles tomou um gole de vodca. — Não domino essa história de relacionamento. Mas preferia ter uma namorada. Em Londres, não temos encontros. Simplesmente saímos juntos. E em Londres, um beijo é um pulo para uma trepada. Uma vez que você consegue beijar, você sabe que está dentro. Em Nova York, isso não é verdade.

Concordei, lembrando que em Nova York era perfeitamente possível beijar alguém, dizer "a gente se vê" e depois nunca se encontrar novamente. E se você o visse novamente, seria uma boa desculpa para fingir que o beijo nunca tinha acontecido. Essa regra também se aplica se você foi além do beijo e acabou trepando.

— Oh, aqui temos esse falso tipo de cavalheirismo — Giles disse. Ele parecia um pouco amargurado com aquilo. — Na manhã seguinte, os caras vão dizer "muito obrigado. Foi uma trepada adorável", mas isso não quer dizer nada na verdade.

— Vou contar a você tudo sobre sexo se alguém por favor me disser o que fazer

com minha namorada mais tarde! — pediu Hamish.

Todos olhamos para ele.

— Bem, os homens ingleses têm essa má fama de serem péssimos na cama — Hamish admitiu, meio desesperado. — Mas acho que estamos melhorando nisso. Tentamos fazer algumas preliminares e vamos, você sabe, fazer sexo oral. Eu tentei ficar melhor no ato sexual. Li as revistas femininas de minha mãe para descobrir o que fazer.

— É, mas elas não te mostram fotos de um clitóris! — Giles arriscou.

Esse comentário foi tão patético que eu não soube o que dizer.

— Não posso fazer essa coisa de sexo casual porque falho na parte pós-pós-coital — Hamish confessou. — Você deve ligar? O que dizer se você ligar? Não tenho essa parte do manual.

— Você reza para a secretária eletrônica atender — disse Giles.

— Por dentro, sou realmente problemático — respondeu Hamish. — Não sou bom em ficar amigo das mulheres depois, o que é estúpido, porque se vocês *ficam* amigos, deixa a porta aberta para uma trepada seis meses depois.

— A coisa toda é simplesmente muito fodida de complicada — Giles resumiu. — Agora estou tentando só trepar com garotas com as quais poderia ter um relacionamento. É importante ser seletivo. Além do mais, quero ter filhos. De fato, estou desesperado para ter filhos. Quero ter filhos desde que eu tinha uns dezesseis anos.

— Isso me lembra. Eu tenho que ir para casa. Para minha namorada — disse Hamish.

— O que há com esse pedaço de casamento e filhos?— perguntei.

— Como eu poderia saber? — falou Giles para completar: — Essa é a coisa com os ingleses. Nós não somos muito analíticos. Não vamos a psicanalistas. — Ele fez uma pausa, então olhou para Claire. — Você tem gatos? — perguntou.

Saímos.

— Viu o que eu quero dizer? — perguntou Claire. — Londres é simplesmente impossível. Eu iria para Nova York, mas tenho medo de voar. Por que você não vem para um copo de vinho e eu te mostro a enceradeira nova?

E então recebi o telefonema. Dessa pessoa Judy. Minha suposta editora no jornal. Que estava me pagando para escrever essa história estúpida. Tinha que almoçar com ela no dia seguinte.

Judy era, na minha cabeça, uma "típica" inglesa. Ela tinha cabelos longos e esticados, um rosto pálido e não usava maquiagem. Batia as unhas meio comidas na mesa. Era um tipo de moça sem qualquer falta de sentido.

— Bem — ela perguntou. — O que você descobriu sobre o sexo em Londres?

— Huuum ... posso pedir um drinque? — sugeri, esperançosamente.

Ela acenou para o garçom.

— E aí? — perguntou.

— Francamente, nunca estive em nenhum lugar onde os sexos são tão depreciativos uns sobre os outros. Quando se trata de, ah, sexo de verdade.

— Como assim?

— Oh, é só que... — eu olhei para ela e pensei, Segura essa. — Os ingleses dizem que as inglesas são horríveis na cama e vice-versa.

— Verdade? Os homens dizem que as mulheres são ruins de cama?

Eu assenti.

— Eles também dizem que as mulheres não sabem fazer sexo oral. — Examinei minhas unhas perfeitas. — O que é essa obsessão por boquetes, de qualquer maneira?

— Escolas públicas — ela cospe.

— Eles também dizem que... as inglesas são cabeludas e não ligam para a aparência.

Judy se recostou na cadeira, cruzou os braços e olhou para mim convencida. Ela estava querendo me apavorar. Não é de estranhar que os ingleses sejam tão complicados.

— As inglesas não são como as americanas. Isso é verdade — ela admitiu. — Nós não ligamos para coisas como pintar os cabelos. Ou as unhas. Não temos tempo de fazer as unhas aqui. Somos muito ocupadas.

Oh, eu pensei. E as americanas não são?

— Homens e mulheres se compreendem uns aos outros aqui. — Ela deu um sorrisinho. — Os homens entendem que nós somos tudo o que eles têm. Em outras palavras, eles estão presos à gente. E se eles não gostarem disso, bem, eles não terão sexo de jeito nenhum.

— Isso pode ser uma coisa boa — observei. — Para vocês, quero dizer.

Ela acendeu um cigarro. A fumaça saiu de seu nariz.

— Parece que talvez você não esteja desenvolvendo sua pesquisa.

— Agora escute. Estou querendo ser perfeitamente razoável sobre isso, mas...

— Isso não é bom o suficiente — ela avaliou. — Você vai ter que encontrar um homem inglês, um verdadeiro homem inglês, e trepar com ele. E não me ligue até que consiga!

Oh, céus. Tudo em que eu podia pensar era no meu pobre traseiro.

II

Só tem uma coisa melhor do que ser solteira, americana e estar em Londres no fim de semana da Páscoa. É ser solteira, americana, estar em Londres e apaixonada no fim de semana da Páscoa.

Eu não estava planejando me apaixonar.Certo, pensei que estava, mas não achava realmente que fosse acontecer. Especialmente depois que conheci dúzias de homens e, embora eles fossem todos muito charmosos e agradáveis e falassem sobre coisas que os homens de Nova York não falavam, como novelas, eu não havia achado nenhum deles suficientemente atraente para ir para a cama. Para dizer a verdade, eles todos pareciam um pouco... sujos. E a sensação de que, se eles tirarem a roupa, encontrarei algo que realmente não queria conhecer.

Além do mais, essa missão estava começando a me deixar louca. Sabia que estava, porque dois dias antes Gafanhoto havia aparentemente entrado no Halcyon Hotel em Holland Park às três da manhã. É tudo muito confuso a respeito de como ela chegou lá e o que aconteceu depois que ela fez isso. Mas parece que ela comeu um hambúrguer e que, de alguma maneira, nas últimas 48 horas, ela se tornara um membro honorário de três boates privê. Aparentemente, ela também fez alguma coisa com o staff do hotel, porque toda vez que um deles a via, olhava para Gafanhoto com uma expressão aterrorizada e saía correndo.

Entende o que quero dizer?

De fato, eu estava esperando que todo mundo fosse viajar no fim de semana. Planejava dar longas caminhadas e olhar para as cerejeiras em flor e as pequenas construções brancas que estavam por toda parte. Mesmo sem um homem, Londres era uma cidade romântica: ao contrário de Nova York, você podia ver o céu, e à noite havia uma lua cheia. Quando andava pela rua, as pessoas nos cafés olhavam interessadas e, na loja de sanduíches da esquina, a dama atrás do caixa disse que gostava de meus sapatos. Um rapaz entrou com flores e ela comprou algumas. Nós olhamos para fora e um carro engraçado estava passando, um carro que era metade barco para que você pudesse dirigir dentro d'água.

Tudo pode acontecer, eu pensei.

Mas ainda tinha que completar aquela estúpida missão.

“EU NÃO RELINCHO”

Na noite anterior, tinha ido jogar minhas iscas numa festa no restaurante MoMo com o Raposa. O Raposa havia prometido que seria uma festa cheia, em

contraposição a uma multidão de gente rica, o que seria bem melhor. Tudo o que ele realmente queria dizer era que Tom Jones, o cantor, estava lá com seus guarda-costas.

Uma garota bonita com olhos semifechados e uma pequena saia florida andava por ali. Sonny Snoot a estava seguindo.

— É tão engraçado ver uma garota rica tentando ficar na moda — Sonny reparou. — Garotas de classe alta não sabem o que é estilo. Elas nem mesmo conhecem Prada.

Mas você sabe quem é pior?

— Quem?

— Os caras de classe alta. Eles não sabem nada de mulher. Eles não sabem como tratar uma mulher.

— Basicamente, quanto maior o nome, pior a pessoa — atestou o Raposa.

— E eles são piores ainda na cama — disse Sonny.

Eu tive de fazer a pergunta inevitável:

— É verdade que eles transam de meias?

— Só em Chelsea — falou o Raposa.

Então Claire chegou.

— Eu odeio as classes altas e odeio as classes baixas. Só gosto da classe média.

— Odeio qualquer um que more em Notting Hill — selecionou Sonny. — Apesar de eu morar em Notting Hill.

Tudo isso era um pouco demais para mim. Fui a Notting Hill, a um pequeno clube chamado World, onde havia rastafáris e um inglês com uma aparência realmente, realmente sórdida, dançando consigo mesmo. Meu antigo namorado, Gerald o Sufocador, estava lá com seu amigo Crispin. Eles bebiam vodca em copos de plástico.

— Garota! — falou Gerald. — O que você estava fazendo numa festa no *Soho?* Você tem que ir a Notting Hill. Ou ainda melhor,ao Shepherd's Bush. Tudo acontece no Shepherd's Bush. Nós somos a nova bur-guesia![{20}]

— Não consigo suportar as pessoas em Notting Hill — avaliou Crispin tristemente. — Eles levam vidas desregradas e todos dizem que não querem se casar, mas eles se casam. E todos dizem que não têm dinheiro nenhum, mas aí você os vê dirigindo um puta Mercedes!

— Desculpe. Mas *você* não está para se casar? — perguntei.

— Ele mora em Shepherd's Bush. Então está tudo certo — Gerald completou.

— O que quer que faça, não saia com um desses tipos de Chelsea — Crispin pediu. — Eles são todos de classe alta e se ligam em sexo gótico.

Sexo gótico?

— Eu dormi uma vez com uma aristocrata. — E ela só conseguia gozar se fingisse que eu era o seu cavalo. — Crispin bebeu meu drinque. — Eu não relinchei nem nada, mas tive que concordar com aquilo.

— Bem, espera-se que eu faça sexo com alguém. Eu devia era fazer sexo com um desses homens de Chelsea.

— Todos eles têm paus pequenos e são impotentes — garantiu Crispin. — É alguma coisa na água. Todo o sistema de águas em Londres está contaminado com hormônios femininos.

— Arrá — vibrei. — Então é por isso que os homens ingleses falam tanto.

E foi por isso que, acho secretamente, fiquei andando por Chelsea na Sexta-feira Santa. Eu estava procurando um desses ingleses de Chelsea — um cara que fazia sexo de meias, tinha um pau microscópico e gozava em dois minutos. Ou menos. Não que eu estivesse realmente esperando por isso ou qualquer coisa assim.

Estava andando perto do Joe's Café quando esbarrei em Charlie, um homem que conhecera alguns dias antes no bar Eclipse. Que também era em Chelsea. Charlie era um desses ingleses que haviam se divorciado mas ainda usavam a aliança de casamento.

— Estou tentando te encontrar há dias — ele disse. — Você tem que vir almoçar. Vou encontrar o Dálmata. — O Dálmata não era um cachorro, mas uma pessoa, um lorde inglês sardento. — E esse outro cara deve vir também ele disse. — Rory Saint John Cunningsnot-Bedwards.

— Um dos nomes-longos — falei.

— O que é isso? Ah, certo — Charlie pensou e disse. — Ele é um cara muito, muito engraçado. Muito, muito inglês. Não o conheço muito bem, na verdade só o conheci na noite passada no Chine White, mas ele é muito legal. Achei que ele seria bom para sua pesquisa. Ele é realmente muito inglês, sabe.

— Que perfeito — considerei, por alguma razão pintando essa pessoa obviamente horrível St.John Cunningsnot-Bedwards como sendo pequeno, gordo, careca e em algum lugar em torno da idade de cinqüenta.

Eu estava só meio errada.

Charlie, o Dálmata e eu estávamos sentados, bebendo Bloody Mary e fumando cigarros quando esse cara Rory fez sua entrada. Ele desfilou para dentro do restaurante com aquele tipo de energia autoconfiante que força as pessoas a olharem para você. Ele tinha por volta de trinta anos, era magro, vestia jeans e um casaco caro de camurça e, mesmo que fosse um pouco careca, era bonito da maneira que os ingleses podem ser e os americanos nunca são. Certo, ele era bonito demais, mas também era horrível.

— Então — começou. — Você deve ser a americana.

— Sim — confirmei. — E você deve ser o inglês.

Ele se sentou.

— E sobre o que estamos falando? — perguntou, acendendo seu cigarro com um Bic de capa de prata. Ele era muito preciso no ato de fumar.

— Sobre o que você acha que estamos conversando? — perguntei.

— Não faço a menor idéia — disse. — Só acabei de chegar e gostaria de ser informado sobre o conteúdo da conversa.

Quando isso aconteceu, o Dálmata estava no meio de uma história sobre como ele uma vez transara com sua antiga namorada numa sauna na Alemanha. Havia outros homens na sauna, mas eles não podiam ver quem estava transando e aquilo estava deixando todo mundo maluco.

— Sexo — eu acentuei.

— A atividade mais valorizada do universo — ele complementou. — Quero dizer, de verdade. Acho sexo tão chato. Aquela repetição. Dentro. Fora. Dentro. Fora. Você está dentro e depois está fora. Depois de dois minutos, tenho vontade de dormir. Claro, sou conhecido por ser péssimo de cama. Tenho um pau pequeno, mais ou menos a metade de meu dedo mínimo, e gozo quase imediatamente. Às vezes antes de dizer oi.

— Você é perfeito — avaliei.

— Sei disso, mas não tenho absolutamente idéia de como você poderia saber disso.

Eu sorri.

— Ouvi dizer que está fazendo pesquisas sobre os ingleses — ele falou. — Devo dizer a você tudo o que precisa saber bem agora. Os ingleses são uma raça de guerreiros ferozes...

— Eu não tinha consciência de que os ingleses eram, exatamente, uma raça —

opinei.

— Acho que vocês dois deviam sair para jantar — Charlie sugeriu.

VOCÊ É GAY!

O Dálmata se ofereceu para me levar à casa de minha amiga Lucinda depois do almoço. A pessoa Rory concordou em ir junto. O carro era de dois lugares.

— Espero que não se incomode — eu disse. — Obviamente, vou ter que me sentar em seu colo.

— Não ligo mesmo — desdenhou. — Na verdade vou até gostar.

Sentei no colo dele e ele colocou seus braços em torno de mim. O que acontece com o inglês, esse tipo de inglês, de qualquer forma, é que você nunca sabe onde exatamente está com ele.

— Você pode colocar a cabeça em meu ombro se quiser. É mais confortável — sugeriu e começou a acariciar meus cabelos.

Então ele sussurrou em meu ouvido:

— O que eu gosto em você é que está sempre observando as coisas. Como eu.

Lucinda morava em Chelsea. Pulei do carro e subi correndo os degraus de sua casa branca. Estava tremendo um pouco.

— Querida! — anunciei.

— Oh, *querida* — disse Lucinda. Ela tinha acabado de se casar com um paleontologista e estava decorando sua casa, olhando para amostras de tecidos.

— Acho que conheci um homem — vibrei.

— Querida. Isso é maravilhoso. Qual é o nome dele? Eu disse a ela.

— Oh, ele é adorável. Mas querida — Lucinda fez restrição, olhando para mim. — Ouvi dizer que ele é muito ruim de cama.

— Eu sei. Essa foi a primeira coisa que ele me disse.

— Bem, se ele contou a você, então está tudo bem. -

Ela me abraçou. — Estou tão feliz por você. E não se preocupe. Todos os ingleses são ruins de cama.

Fui para a casa de Rory jantar. Não consegui decidir o que usar, então vesti minha calça de combate. Eu estava nervosa. E quem poderia me culpar? Eu nunca havia deliberadamente feito sexo com um homem com o pau do tamanho de um

dedinho.

— Se acalme — ele pediu suavemente. — Vai dar tudo certo.

— Gosto de seu apartamento — comentei. Era cheio de sofás estofados e poltronas e antiguidades. Tinha uma lareira. Era um pouco cheio de algodão estampado demais, mas não pensei tanto sobre isso, porque a maior parte das pessoas inglesas que moram em Chelsea tem algodão estampado.

— Oh, sim — ele detalhou. — É terrivelmente... *aconchegante,* não é?

Então bebemos champanhe. Os homens americanos quase nunca bebem champanhe porque acham que é um drinque meio efeminado. Colocamos música e dançamos loucamente. Homens americanos quase nunca dançam. Aquilo me bateu.

Aimeudeus, eu quis gritar. Você é gay!

Claro. O champanhe, a dança, o algodão estampado ... os únicos homens que eram assim em Nova York eram... gays.

Desliguei a música.

— Escute — eu disse. — Tem uma coisa importante que tenho que falar com você.

— Sim?

— Você pode não estar consciente disso... de fato, as chances são de que você provavelmente esteja pensando consigo mesmo por que é que não gosta de sexo com mulheres... mas honestamente, acho que você é gay. E acho que deveria admitir isso. Quero dizer, você não seria muito mais feliz se saísse do armário?

— Já considerei essa possibilidade verdadeiramente — ele comentou devagar. — E cheguei à conclusão... de que não sou gay.

— Gay.

— Não gay.

— Veja só. Você não gosta de sexo. Com mulheres. Você não gosta de sexo com mulheres. Oi? O que isso diz a você?

Claro, não me importo mesmo. Você parece um homem muito legal e...

Ele disse:

— Não sou gay. Sei que você vai me beijar.

— Não vou beijar você — respondi.

— Você vai me beijar — insistiu. — É só uma questão de tempo.

Saímos da cama três dias depois.

PUDIM DE BEBÊ

Fui ver Sophie em Notting Hill. Sophie ia se casar e estava colocando os convites de casamento em envelopes.

— Estou com um homem de Chelsea — avisei. — Fiquei com ele durante cinco dias. Tomamos banho juntos e cantamos.

Ela suspirou.

— É sempre assim com os ingleses no início. Como ele é na cama?

— Ótimo.

— Bem, eles podem ser ótimos no início. Isso é o que eles fazem para ganhar você. Mas aí eles simplesmente deixam de se preocupar. Uma das minhas amigas diz que seu marido entra, depois sai e aí goza.

— Vamos ver.

— Talvez você seja sortuda. Mas em geral os homens em Londres não são uma boa aposta. Só estou me casando porque conheço meu noivo há dez anos. Mas, a não ser por isso, os homens querem se casar e as mulheres que trabalham não querem. É um negócio muito melhor para o homem do que para a mulher.

Sophie fez vodca com tônica para nós.

— Os ingleses simplesmente não fazem nada. São preguiçosos. Não fazem absolutamente nenhum esforço. A mulher tem de fazer tudo, e ainda pagar metade de tudo. A casa, o carro, a comida... tudo o que os homens querem é vadiar.

— Eles, ahn, vêem vídeos de *Kung Fu?*

— Oh, Deus, não. Eles não são tão burros assim. Mas realmente querem que você faça pudim de bebê para eles o tempo todo.

— Pudim de bebê? Você quer dizer... *comida de criança?*

— Não. Sabe. Sobremesa. Maçã crocante.

Oh.

Voltei à casa dele.

— Você quer que eu faça pudim de bebê para você? — perguntei.

— Oh, Minky. O que é pudim de bebê?

— Você sabe. Maçã crocante.

— Bem, na verdade sim. Eu gosto de maçã crocante. Você quer fazer maçã crocante para mim?

— Não.

— Certo, bem, que tal um ovo?

Passamos duas semanas juntos. Passeamos em Londres na Vespa dele e tentamos ir para a cama cedo toda noite, mas aí ficávamos lá deitados de uma às quatro da manhã, falando. Ele contava histórias sobre como ele tinha levado bengaladas em Eton e como uma vez tentou trancar a babá no quarto de brinquedos.

— Estou confuso — comentou. — Estou com todas essas palavras com a letra "a" circulando em minha cabeça. "T-R-A-Ç-Ã-O" e "M-O-R".

Eu quis dizer, Bem, se apresse e tome logo uma decisão, mas eu não estava em Nova York.

— Você quer conhecer meus amigos? — perguntou.

Seus amigos eram Mary e Harold Winters.Eles moravam numa casa enorme no interior. Era, suponho, o tipo de vida que toda mulher solteira que passou tantas noites sozinha num pequeno apartamento em Nova York sonha: sua própria casa com espaço, cachorros, crianças, uma Mercedes e um marido alegre, adorável e fofinho. Quando nós entramos, duas crianças louras desgrenhadas estavam ajudando

Mary a descascar ervilhas na cozinha.

— Estou tão feliz por você ter vindo — Mary agradeceu. — Você chegou na hora certa. Estamos tendo um momento de calma.

Todo o inferno explodiu depois disso.

O resto das crianças (havia umas quatro juntas) veio galopando e gritando. O cachorro cagou no carpete. A babá cortou o dedo e teve de ir à clínica.

— Você se importa de dar banho em Lucrecia? — Mary pediu.

— Qual delas é? — perguntei. Todas as crianças tinham nomes como Tyrolean e Philomena e era difícil distingui-las.

— A menor — sugeriu. — Com o rosto sujo.

— Claro — eu disse. — Sou ótima com crianças.

Isso era mentira.

— Venha, então — falei para a pequena criatura que estava me encarando com ódio.

— Certifique-se de lavar os cabelos dela. E coloque condicionador — Mary pediu.

De alguma maneira fiz a criança pegar minha mão e me seguir escadas acima para o banheiro. Ela tirou suas roupas com boa vontade, mas aí começou o problema.

— Não pegar cabelo! — ela gritou.

— Vou pegar seus cabelos. Cabelos. Belos cabelos limpos. Xampu. Você não gosta de cabelos limpos e bonitinhos?

— Quem é você? — ela perguntou, com lógica, enquanto ficava ali pelada na frente de uma completa estranha.

— Sou amiga de sua mãe.

— Como é que nunca vi você antes?

— Porque eu nunca estive aqui antes.

— Não gosto de você.

— Eu também não gosto de você. Mas ainda tenho que lavar seus cabelos.

— Não!

— Agora escute aqui, sua ratinha — falei ameaçadoramente.

— Vou lavar seus cabelos e pronto. Entendeu?

Coloquei xampu em sua cabeça e ela imediatamente começou a berrar e se debater como se eu a estivesse assassinando.

No meio da briga, Rory entrou.

— Não é engraçado? — perguntou. — Você não está se divertindo?

— Muito — menti.

— Olá, pulguinha — disse, acenando para a criança.

A criatura berrou mais alto.

— Tudo certo. Te vejo lá embaixo, então.

— Rory — pedi. — Você acha que talvez pudesse me dar uma mão?

— Sinto muito — ele desculpou-se. — Dar banho em criança é trabalho de mulher. Vou lá para baixo abrir uma garrafa de champanhe. He-man na cozinha e tudo isso.

— Sabe, eu realmente te admiro — disse Mary depois do jantar, quando

estávamos lavando a louça. — Você é tão inteligente. Escolhendo ter uma carreira. E não se sentir pressionada para se casar. Precisa ter estômago, sabe?

— Oh, Mary — falei. Ela era uma dessas adoráveis inglesas de quem os britânicos são tão orgulhosos, com um belo rosto oval, a pele limpa e bonita e olhos azuis. — De onde eu venho, o que você tem é uma conquista. Marido, esta casa e quatro... adoráveis... crianças. Isso é tudo o que qualquer mulher quer.

— Você é muito gentil. Mas está mentindo — ela foi sincera.

— Mas seus filhos...

— Claro que amo meu marido e meus filhos. Mas metade do tempo sinto como se fosse invisível. Se algo acontecesse comigo, imagino que eles nem sequer sentiriam minha falta. Sei que sentiriam falta do que faço por eles. Mas será que realmente sentiriam *a minha* falta?

— Tenho certeza que sim — avaliei.

— Eu não tenho. Você sabe, é tudo uma grande fantasia. Eu queria ser pintora. Mas tinha a grande fantasia branca — aquele sonho sobre o dia de seu casamento. E ele se torna verdade. E, quase imediatamente depois, você tem afantasia negra. Ninguém nunca fala a você sobre ela.

— A fantasia negra?

— Achei que era a única que tinha isso — disse ela, secando as mãos num pano de prato. — Mas conversei com outras mulheres casadas. E elas tinham também. Você tem essa visão sua, toda de negro. Ainda jovem, usando um grande chapéu negro, e um vestido negro elegante. E você está andando ao lado do caixão do seu marido.

— Oh céus.

— Oh, sim — ela confirmou. — Você tem uma fantasia de que seu marido morreu. Ainda tem seus filhos e ainda é jovem, mas está ... livre.

— Sei.

Rory e Harold entraram na cozinha.

— Podemos ajudar? — eles perguntaram.

— Já terminamos — Mary acrescentou prazeirosamente.

Rory e eu pegamos o trem de volta para Londres. Na manhã seguinte, eu tinha de partir. Era hora devoltar para NovaYork.

— Agora escute, Minky — ele disse. — Vamos ser adultos com isso ou vamos ter

lágrimas?

— O que você acha? — perguntei.

— Adeus, Minky.

— Adeus.

— Eu te amo. Agora vá. É melhor você ir agora.

As pétalas das cerejeiras já haviam caído das árvores sobre as calçadas. Andei por cima delas, amassando-as contra o cimento.

Oh Deus, eu pensei. Agora o que vou fazer?

Gafanhoto diz: Seja lógica.

O que eu fiz, claro, foi entrar num táxi e ir para o aeroporto.

Mas o que eu realmente queria?

Entrei no avião e me sentei. Tirei meus sapatos. Abri uma revista.

Um homem se sentou perto de mim. Ele era alto, de cabelos escuros e magro e estava usando calças Prada. Tinha todos os cabelos e um rosto inteligente e interessante. Ele abriu uma revista. *Forbes.*

Agora é meu tipo, pensei.

Deus, eu era tão inconstante. Tinha acabado de deixar Rory duas horas atrás e já estava pensando em outro homem.

O que é que eu queria?

A história.

Eu queria a história. Queria a grande, bacana, inspiradora história sobre uma mulher solteira que tinha uma carreira que ia a Londres a trabalho e encontrava o homem de seus sonhos e casava com ele. Ela tem o grande anel e a grande casa e as crianças adoráveis e vive feliz para sempre. Mas as histórias não são realidade, não importa o quanto queiramos que sejam.

E isso não é tão ruim.

Em algum lugar sobre Newfoundland, a cerca de duas horas do aeroporto de JFK, o homem perto de mim finalmente falou.

— Desculpe. Desculpe perguntar, mas você me parece meio familiar.Vocêse importa se eu perguntar o que você faz?

— Sou escritora — respondi.

— Ah, sim. Sei quem é você. Você é aquela famosa mulher solteira que escreve sobre mulheres solteiras e, bem...

— Sexo.

— Exato — falou. Ele abriu outra revista. Ele parecia meio tímido.

— *Me* desculpe. Mas você parece meio familiar. Você se importa se *eu* perguntar o que você faz?

— Oh. Sou um homem de negócios.

— Sabia disso.

— Sabia? Como?

— O que você escolhe para ler.

Bem, nós realmente começamos a conversar depois disso. E descobrimos que fazíamos aniversário praticamente juntos e tínhamos crescido em cidades com exatamente o mesmo nome — Glastonbury — embora a Glastonbury dele fosse na Inglaterra e a minha, em Connecticut.

— Bem — ele argumentou — não é o suficiente para basear um relacionamento, mas é um bom começo. Gostaria de jantar hoje à noite?

Realmente jantamos aquela noite. E finalmente, uma coisa acabou levando à outra. E agora tudo o que posso dizer é que meus amigos estão muito felizes por mim, e minha mãe começou a me perturbar sem parar por causa de arranjos de flores.

Mas essa, claro, é outra história.

FIM

{1} Tipo de alface crespa (N. *da T.)*

{2} Material de construção de primeira linha, sem correspondente em português (N. *da T.).*

{3} Melhor amigo triste e morto" *(N.* da *T.).*

{4} Expressão usada pelos americanos para chamar a classe dos brancos pobres, especialmente no sul do país *(N. da T.)*

{5} Trocadilho intraduzível: dig, cavar ou cavucar em inglês *(N. da T.)*

{6} trocadilho sem tradução: "Evil'', maldade, malvadeza (N. *da T.).*

{7} Blue-collar (Colarinho-azul) é uma expressão usada para denominar a classe de trabalhadores em ocupações que não exigem esforço intelectual, enquanto white-collar (colarinho-branco) se relaciona a pessoas que trabalham em escritórios, usando mais esforço mental do que físico *(N. da T.).*

{8} Learning Annex: instituição de ensino para adultos que oferece cursos baratos de aperfeiçoamento pessoal e profissional *(N. da T.).*

{9} "Não sou eu, menina. Não sou eu que você está procurando. Menina*"(N.da T.).*

{10} Em francês no Original. "Deixem minha mulher" *(N. da T.).*

{11} Em francês no original, "deixa para lá" *(N. da T.*).

{12} WASP — Sigla para White Anglo-Saxon Protestant, ou Anglo-Saxão Protestante Branco, significando membro da classe alta. *(N.* da *T.)*

{13} Em francês no original, "muito dinheiro" *(N. da T.).*

{14} Em francês no original, "Não falo francês" *(N. da T.).*

{15} Em francês no original, "Você é uma criança levada" (N. *da T.).*

{16} Em francês no original, "A senhora é muito bonita" *(N. da T.).*

{17} Em francês no original, "Não gosto de flores" (N. da *T.).*

{18} "Amordaçado " (N. *da T).*

{19} "Ao lugar onde eu fui, eu não voltaria" *(N. da T.).*

{20} Trocadilho intraduzível. No original, "bush-geoisie" *(N. da T.).*